

• *Kulayaraja Tantra* •

*Soberana*

*Mente*

*Criadora de Tudo*

~

*Mãe Buda*



Uma tradução do Kun byed rgyal po

Traduzido do tibetano para o inglês por E.K. Neumaier-Dargyay.

Adaptado ao português por Felipe Caldas Coelho



## Introdução

"Kulayaraja Tantra" ou "Soberana Criadora, a Mente de Perfeita Pureza" (doravante KBG) é uma escritura budista. O que a distingue de tantos outros textos budistas é a oportunidade de suas idéias. Constitui uma tentativa radical de desconstruir a filosofia budista e apresenta uma perspectiva feminina bastante incomum na espiritualidade da mesma. Independentemente da origem do texto (que ainda é muito velado pelo mistério), o texto em si fala alto e claro e transmite uma mensagem pertinente ao presente. O texto é cristalino ao dizer que "ser" é o centro e a profundidade da existência, sendo assim acessível na experiência cotidiana. Mais do que qualquer outra escritura budista que o KBG declara: a existência fugaz (samsara) é em sua profundidade "ser", ou seja, um processo dinâmico de integração completa (nirvana). Essa consumação pode ser descrita como a realidade divina de uma dimensão feminina. Essa realidade divina, argumenta o texto, nunca deve ser apropriada por meio de nosso pensamento conceitual ou pelo processo de defini-lo e denominá-lo. Assim, a estrutura doutrinária do budismo não é apenas questionada, mas desconstruída e, eventualmente, rejeitada. Então, o corolário natural é que não há meta espiritual para alcançar (ou seja, nirvana), nenhuma prática religiosa para realizar (ou seja, caminho para a iluminação), nem discípulo nem Buda. Em outras palavras, a totalidade do sistema doutrinário e prático budista é posta de lado por um texto budista! Essas posições aparentemente extremas são mantidas com base no fato de que tudo o que existe é devido à "consciência prístina" como a dinâmica do ser. Assim, é preciso concluir que tudo o que existe já está em processo de consumação. Sendo assim (entendido como um "giro" dinâmico e não como uma essência), é um estado búdico. O mundo em sua variedade múltipla é a manifestação da consciência prístina que confere tudo o que existe com ordem e inteligibilidade. Consequentemente, o mundo é belo e o KBG adverte seu leitor a se alegrar com essa beleza. Até o que parece ao olho ignorante como feio e doloroso revela sua beleza intrínseca ao sábio. Com esta mensagem, o KBG certamente abre uma nova dimensão do pensamento budista.

Esta é a primeira vez que este texto foi traduzido para uma linguagem moderna. O próprio texto consiste em vários componentes: o "tantra-raiz" e dois acréscimos chamados "tantras posteriores". Os acréscimos são, em geral, recapitulações de tópicos do texto raiz. Por essa razão, somente o último é dado na tradução aqui. Como é o caso de muitos textos budistas, A Soberana Criadora de Tudo é repetitivo porque o texto é uma meditação orbitando em torno de um tema: a "mente" como base inteligente e abrangente do universo, e como cognitividade autônoma ou *gnose*. Este tema é contemplado em todas as suas facetas, espelhadas em cem maneiras, iluminando-o à luz dos principais conceitos budistas. Portanto, o texto nos dá a impressão de se mover ao longo de rotações ao invés de ao longo de uma linha reta. Nuances sutis distinguem declarações aparentemente semelhantes, se não idênticas. Mas nessa repetitividade a riqueza do tema básico também se revela para a mente contemplativa.

Primeiro, falaremos superficialmente sobre a posição que a mente ocupa no pensamento indiano. Por causa do nosso conhecimento escasso e da complexidade deste tópico, apenas os textos indianos que podem ter fornecido uma base filosófica para o nosso texto serão brevemente mencionados. Então, examinaremos as visões budistas da mente como degraus que nos levam a uma compreensão mais completa do KBG. Em segundo lugar, vamos examinar o contexto histórico a partir do qual o texto surgiu, e perguntar em particular, que tipo de texto é o KBG? O texto tem a aparência de um sutra, o que geralmente significa que Buda está falando com uma pessoa que lhe coloca certas questões. No entanto, o texto é preservado na seção tântra do cânon budista e, portanto, chamado de tantra (um texto budista

esotérico). Essa incongruência será discutida juntamente com a autenticidade do texto e sua transmissão através da tradição. Em terceiro lugar, vou resumir as idéias básicas do texto para permitir que o leitor siga a tradução com mais facilidade. Uma análise tópica dos capítulos (dados no final do livro) tornará a estrutura do texto mais transparente. Finalmente, a linguagem do texto e seu significado inerente serão examinados, juntamente com uma discussão sobre a maneira como o texto tibetano foi traduzido.

## **1. O Contexto Conceitual**

A tentativa de fornecer um pano de fundo para a compreensão mais ampla dos temas abordados no KBG iluminando áreas do pensamento indiano e budista é questionável, independentemente de quão desejável seja. Desde seus primórdios, o pensamento indiano orbitou em torno de um poder não-físico que se aproxima do que entendemos por "mente". Uma infinidade de textos religiosos e filosóficos, a maioria deles nem traduzidos nem propriamente estudados pelos estudiosos modernos, existe dentro das muitas correntes das tradições hindu e budista, segundo a qual cada texto e cada tradição redefiniam as suposições herdadas e incorporavam novas idéias. A complexidade de tal esforço e nosso conhecimento ainda fragmentado da literatura volumosa pertinente ao tópico "mente" exclui a possibilidade de abrangê-lo dentro de uma introdução. O desejo de discutir este tópico de maneira acadêmica e responsável não exigiria apenas um compromisso vitalício de pesquisá-lo, mas também exigiria uma série de monografias. É um dos fatos deploráveis, mas inevitáveis dos estudos orientais, que informações compactas e no entanto precisas, como por exemplo, na forma de uma enciclopédia, são praticamente inexistentes.

Tendo dito tudo isto, quero, no entanto, dar ao leitor alguma ajuda para explorar este vasto campo para si próprio. Assim, mencionarei certas literaturas e tradições que contribuíram mais do que outras para a idéia indiana de "mente". O pressuposto subjacente é que essas obras de idéias similares constituem, em certa medida, o ambiente intelectual e literário no qual o KBG surgiu. Um estudo dessas obras de pensamento relacionado pode fornecer uma oportunidade para apreciar a idiossincrasia do KBG em seu contexto filosófico e religioso.

### **A. A Mente - Pivô do Universo na Literatura Indiana Não Budista**

Durante séculos, o Ocidente preferiu ver o universo como uma máquina gigantesca que está em movimento perpétuo (Laplace) ou que converte calor em movimento com um estado final de equilíbrio térmico, "morte térmica". Apesar da enorme diversidade de opiniões sobre o que constitui a natureza do universo, todas, exceto as hipóteses mais recentes, percebem isso do ponto de vista mecânico - como uma questão de física. Em contraste com essa visão moderna, a Índia, por mais de três milênios, adotou a idéia de que uma potência não-física é a origem do universo. Nos últimos anos, os cientistas ocidentais parecem voltar a algumas dessas idéias antigas. Fritjof Capra, com *O Tao da Física*, é talvez o autor mais lido e o primeiro a chamar a atenção do público para essa questão. Outros seguiram seus passos.

#### ***1) A mente como potência criativa na literatura védica e hindu***

O texto budista apresentado aqui trata de questões atemporais: qual é a razão ontológica para a existência do universo? O que é ser? Qual é a posição da humanidade nesse contexto? Qual

é a natureza da interação entre os diferentes componentes do universo? Como o universo vem à existência? Se tudo está saturado com o divino, qual é o papel da ética? Mas o texto apresenta essas questões e suas respostas nas armadilhas de seu próprio ambiente histórico e cultural. É preciso romper essa casca cultural para alcançar o núcleo, ou seja, o significado do texto que não é encontrado em uma era ou em uma cultura. O texto budista apresentado aqui trata de questões atemporais: qual é a razão ontológica para a existência do universo?

Atualmente, a história do KBG não pode ser rastreada além do século VIII, como será mostrado em um capítulo subsequente da introdução. No entanto, o texto foi provavelmente parte de uma corrente de textos budistas indianos que chegaram ao Tibete durante os séculos VIII e IX. Assim, podemos supor que o pano de fundo ideológico e literário do KBG deve ser buscado na Índia.

No entanto, antes de embarcar em uma jornada para traçar possíveis conexões com antigas idéias indianas, temos que considerar outra possível raiz do KBG, e esta é sua ligação com o budismo Ch'an chinês (no Ocidente mais conhecido sob seu nome japonês "Zen"). Primeiro, M. Lalou descreveu os textos tibetanos que documentam a existência do budismo Ch'an no início do Tibete (século VIII). Mais tarde, o pioneiro italiano dos estudos tibetanos, Giuseppe Tucci, estabeleceu uma conexão entre o budismo tibetano antigo e o budismo Ch'an. Em sua obra influente, *Textos Menores Budistas*, ele expressou a opinião de que a forma tibetana de Ch'an sobreviveu em camuflagem como uma vertente conhecida como a Grande Perfeição (*rdzogs chen*) à qual nosso texto pertence. Uma outra conexão com a China é fornecida pelo texto pela tradição tibetana que liga alguns dos primeiros mestres da escola da Grande Perfeição com a China. Um problema que assola essa questão é que muitos dos mestres budistas que viveram e trabalharam na China foram criados e educados em lugares localizados na Ásia Central ao longo da Rota da Seda, onde a influência cultural indiana era predominante. Consequentemente, muitos dos mestres "chineses" eram na verdade sogdianos ou khotaneses. Seria prematuro, neste momento, arriscar uma posição sobre se as idéias principais da escola da Grande Perfeição, conforme expressas no KBG, vinham diretamente da Índia para o Tibete, ou *via* Khotan, Sogdia e/ou China para o Tibete. Independentemente do que a pesquisa futura descobrirá, é um fato que o budismo se originou e prosperou na Índia por mais de 1.500 anos, e que a partir daí alcançou a Ásia Central e a China. Assim, todo o campo do pensamento indiano deve ser considerado como um reservatório primário para qualquer desenvolvimento do pensamento budista. Isto, obviamente, não impede desenvolvimentos inerentes que abriram novas fronteiras no pensamento budista.

Se, por enquanto, aceitarmos a afirmação da tradição tibetana de que o KBG foi traduzido de um idioma indiano para o tibetano no final do século VIII, então temos que inferir que o texto, não necessariamente na forma atual, mas talvez como um conjunto de instruções orais, existia na Índia antes daquele tempo.

A seguir, vou me referir a escolas de pensamento e literaturas que constituem o contexto intelectual e literário para idéias da "mente" como a força criativa do universo, isto é, idéias que mostram um grau variante de similaridade com o que encontramos no KBG. Essas referências esparsas não devem, contudo, ser entendidas como um levantamento da literatura indiana sobre a mente.

Jan Gonda, em um artigo recente, compilou numerosas evidências sobre *manas*

(inadequadamente traduzidas como "mente") encontradas no Rig-Veda e mais tarde na literatura védica. Gonda chega à conclusão de que "mente" no uso moderno é uma construção abstrata e erudita, enquanto que para os antigos sábios era uma potência cheia de vida e vigor.

Na literatura pós-Rig-Veda, sustenta-se que, antes do não-ser e do ser vierem à existência, havia apenas *manas*. No KBG 3.6-16, lemos que a "mente de perfeita pureza" é anterior a tudo o mais:

Eu sou a mente de perfeita pureza, a criadora de todos. Se eu não existisse no passado, não havia vigor para todas as coisas se originarem. Se eu não existisse no passado, não existia Soberania que fizesse todas as coisas. Se eu não existisse no passado, não havia ninguém para ser um professor do primordial. Se eu não existisse no passado, não havia ninguém para ensinar a partir do primordial. Se eu não existisse no passado, aquilo que é conhecido como séquito, do primordial não estaria.

Nos Brahmanas e Aranyakas, essa *manas* é ainda mais qualificada como "senhor" e "soberano" sobre vários "princípios vitais" (*prâna*). Vishvakarma, o "Arquiteto" védico é dotado de *manas*, e a partir dessa afirmação o desenvolvimento leva à afirmação de que *manas* se torna a potência principal responsável pela criação. Assim, as imagens que encontramos no KBG, ou seja, a mente prístina e auto-originada, governando como uma soberana sobre tudo o que existe e criando tudo, estavam disponíveis em certas vertentes do pensamento indiano em um tempo bastante cedo, talvez até mesmo antes do budismo.

Os pensadores budistas bem educados da Índia certamente viviam em uma situação de "intertextualidade", isto é, "textos" - seja na forma oral ou escrita - constituíam parte do ambiente geral em que as pessoas letradas conversavam. Frases, metáforas, estereótipos e expressões simbólicas eram "domínio público" a serem emprestados por todos que gostaram dessas expressões. Esse ambiente textual e literário influenciou, provavelmente de forma não intencional e inconsciente, o estilo literário de compiladores e autores de textos como o KBG. Independentemente das divergências filosóficas entre o pensamento védica/upanixadista e budista, escritores e pensadores budistas que ainda viviam dentro do ambiente da literatura indiana, foram expostos ao seu estilo e influenciados por sua predileção por expressões metafóricas. Quando chegou ao ponto de verbalizar experiências místicas, como aquelas subjacentes à KBG, o "autor" (desconhecido para nós) poderia regredir para expressões estilísticas e simbólicas anteriores e ainda manter uma rejeição da principal estrutura conceitual na qual esses elementos estilísticos eram originalmente embutidos.

Um passo importante no desenvolvimento de uma filosofia da mente na Índia são as obras de Gaudapada e Shankara, que declararam a mente como a fonte do mundo efêmero. Ocasionalmente, a mente é dita como *akāsa*, céu ou espaço. No KBG, a metáfora mais usada da mente soberana é *nam mkha'*, o equivalente tibetano a Skt. *akāsa*.

O *Yogavâsistha*, uma obra volumosa cujo contexto literário e ideológico ainda é debatido, contém longas passagens que lidam com a mente como a base do universo. O texto projeta uma cosmovisão não-dualista cujo foco é a mente, perfeitamente pura, a base de todo ser e que é como o éter. Algumas das imagens e metáforas do *Yogavâsistha* parecem ecoar no KBG, ou *vice-versa*: por exemplo, em 2.55-56 do *Yogavâsistha*, o absoluto é comparado com um ator que personifica diferentes personagens, usando vestes diferentes, enquanto o KBG 73.34 fala

sobre uma dança de quietude pela mente soberana, permitindo assim desdobrar o mundo manifesto. Apesar da extensa erudição no *Yogavâsistha*, o texto reteve muito do seu mistério. Assim, especulações sobre possíveis conexões entre o KBG e o *Yogavâsistha* são prematuras no presente.

Nos últimos anos, o Shaivismo da Caxemira atraiu a atenção dos estudiosos, embora ainda não seja possível compreender amplamente esse sistema. O sistema se desenvolveu na Caxemira, um lugar com fortes laços antigos com o Tibete, numa época em que os contatos entre esses dois países eram particularmente vibrantes, do 8º ao 11º séculos. Assim, o contexto geográfico e histórico poderia ser visto como um fórum para contatos entre os círculos que promovem idéias do Shaivismo da Caxemira e aqueles associados ao pensamento que encontramos no KBG. Se isso foi realmente o caso, no entanto, no momento não pode ser decidido. Além disso, o Shaivismo da Caxemira parece ter certos aspectos em comum com o KBG: Shiva é visto como o eu interior de todos os seres sencientes e da natureza inanimada, muito parecido com a Soberana Criadora de Tudo que como autônoma, ou consciência auto-originada (*rang byung shes*) está presente em tudo o que existe. A consciência de Shiva como o eu interior não pode ser gerada porque desde o início da existência esse eu interior dá vida a tudo o que existe. Assim, essa consciência primordial não é um novo estado de conhecimento, mas sim uma lembrança de algo que esteve presente o tempo todo, embora desconhecido pelo indivíduo. Um ponto importante de discordância é que o KBG parece estar mais inclinado a símbolos e metáforas femininos, enquanto o Shaivismo da Caxemira permanece firmemente impregnado em seu simbolismo falocêntrico. O KBG discorda ainda mais do Shaivismo da Caxemira quando se trata de definir um método para alcançar este estado sublime de recordação. No Shaivismo, existem quatro estágios de "meios" (*upâya*) que facilitam a purificação da mente, de modo que o indivíduo se torne consciente de sua natureza divina primordial. Em contraste, o KBG rejeita qualquer tentativa de estruturar tal caminho insistindo firmemente na presença completa do divino na situação dada. Conseqüentemente, o Shaivismo da Caxemira conhece uma ioga que leva à realização do divino, enquanto o KBG rejeita tal idéia como um erro fatal. Estas poucas observações sobre possíveis afinidades entre o KBG e o Shaivismo da Caxemira não devem ofuscar o fato de que uma comparação detalhada dos dois sistemas está além do escopo de uma introdução, a complexidade dos respectivos pensamentos garante um estudo monográfico.

Discutir obras religiosas indianas como hipoteticamente proporcionando um meio a partir do qual alguns dos pensamentos encontrados no KBG poderiam surgir é ainda mais justificado quando consideramos a seguinte informação: Phobrang Zhiba'od, um príncipe do século XI do reino de Guge no Himalaia (hoje conhecido como Spiti), alegou que o KBG era um texto forjado por Drangnga Shagtshul (Shâkya tshulkhirms) de Khrogangs em Upper Nyang. Esta acusação está incluída em uma carta dirigida aos budistas do Tibete, na qual o príncipe os adverte sobre certos textos que ele considera prejudiciais para a busca da libertação e da iluminação. O autor alegado classifica como um seguidor do "eternalismo", isto é, de uma visão que abraça entidades ontologicamente reais, tal visão é sempre marcada como um extremo no budismo, em outras palavras, um desvio do caminho do meio do verdadeiro ensinamento budista. Geralmente, os escritores budistas tibetanos identificaram os filósofos hindus como "eternalistas", assim, pode-se especular que nosso príncipe Guge opinou que o KBG, juntamente com um número de trabalhos similares, é o resultado de uma falsificação cometida por algum pensador hindu(s), e dado a íntima associação de certas idéias com as noções do Shaivismo da Caxemira, poderíamos até supor que ele tinha em mente um Shaivita

da Caxemira. Ao mesmo tempo, no entanto, deve ser mencionado que a validade desta carta está aberta a questionamentos, uma vez que várias das obras desta "lista negra" foram aceitas como autênticas obras budistas de mestres cuja integridade era inquestionável. De qualquer forma, dados os laços estreitos da Caxemira com o Tibete, podemos estar justificados em supor que o Shaivismo da Caxemira faz parte desse ambiente de "intertextualidade" a que nos referimos anteriormente.

## **B. A Mente no Pensamento Budista**

O seguinte inquérito não pretende ser uma discussão abrangente sobre este tópico mais do que complexo, mas para fornecer degraus para os leitores que não estão bem familiarizados com o pensamento budista para seguir a tradução com maior facilidade. Assim, o tema será tratado de maneira subjetiva e seletiva.

Nos textos budistas, o termo *citta* (que é comumente considerado sinônimo de *manas*, o termo preferido na literatura védica e pós-védica) é usado como um termo genérico para cobrir os componentes não físicos dos seres humanos e de outros seres vivos, bem como o elemento inteligente integral para a Realidade absoluta. Assim, o termo ocorre no contexto da psicologia budista, da ética, da epistemologia e da metafísica. O conceito de "mente" (no sentido de *citta*) é mais central para o pensamento budista do que para qualquer outro sistema de pensamento indiano. De fato, há uma impressão comum de que muito do budismo não consiste em mais nada a não ser contemplar a própria mente. Esta visão não é injustificada se olharmos para o verso de abertura de um dos mais antigos e populares textos budistas, o *Dhammapâda*:

A mente (*manaso*) precede os fenômenos dados que são dominados pela mente, condicionados pela mente. Se alguém fala ou age com uma mente distorcida, então o sofrimento seguirá essa pessoa na medida em que a roda segue a pata do boi. (Dhp. I.1)

Nesta afirmação programática, "mente" pode se referir à mente individual ou à Mente como uma potência transpessoal inerente ao ser. Se nós abraçamos a primeira opção, então a segunda linha tem que ser tomada como uma elaboração da primeira, dizendo que através da mente se age e fala. Mas se tomarmos a segunda opção, então a segunda linha estaria em contraste com o que é dito na primeira linha. Quer dizer, somente depois que a Mente transpessoal se manifestou como uma mente individual, uma pessoa fala, isto é, conceitua e se comunica, e age de acordo com e depende dessa Mente. Em outras palavras, o caráter dual da "mente" seria então abordado nestas duas linhas: a primeira falando da Mente transpessoal ("absoluta"), enquanto a segunda referindo-se à mente pessoal através da qual o indivíduo conceitua e interage. Algumas das dificuldades em traduzir e entender este verso são discutidas na tradução de Max Müller.

Os comentaristas de Theravada abraçaram a primeira opção de entender este verso interpretando-o dentro do contexto dos doze membros dependentes da origem (*pratītyasamutpâda*). Essa cadeia de doze membros causais começa com a "ignorância", isto é, uma mente obscurecida, e se trata do círculo da morte, do renascimento e da velhice. O problema criado por meio disso é que o termo *manas*, como um termo genérico, inclui os quatro

agregados não físicos (*skandha*), ou seja, sentimentos, percepções, impulsos e consciência, que formam parte dos doze membros dependentes da origem. Isto implica que o termo genérico, isto é *manas*, é dito preceder suas formas específicas, e que a mente antecede ou pressupõe a ignorância. Tal pensamento só é possível se uma entidade transpessoal é considerada independente por trás do específico, mas isso seria inaceitável para o ensinamento budista. Outro cenário possível poderia ser construído argumentando que a palavra "precedente" é usada em um sentido atemporal e não-causal, ou seja, que sem a mente, nenhum dado fenômeno poderia existir. Mas por que então alguém poderia dizer que sem o genérico nada específico poderia existir? E, afinal de contas, isso nos traria de volta ao dilema anterior. Nós retomaremos este problema quando discutirmos a visão da escola Sarvastivada.

No momento, continuaremos nossa busca por Mente/mente no Cânon de Páli. No Páli Abhidharma é dito que quando o praticante entrou no caminho transcendental (*lokuttara magga*) a mente será de natureza transcendental (*lokuttaram cittam bhâveti*). O *Abhidhammattha Sangaha* distingue quatro tipos de mente transcendental: a mente associada ao caminho de ter entrado na corrente do ensinamento budista (*sotâpatti magga cittam*), a mente associada ao caminho de retornar apenas mais uma vez à existência samsárica (*sakadâgâmi magga cittam*), a mente associada ao caminho do não-retorno (*anâgâmi magga cittam*) e a mente associada ao caminho do arhat, a pessoa que realiza o nirvana (*arahatta magga cittam*). Esses quatro tipos de mente transcendental são então subdivididos em muitas outras categorias, à medida que a mente transcendental de cada caminho se relaciona com outros aspectos soteriológicos. Parece que o termo *lokuttara*, que eu interpretei como "transcendental", refere-se à mente como parte do avanço em direção ao nirvana. Assim, a noção mais concreta do termo seria "sobrenatural", com a implicação de que ele não se refere à mente do mundo real, mas àquilo que busca o nirvana. Essa mente transcendental é caracterizada por "conhecer o desconhecido", isto é, uma nova fronteira que se abre para a mente, ou, em termos budistas mais conservadores, a mente passa pela porta da libertação. A mente transcendental reconhece o que é essencialmente incognoscível para a mente comum. Se essa mente transcendental é capaz de fazer isso, pode-se argumentar então que não é apenas seu objeto de natureza transcendental, mas também a própria Mente. Neste contexto, a mente não é a resposta do indivíduo aos estímulos sensoriais fornecidos pelo mundo exterior, mas é fundamental para o ser.

Buddhaghosa, em seu comentário sobre o *Dhammasangani*, explicou essa passagem contando a parábola de um homem e quatro cestas: Um homem tem quatro cestas em uma tesouraria. À noite, ele tem que fazer alguns negócios por lá. Ele acende uma vela, onde apenas uma cesta, estando na luz, se torna visível para ele. Ele leva a cabo o negócio para o qual ele veio e, quando sai, a escuridão da tesouraria cobre todas as cestas. Três vezes ele repete esse ato, mas quando ele entra na tesouraria pela quarta vez o sol está prestes a subir e todas as quatro cestas ficam visíveis. Este é o momento da iluminação. A essência da parábola parece ser que, qualquer que seja o insight adquirido antes da iluminação, é de caráter fragmentário, enquanto o discernimento libertador adquirido no momento do estado de arhat (entrar no nirvana de acordo com a escola Theravada) é totalmente abrangente. Assim, essa percepção é de caráter transcendental. Buddhaghosa faz referência apenas a uma mente percebida como um fluxo de fenômenos momentâneos em que a natureza do fluxo muda devido ao caráter mutável dos fenômenos individuais dos quais ele é composto.

Um problema crucial do budismo tem sido como pode haver continuidade em nosso

esforço em direção ao nirvana e progresso espiritual se todos os fenômenos mentais forem concebidos como entidades momentâneas que vêm e vão como um lampejo. Este dilema foi continuamente reformulado, e as várias tradições responderam de diferentes maneiras. A situação não era apenas de natureza conceitual, mas no fundo estava uma experiência meditativa. A experiência que o budista recluso tinha quando sua mente estava em um estado de quietude, além de todo pensamento conceitual, parecia contradizer a suposição da momentaneidade universal de todos os fenômenos mentais. O *Curto Sermão sobre o Vazio* (*Cullasuññatta sutta*) fala sobre essa experiência de maneira explícita. Neste *sutta* o Buda diz que o mendicante budista (*bhikṣu*) deveria esvaziar sua mente de objetos sensoriais. O treinamento leva o praticante através de um regime para esvaziar a mente da percepção de objetos relativamente grosseiros (como elefantes, vilarejos e florestas) até os mais sutis, como pensamentos e imaginações, até que se chega a um estado de não-pensamento. Isso é expresso em uma declaração indicando um salto dialético: ele diz que o mendicante percebe o vazio de sua mente e habita em sua plenitude que é experimentada como felicidade. Como a felicidade pode ser sentida se a mente repousar sem a consciência de qualquer objeto? O que sente essa felicidade? O que é essa felicidade? Algo mais que mente? Essas questões decorrentes da experiência da meditação tiveram que ser reconciliadas com as premissas do pensamento filosófico budista.

O pensamento ocidental originou-se, segundo Northrop Frye, como uma reconciliação do pensamento metafórico com a metonímica. No budismo, a questão era conciliar a fundamentação conceitual da doutrina budista com a maneira como esses mesmos teoremas eram intuitivamente sentidos durante a absorção mental sem o objeto. Escolas budistas que consideravam a experiência da meditação superior ao raciocínio argumentariam então por um fundamento não-físico, não substancial, carregando o fluxo de entidades mentais momentâneas. Os seguidores da escola "Tudo Existe" (Sarvâstivâdins) chamaram esse fundamento *paramârtha citta*, a Mente absoluta cuja natureza é incessante e imutável. Esta mente constituiu em seu sistema a base de tudo. Outras escolas budistas, como a Sautrântika, rejeitaram essa proposição.

Na literatura de Mahâyâna essa idéia ganhava força e se ramificava em várias vertentes: a *âlayavijñana* (frequentemente traduzida como "consciência armazenadora", mas talvez mais adequadamente como "consciência-fundamental"), o conceito do "Budagerme" inato (*tathagatagarbha*) e vazio (*sunyatâ*) como entendido pelo pensador tibetano Dolpopa. Embora o entendimento de Dolpopa sobre a vaziez seja um desvio fascinante do entendimento convencional de Madhyamaka, seu pensamento permanecerá além de nossa consideração, porque ele formulou suas idéias depois que o KBG foi estabelecido como um texto.

Declarações canônicas, apoiando ou acreditando apoiar tais conceitos, são encontradas no *Suprikrovavrâmmi parprchhâ prajñâpâramita sûtra*, o *Sikṣasamuccaya*, o *Lankâvatâra Sûtra*, e o *Ratnagoṭravibhâga*, para nomear o mais importante.

O *âlayavijñana* é por vezes entendido como um fluxo de fenômenos mentais que constitui um continuum existir para além da vida do indivíduo. Mas, como L. Schmithausen mostrou em seu estudo completo do *âlayavijñana*, tal suposição está no texto como uma exegese que recebeu em tratados posteriores. Originalmente, o termo parece identificar um reservatório para todas as "sementes" kármicas, ou um continuum ao qual essas sementes poderiam "agarrar-se" (que é uma das muitas conotações da palavra *âlaya*).

O texto que mais se aproxima do KBG em tudo isso é o *Ratnagoṭravibhâga*. Esse texto

canônico nos diz que "Isto" (isto é, como tal) não pode ser poluído ou mutilado por nada, e que nesse aspecto é similar a todo espaço (ou céu) que não pode ser poluído devido à sua natureza sutil. Esta declaração é uma reminiscência do capítulo 5 do KBG onde é dito:

Como o céu, assim é a Realidade; por meio do céu como o símile, a [Realidade] é apontada. A realidade imperceptível é ensinada apontando para [algo que é] imperceptível.

Os versos 59-63 do *Ratnagoṭravibhāga* falam sobre a "Mente Inata" ser como o espaço, mas uma tendência reversa da mente gera impurezas e a multiplicidade de fenômenos que constituem uma realidade efêmera. A "Mente Inata" não conhece começo nem fim, nem mesmo estabilidade. Em sua verdadeira natureza, esta Mente é resplandecente e imutável como o espaço. Uma leitura superficial do *Ratnagoṭravibhāga* sugere que o KBG adotou vários de seus termos e idéias principais. Takasaki supõe que o *Ratnagoṭravibhāga* foi compilado depois de Nagarjuna e Aryadeva (comumente datados no século II DC), mas antes que o *Lankavatāra sūtra* fosse traduzido pela primeira vez para o chinês por volta de 433 DC. Assim, seria possível que os compiladores do KBG (que se diz ter sido traduzido para o Tibete no final do século VIII) conheçam plenamente as idéias e a terminologia do *Ratnagoṭravibhāga*.

Se, por enquanto, aceitarmos como verdadeira a premissa de que o KBG foi traduzido para o tibetano durante a última parte do século VIII, então temos que limitar uma possível influência do *Ratnagoṭravibhāga* sobre o KBG até o momento em que o KBG ainda estava circulando na Índia. O *Ratnagoṭravibhāga* foi traduzido para o tibetano durante o século XI por Bloldan shesrab em Srinagar na Caxemira e conseqüentemente não era conhecido na época em que se diz que o KBG foi traduzido para o tibetano. No entanto, se duvidarmos da afirmação feita no colofão do KBG em relação à data de sua tradução para o tibetano, podemos então opinar que o KBG é talvez o resultado literário de um encontro com a *Ratnagoṭravibhāga*. Tal hipótese encontraria apoio na acusação feita por um príncipe de Guge durante o século XI de que o KBG é um texto forjado (veja a seção acima sobre uma possível influência do Shaivismo da Caxemira).

No budismo Ch'an da China, o desenvolvimento tomou um rumo distintivo na medida em que o conceito de "não-mente" (Chin. *wu shin* ou *wu nien*) foi o de suplantando a Mente como proclamado no *Ratnagoṭravibhāga*. Este conceito de *wu shin* foi desenvolvido por Huineng, que aderiu à escola sulista de Ch'an. Percebeu-se que, quando a própria natureza, o ser autônomo inato de tudo o que existe, é intuída, a mente como um dos cinco agregados não pode mais ser sua referência. Assim, a referência para a intuição da natureza é "não-mente" ou, como diria o KBG, a consciência prístina (*rang byung ye shes*). Suzuki elabora sobre esta questão da seguinte forma:

Quando, assim, a visão natural não tem nenhuma referência a um estado específico de consciência, que pode ser logicamente ou relativamente definido como algo, os mestres zen a designam em termos negativos e a chamam de "não-pensamento" ou "não-mente", *wu nien* ou *wu hsin*.

A similaridade óbvia compartilhada por algumas idéias desenvolvidas dentro das tradições chinesas Ch'an e a tradição tibetana da Grande Perfeição foi mencionada anteriormente.

Atualmente, nosso conhecimento ainda é escasso e não permite uma compreensão abrangente de como essa similaridade surgiu. Porém, agora estamos certos, ao contrário dos estudiosos do budismo tibetano, de que a Grande Perfeição não é a forma tibetana de Ch'an. A presente hipótese é que a Escola da Grande Perfeição preservou material que foi seminal para o desenvolvimento do Ch'an chinês, mas que foi perdido mais tarde. Mais estudos da literatura da Escola da Grande Perfeição são necessários para obter uma melhor compreensão de sua própria evolução, antes que possamos nos aventurar em um estudo comparativo.

Olhando para trás, para a nossa pesquisa de como a "mente" foi entendida dentro das tradições indiana e budista, testemunhamos um desenvolvimento de um conceito arcaico de mente como uma potência criativa para uma consciência mística de "não-mente". Todas essas várias facetas, criadas na tentativa de compreender a natureza da mente indescritível, têm relação com o KBG. Se adotarmos no momento a teoria de Northrop Frye sobre as fases no desenvolvimento da linguagem, podemos aplicá-la ao KBG da seguinte maneira: ela emprega a linguagem metafórica, típica da literatura védica, quando se refere ao fundamento do ser como "soberana criadora de tudo;" usa a linguagem metonímica (significando algo diferente da palavra declarada) interpretando o termo *rang byung ye shes*, consciência auto-originada, autônoma ou intocada, como vazia de qualquer objeto para tornar-se consciente; em sua discussão de assuntos doutrinários do budismo, os textos aplicam uma linguagem descritiva. Essas três fases, metafórica, metonímica e descritiva, são indicativas de três fases da história humana: a arcaica, a escolástica e a moderna. Assim, o KBG é um texto que aspira a incluir toda a tradição literária da Índia e do budismo, transformando cada um dos seus traços distintivos em uma cifra significativa apenas dentro de uma teia de paradoxos. Esse tecido de sinais, cada um eludindo a conceituação racional, é projetado para levar o leitor a experimentar a mensagem avassaladora do silêncio ou a mudez da linguagem. A linguagem em si se torna uma teia de ilusões velando a profundidade do ser. O texto nos levará da superfície dos elementos doutrinários budistas (como as três formas da existência de Buda) até a profundidade da integração final, onde todas as distinções coincidem na unidade.

## **2. O Contexto Histórico**

O contexto histórico dentro do qual o KBG se tornou cristalizado como um texto religioso coerente é a história da literatura budista em geral e da do cânon em particular. Primeiro, vamos examinar a formação do cânon budista antes de discutirmos a transmissão e a autenticidade do próprio KBG.

### **A. Formação do Cânon Budista na Índia**

Escritura budista é a palavra do Buda, esta é a definição básica dada pela tradição. Contudo, um exame minucioso mostra que essa severa frase pede modificações e que as escrituras budistas são apenas uma aproximação dessa máxima. O próprio fato de que as escrituras budistas não foram escritas antes do século I AC, isto é, 400 anos após a morte de Buda, faz a afirmação de que registraram a palavra de Buda o quanto como questionável. Em um princípio, o problema do que exatamente constitui a palavra do Buda surgiu para a tradição. Os budistas, mais do que qualquer um, estavam cientes do caráter fugaz da palavra falada, então o que foi recomendado

para ser escrito? A palavra falada pelo Buda, ou a palavra ouvida pelos discípulos, ou a palavra mais adequada para demonstrar o caminho para a iluminação; quais dispositivos hermenêuticos eram adequados para decodificar o significado nem sempre aparente de um texto sagrado?

No curso da história, cada comunidade budista criou sua própria coleção de textos sagrados. Assim, existem vários cânones budistas que incluem diferentes coleções de textos sagrados: o cânon Páli, ou *tripitaka*, da tradição Theravada, o cânon chinês, conhecido principalmente como *san ts'ang*, reconhecido pelos budistas do Extremo Oriente; o tibetano *bka' 'gyur* (Kanjur) aceito como "Palavra de Buda" pelos budistas da Ásia Central. Houve também outras coleções que são existentes em fragmentos ou que desapareceram completamente.

### **1) O cânon Páli**

Na tradição Theravada, guardião do cânon Páli, supunha-se que a palavra falada pelo Buda estava fielmente impressa na mente do discípulo. Ananda, assistente de Buda por décadas, foi equipado com uma memória extraordinária, e assim tornou-se sua tarefa ensaiar os sermões após a entrada do Buda no nirvana. Esses sermões reproduzidos da memória de Ananda se tornaram a pedra angular do cânon Páli. Esta coleção de textos foi primeiramente escrita no Aluvihâra do Ceilão, ou Sri Lanka, como esta ilha é conhecida hoje, sob o reinado do rei Vattagamã Abhaya (r. 89-77 AC) após 400 anos de transmissão oral. A autenticidade do texto repousava naquele momento com a credibilidade do ensaiador.

Quando os sermões de Buda começaram a proliferar em vários vernáculos do Oriente Médio, o problema da autenticidade e fidelidade tornou-se mais agudo. A civilização indiana daquela época já havia desenvolvido métodos sofisticados para assegurar uma transmissão precisa de textos orais, comprovada pela transmissão do Rig-Veda. Mas o Buda histórico rejeitou essa abordagem com sua ênfase na memorização, dissecando o texto em seus elementos linguísticos e assim por diante. Como o foco principal das instruções de Buda era a realização do insight libertador ou do nirvana, a forma dessas instruções tornou-se irrelevante. Assim, monges de diferentes regiões da Índia e de outros países usavam suas próprias línguas e dialetos para repetir as palavras de Buda. Essa foi a fonte da enorme diversificação do cânon budista. Mas a tradição Theravada rejeitou essa visão ao defender a opinião de que Páli era a própria linguagem do Buda e que seus discípulos deveriam usá-la como o único meio de transmissão da palavra de Buda. O resultado foi a codificação do que é conhecido como o cânon Páli, um corpo de escrituras bem definido, organizado em três coleções: a coleção de regulamentos pertinentes aos monges e freiras, a coleção de sermões do Buda (*sutta*) e a coleção de resumos teóricos (*abhidharma*) que foram adicionados mais tarde. Em nosso esforço para traçar o desenvolvimento da "mente" e seu entendimento no início da literatura budista, encontramos alguns dos textos incorporados neste cânon.

### **2) Os Cânones da Tradição Mahâyâna**

Quando um segmento da comunidade budista se distanciou da tradição Páli e de seu cânon, desenvolveu gradualmente idéias das quais um movimento se originou conhecido como *Mahâyâna*. O conceito de escritura pediu redefinição à luz dessas novas idéias. Naquela época, a presença do Buda histórico, cuja figura suprema havia dominado as mentes dos primeiros discípulos, havia desaparecido em favor de uma compreensão simbólica da natureza de Buda. Nas palavras da doutrina budista, podemos dizer que o *dharmakaya*, a percepção intrínseca do

Buda sobre a realidade, suplantou a *rāpakāya*, a presença visível de Buda ou sua existência histórica. A palavra do Buda não estava mais fundamentada no proferimento do Buda histórico e mundano, mas em conformidade com o espírito do que o Buda histórico experimentara: a iluminação. Consequentemente, aqueles que alcançaram a iluminação podiam falar "no espírito" do Buda. Com base nisso, os sutras do Mahâyâna afirmavam ser escrituras autênticas, independentemente das palavras do texto terem sido expressas pelo Buda histórico. Mas também o conceito do que constitui o conteúdo do texto sagrado mudou durante esse processo de atualização. Na tentativa de capturar "as coisas como são" (*yathâbhûtâ*), os budistas se viram na situação difícil de expressar o inexplicável. Assim, as escrituras budistas mudaram de uma instrução pragmática de como alcançar a iluminação (expressa na parábola do homem atingido por uma flecha) para uma expressão de encontrar uma realidade que estava por sua própria natureza além do alcance das palavras (resultando em uma linguagem cheia de paradoxos e negações).

Com o passar do tempo, o Mahâyâna assumiu as várias escolas anteriores com a única exceção do Theravada. Idéias que foram geradas entre as escolas mais antigas tornaram-se seminais para o desenvolvimento do pensamento de Mahâyana. Com o início da Era Comum, o cânon do Mahâyâna começou a crescer. Tudo começou com sutras individuais, sermões considerados como a palavra de Buda, e terminou com um cânon que inclui uma quantidade muito maior de textos do que o cânon Páli mais antigo. Apenas alguns dos textos Páli foram incluídos nele. Os detalhes de como o cânon do Mahâyâna se desenvolveu ainda são desconhecidos. A suposição geral é que os textos de Mahâyâna foram originalmente concebidos em uma língua indiana, na maioria dos casos em sânscrito, antes de serem traduzidos para o chinês, do khotanês e depois para o tibetano e outras línguas asiáticas. Mas os originais indianos foram em grande parte perdidos, e apenas alguns fragmentos foram descobertos no solo árido da Ásia Central.

Isso torna as traduções em chinês, khotanês e tibetano ainda mais valiosas. Em geral, o cânon de Mahâyâna inclui a coleção dos regulamentos monásticos (*vinaya*), a coleção dos sermões de Buda, ou sutras; e os tantras, ensinamentos esotéricos do Buda que incorporam elementos que não são normalmente encontrados entre os sutras. Mas cada redação do cânon resultou em novas mudanças e revisões da versão anterior. Alguns textos foram recentemente incorporados, enquanto outros foram rejeitados como inautênticos, as seções individuais do cânon foram rearranjadas o tempo todo. Não houve duas redações do cânon que fossem idênticas.

A primeira edição do cânon chinês foi produzida sob o imperador Wu-ti da dinastia Liang em 518 DC. A maioria das 2.213 obras incluídas nessa edição são consideradas perdidas. Durante os dois séculos seguintes, vários cânones foram compilados na China. Gradualmente, mais trabalhos de pensadores budistas chineses encontraram entrada na coleção. Durante a dinastia Sung (960-1126), o cânon foi impresso pela primeira vez. Cópias do cânon chinês chegaram à Coreia, Japão e Vietnã.

## B. A recepção do cânon budista no Tibete

### 1) *Desenvolvimentos Gerais*

O início do budismo no Tibete pode ter começado com contatos casuais entre as tribos tibetanas e as nações budistas vizinhas. Mas a existência do budismo no Tibete não é significativa antes de meados do século VIII, que as fontes tibetanas identificam como parte do período da disseminação inicial do budismo. O rei Khri-srong lde-btsan's (r. 755-797) tornou-se a figura principal na transferência do budismo para o Tibete, mas durante o tempo de seu reinado apenas a família real e alguns dos nobres da corte foram afetados por essa nova religião. Quando o pai de Khri-srong lde-btsan's ainda estava em sua infância, ele se deparou com uma profecia de um de seus antepassados reais. Nesta declaração, o antigo governante previu o advento do budismo e seu crescimento no Tibete, e o jovem príncipe sentiu que era seu dever realizar as previsões do seu antepassado. Assim, o príncipe enviou enviados à Índia para levar a tradição budista ao Tibete. Este registro é dado no *sBa bzhed*, um dos textos mais antigos que registram a introdução do budismo no Tibete. Inicialmente, a recepção das escrituras budistas no Tibete estava conectada com a crença em seu poder de dar presença ao divino, que supostamente deveria resultar no estabelecimento dos assuntos em felicidade. Assim, os textos sagrados eram mais importantes não por causa de sua mensagem (que é a razão geralmente dada na tradição budista), mas por causa de seu assumido poder sobrenatural de evocar e incorporar a presença divina. Mais tarde, o mesmo rei enviou dois funcionários da corte para a China para coletar mais textos budistas. Foi a época em que o budismo Ch'an primitivo tomou a maior parte do Extremo Oriente. Os dois tibetanos entraram em contato com um monge coreano Ch'an, Chin Hoshang, que havia estabelecido residência em Szechuan, um país entre o continente chinês e o Tibete. Chin Hoshang deu conselhos válidos aos delegados tibetanos para lidar com a situação precária em sua terra natal, onde forças anti-budistas se tornaram ativas. Se estamos inclinados a ver uma influência Ch'an sobre a Escola da Grande Perfeição e seu KBG, então este encontro com Chin Hoshang poderia ser um possível elo entre as duas tradições.

Durante o reinado de Khri-srong lde-btsan's, os contatos do Tibete com as duas nações budistas, Índia e China, se intensificaram. Eles resultaram em mestres indianos e chineses chegando ao Tibete, trazendo consigo os textos que julgavam mais benéficos para os recém-convertidos budistas tibetanos. Após a inauguração do primeiro mosteiro tibetano em bSam-yas (aproximadamente 775 DC) e a ordenação de sete jovens tibetanos como monges, a atividade de tradução ganhou destaque em relação a outros interesses religiosos. Textos sagrados importados da China e da Índia foram traduzidos para o idioma nativo sob a assistência de estudiosos chineses e indianos. Este empreendimento ambicioso foi financiado pela Coroa. O resultado desta atividade de tradução foi a produção de uma biblioteca de textos budistas independentes, alojados no palácio real. Mais tarde, eles ficaram conhecidos como Traduções Antigas (o KBG é contado entre elas). A seleção de textos budistas disponíveis em tibetano no final do século VIII refletia as predileções doutrinárias dos preceptores budistas tibetanos. Tanto quanto sabemos, não houve tentativa de traduzir um conjunto completo do *tripitaka*. Isso não aconteceu antes do período das Traduções Posteriores (a partir do final do século X).

No final do século VIII, as tensões entre os mestres do budismo chinês e seus seguidores e os mestres indianos do budismo tornaram-se tangíveis em um debate realizado em bSam-yas, o primeiro monastério tibetano. Os relatos do debate são conflitantes, no entanto, escritos posteriores historiográficos nos dizem que o partido indiano ganhou o debate. O representante

chinês Hoshang Mahoyen (em textos tibetanos conhecidos como Mahâyâna), um budista de Tun-huang que foi treinado no sistema Norte de Ch'an, foi expulso do Tibete. Mas, segundo nos dizem, ele deixou para trás suas "sandálias" como um símbolo do impacto duradouro de seus ensinamentos. Desde então, qualquer teoria budista vagamente conectada com os ensinamentos Ch'an de Mahoyen foi considerada heresia pelos budistas tradicionais do Tibete. Como veremos, os ensinamentos da Escola da Grande Perfeição foram o alvo preferido para essa alegação. Assim, durante o período da disseminação posterior (a partir do final do século X em diante), a Velha Escola tentou se livrar de qualquer acusação desse tipo, o que levou a mudanças profundas em seus ensinamentos.

As Traduções Posteriores foram produzidas durante o "período posterior" de propagação budista no Tibete. Depois que o trabalho de tradução anterior chegou a um impasse em meados do século IX, as Traduções Posteriores começaram devido aos esforços de Rin-chen bzang-po (958-1055), um nativo de Guge, um pequeno reino situado no oeste do Himalaia. Ele, junto com um número de tibetanos igualmente motivados, começou a traduzir textos budistas indianos que ainda não estavam disponíveis em tibetano. Sob a orientação de Rin-chen bzang-po, esta equipe editorial também revisou algumas das Traduções Antigas. Ao mesmo tempo, as obras das Traduções Antigas foram escrutinadas sobre se deveriam ser consideradas obras budistas genuínas. Os membros da família real de Guge foram particularmente críticos sobre alguns dos textos da Grande Perfeição que afirmavam ter sido traduzidos durante o século VIII. Entre muitos outros textos, o KBG foi rejeitado como um trabalho de falsificação.

Os tibetanos que vieram para a Índia durante e após o século XI tentaram salvar o que pudessem do budismo ao verem os muçulmanos do Afeganistão destruindo bibliotecas budistas na Índia. A comunidade budista da Índia, o principal alvo dos ataques dos muçulmanos, viu o crepúsculo do budismo chegando. A tentativa de compilar um conjunto completo de escrituras budistas em tibetano foi uma resposta natural a essa situação. A compilação do cânon tibetano foi um resultado direto das mudanças políticas na Índia. Durante os primeiros séculos, o cânon tibetano foi transmitido na forma de manuscritos, mas a partir do início do século XV o cânon foi reproduzido como xilogravura. Atualmente, sete recensões diferentes do cânon impresso são conhecidas.

### ***1) As Escrituras da Velha Escola (rNying ma)***

Enquanto os tibetanos entraram em contato formal com as civilizações budistas da Índia e da China a partir do século VII DC, começaram a traduzir os textos de Mahâyâna no século VIII. Esta atividade de tradução culminou no final deste período, resultando em uma literatura conhecida como "as traduções antigas" da qual o KBG faz parte. Quando a promulgação do budismo foi interrompida em meados do século IX, as gerações posteriores questionaram se as "traduções antigas" foram fielmente preservadas ou se foram adulteradas.

Os seguidores da Velha Escola do Budismo Tibetano afirmam que as traduções antigas são textos e escrituras budistas genuínos, enquanto aquelas escolas que se originaram depois do século XI, isto é, durante o período das "traduções posteriores" (por exemplo, o bKa 'gdams pa, dGe lugs pa, Sa skya pa, etc.) negam isso. A maioria das traduções antigas afirmam ser traduções de indianos e, em alguns casos, de textos budistas chineses. Como o KBG faz parte das traduções antigas e é incorporado no corpo das escrituras da Velha Escola, examinaremos esse corpo de escrituras mais de perto.

Há duas coleções principais reconhecidas como autênticas palavras de Buda pela Velha Escola, além do cânon tibetano que é aceito por todas as Escolas, elas são: Os Cem Mil Tantras Antigos (*rNying ma'i rgyud 'bum*), e Os Cem Mil Tantras de Vairocana (*Bairo rgyud 'bum*). Além dessas duas coleções, existem muitas outras, mas nenhuma delas possui a mesma autoridade que as duas. Cada coleção é composta de muitos textos tântricos (mas nenhum contém cem mil textos), em que vários ocorrem algumas variações em ambas as coleções. Alguns textos foram incorporados em algum momento no Kanjur, enquanto outras traduções antigas permaneceram excluídas. Surgiu a questão de saber se todos os textos que afirmam ter sido traduzidos de um original em sânscrito eram de fato baseados em escrituras budistas indianas perdidas. E veremos que isso se aplica particularmente ao KBG e sua literatura relacionada.

No momento, sabemos pouco sobre como as antigas traduções foram organizadas durante o período da disseminação inicial. Durante a disseminação posterior, os escritores da Velha Escola ligaram a organização de suas escrituras à estrutura do ensinamento budista como a viam. A Velha Escola organiza o ensino budista em nove etapas (*theg pa rim pa dgu*). Os três primeiros incluem o budismo tradicional, isto é, os veículos dos ouvintes (*shrâvaka*), dos budas solitários (*pratyekabuddha*), ambos conhecidos como Hînayâna, e dos bodhisattvas que constituem o Mahâyâna. As próximas três etapas incluem os "tantras externos" que são caracterizados por ritualismo e purificações: Kriyâyoga, Caryayoga e Yoga. Os últimos três estágios são conhecidos como "tantras internos" e consistem em Mahâyoga, Anuyoga e Atiyoga. Mahâyoga e Anuyoga representam estágios avançados do que constitui os "tantras externos", enquanto o Atiyoga está livre de qualquer tentativa de reificar a realidade ou conceituar o mundo como o percebemos. O estágio Atiyoga é dividido em três segmentos: "classe da mente" (*sems sde*), ao qual o KBG pertence, "classe da expansão" (*klong sde*) e "classe de instrução sagrada" (*man ngag sde*). A tradição tibetana sabe de dezoito textos da "classe da mente", mas há divergências generalizadas sobre quais textos pertencem a esse grupo.

O Atiyoga é também conhecido como *rdzogs chen* ou Grande Perfeição. Há ensinamento, prática e literatura em Atiyoga. A literatura de Atiyoga está principalmente contida nos dois primeiros volumes dos Cem Mil Tantras Antigos, mas alguns dos textos também são encontrados nos Cem Mil Tantras de Vairocana. A história dos Cem Mil Tantras Antigos não é conhecida na íntegra. Os principais textos da coleção de Atiyoga são mencionados nos relatos históricos da Velha Escola quando falam sobre as raízes indianas de sua própria tradição, mas a maioria desses relatos não pode ser comprovada por evidências independentes. Ratna-gling-pa (1403-1479) dá o seguinte relato em seu *The Lion's Roar* (Rugido do Leão), uma apologia dos ensinamentos da Velha Escola (*Chos 'byung bstan pa'i sgron me rtsod zlog seng ge'i nga ro*):

Além disso, havia muitos tantras da [tradição] da Grande Perfeição [enterrados] debaixo de um pilar de vasos em Vajrâsana. Anteriormente Srîsimha e 'Jam-dpal bshes-gnyen haviam confiado a eles o guru [Padmasambhava] e Vimala[mitra]. Agora [falaremos] sobre os [tantras] remanescentes: Na época em que os três tradutores [tibetanos], bKa'-[ba dPal- brtsegs], Cog [Klu'i rgyal-mtshan], e rMa [Rin-chen-grags], estavam prestes a convidar Vimala[mitra], o estudioso, [para o Tibete], os pandits indianos planejaram uma trama. Por meio de calúnia, que era uma doença em seus corações, ele foi banido para Tshabarong e [eles aconselharam] o rei Milakutra a proibir Vimala[mitra] no Tibete. Porque ele havia se tornado famoso demais como erudito. Mas foi anunciado que [o rei Milakutra] não podia recusar o pedido

feito pelo rei dos bSam-yas. Em sua mente doentia, os pandits fingiam estar satisfeitos se [Vimalamitra] fosse ao Tibete. Vimala[mitra] como mestre e [os três tradutores] como seus assistentes se aproximaram do rei e seus pandits dizendo: "Agora que estou indo ao Tibete eu preciso de uma fortaleza religiosa que nunca se tenha ouvido falar antes". Os pandits responderam: "Por baixo [do pilar em forma de vaso] em Vajrâsana estão incontáveis [textos] sagrados da [tradição] da Grande Perfeição, mas nós indianos, não temos autoridade para explicá-los, pois este não é o momento certo [para tal doutrina]. Além disso, como sua jornada ao Tibete é tão importante, tire o que achar melhor e leve esses textos com você [para o Tibete] ". Como Vimala[mitra], o mestre, junto com [os três tradutores como seus] assistentes eram tão ambiciosos e porque Vimala[mitra] achava que ele nunca voltaria à Índia mais tarde, eles tiraram todos os sagrados [textos] da [tradição] da Grande Perfeição. Assim, a raiz de todos os livros indianos [da Grande Perfeição] foi cortada.

Duas coisas neste relato são particularmente relevantes para a presente discussão: o fato de que os pandits indianos sentiram que o tempo não foi lutar por promover qualquer um dos textos da Grande Perfeição, e que Vimalamitra junto com os tradutores tibetanos removeram todos os textos remanescentes de Vajrâsana (ou seja, Bodhgaya em Bihar) para a Velha Escola, não há dúvida de que os textos da Grande Perfeição se originaram como autênticos ensinamentos budistas na Índia. Outras escolas budistas do Tibete debateram e, às vezes, rejeitaram essa afirmação. De um ponto de vista crítico, pode-se argumentar que toda a história cheira a um encobrimento, que quer explicar por que não há traços indianos de textos da Grande Perfeição.

Que a literatura da Grande Perfeição, pelo menos em alguns exemplares, tenha chegado ao Tibete já nos séculos VIII e IX pode ser inferida pelo fato de que alguns desses textos são encontrados entre os documentos do Tun huang. Como as cavernas contendo esses documentos foram fechadas em meados do século XI, e porque a dominação tibetana sobre esta área cessou em meados do século IX, a suposição geral é que os textos tibetanos foram colocados lá antes de 850 DC. Isso implica que um segmento da literatura da Grande Perfeição era conhecido pelos tibetanos na época em que eles começaram a se converter ao budismo.

Ratna gling-pa (1403-1479) foi o primeiro tibetano conhecido por fazer um esforço para coletar os vários textos pertencentes à Grande Perfeição. Em sua biografia, é dito que Ratna gling-pa compilou esses manuscritos, que preencheram vinte volumes. Mais tarde, ele os copiou com tinta prateada e dourada. Infelizmente, nada é dito sobre onde Ratna gling-pa encontrou esses manuscritos. Dudjom Rinpoche, o falecido hierarca da Velha Escola, disse em seu relato desta escola que Ratna gling-pa encontrou a maioria desses manuscritos no distrito de Zur 'ug-pa-lung, no Tibete central, mas os suplementou com os manuscritos encontrados em vários outros lugares. Nos trezentos anos seguintes, não sabemos o que aconteceu com os Cem Mil Tantras Antigos. No século XVII, outro mestre da Velha Escola, 'Jigs-med gling-pa (1729-1798), reeditou a edição de Ratna gling-pa e compôs o primeiro catálogo dos Cem Mil Tantras Antigos. Sob o cargo de editor de 'Jigs-med gling-pa, o número de volumes aumentou de vinte para vinte e cinco.

A maioria dos textos do Atiyoga promove idéias com um certo grau de afinidade com o início do pensamento Ch'an, como a iluminação súbita, sem interferência, sem ação, etc., enquanto a maioria dos outros textos da Velha escola estão de acordo com as convenções do Vajrayâna.

A Velha Escola passou por grandes mudanças após a inauguração das "novas traduções" a partir do final do século XI. Juntamente com as "novas traduções", uma nova forma de budismo foi introduzida aos tibetanos: o caminho gradual para a iluminação (conhecido como *lam rim* em tibetano) que foi promovido pelo erudito indiano Atisha (que entrou no Tibete em 1042) e seus discípulos subsequentes. O caminho gradual de Atisha estava em contraste direto com algumas das "traduções antigas", que afirmavam que a iluminação seria realizada espontaneamente. Quando o sistema de Atisha se tornou dominante entre os budistas tibetanos, a Velha Escola teve que incorporar pelo menos alguns dos conceitos mais recentes em seu próprio sistema. Klong-chen-pa Dri-med 'od-zer (1308-63) foi o gênio que conseguiu essa fusão. Como sabemos tão pouco sobre os ensinamentos e a literatura da Velha Escola antes do início da disseminação posterior, não nos é permitido usar os escritos da disseminação posterior para elucidar os problemas que encontramos nos escritos do período anterior. O primeiro passo é conservar o que sabemos sobre a literatura da disseminação inicial, em uma segunda etapa podemos perguntar como esses textos foram interpretados por pensadores posteriores da mesma tradição.

### **3. A Soberana Criadora de Tudo - Mente de Perfeita Pureza como Obra Literária**

Após um exame dos contextos conceituais e históricos nos quais o KBG está inserido, voltaremos a estudar este texto como uma obra literária. Primeiro, examinaremos como o KBG foi transmitido e se pode ser considerado como um autêntico texto budista. Em segundo lugar, examinaremos algumas das ideias principais nele contidas. Uma análise tópica dos capítulos é incorporada no final do livro. Em terceiro lugar, algumas reflexões sobre a linguagem do texto e a maneira de sua tradução serão compartilhadas.

#### **A. Transmissão e autenticidade do KBG**

O KBG é um tantra encontrado na seção Kanjur do cânon budista em tibetano e em duas coleções de tantras que não foram universalmente aceitas como escrituras budistas autênticas, ou seja, os Cem Mil Tantras das Traduções Antigas (*rNying ma'i rgyud 'bum*) e os Cem Mil Tantras de Vairocana (*Bairo rgyud 'bum*). O título tibetano do texto identifica-o como um sutra, uma categorização apoiada pela evidência da aparência do texto. Mas o fato de que o texto foi incorporado em várias coleções de tantras sugere que, pelo menos no momento em que essas coleções foram compiladas, o KBG não era mais considerado um sutra. Embora o KBG seja um texto canônico e não um texto apócrifo, atraiu a atenção de apenas alguns mestres tibetanos, a maioria deles apenas prestando atenção à importância do texto sem explorar seu espírito, e o texto foi negligenciado por estudiosos ocidentais completamente.

Apesar desses fatos, o KBG constitui a principal fonte baseada nas escrituras da "classe da mente" (*sems sde*) da Grande Perfeição (*rdzogs chen*), uma vertente mística do budismo tibetano. Muitas partes do KBG estão incluídas em outros textos *sems sde*, ou compõem textos independentes. No momento, seria totalmente prematuro adivinhar qual(is) texto(s) constituía(m) a fonte para o(s) outro(s).

A autenticidade do KBG não pode ser discutida, exceto dentro do contexto mais amplo da autenticidade das traduções antigas em geral. O núcleo das antigas traduções são os Cem Mil

Tantras Antigos. Atualmente, vários desses tantras antigos são incorporados no Kanjur do cânon budista tibetano, onde formam uma seção separada. Este fato indica que os compiladores do cânon que incorporaram esses Tantras Antigos os aceitaram como escrituras autênticas. Assim, surgem questões sobre quando os Tantras Antigos foram pela primeira vez incluídos no cânon, quem foi responsável por essa compilação e quais foram as razões para fazê-lo.

Quando, no século XIV, os budistas tibetanos começaram a compilar numerosas peças de escrituras para formar uma coleção autoritária, a transmissão textual foi baseada principalmente em manuscritos. No início do século XV, o cânon tibetano foi impresso pela primeira vez, não no Tibete, mas na China. A versão impressa proliferou e se ramificou em várias "árvores" ou *stemma*. A mais antiga versão manuscrita existente do cânon é conhecida como *Them Spangs ma*. Sabe-se que sua cópia mais antiga existe em Gyantse (Tibete), enquanto cópias desta cópia existem em Tóquio e em Ulan Bator. Esse cânon manuscrito *Them spangs ma* é baseado na compilação original do cânon organizado no sNarthatang, do qual todos os outros cânones são derivados. Outra versão do cânon que deriva diretamente do cânon sNarthatang é o *Tshal pa*.

Agora, o KBG está presente no volume 94 da cópia de Ulan Bator do *Them spangs ma*. Presume-se atualmente que *Them spangs ma* tenha sido compilado durante o século XV, e que uma cópia exata foi apresentada aos dignitários mongóis no final do século XVII. Mas o KBG está ausente, juntamente com todos os outros Tantras Antigos no cânon 'Jang sa tham, que é uma cópia do antigo cânon *Tshal pa*. Mas acima de tudo, o KBG foi excluído por Bus-ton, o editor-chefe do cânon sNarthatang, por ser incorporado no cânon tibetano mais antigo. Ele fez isso apesar do fato de que havia estudado o KBG junto com outras escrituras importantes da Velha Escola sob orientação de seu avô Tshul-khrims dpal-bzang-po. Essa exclusão foi interpretada pelos oponentes das antigas traduções para sugerir que os antigos Tantras eram fabricações posteriores e não escrituras autênticas. Mas Bus-ton, em seu catálogo do cânon que foi anexado à sua Grande História do Budismo (*chos 'byung chen mo*) admitiu que, embora alguns eruditos budistas do século XI rejeitassem os antigos tantras como inautênticos, seus próprios professores, Rig-ral e sraba Nyi-ma'i mtshancan, tinham visto seus originais sânscritos abrigados em bSam-yas. A questão por que ele não os incluiu em sua edição do cânon sNarthatang quando considerou os Tantras Antigos como traduções genuínas de fontes indianas, permanece sem resposta. Estudiosos da Velha Escola especularam que o viés político de seus patronos forçou Bus-ton a desconsiderar os Tantras Antigos quando ele preparou a edição oficial do cânon. Esta suposição tem alguma substância se considerarmos mais de perto as afiliações políticas dos patronos de Bu-ston, os príncipes de Zhalu. Eles eram feudatários do hierárquico Saskya, que governava como vice-rei sobre o Tibete, e do imperador mongol, senhor da maior parte da Ásia. Conseqüentemente, os príncipes de Zhalu tinham que demonstrar certa lealdade e veneração pelos hierarcas de Saskya e por suas disposições doutrinárias. Um de seus membros mais estimados foi Saskya Pandita, que escreveu um tratado contundente sobre as antigas traduções, ou seja, o "Tratado sobre a distinção dos três votos" (*sdom pa gsum gyi rab tu dbye ba'i bstan bcos*). É razoável supor que os príncipes de Zhalu adotaram o veredicto de Saskya Pandita sobre a autenticidade das traduções antigas e, portanto, se recusaram a patrocinar a publicação de tais textos questionáveis. Bu-ston foi aparentemente obrigado a seguir o exemplo.

Seja qual for o caso, é um fato que o KBG, juntamente com outros textos que datam da era das traduções antigas, foi considerado autêntico pela Antiga Escola e por um grande número de

seguidores de outras escolas. No entanto, alguns indivíduos, entre eles Phobrang Zhiba'od, membro da casa real de Guge, e Saskya Pandita, manifestaram sua preocupação com a autenticidade desses textos. O argumento geral apresentado contra a Grande Perfeição é que seus ensinamentos são idênticos ou semelhantes às idéias de Hoshang Ma Hoyen (Hvashang Mahâyâna). Aos olhos dos budistas tibetanos, essa afirmação significa que o acusado é culpado de heresia. Se compararmos o KBG ou outros textos da Grande Perfeição com toda a gama do pensamento Mahâyâna, então temos que chegar à conclusão de que não é mais herético que o *Ratnagotravibhâga*, ou alguns outros textos. As dúvidas sobre a autenticidade do KBG parecem ser mais uma resposta a uma disputa interna sobre qual vertente de Mahâyâna e Vajrayâna é a mais preferível, do que uma avaliação imparcial. De fato, muitos textos desacreditados por Phobrang Zhiba'od da mesma maneira que o KBG, foram mais tarde, sem hesitação, incorporados ao corpo oficial das escrituras. Em outras palavras, as vozes críticas devem ser avaliadas dentro de sua situação contextual, e não devem ser tomadas como declarações definitivas.

Do ponto de vista de um estudioso moderno, parece que os Tantras Antigos da Grande Perfeição preservaram uma forma de misticismo budista que mais tarde foi substituída por uma forma de pensamento mais escolástica, que produziu a assombrosa quantidade de obras filosóficas e epistemológicas tibetanas. A antiguidade da literatura da Grande Perfeição é, como mencionamos anteriormente, em certa medida comprovada pelo fato de que vários de seus tratados foram descobertos entre os documentos de Tun huang.

A leitura do KBG e outros textos da Grande Perfeição dará a impressão de que eles transmitem uma mensagem semelhante aos textos do budismo Ch'an. No entanto, o mestre budista tibetano do século IX, gNubs-chen Sangs-rgyas ye-shes, nos diz em seu trabalho *bSam gtan mig sgron* que as duas escolas são diferentes. Uma das diferenças mais significativas é que o Ch'an promove a meditação como o meio de realizar a iluminação, enquanto o KBG nega enfaticamente a validade da meditação. Além disso, Ch'an considera o ensinamento dos sutras da Perfeição da Sabedoria (*Prajñapâramitâ*) como um método válido para o progresso espiritual, enquanto o KBG rejeita todo ensinamento que afirma a causalidade, a aquisição de certos fenômenos ou o abandono de outros. Uma consideração detalhada desses pontos está além do escopo desta introdução, basta dizer que ver o KBG como um texto Ch'an ou texto relacionado ao Ch'an seria inadequado, apesar do fato de ambos terem certas características em comum.

## **B. A mensagem do texto**

Um texto faz tanto parte do contexto histórico e filosófico do qual se originou quanto faz parte do mundo do leitor. Quando lemos um texto tão distante no tempo e lugar como o KBG, então geramos um processo de apropriação, para tornar o texto nosso, para obter acesso a seu significado. Esse processo pode continuar sem ser detectado pelo leitor ou pode ser intencionalmente iniciado. Independentemente de quais são nossas posições metodológicas como leitores, somos parte de nossa própria situação contextual e o texto que lemos originou-se de outra situação contextual. Assim, uma "tradução" muito mais fundamental do que a do tibetano para o inglês tem que acontecer. Ao contrário da tradução de uma língua para outra, que é feita por alguém para o leitor, a tradução contextual deve ser realizada pelo próprio leitor. Durante a leitura, o leitor inevitavelmente traduzirá o texto para sua própria situação contextual. Portanto, todo leitor vê o texto sob uma luz diferente. Assim, não importa quão remoto um texto possa ser na própria situação do leitor, ele se tornará parte dele assim que o leitor começar a ler o texto.

O processo de apropriação do leitor pode ser afetado pela massa de informação histórica e filológica com a qual a tradição e a erudição sobrecarregam um texto. Um texto como o KBG nunca foi verdadeiramente apropriado pela tradição tibetana. Por essa razão, não há contexto exegético bem definido dentro do qual possamos interpretar o texto. Um estudioso do pensamento budista pode se arrepender disso, mas essa falta se torna um desafio e uma oportunidade para o leitor. O texto convida o leitor do final do século XX tanto quanto convidou o leitor do Tibete do século VIII a interpretar o texto dentro da situação dada em nosso próprio tempo. Um texto tão heterodoxo quanto o KBG se presta especialmente a essa apropriação pelo leitor. Apesar das informações históricas e circunstanciais que estou fornecendo aqui, não quero desencorajar esse processo. Uma interpretação abrangente do sistema de pensamento apresentado no KBG aproveitaria a apropriação criativa e o diálogo do leitor com o texto. Como a tradição tibetana não criou um contexto dentro do qual uma interpretação "segura" do texto pudesse ocorrer, eu não quero impor minha própria apropriação do texto ao leitor. No capítulo seguinte, estou apenas tentando fornecer alguma ajuda para entender e apropriar o texto, por referir a ele próprio. Mas alguns tópicos e questões não estão claramente definidos no texto e, portanto, devem permanecer pouco claros. Esperamos que mais estudos desta literatura conhecida nos forneçam as respostas.

A fim de tornar a casca cultural do KBG mais transparente, vou me concentrar em expressões metafóricas, como "A Soberana Criadora de Tudo", "natureza tríplice", "dez características", o conceito de "séquito" e "manifestação". Uma análise tópica por capítulos irá fornecer mais ajuda na compreensão do texto (ver final do livro).

### ***1) A Soberana Criadora de Tudo***

A expressão "Soberana Criadora de Tudo" é uma metáfora para elucidar a própria natureza do que é o fundamento do universo. Este fundamento é considerado uma potência inteligente e inteligível. O texto budista iguala "Soberana Criadora de Tudo" com a frase "a mente de perfeita pureza" (Tib. *Byang chub sems*).

Por esta razão devemos primeiro examinar o termo "mente de perfeita pureza" antes de continuarmos a estudar a frase "Soberana Criadora de Tudo". Em geral, o termo tibetano *byang chub sems* corresponde a Skr. *bodhicitta* que é habitualmente traduzida como "mente da iluminação" ou "mente iluminada ou desperta". Por exemplo, na Perfeição da Sabedoria, encontramos este termo como a principal característica do bodhisattva. Isso significa a intenção firme de alcançar a iluminação para o benefício de todos os outros seres sencientes e realizar a iluminação em sua forma mais completa, a onisciência. Assim, a prática da compaixão universal e a compreensão da vaziez são os dois componentes principais da "mente da iluminação", como entendida no budismo de Mahâyâna.

Em Vajrayana, o termo "mente da iluminação" tem uma nova conotação, na medida em que seus componentes principais, compaixão e vazio, estão associados à masculinidade e à feminilidade. Consequentemente, a união dos dois componentes foi simbolicamente expressa através de termos denotando a união sexual entre homem e mulher. Dentro desse contexto, a "mente da iluminação" era vista como o elemento mais crucial no processo de realização da iluminação. Tornou-se a própria essência da vida espiritual e a única força que inspirou o praticante a continuar sua busca pela iluminação. Assim, a "mente da iluminação" foi frequentemente encoberta como a "força da vida" simbolicamente presente no sêmen e no

sangue. Esse significado da "mente da iluminação" é encontrado nas obras dos três tantras externos (isto é, Kriyâyoga, Caryayoga e Yoga) e dos dois primeiros estágios dos tantras internos (Mahâyoga e Anuyoga). Mas os dois significados que discutimos até agora estão ausentes nos tantras de Atiyoga aos quais o KBG pertence.

O KBG, assim como outros textos de Atiyoga, rejeitam as idéias expressas nos outros oito níveis do caminho budista (*theg pa dgu*). Assim, a compreensão do termo "mente da iluminação", tal como é dada nesses textos, é bem diferente de seus significados mais comuns. O KBG define o termo no capítulo dois da seguinte maneira:

Meu próprio ser é a mente de perfeita pureza. Puro é ensinado como a natureza do límpido (*dag pa*) em seus três aspectos da totalidade. 'Perfeito' é ensinado como a natureza do límpido como abrangendo as três razões. [O límpido] é todo abrangente como o céu. A natureza do que é chamado de "mente" é ensinada como a Soberana Criadora de Tudo, incessante e toda abrangente. Tudo é feito, tudo é gerado na mente de perfeita pureza.

Essa passagem define a "mente da iluminação" de uma maneira que torna a tradução comum do termo sem sentido. Consequentemente, escolhi uma tradução que se baseia na interpretação do termo no próprio texto: "mente de perfeita pureza".

A mente de perfeita pureza é de uma maneira alegórica dirigida como o "soberano" que governa o universo. Isso é bem expresso em uma passagem do capítulo quarenta e um do KBG:

Eu sou o núcleo de todos os Budas dos três tempos. Eu sou pai e mãe de todos os seres sencientes do mundo tríplice. Além disso, sou a causa de tudo o que existe como animado e inanimado. Nenhuma coisa existe que não emane de Mim.

A Soberana Criadora de Tudo não é um deus masculino que preside como juiz sobre o mundo, mas sua força de vida operante que está além de qualquer distinção relacionada a gênero. A Soberana é a base inteligente do universo. Só de uma forma alegórica pode esta base falar como uma pessoa. Essa "pessoa" é masculina e feminina. No texto raiz, a Mente Soberana é vista como "pai" e "mãe" de tudo o que existe. No segundo apêndice, a questão da igualdade de gênero é levada um passo adiante. Em um capítulo que trata dos diferentes nomes dados a Mente Soberana é dito:

Como todos os Budas dos três tempos (passado, presente e futuro) se fundem em Mim, eu sou chamado de Mãe Buda.

Outros textos do Atiyoga apoiam esta posição. O *rDa la gser zhun* afirma que se a natureza de Todo o Bem como uma mulher (Samantabhadrâ) não for compreendida, a beatitude da verdade não pode ser apreciada. Outro texto de Atiyoga, a Instrução sobre a Corrente de Opiniões [Doutrinárias] (*Man ngag lta ba 'i phreng ba*), atribuído a Padmasambhava, representa os cinco grandes elementos como cinco "mães" do "próprio ser". Além disso, diz que a totalidade do que existe como fenômenos compostos e não-compostos (isto inclui o nirvana) é a força criativa feminina (*chos bya ba mo*), "Todo Bem", que é "ser próprio" que existe a partir do primordial.

Assim, dentro do contexto da literatura do Atiyoga, é preciso provar a verdade última em relação ao gênero feminino. Este é um ponto essencial que deve ser mantido em mente ao ler a tradução. Abordarei a questão da linguagem específica por gênero versus uma linguagem inclusiva quando falo sobre a natureza da linguagem budista (ver capítulo quatro da Introdução).

O termo "Soberana Criadora de Tudo" é sempre parafraseado como "mente de perfeita pureza". Neste contexto, "mente" é uma referência inadequada à força não-física, de ordem e de significado, que é a base de tudo o que existe. Porque esta força arca com as coisas deste mundo em ordem, tornando-as inteligíveis. Em numerosas ocasiões, o texto fala sobre o fato de que o universo é acessível ao intelecto, não de modo a contar, medir ou calcular, mas de uma maneira intuitiva, porém inteligente. Assim, a força é inteligente. É dito que esta força está em equilíbrio, pois é livre de qualquer parcialidade, particularidade ou peculiaridade. Ela repousa diretamente em si mesma. Assim, o texto a chama de "auto-originada", ela não conhece nem causa nem condições nem resultados. Ela não é contaminada pela dicotomia de sujeito-objeto, portanto sua natureza é "pura" e "límpida". Ela transcende os parâmetros de tempo e lugar; ela é do primordial. O símile mais comum dado no texto para dizer algo sobre essa força, que de outra forma é chamada de inexplicável, é *nam mkha'*, que significa a extensão do céu, o céu em seu espaço ilimitado, aquilo que não pode ser contaminado, que é intangível e sem limites. O termo tem uma clara conotação espiritual que usa o céu visível apenas como uma metáfora. A metáfora aponta para o fato de que essa força não física e inteligente é toda penetrante e abrangente ao mesmo tempo, assim como a cúpula do céu engloba tudo e o espaço permeia tudo. A palavra "céu" está entre as palavras mais usadas no texto inteiro.

Esta base inteligente é chamada de um. É um, mas manifesta em todos. Isso, no entanto, não significa que sua natureza esteja dividida em muitas entidades individuais. Onde quer que esteja (e não há lugar algum que não esteja) está lá na sua totalidade. Como o céu em seu alcance infinito, ele abrange tudo e permeia tudo, mas permanece o imutável. A base inteligente é a consciência prístina auto-originada (*rang byung ye*) que permanece em sua própria natureza lúcida. Não é dependente de nada. A unidade da base é sua característica decisiva, mas apresenta-se de maneira tríplice. Essas duas afirmações não são mutuamente exclusivas, mas complementares. A base inteligente é única, imutável e atemporal, mas está presente em tudo o que existe de tal maneira que nós, como seres humanos, podemos falar de seus três aspectos ou três naturezas. Ambas as declarações são igualmente verdadeiras e válidas.

## 2) A natureza tríplice da base inteligente

Da perspectiva da base, há um e nada mais que um, mas da perspectiva do mundo e de suas criaturas, ele é sentido de uma maneira tríplice. Em outras palavras, o indescritível fundamento inteligente é descrito em detalhes e particularidade para nós humanos que dependem tanto da conceituação das coisas. Esta descrição, que é adequada para nós, não é relevante para *Ela*. As três naturezas ou aspectos são:

1. O próprio ser (*rang bzhin*) da base inteligente como consciência prístina;
2. a força atuante ou essência (*ngo bo*) inerente a base inteligente e que é o fator responsável pela existência do universo;
3. compaixão (*shying rje*), que é a única força que determina a interação entre os diferentes componentes do mundo.

Este esquema não é unanimemente aceito em todos os textos do Atiyoga. Em muitos deles, o *ngo bo* é considerado ser primário, e *rang bzhin* sua força atuante, enquanto a terceira faceta da Mente consumada, isto é, a compaixão, permanece inalterada. Esta inversão de termos é possível porque no uso comum os dois termos tibetanos *ngo bo* e *rang bzhin* são considerados sinônimos. No estágio atual de nosso conhecimento, seria prematuro especular se essa mudança na terminologia tem implicações mais profundas. A tradução desses termos sugeridos aqui reflete a maneira como esses termos são usados e definidos no KBG. Em outros contextos, eles precisam ser traduzidos de uma maneira diferente.

Cada um desses três aspectos requer mais exames. A consciência prístina, que é toda penetrante, consiste na unicidade do universo e constitui o próprio ser da Soberana Criadora de Tudo. Sua natureza constitui as leis do universo. Em seu ser imaculado e consumado, é o uno. É a base da qual o universo em sua multiplicidade e particularidade surge: a Soberana Criadora de Tudo, mente de perfeita pureza. No capítulo quarenta e sete, lemos:

Essa incomparável consciência prístina que não provém de nenhuma causa, isto é, a consciência prístina auto-originada que é incessante e que a tudo permeia, gera tudo; de nada mais surgem os fenômenos (dharma).

A consciência prístina imprime sua própria natureza luminosa sobre o universo que se torna desse modo inteligível. Este ponto é repetido em todo o texto. Mas essa inteligibilidade do universo não é da mesma ordem que o conhecimento factual que acumulamos durante nossa vida. Não deve ser confundido com as tentativas científicas de medir, analisar ou calcular o universo. Ao contrário, a inteligibilidade do universo repousa em si mesma, em sua própria luminosidade e equilíbrio, sem qualquer atividade mental orientada a um objeto. Pode ser intuído através da experiência imensurável, onde não há tentativa de reificar esta experiência pura. A estrutura ordenada dessa experiência espelha a organização significativa do universo. Nosso texto fala sobre o universo ser organizado como um conjunto precioso de jóias, onde estética, equilíbrio e harmonia são elementos integrais. Assim, a consciência prístina permeia a existência e se torna aparente em sua estrutura significativa e ordenada, que é sentida como beleza.

A razão pela qual as pessoas em geral deixam de perceber o universo dessa maneira é que elas estão procurando na superfície por algo que é parte integrante da profundidade de seu próprio ser desde o começo do tempo. Como o texto aponta no último capítulo, não podemos nos tornar Budas porque já somos Budas. Pode-se dizer que, na visão desse texto, somos como pessoas totalmente engolidas pela azáfama da trivialidade cotidiana, ignorando o fato de que o enorme silêncio do universo nos conforta como uma mãe conforta seu filho. Outra maneira de deixar claro o que o texto transmite é usar o conceito de ordem implícita de David Bohm na física moderna como uma metáfora para o fato de que a consciência prístina é velada do olho da pessoa comum, mas permeia tudo. A natureza ordinária e lúcida do ser é a sua força governante que está oculta na invisibilidade dos olhos daqueles que querem distinguir o "governador" do "governado". Portanto, o texto diz que não há caminho para Buda ao qual poderíamos progredir, não há um objetivo que possamos alcançar, e não há nada de que devemos nos livrar. No entanto, essa afirmação não é uma permissão para seguir os vícios, este ponto ficará claro na discussão da compaixão como o terceiro aspecto da base inteligente.

No que diz respeito a toda a sua abrangência, a consciência prístina é o verdadeiro ser (*rang*

*bzhin*) da Soberana Criadora de Tudo, como a mente dele e dela, pura e consumada, não consiste em mais nada além dessa consciência prístina. Mas porque toda coisa, toda criatura, em seu verdadeiro ser, também repousa nesta consciência límpida que governa todas as coisas. Por esta razão, é chamado de "Soberana". O conceito de soberania neste texto é que o soberano "vê tudo", que a presença dele e dela é sentida em todos os aspectos do seu domínio. Este conceito está muito próximo do conceito taoísta do governante, que deve permanecer tão invisível quanto o próprio Tao. Chuang Tzu diz sobre o governante e a maneira de conduzir um bom governo:

Resolva sua energia mental na abstração, sua energia física em inação. Permita-se cair na ordem natural dos fenômenos, sem admitir o elemento do eu - e o império será governado.

Mas a imagem de soberania oferecida pelo KBG está distante do conceito indiano do governante que é definido pelo seu exercício de punição (*danda*). Como um bom governante (taoísta) implementando harmonia e felicidade, é evidente em todas as partes do império, assim é com a consciência prístina presente em todos os aspectos da existência.

A consciência prístina é a base do universo, mas seria incorreto dizer que essa consciência surgiu em um determinado momento. Tal afirmação implica que antes deste ato ela era inexistente. Para descrever o caráter trans-temporal da consciência prístina, o tibetano usa o termo *ye nas* que literalmente significa "desde o princípio", mas nesse contexto, é bastante óbvio que não há começo no sentido temporal. Assim, esta frase deve ser entendida em um sentido ontológico.

A consciência prístina repousa na profundidade de si mesma, totalmente integrada. Sua segunda faceta, ou seja, "potência atuante" (*ngo bo*) é a força que desperta a consciência prístina para se tornar manifesta, tangível, perceptível, pensável. A "potência atuante" faz a transição de um estado de cognitividade indiferenciada para o mundo dos múltiplos fenômenos possíveis. A "potência atuante" impulsiona a consciência prístina de sua quietude para manifestação. Em um contexto metafórico, a consciência prístina é vista como o "ur-Buddha" supremo, assim as manifestações produzidas através da "potência atuante" estão metaforicamente falando da comitiva de seus assistentes e discípulos, ou séquitos, como os textos budistas gostam de chamá-los. Assim, a imagem metafórica é a seguinte: o ur-Buddha repousa no centro, sem atributos, além da conceituação; ele e ela está cercado pelas diferentes formas do mundo manifesto. O capítulo de abertura do KBG descreve essa visão identificando "comitivas" individuais com certos componentes do mundo manifesto, como os elementos. O texto examina o ensinamento budista comum com seus numerosos paraísos como os mundos de Buda, onde o professor é cercado pela comitiva de discípulos ouvintes e interpreta essa imagem como um diagrama significativo para expor suas próprias proposições: o mundo dos fenômenos nada mais é do que a forma manifesta da consciência desperta. Para tornar este processo de emanção plausível para o seu público budista, o texto envolve a terminologia budista comum, como o *dharmâkâya*.

A verdadeira natureza da Soberana Criadora de Tudo como parte dos três aspectos de seu verdadeiro ser já é o primeiro estágio da emanção. Como tal, é identificado com o que, no budismo tradicional, é conhecido como o *dharmâkâya*, isto é, a manifestação da verdade última que é o verdadeiro ser de um Buda. O fato de a Soberana pertencer a esses três aspectos é um pouco diferente do verdadeiro ser como consciência prístina. Portanto, a manifestação da verdade como o próprio ser da Soberana é rotulada de "séquito", enquanto este termo seria inadequado para a consciência intrínseca em seu estado primário de

indiferenciação. O termo séquito implica que ele é orientado para alguma outra coisa, ou seja, o centro. Consequentemente, o centro nunca pode ser chamado de séquito, o que equivale a rotulá-lo como algo no perímetro.

A segunda fase na emanção ontológica mas não temporal ou causal do universo é a potência atuante da Soberana (*ngo bo*) que evoca uma resposta das profundezas de seu próprio ser. Muitas vezes essa força criadora é encoberta pela expressão "rigor central" (*shying po*). Essa resposta é conhecida como a comitiva do *sambogakâya*, ou seja, a manifestação do júbilo consumado, o segundo dos séquitos. É a fase em que a verdade última em sua unicidade se alegra em uma situação caracterizada pela experiência de "você". Nas metáforas do pensamento budista, é descrito como as manifestações de júbilo regozijando-se em compartilhar a verdade com outros seres vivos. Na arte budista, este evento é retratado como um paraíso onde um Buda principesco ou bodhisattva ensina as pessoas da mesma idade a verdade da doutrina. Nosso texto deixa bem claro que essa fase não deve ser entendida como uma forma de céu, mas como uma fase em que o único fundamento inteligente do universo começa a se desdobrar na multiplicidade do mundo existente, e esse evento é de êxtase e exuberância. Em termos mais concretos, essa segunda fase é caracterizada pelo surgimento dos elementos primários do mundo físico: terra, água, fogo, vento e céu. Esses cinco elementos primários são chamados de adorno do mundo. Esta afirmação está em contraste com a cosmovisão budista comum que vê o mundo em termos bastante negativos, enquanto este texto elogia a maravilha da criação. No capítulo cinquenta e dois, somos encorajados a nos regozijar na maravilha de sermos manifestos na variedade de seres vivos.

Esse êxtase revela o terceiro aspecto do ser soberano: compaixão (*shying rje*). É a força que fornece o modo de interação entre o um e a multiplicidade emanada, e é a única base para todas essas interações.

Por essa razão, o KBG estipula a ética natural e não um conjunto de morais prescritas. O budismo comum sabe de cinco regras básicas a serem adotadas pelos leigos: abster-se de tirar a vida, abster-se de tomar o que não é dado, abster-se de má conduta sexual, abster-se de falsas palavras e abster-se de intoxicantes que tendem a nublar a mente. Na tradição posterior, esses cinco preceitos se expandem e formam um grupo de dez preceitos. Os monges e freiras observam muitas outras regras que impõem a abstenção estrita de todas as atividades sexuais, a renúncia à propriedade, a limitação de suas necessidades, etc. (várias centenas de regras regulam suas vidas em todos os detalhes).

O KBG critica os dez preceitos morais, ou seja, as diretrizes morais do budismo comum. O ponto de sua crítica é o fato de que, seguindo um conjunto de morais, certas atividades ou atitudes são rejeitadas enquanto outras são buscadas. Tal atitude é vista como imprópria, já que todas as atividades e atitudes estão saturadas de consciência prístina. Consequentemente, rejeitar certas atividades implica uma rejeição de sua natureza divina inata. Tal negação parcial da realidade divina compromete a realização da totalidade. A pessoa que está enraizada na base inteligente agirá de acordo com a compaixão não porque se diz que é moral ou porque produzirá resultados vantajosos (isto é, "mérito"), mas porque tal modo de agir é integral à natureza da pessoa. Nosso texto rejeita veementemente todas as tentativas de usar o Vajrayâna como condescendente de comportamento licencioso, como beber, má conduta sexual, magia negra, etc., mesmo que essas atividades sejam realizadas dentro de um contexto ritualístico. A rejeição do Atiyoga à moral prescrita não é um ingresso gratuito para a busca de nossas paixões, mas é motivada por uma preocupação profunda de recuperar a ética natural.

A compaixão torna-se visível como as manifestações terrenas do Buda, por exemplo, como Buda Shakyamuni, a quem o mundo ocidental chama de Buda histórico, mas a compaixão também gera todos os outros seres sencientes que povoam o universo. Todos eles constituem o terceiro séquito. As manifestações corpóreas dos Budas pregam o que é adequado para os diferentes discípulos. Nem todos os seus ensinamentos refletem a sublime e sutil verdade do Atiyoga, como muitas pessoas não são capazes de compreendê-lo. Portanto, os Budas terrestres substituem o conhecimento definitivo por um ensinamento que necessita de comentários e interpretação.

As idéias descritas acima são dadas no texto da seguinte passagem:

Na mansão imaculada da consciência prístina, [a Soberana Criadora de Tudo], Seu próprio ser (*rang bzhin*), Sua essência atuante (*ngo bo*), Sua compaixão e consciência prístina se manifestaram como [vários] séquitos da seguinte maneira: O séquito [emergente] de Seu próprio ser é conhecido como o séquito da manifestação da verdade (*dharmakâya*), o séquito (emergente) de Sua essência atuante é conhecida como o séquito da manifestação do júbilo (*sambogakâya*). O séquito de Sua essência atuante, a manifestação do júbilo consumado é chamada de séquito [do elemento] água; ... séquito [do elemento] fogo; ... séquito [do elemento] vento; ... séquito [do elemento] céu. Além disso, a manifestação da compaixão e da consciência prístina como séquitos (na forma) de manifestações corpóreas (*nirmâna*) acontecem desta maneira: o séquito conhecido como seres sencientes do reino do desejo (*kâmaloka*), o séquito conhecido como seres sencientes do reino da forma (*rûpaloka*), e o séquito conhecido como seres sencientes do reino da ausência de forma (*ârtûpaloka*). Além disso, os séquitos iguais ao próprio ser Dela, correspondem aos quatro yogas: o séquito de Atiyoga (*shin su'nal 'yor*), o séquito de Anuyoga (*yongs su rnal' yor*), o séquito de Mahâyoga (*rnal 'byor chen po*) e o séquito do Bodhisattvayoga (*sems dpa' rnal 'byor*). Como o próprio ser Dela, a essência atuante Dela, e a compaixão Dela são inseparáveis de Sua natureza, existe apenas um método. (capítulo 1)

Esta passagem deixa bem claro que todo o universo constitui um "séquito" da Soberana Criadora de Tudo. Em outras palavras, tudo o que existe faz isso em dependência da base inteligente. Como não há Buda sem discípulos para ensinar, também não há discípulos sem serem ensinados por um Buda. Da mesma forma, a base inteligente e o universo existente são mutuamente dependentes e mutuamente integrados. Nenhum deles é sem o outro. Isso faz com que todas as tentativas de remover, purificar ou abandonar aquela para obter a outra, se tornem obsoletas. A realidade divina não está localizada em outro mundo, mas está presente em todos os momentos e em todos os aspectos dessa existência.

### **3) As Dez Características da Natureza da Mente Consumada (*rang bzhin bcu*)**

O nono capítulo do KBG menciona essas dez características pela primeira vez, mas há muitas referências a elas ao longo do texto. O termo tibetano garantiria uma tradução literal de "dez naturezas" que, no entanto, levariam a um mal-entendido. O fato, como justificado por esta passagem, é que estas são dez características do próprio ser da Soberana Criadora de Tudo, e elas tipificam o ensinamento do Atiyoga. Assim, as dez características destacam a alteridade de Atiyoga, diferenciando-o de todos os outros ensinamentos budistas. Em outras palavras, por meio das dez características, a idiossincrasia desse ensinamento pode ser apreciada. A importância

deste tópico requer uma discussão mais detalhada de cada uma das dez características.

Klongchenpa fala sobre essas dez características em seu *Don khrid*, mas sua lista é diferente da dada no KBG. Portanto, devemos nos concentrar na lista de KBG. A passagem pertinente no capítulo nove primeiro lista essas dez características, que consistem principalmente em rejeitar idéias e práticas budistas comuns, antes de dar uma descrição mais detalhada do que acontecerá se tais precauções não forem atendidas. Vamos tentar justapor essas declarações opostas para alcançar uma compreensão mais clara deste conceito.

1. A primeira característica é a ausência de *lta ba* (Skr. *darsana*), visão doutrinal, que merece ser contemplada. Tal contemplação da visão doutrinal pode ser realizada de seis maneiras: dois julgamentos apreciativos são feitos em relação às três facetas do ser primário. Pode-se abraçar ou seguir (*blang*), ou rejeitar (*dor*) cada uma das dez características em sua correlação com as três facetas, que são o vigor essencial, a talidade\* e a verdadeira natureza das coisas ou Realidade. Se alguém contemplasse uma doutrina a partir dessas seis perspectivas, o Uno, isto é, a consciência prístina, seria obscurecido pelo erro. Isso equivale a nada menos que uma rejeição de toda a tradição abhidharmica (ou escolástica) do budismo. A suposição subjacente é que todas as categorias abhidharmicas resultam em distinção, e a distinção está de acordo com a discriminação do KBG contra a Mente prístina. Portanto, todo o sistema escolástico do budismo é rejeitado nesta declaração.

2. A segunda característica trata da irrelevância de votos cuja observação é recomendada pelo budismo em geral. A tomada de votos destina-se a estimular o indivíduo a modificar seu comportamento a fim de alcançar uma certa forma ideal de vida. Tal discriminação está em oposição à Unidade da Mente Primordial.

3. Consequentemente, a terceira característica afirma que todos os atos salutares (*phrin las*) são alcançados sem o menor esforço. Isto é assim porque a Mente primordial não sabe de nenhum esforço ou realização.

4. A quarta característica distingue a consciência primordial e prístina à parte de outras formas de consciência, como as seis consciências sensoriais. Aqueles que estão inclinados a assumir que a consciência primordial está sujeita às mesmas restrições aplicáveis às seis consciências sensoriais, estão errados.

5. A prática para alcançar os dez estágios do bodhisattva (*bhûmi*) é declarada como não estando de acordo com a Mente primordial que não necessita de nenhuma prática.

6. Assim, não existe caminho soteriológico com a promessa de deixar o indivíduo atingir um objetivo espiritual. A suposição de "progresso" em si é rejeitada como errônea.

7. A sétima e oitava características lidam com a natureza das coisas como vistas pela tradição abhidharmica. O KBG rejeita qualquer definição da natureza das coisas, seja "sutil", "dualista" ou "dependente". Portanto, é dito que as coisas não são sutis (*phra ba chos med*),

8. nem duais, nem dependentes.

\*(*sânc. TATHATA, ing. SUCHNESS*) – a verdadeira natureza dos fenômenos, tal como são.

9. A nona característica diz que não existe uma instrução sagrada precisa e estabelecida com firmeza, exceto aquela que revela a Mente como a potência primordial.

10. A última das características adverte contra qualquer tentativa de definir as instruções, exceto que elas estão além do elogio e da culpa. Esta é considerada a "visão [correta] da grande mente aperfeiçoada de perfeita pureza".

Em suma, as dez características fazem e articulam um apelo para não se apropriar do conhecimento de Atiyoga de maneira a destruir seu significado espiritual nos cabelos grisalhos do raciocínio escolástico. Através da desconstrução do pensamento abhidharmico budista, é feita uma tentativa de recuperar a vitalidade original e o frescor da percepção libertadora (*samyaksambodhi*).

### C. O clímax do Atiyoga

Se todas as criaturas e coisas existentes estão totalmente integradas na base inteligente e em sua natureza divina, o que então o texto tem a ensinar? Ele certamente rejeita o conceito de um objetivo que tem que ser alcançado, prosseguindo em um caminho árduo, conduzindo de uma situação indesejável, isto é, o samsara, para outro pensamento desejável, isto é, nirvana ou estado búdico. Assim, não seria correto falar sobre um objetivo do Atiyoga. No entanto, sem qualquer dúvida, o texto quer transmitir uma mensagem. Mas qual é ela? A resposta que o texto quer inculcar em nós é a consciência de que a existência em sua integração total (isto é, o ser) é a consumação.

A noção de existência individual cessa na experiência imensurável da totalidade, que é traduzida como "unidade". A afirmação de que o ser é um não implica negar a diversidade da existência; pelo contrário, significa que em sua diversidade reside a experiência da totalidade. Nessa totalidade, a dicotomia usual de sujeito/objeto é subsumida em um sentido de ser um com tudo o mais. Unicidade e diversidade não são conceitos mutuamente exclusivos, como estão em circunstâncias comuns, mas aspectos complementares da mesma realidade.

Aqueles que estão fundamentados nessa experiência de totalidade imensurável diferem de maneira essencial de todas as outras pessoas. Eles não se entregarão a atividades destinadas a obter resultados, mas permanecerão na não-ação. A não-ação não significa que os adeptos do Atiyoga permanecem em complacente quiescência, mas que eles se envolvem na única atividade significativa, integração na totalidade do ser. Cada momento se apresenta novo em sua integração total. Os adeptos do Atiyoga estão em harmonia com isso. Seus atos surgem espontaneamente e não como uma reação à outra coisa, nem são seus atos destinados a mudar ou produzir qualquer coisa. Assim, seus atos cumprem o propósito mais sublime, mas são em um sentido comum sem propósito.

A ideia de não-ação (*bya bral*) é bem conhecida a partir dos escritos do taoísmo filosófico, onde o termo é conhecido como wu wei. No taoísmo, significa agir de acordo com o tao e a "natureza" da coisa afetada. Os sábios taoístas "agem sem ação".

O estado mental que tipifica o Atiyoga está além do escopo do pensamento conceitual, à medida que todas as distinções se tornam irrelevantes. Os adeptos do Atiyoga se abstêm de debates doutrinários, bem como de ritualismo, pois ambos são baseados em uma atitude de distinção. Os adeptos aceitarão todo evento em seu próprio direito sem impor definições ou julgamentos sobre ele. De um modo figurativo, eles ficam sem palavras em um mundo sem nome

de uma beatitude silenciosa no ser integrado. Por essa razão, o Atiyoga rejeita toda a filosofia budista, o escolasticismo e todas as técnicas formais de meditação. Todas as escrituras do budismo são consideradas de um significado que requer interpretação. Eles são de natureza efêmera e seu conteúdo não revela a verdade em sua finalidade. Em contraste com as escrituras, Atiyoga não é um ensinamento ensinado pelo Buda, é a matriz do estado de Buda.

Nenhum método é revelado a respeito de como realizar este estado sublime do Atiyoga, nenhum caminho é descrito para seguir essa meta ilusória, e com razão. Se houvesse tais instruções, teríamos motivos para duvidar da autenticidade desse ensinamento.

#### **4. Considerações sobre a tradução:**

##### **Rumo a uma filosofia da linguagem budista**

A maior parte dos textos budistas foi originalmente composta em quatro línguas índicas: Páli e Prakrit, tanto como Indo-Ariana, Sânscrito e, na terminologia de Franklin Edgerton, Sânscrito Híbrido Budista.

Essas quatro línguas pertencem à família de línguas indo-germânicas; compartilham estruturas gramaticais similares e muitas de suas palavras derivam da mesma raiz. A família de línguas indo-germânicas é difundida, pois inclui línguas tão diferentes como o latim e o sânscrito, o inglês e o russo. O que todos eles têm em comum é uma certa estrutura gramatical caracterizada pela distinção entre diferentes categorias de palavras, tais como substantivos, verbos e adjetivos, e tornando o verbo dependente do agente que funciona como o sujeito gramatical em uma sentença.

Se assumirmos que a linguagem é um sistema de símbolos que nos permite expressar nossas experiências e nossos pensamentos, então temos que ver a estrutura da linguagem como um reflexo da estrutura de nossas mentes. Os filósofos da fenomenologia argumentam há algum tempo que a percepção sensual e a expressão que ela encontra em nossos pensamentos, em nossa fala e, finalmente, em nossos escritos, são mutuamente interdependentes. Se essa suposição estiver correta, devemos esperar que o discurso dos escritores budistas reflita uma visão budista do mundo. Em outras palavras, temos que estar preparados para encontrar no discurso budista menos ou nenhuma ênfase no "eu" ou em um agente similar dominante. Tais preferências gramaticais e sintáticas resultam em uma estrutura de sentença não muito de acordo com o que é considerado um bom inglês. Um escritor budista que vê o mundo como uma teia de fenômenos fugazes interrelacionados e interdependentes expressará sua percepção do mundo de acordo com isso. A estrutura da sentença irá emular esta visão budista preferindo uma sintaxe que seja flexível e muitas vezes ambígua e onde as frases e cláusulas individuais alcancem todos os outros componentes da sentença para criar esta teia de inter-relação. O significado em tal discurso não se limita a uma única possibilidade, mas o significado é revelado de várias maneiras, porque as correlações dos componentes individuais da sentença não são fixas. O discurso budista convida a mente do leitor a se engajar em associações multidirecionais para deixar sua mente flutuar em um oceano de significado.

Esta breve caracterização do discurso budista versus discurso baseado na ideologia ocidental deixa claro que a tradução de um texto budista requer certa sensibilidade para com essa questão. Não é suficiente traduzir palavra-por-palavra, o que resultaria em uma mistura sem sentido de

palavras e sentenças, nem é suficiente parafrasear o original de tal maneira que se leia como um inglês simples ou qualquer linguagem moderna da família indo-germânica que possamos usar. Por um lado, a idiossincrasia significativa do discurso budista deve ser preservada porque evidencia uma autêntica percepção budista da realidade. Por outro lado, a tradução inglesa deve seguir suas próprias convenções gramaticais e sintáticas. Assim, uma tradução é um compromisso, uma via intermediária entre os extremos do "purismo".

Uma questão que vem à mente aqui é o gênero do termo *kun byed rgyal po*, traduzido aqui como "todo soberano criador". O próprio texto deixa bem claro que o *kun byed rgyal po* está além de qualquer distinção de orientação sexual. No capítulo vinte e dois do KBG, é feita a seguinte declaração:

Sendo a Soberana que fez todas as coisas, Eu sou pai e mãe do professor em suas três manifestações, e o progenitor de todos os Budas dos três tempos.

Consequentemente, o pronome neutro "isso" parece ser a escolha certa. Mas o *kun byed rgyal po* age e fala no texto como uma pessoa e interage como tal com outras pessoas. Muitas frases começam com "Minha natureza ..." O que pode ser dito de um "isso"? O tibetano, a língua na qual o texto é preservado, conhece os pronomes reflexivos que não especificam o gênero do substantivo pertinente (por exemplo, *rang*). Consequentemente, a questão do gênero não surge no texto original. O pronome *rang* é igualmente usado tanto para coisas quanto para pessoas de ambos os gêneros. Quando essas sentenças são traduzidas em uma linguagem moderna, os pronomes possessivos e reflexivos criam um dilema, forçando o tradutor a mudar o texto de um discurso inclusivo para um discurso tendencioso de gênero. Esta é uma situação lamentável, particularmente num momento em que nós no Ocidente lutamos para integrar os dois sexos e os gêneros gramaticais em uma visão mais holística do mundo. Inicialmente eu estava inclinado a ceder à pressão das traduções budistas convencionais, isto é, tornar o "todo soberano criador" como homem. Mas depois de ler a maioria das obras pertencentes à "seção da mente" (*sems sde*), e depois de considerar o impacto que o patriarcado teve sobre como o pensamento budista foi apresentado ao longo do tempo, eu deixei de seguir a intenção dos textos do Atiyoga e tornar o "todo soberano criador" como feminino. Assim, o leitor encontrará "ela", onde o texto tibetano diz "ele/ela/isso". Para fornecer uma visão mais equilibrada do texto, optei por falar do Buda, pelo menos na Introdução, como "ele e ela" sempre que o termo Buda se referia à profundidade do ser e não ao professor histórico. Até o presente, a representação do pensamento budista, tanto no Ocidente quanto no Oriente, era feita principalmente por homens que às vezes se esqueciam do fato de que, pelo menos em algumas ramificações do Mahâyâna, todo Buda masculino tem um equivalente feminino, que o estado búdico não é nem masculino nem feminino, e que a perfeição da sabedoria é vista dentro do simbolismo feminino. A estrutura social do passado impediu que as mulheres desenvolvessem sua própria percepção do pensamento budista. Assim, uma religião que tinha o potencial de não ser orientada por gênero tornou-se encapsulada em uma crosta patriarcal. É hora de entender este fato e desafiar o pensamento budista de uma perspectiva mais inclusiva.

Alguns podem dizer que no termo tibetano *kun byed rgyal po* uma conotação masculina é incluída como *rgyal po* que significa "rei". No entanto, neste texto, o termo "rei" é usado como uma metáfora. A questão é: o que o texto quer dizer aplicando essa metáfora? O texto fala sobre a base inteligente ser onipresente e, portanto, é chamado de "rei". Essa declaração nos ajuda a desenvolver o entendimento correto do que é pretendido quando o texto usa a metáfora "rei". Assim como um governante bom, mas enérgico, pode ser sentido em todos os cantos do

país governado por suas leis, o terreno divino da existência está presente e pode ser sentido em todos os lugares. A fim de diminuir a conotação masculina de "rei", e estar mais em sintonia com o espírito do texto, escolhi "soberano" em vez de "rei" para representar o tibetano *rgyal po*.

Em muitos casos, o tibetano não especifica o sujeito de uma sentença ou o objeto indireto de uma ação expressa no verbo. Em tais casos, eu os forneci pelo contexto. O texto prefere um modo não-ativo, como a maioria dos textos budistas, e de fato, também muitos textos não-budistas em sânscrito e em idiomas sânscritos. Por essa razão, o leitor encontrará frases mais passivas em minha tradução que normalmente se espera em inglês. Mas à luz das considerações acima mencionadas, senti que substituir o estilo não ativo do original por um modo ativo distorceria o texto e o significado que ele quer transmitir.

Ocasionalmente, o texto falha em especificar o fundamento inteligente em qualquer forma, referindo-se a ele usando pronomes demonstrativos (*de* em tibetano) sem um substantivo como referência em sua proximidade. Tal uso está bem estabelecido nos escritos espirituais da Índia. Pode-se também apontar para Merleau Pointy, que vê no pronome demonstrativo a expressão menos "interpretada". Para distinguir esse uso do pronome demonstrativo de seu uso mais comum, eu coloquei letra maiúscula.

A filosofia budista rejeita uma suposição básica feita por todas as línguas indo-germânicas, isto é, a suposição do eu como centro e origem de todas as atividades e eventos. Para ser franco, uma frase como "Eu li um livro" está errada do ponto de vista budista: não é que eu faça algo com o livro, mas um budista argumentaria que algo acontece no campo que consiste um livro, uma pessoa ("eu") e um evento, ou seja, "leitura". Consequentemente, um modo budista de dizer seria "há a leitura de um livro em relação a mim". As línguas indo-germânicas não permitem essa flexibilidade em suas estruturas gramaticais. A sentença do exemplo é um mau inglês, assim como seria ruim em sânscrito, se eu tivesse me incomodado em traduzi-lo literalmente. Por causa da infelicidade dos budistas com o modo ativo, a posição proeminente do agente, etc., eles preferiram construções nominais em seus escritos sânscritos. Ou seja, eles transformaram uma estrutura essencialmente governada pelo sujeito e seu verbo dependente em um que é governado por substantivos verbais. Então, nosso exemplo acima se leria "livro-lido-por-mim". Com o passar do tempo, os budistas desenvolveram essa forma de linguagem numa verdadeira arte, de modo que foram capazes de produzir frases longas e complexas, compostas de nada além de substantivos verbais e seus atributos. Sobre a influência de tal pensamento a atividade torna-se um evento que acontece em um campo de fatores interdependentes com nenhum superior aos outros. No final do século VIII DC, os budistas haviam transformado amplamente a língua sânscrita em uma ferramenta adequada para expressar uma cosmovisão budista.

Quando os textos budistas indianos foram trazidos para o Tibete durante o final dos séculos VII e VIII para serem traduzidos para seu idioma nativo, as dificuldades diminuíram. O tibetano ainda era uma língua muito jovem na época e flexível o suficiente para aceitar prontamente a filosofia budista como base para o desenvolvimento de uma estrutura gramatical mais formalizada. Um fator que encorajou essa tendência foi que o tibetano não pertencia às línguas indo-germânicas, mas à família de línguas Tibeto-Burmeses. Essas linguagens têm premissas gramaticais bem diferentes. Por exemplo, eles não distinguem diferentes categorias de palavras (uma palavra pode funcionar como um substantivo uma hora e como um verbo em outra). Modos ativos e passivos são antes a exceção do que a regra, e expressões que podem ser entendidas somente de uma maneira é considerado um sinal de imaturidade mental. Todas essas

características influenciaram a maneira como o texto é traduzido aqui. Afinal, o leitor da tradução por si só deve ser capaz de vislumbrar a estética desse texto budista.

E.K. Neumaier Dargyay

Publicado por © 1992 State University of  
New York. Todos os direitos reservados.

# **A Soberana Criadora de Tudo, Mente de Perfeita Pureza, a Consumação de Tudo.**

*Traduzido do Tibetano*



O Oceano dos "Tantras das Traduções Antigas",

[parte do] Vajrayâna de Feitiços Secretos, tais [textos] como A Grande Soberana, a Consumação de Tudo [que pertencem] à seção da mente (*sems sde*) começa aqui.

Na língua indiana: *sarva dharma mahasanti bodhichitta kulaya râjâ*  
Em tibetano: *chos thams cad rdzogs pa chen po byang chub kyi sems kun byed rgyal po* (A Soberana Criadora de Tudo, Mente de Perfeita Pureza, a Consumação de Tudo)

↑

*H*omenagem a Soberana Criadora de Tudo, a mente de  
completa pureza, a vitoriosa!

Houve um tempo em que este sermão foi ensinado no reino que não está abaixo (Akanishtha), [onde] a Realidade é [como] o céu, e a dimensão da Realidade em si (*dharmadhâtu*) [como] a vastidão [do céu]. É o lugar onde a própria Mente (*sems nyid*) reside.

Na mansão imaculada da consciência prístina, [A Soberana Criadora de Tudo], Seu próprio ser (*rang bzhin*), Sua essência atuante (*ngo bo*), Sua compaixão e consciência prístina se manifestam como [vários] séquitos da seguinte maneira: o séquito [emergente] de Seu próprio ser é conhecido como o resultado da manifestação da verdade

(*dharmakâya*). O séquito de Sua essência atuante, a manifestação do júbilo consumado (*sambhogaaya*) é chamada de séquito [do elemento] terra; ... séquito [do elemento] água; ... séquito [do elemento] fogo; ... séquito [do elemento] vento; ... séquito [do elemento] céu. Além disso, a manifestação da compaixão e da consciência prístina como séquitos (na forma) das manifestações corpóreas (*nirmâna*) acontecem dessa maneira: o séquito conhecido como seres sencientes do reino do desejo (*kâmaloka*), o séquito conhecido como seres sencientes do reino da forma (*rûpaloka*) e o séquito conhecido como seres sencientes do reino da ausência de forma (*arûpaloka*). Além disso, os séquitos iguais a Seu próprio ser correspondem aos quatro yogas: o séquito de Atiyoga (*shin tu rnal 'byor*), o séquito de Anuyoga (*yongs su' nal 'byor*), o séquito de Mahâyoga (*rnal 'byor chen po*) e o séquito do Bodhisattva yoga (*sems dpa' nnal 'byor*). Como o próprio ser Dela, a essência atuante Dela e a compaixão Dela são inseparáveis de Sua natureza, existe apenas um método.

Além disso, os séquitos que reconhecem o próprio ser Dela são: o séquito repousando Nela, ou seja, os Budas do passado; o séquito realizando Seu objetivo, ou seja, os Budas do presente; o séquito que produz Seus feitos, ou seja, os Budas que virão mais tarde. Por serem inseparáveis do próprio ser Dela, existe apenas um método.

Depois disso, a Soberana Criadora de Tudo, a mente de perfeita pureza, absorveu em Sua mente e coração todos os séquitos de modo que fossem abençoadas com Seu próprio ser. Ela então deixa a consciência prístina auto-originada tornar-se lúcida. Para dotar todas as coisas com a Realidade, Ela então habitou como uma só no foco vazio (*bindu*) depois que Ela uniu todas as coisas.

Depois disso, Dorje Sempa, que permaneceu Nela no grande foco vazio de [Seu] ser, emergiu deste [estado] e sentou-se com uma mente jubilosa e uma aparência pura e resplandecente na frente da Soberana Criadora de Tudo, a mente de perfeita pureza. A Soberana Criadora de Tudo, a mente de perfeita pureza, falou com Dorje Sempa:

"Dorje Sempa, *emaho*, gere uma mente de júbilo, *emaho*; produza um semblante puro e resplandecente, *emaho*: Você veio de Mim, *emaho!*"

Assim Ela falou.

Então Dorje Sempa se dirigiu a Ela:

"Ó professor dos professores, Soberana Criadora de Tudo! É o foco vazio do não-conceitual (*spros med*) também o próprio professor, ou é o foco vazio do não-conceitual também a totalidade dos séquitos, ou é o foco vazio do não-conceitual também a totalidade dos ensinamentos, ou é o foco vazio também o tempo e o lugar, ou como o professor dos professores ensina se tudo está de acordo com a natureza desse foco vazio? Com que propósito os séquitos circulam como Seus séquitos? Por que um ensinamento é ensinado aos séquitos? Como pode ser que tempo e lugar sejam um?"

Assim ele perguntou. Depois disso, A Soberana Criadora de Tudo, a mente de perfeita pureza, deu a Dorje Sempa a seguinte instrução:

"Ó grande bodhisattva, direcione sua mente para esta instrução! Deixe-me explicar o significado. Ó Dorje Sempa, a Mente como tal, ou seja, Eu, a Soberana Criadora de Tudo, sou o vigor central (*shying po*). Esse vigor central, que não é conceitual, é o foco vazio primordial, o foco vazio em seu valor final (*don*) não tem conceitualização do primordial. O professor, os ensinamentos, os séquitos, o tempo e o lugar, eles emergiram de Mim como o foco vazio primordial. Meu próprio ser é conhecido como o foco vazio. "

*~ Assim a Soberana Criadora de Tudo, a mente de perfeita pureza, falou. Este é o primeiro capítulo, a introdução.*

## 2

Depois disso, a Soberana Criadora de Tudo, a mente de completa pureza, habitou no que é chamado de contemplação (*samâdhi*) de "todas as coisas emergirem Dela". Então Dorje Sempa surgiu do próprio ser dos séquitos e, aproximando-se com uma expressão sorridente para a professora, a Soberana Criadora de Tudo, a mente de perfeita pureza, sentou-se e perguntou a Ela:

"Ó professor dos professores, Soberana Criadora de Tudo! Como eu estou de forma integrada presente em Seus séquitos, qual é então o objetivo da minha existência (*tshal*)? Por favor, me ensine sobre o objetivo da minha existência!"

Assim ele falou.

Então a Soberana Criadora de Tudo, a mente de perfeita pureza, expôs todas as coisas com base em Seu próprio ser, Sua essência atuante e Sua compaixão. A partir da única grande consciência auto-originada as cinco grandes consciências auto-originadas surgem; elas são as seguintes: ódio, apego, ignorância, inveja e orgulho - essas cinco consciências auto-originadas produzem os cinco grandes [elementos] como causa de adorno. Ela estabeleceu os três grandes reinos (*kham*s) como um receptáculo do que é perecível. A causa do adorno obteve suas cinco formas como se segue: há a forma da terra como a causa do adorno; há a forma de água, fogo, vento e céu como causas de adorno. Todas essas formas foram obtidas como uma só.

As cinco consciências foram organizadas de acordo com os cinco "familiares": a família da consciência auto-originada de ódio, apego, ignorância, inveja e orgulho. A bela aparência das formas das "famílias" associadas às cinco consciências auto-originadas foi estabelecida como a Realidade daquelas dotadas de um corpo (isto é, seres sencientes). Como a Realidade foi estabelecida de acordo com Seu próprio ser, até mesmo a Soberana Criadora de Tudo, a mente de

perfeita pureza, permaneceu desta maneira.

Então Dorje Sempa se manteve na frente da Soberana Criadora de Tudo, a mente de perfeita pureza, e disse:

"Ó professora, Soberana Criadora de Tudo! A partir da consciência auto-originada, uma com a Sua mente, as cinco formas de consciência auto-originadas surgem, e daí vêm as cinco causas do adorno. Ó Soberana Criadora de Tudo, qual é a razão para este [fato de que] as cinco consciências auto-originadas adotem cinco [diferentes] formas?"

Assim ele perguntou.

A Soberana Criadora de Tudo, a mente de perfeita pureza, explicou logo em seguida:

"Ó grande bodhisattva, isso você deve saber: Além de Mim, a Soberana Criadora de Tudo, não há outro criador. Ninguém além de Mim cria a Realidade. Ninguém além de Mim estabelece as três formas de manifestação do professor (*sku gsum*). Ninguém além de Mim estabelece os anfitriões de séquitos: ninguém além de Mim estabelece as coisas como elas são (*tatharâ*) em sua realidade. Dorje Sempa, por Mim você é! Eu lhe mostrarei o Meu próprio ser. Meu próprio ser tem três aspectos (*rnam pa*). Meu próprio ser é a mente de perfeita pureza. O puro é ensinado como a natureza do límpido (*daoe pa*) em seus três aspectos de totalidade. 'Perfeito' é ensinado como a natureza do límpido, abrangendo as três razões. [O límpido] é todo abrangente como o céu. A natureza do que é chamado de "mente" é ensinada como a incessante e toda-abrangente Soberana Criadora de Tudo. Tudo é feito, tudo é gerado na mente de perfeita pureza ".

Assim Ela falou.

*~ Este é o segundo capítulo de A Soberana Criadora de Tudo, no qual é explicado como a Realidade se tornou aparente.*

### 3

Então a Soberana Criadora de Tudo, mente de perfeita pureza, falou sobre "Como eu me tornei no passado a criadora de todas as coisas":

"Ó grande bodhisattva, coloque sua mente ao ouvido! Entenda [Minhas] palavras em virtude de ouvir. Ó, Eu sou a Soberana Criadora de Tudo. Eu sou a mente de perfeita pureza, Eu crio tudo. Se Eu não existisse no passado, nenhum vigor existiria para todas as coisas se originarem. Se Eu não existisse no passado, não existiria nenhuma soberania que fizesse todas as coisas. Se Eu não existisse no passado, não haveria ninguém para ser um professor do primordial. Se Eu não existisse no passado, não havia ninguém para ensinar a partir do primordial. Se Eu não existisse no passado, aquilo que é conhecido como séquito, do primordial não estaria. Dorje Sempa, não tenha dúvidas. Também você, ó grande bodhisattva, é uma emanção de Mim."

Assim Ela falou.

Então Dorje Sempa dirigiu-se a Soberana Criadora de Tudo, mente de perfeita pureza:

"Ó Soberana Criadora de Tudo, mente de perfeita pureza, Você que é desde o grande primordial. Por causa de Você, a criadora do professor, do ensinamento, do séquito assim como de todas as coisas, os fez, como então todas as coisas vêm à existência? Parece que Você, a criadora, os criou. Então um só professor apareceu ou muitos? Há um só ensinamento ou muitos? Os séquitos são um ou muitos?"

Assim ele perguntou.

Então a Soberana Criadora de Tudo, mente de perfeita pureza, falou novamente:

"Ó, a consciência prístina auto-originada, o único professor de todos, aparece como os três aspectos do Meu próprio ser, e no que diz respeito ao número de professores, eles vêm à existência como três. Porque Eu sou uma com talidade (*de bzhin nyid*), a Realidade de todas as coisas é essa talidade, nada é senão o Meu Eu, isto é, a mente de perfeita pureza. De Mim emanou as três formas de manifestação do professor que ensinam aos séquitos as três formas de ensinamentos. Minha essência atuante tem sido manifestada como uma e porque Meu próprio ser é declarado como um, tudo é um como Eu, ou seja, a Soberana Criadora de Tudo. Mas os séquitos dos professores, embora emanando de Mim, são de três divisões ".

Assim ela falou.

Dorje Sempa perguntou:

"Ó professor dos professores, Soberana Criadora de Tudo! De Você, as três formas de manifestação do professor emanaram, mas existe um caminho para os seres sencientes para o Seu estágio (*sa*) ou não? Se não, pode-se alcançar o Seu estágio ou não? Se assim for, se alcança progredindo [em um caminho espiritual] ou não progredindo?"

[Soberana Criadora de Tudo:]

"Ouça ó grande bodhisattva! As três formas de manifestação do professor emanam de Mim, mas não há caminho no qual você possa seguir em direção ao Meu estágio. Mostrei a consciência prístina auto-originada. Mas todos os Budas dos três tempos ensinaram aos séquitos, associados às três formas de manifestação do professor, um caminho universal (*kun gyi lam*), isto é, o caminho para a libertação em cinco estágios.

Os cinco caminhos das cinco consciências prístinas auto-originadas são o apego, o ódio, a ignorância, o orgulho e a inveja. Este é o [verdadeiro] caminho universal, ou seja, os cinco aspectos da consciência prístina auto-originada.

Assim Ela falou.

[Dorje Sempa:]

"Ó, professor dos professores, Soberana Criadora de Tudo, expõe os cinco caminhos de acordo com a consciência prístina auto-originada. Como se tornou o que é conhecido como 'auto-originado'; quais são os sinônimos para o termo 'consciência', o que é dado como significado de 'caminho'. Imploro que expõe o significado dos cinco caminhos quanto aos cinco aspectos, isto é, apego, ódio, ignorância, orgulho e inveja!"

Assim ele perguntou.

[Soberana Criadora de Tudo:]

"Grande bodhisattva! Com relação ao caminho dos cinco aspectos da consciência prístina auto-originada [eis o seguinte:] "auto-originado" [é dito porque é] sem causa e condição; 'consciência prístina' [é dito porque é] lúcida em sua natureza incessante. Não há razão para prosseguir neste caminho, pois não há causa ou condições. As cinco consciências prístinas auto-originadas são conhecidas como os cinco caminhos em que não se pode progredir. "Desejo" é querer as coisas para si mesmo; "apego" é cobiçar aquilo que se deseja para si mesmo; "mente (zhe)" é a natureza do que não nasce, e "ira" é odiar sua variedade miraculosa; "ignorância" é não obter clareza sobre as divisões da semelhança e Realidade através da meditação sobre o não-conceitual. Eu sou a mente infalível de perfeita pureza. Nesta talidade sou Soberana a partir do primordial. Como tudo é um, apreciar e depreciar [a noção de] existência e não-existência criará um sentimento invejoso. Esta é a explicação sobre os cinco caminhos em que não há progresso.

Ó grande bodhisattva ouça! Todas as coisas, da maneira como aparecem, saem desses cinco caminhos da consciência prístina auto-originada. O reino do desejo é a consciência prístina auto-originada,

assim como o reino da forma, e assim é o reino da ausência de forma. Como Eu, a Soberana Criadora de Tudo, os criei, todas as coisas feitas por Mim são conhecidas como a atuação (*ngo bo*) da consciência prístina. Que todos os seres das seis [diferentes] categorias [vivendo] no mundo tríplice não são a consciência prístina auto-originada, tal coisa Eu nunca proclamei. Além disso, Eu não digo que a mente de perfeita pureza não seja o progenitor de todos os Budas. Minha, a natureza da Soberana Criadora de Tudo, é declarada como os três aspectos da Realidade. A Realidade que n não aparece verdadeiramente, mas é explicada como o reino da ausência de forma. Com relação às maravilhas da existência como forma, ela é ensinada como o reino da forma. [Dado o fato de que] a compaixão surge como uma atuação da consciência prístina, a compaixão se manifesta como o reino do desejo a fim de exaurir o karma da boa sorte e do mal pela compaixão."

Assim Ela falou.

*~ Este é o terceiro capítulo de A Soberana Criadora de Tudo, Mente de Perfeita Pureza, no qual é explicado como todas as coisas se originaram como ações feitas pela Soberana Criadora de Tudo.*

## 4

Então a Soberana Criadora de Tudo, mente de perfeita pureza, deu o seguinte discurso sobre a Realidade dos nomes [dados] para o Seu próprio ser.

"Ó grande bodhisattva, ouça! Do primordial Eu sou a consciência prístina auto-originada. Do primordial Eu sou o vigor central (*snying po*) de todas as coisas. Eu sou a Soberana Criadora de Tudo, mente de perfeita pureza. Um bodhisattva precisa entender o Meu nome. Se um bodhisattva reconhece o Meu nome, ele ou ela vai entender todas as coisas, sem exceção. Eu sou chamada o vigor central pois Eu sou o vigor central de todas as coisas. Eu sou chamada de auto-originada porque estou totalmente além [do alcance de] esforçar e alcançar e como o vigor central estou livre de causas e condições. Eu sou chamada de consciência prístina porque, em virtude desta incessante e imaculada consciência, Eu sou a professora de todas as coisas. Eu sou conhecida como mente de perfeita pureza. O significado de "do primordial" é que eu existo desde o começo. Todas as coisas são ditas porque todos os professores estão presentes na Realidade, e assim todos os ensinamentos, e os séquitos [manifestos no] lugar [e tempo] estão [presentes na] Realidade. Nem uma única coisa é que não esteja [presente na] Realidade. Esta Realidade que é chamada de vigor interior é o vigor interior que dá origem a tudo.

No próprio ser da mente de perfeita pureza, os três professores também vêm desta [Realidade], os três ensinamentos também estão vindo dela, e os séquitos [aparecendo] no lugar e no tempo também estão saindo [daquela fonte]. Como tudo vem disso, é chamado de vigor central.

Sobre Mim [você deve saber] que como vigor central da própria mente Eu criei todas as coisas sem qualquer exceção. 'Todo' é dito em relação a todas as coisas. 'Todas as coisas' - tudo o que pode ser reconhecido como professores, ensinamentos, séquitos, lugar e tempo. 'Criadora' -

Eu sou chamada de mestre da criação (*bya ba mkhan*). Como Eu criei os professores, ensinamentos, séquitos, lugar e tempo, sou o mestre da consciência prístina auto-originada. Eu sou chamada Soberana porque sou superior a tudo como a criadora de todas as coisas e como o vigor interior da consciência prístina auto-originada.

O significado de pureza é que ela é o vigor central da mente de perfeita pureza. Por meio da consciência auto-originada que é pura desde o primordial, a Soberana Criadora faz tudo. Como sou pura em minha totalidade imaculada sou conhecida como o puro. 'Perfeito' é dito neste sentido: devido ao vigor central da consciência prístina auto-originada [todas as coisas] que aparecem ou existem, em resumo as animadas e inanimadas, como todos os Budas dos três tempos, e as seis categorias de seres sencientes nos três reinos estão vastamente estabelecidas e totalmente aperfeiçoadas em talidade. Por isso, de 'perfeito' eu sou chamada.

O significado de "mente" é o seguinte: o vigor central da consciência prístina auto-originada discerne com força o perecível em tudo o que existe como animado e inanimado. Portanto, é conhecido como mente. O vigor central sem causa e sem condições exerce poder sobre tudo e cria tudo.

Ó, grande bodhisattva, se você entende o Meu próprio ser, você também entenderá todos os professores e todos os ensinamentos, você entenderá os pensamentos dos atendentes, e que a totalidade do lugar e do tempo tornou-se um. Por Eu ser tudo, você vai entender todas as coisas se você entender o Meu próprio ser.

Portanto, ao não se esforçar, você será espontaneamente auto-aperfeiçoado naquilo que é totalmente além das ações, e além de esforço e conquista."

Assim Ela falou.

*~ Este é o quarto capítulo de a Soberana Criadora de Tudo, no qual o nome Dela é explicado.*

## 5

Depois disso, a Soberana Criadora de Tudo, mente de perfeita pureza, instruiu Dorje Sempa no sentido conciso dos ensinamentos sobre o próprio Ser dela:

"Ó grande bodhisattva, ouça! Meu próprio ser é assim: intrínseco (*yod*), é nada mais que um. Seu ensinamento (*bstan*) é ensinado em dois aspectos. Sua origem (*byung*) é revelada nos nove veículos. Sua integração (*'dus*) é parte integrante da Grande Perfeição. Seu ser explícito (*yin*) é a mente de perfeita pureza. Sua existência (*gnas*) permanece na dimensão da Realidade (*chos nyid dbyings*). Sua luminosidade ilumina o espaço da sabedoria intuitiva (*rig pa'i mkha*). Sua vivacidade (*khyab*) cobre todo o mundo animado e inanimado, sua manifestação (*byung*) manifesta-se como a totalidade do que aparece e existe. Ensinar [sobre isso] significa que as coisas não têm características [fixas]. Vê-lo [significa] estar livre de objetos de percepção. Sabendo disso, não se tentará expressá-lo através de palavras.

Este vigor essencial, que não vem de nenhuma causa, está livre de todos os grilhões [criados] pelos métodos [de explicação]. Se alguém deseja ter uma compreensão completa deste assunto, deve-se tomar o céu como um símile: a questão é que a Realidade não nasce e que, como principal característica, a mente é incessante. Como o céu, assim é a Realidade, por meio do céu como símile a [Realidade] é apontada. A Realidade imperceptível é ensinada apontando para [algo que é] imperceptível. [A Realidade] que não pode ser expressa através de palavras é explicada [através de algo] que é inexplicável. A quintessência do imperceptível é ensinada como o ponto principal de um ensino que é unido [a símiles]. A essência desse significado é dada nos comentários. Assim você deve entender o significado de Mim. Assim, você será levado a entender o significado de Mim. Se você não entende o significado de Mim, você nunca me encontrará, [independente de] quantas palavras você tenha aprendido. Se você se

desviar (*gol*) de Mim, Eu ficarei velada e, por essa razão, você não obterá a essência da Realidade (*chos kyi snying po*)."

Assim Ela falou.

*~ Este é o quinto capítulo de Soberana Criadora de Tudo, Mente de Perfeita Pureza, no qual o "significado" é comentado.*

## 6

Então a Soberana Criadora de Tudo, mente de perfeita pureza, deu este sermão [no qual Ela declarou] que a perfeição de todas as coisas repousa em Seu próprio ser:

"Ó grande bodhisattva, ouça estas palavras! Eu sou a Soberana Criadora de Tudo, e Eu organizei todas as coisas a partir do primordial. Eu fiz as coisas aparentes. Eu mostrarei a você Minha essência atuante. Depois que Eu te mostrar Meu ser, irei apontar seu significado em palavras e sons, e você será capaz de notar a [Minha] essência atuante [como] ensinada [a você]. [Meu] ser, quando explicado, você entenderá. Por meio do falar dessas palavras, você perceberá o significado."

Assim Ela disse, e não disse mais nada. Ela permaneceu na essência atuante de todas as coisas. Por causa disso, Dorje Sempa surgiu dentre os atendentes e sentou-se com um rosto sombrio diante da Soberana Criadora de Tudo, mente de perfeita pureza.

A Soberana Criadora de Tudo:

"Ó grande bodhisattva, você está sentado aqui diante de Mim com um [humor] sombrio. Pergunte o que você deseja saber!"

Então Dorje Sempa perguntou:

"Ó professor dos professores, Soberana Criadora de Tudo! Se todas as coisas são Seu próprio ser, o que então você estabeleceu como professores, ensinamentos e séquitos? Quais são as entidades perfeitas?"

Essa pergunta ele fez.

Então A Mente Soberana de Tudo, mente de perfeita pureza, falou

estas palavras:

"Ó grande bodhisattva, ouça! As coisas são feitas de uma maneira perfeita. Isto é assim porque Eu sou a natureza da perfeição. Eu lhe mostrarei o Meu próprio ser. Como o Meu próprio ser não é conceitual e incriado, Eu fiz coisas para que existissem no reino da Realidade (*chö dbyings*). Elas não repousam sobre qualquer outra coisa além da mente de perfeita pureza. Como o Meu próprio ser é imaculado e todo abrangente, [as coisas] não repousam sobre qualquer outra a não ser sobre a consciência auto-originada na mansão imaculada, isto é, o céu lúgubre. Como Eu sou o vigor central de todas as coisas que surgem, isto é, os cinco grandes [elementos], o mundo tríplice, as seis categorias [dos seres sencientes]: elas não são nada mais que a Minha forma, expressão e espírito. Eu estabeleci [as coisas] como Meu próprio ser. Estou revelando a você os Budas dos três tempos e os seres sencientes do mundo tríplice como Meu próprio ser. Como a Minha essência atuante não nasce e não é conceitual, ela não existe (*mi gnas*), mas transcende todas as áreas da percepção. Ela transcende até os objetos da meditação e não se torna aparente na absorção mental. Embora o Meu próprio ser seja imperceptível, eu revelo Minha atuação a você como o mundo tríplice, [consistindo] nos cinco grandes [elementos] e nas seis categorias [dos seres sencientes]. Dos cinco [elementos] que são a aparente [forma do Meu] ser, ou seja, a mente perfeita e pura, surgem as cinco consciências auto-originadas e vigorosas. As cinco consciências trazem os cinco objetos sensuais, depois que os cinco desejos surgem, as cinco paixões surgem também. As cinco paixões trazem seus resultados individuais, que aparecem individualmente como as seis categorias dos seres sencientes. Eu estou te ensinando a aparência [do universo] sendo assim.

Mesmo se eu ensinasse as três formas de manifestação e os seis veículos, você não os entenderia. Cada um deles (isto é, as três formas de manifestação do professor e os seis veículos) é dotado do Meu verdadeiro ser de maneira individual, e cada um deles é Minha atuação individual como forma, expressão e espírito. A atuação individual permite que você veja o todo. Desta forma, o Meu próprio ser também é ensinado. Eu, como [a mente de] perfeita pureza, a

essência atuante de tudo o que é puro, deixo emergir de Mim o jogo (*rol pa*) do mundo tríplice, e as seis categorias de seres sencientes, porque estou atuando na dimensão do não-conceitual, e Eu sou a base existencial (*gnas chen*) de todos os Budas. Particularmente Eu ensino que, se você não está enganado sobre o puro, todos os atos de contentamento e miséria são a Minha compaixão. Eu, a Soberana Criadora de Tudo, não ensinarei tal conhecimento àqueles que aderem ao veículo de causa e resultado. Se Eu lhes ensinasse o Meu conhecimento como definitivo, eles lançariam louvores e calúnias em Mim, o puro, enquanto afirmam que a causa e o resultado existem por causa de atos bons e maus. Por esta razão, eles não me encontrarão, o puro, por um longo tempo. Eu sou o professor, a Soberana Criadora, a mente de perfeita pureza. A mente de perfeita pureza é a Soberana Criadora de Tudo. A mente de perfeita pureza cria os Budas dos três tempos: a mente de perfeita pureza cria os seres sencientes neste mundo tríplice, a mente de perfeita pureza cria o que aparece e existe como o mundo animado e inanimado.

Se você traz [os conceitos de] causa, resultado, símile, objetivo e definição em concordância [com este ensinamento, deveria saber que:] no momento da causa, os cinco grandes elementos são criados; no momento do resultado, os seres sencientes são criados neste mundo tríplice, no momento do símile se cria o céu como um símile de tudo, no momento em que o significado do que não nasce é feito por Mim, eis o significado de tudo; na hora do indício, a Mente Criadora de Perfeita Pureza [é revelada]: no momento da definição, a consciência auto-originada é ensinada. É assim que causa, resultado, símile, significado e definição são postos em concordância com [este ensino].

Por meio da mente de perfeita pureza, tudo é feito, e não há uma única coisa que não seja feita por ela. O ser da própria [Criadora de Tudo], a mente de perfeita pureza fez tudo, e não há uma única coisa que não seja feita por ela; não há razão em si mesmo por ser criado. Meu próprio ser, a Criadora de Tudo, está além da cognição (*ma brtags par*), mas sou percebida com toda certeza nas coisas que criei. Por meio de um desejo ardente, a aparência [dessas coisas] é alcançada,

mas elas perecerão por causa de sua natureza impermanente e ilusória, uma natureza que é imparcial e como um homem que nasceu cego. Embora a Soberana Criadora de Tudo seja imparcial em Sua criação, os sentidos ficam obstruídos quando experimentam sofrimento onde os seis objetos sensoriais são percebidos pelas seis faculdades sensoriais. Por esta razão, a Soberana Criadora de Tudo é imparcial em Sua criação. Assim, não existe nenhum resultado que possa aniquilar a cessação e a originação. Certamente, as duas verdades surgem deste Um (isto é, a mente de perfeita pureza). A verdade última e a convencional surgem como dois, existente e inexistente, a despeito do fato de que a Realidade é criada por Mim, a Criadora de Tudo. Portanto, as duas verdades não levam à superação de causa e resultado. Dentro [do conceito de duas verdades] nenhum resultado [é alcançado] que leve à superação de causa e resultado. Envolvendo-se em uma contemplação que [tenta] purificar e procurar o que não existe e em uma meditação de maravilhosos passos, que nunca surgirão, você não alcançará um resultado livre de obter e rejeitar. Quem contempla os três aspectos de uma meditação de um propósito único, e que realiza uma meditação passo a passo de acordo com as quatro práticas de serviços religiosos e evocando os deuses, não alcançará um resultado que supere o esforço e a conquista, ou seja, aquilo que é totalmente livre de atividade e que age porque é espontaneamente auto-aperfeiçoado. Por Eu ensinar o que não nasce, sem sinais, sem egoísmo, você deve entender o inexplicável como livre de louvor e desprezo.

Um símile para todas as coisas como a mente de perfeita pureza é que todas as coisas criadas são em seu próprio ser como o céu, este é o ponto principal da mente de perfeita pureza. Céu, vento, água, terra e fogo, esses cinco elementos saem milagrosamente da mente de perfeita pureza como Budas, o mundo tríplice, os cinco caminhos e as seis categorias de seres sencientes. O aparente, porém imutável (Akshobia) Buda, cujos atos estão bem amadurecidos, é da perfeita pureza primordial do mundo tríplice [conforme revelado] em forma, expressão e espírito. Portanto, tudo o que aparece como animado e inanimado, conseqüentemente, não tem lugar para existir [exceto na mente de perfeita pureza] como o

centro do céu [que existe apenas em si mesmo]. Por causa do vasto escopo da mente de perfeita pureza como o objeto real (*yul chen*), tudo o que aparece e existe como animado e inanimado, isto é, Budas e seres sencientes, estão livres de louvor e de desprezo, é não-dual na medida em que tudo é a Realidade inteiramente pura. Quem não vê a mente como o vigor central não alcançará a meta por muitos éons. A raiz de todas as coisas é a mente de perfeita pureza.

O vigor da perfeita pureza da qual tudo e todos surgem, ou seja, os Budas, seres sencientes, tudo o que aparece e existe como animado e inanimado, não pode ser expresso através da contagem do que não é sequer um. Também a forma e a expressão do Buda, e o corpo e a fala dos seres sencientes são a mente de perfeita pureza e, portanto, estão livres de [conceitos como] sujeito e objeto (*gzung 'dzin*). Quem realiza a liberdade de [tais conceitos como] sujeito e objeto dominará a raiz de todas as coisas, e [será conhecido] como tudo o que foi alcançado. Em êxtase, reconhecerá uma compreensão do que constitui o pensamento - a singularidade da mente de perfeita pureza. Eu ensino o que está além do cálculo e da dualidade.

Como é que a própria natureza da Realidade é essa única mente e como os três aspectos dessa natureza tornam a mente manifesta? Os três [aspectos] desta natureza são os três melhores arranjos (*bkod pa*), e esta é a Realidade da perfeição. Esta natureza única, embora não-dual, está conectada com tudo. Se for colocada em relação com o equilíbrio (*ma rnal*), ela se desdobra em quatro aspectos: "os quatro yogas" como objetos de [Meu] ensino. Eu ensino a mente única [permeando] os cinco grandes [elementos]. Por causa do próprio ser da mente ser dotado de cinco faculdades (*yon tan*), são chamados de os cinco grandes [elementos]. Se julgamentos a respeito da existência ou não-existência do uno, que é definitivo, surgirem, então esses muitos erros, obscurecimentos, dúvidas e pensamentos julgadores são removidos pela Criadora de Tudo, que transcende o pensamento de esforço, realização e julgamento. Removendo esses julgamentos sobre a existência e a não-existência e as dúvidas [resultantes], Eu estabeleço este conhecimento infalível e definitivo porque [aquelas

outras pessoas] não podem entender a perfeita pureza através da talidade. Para mostrar a você que esse conhecimento claramente merece sua fé, Eu ensino a verdade última que é livre de esforço, realização e ações por meio das dez instruções que merecem sua fé e que permitem evitar desvios (*la dor*). Portanto, confie nelas!

A proclamação das nove palavras da verdade que são inexistentes: quanto ao vigor único, emergem nove objetos visíveis. Se eles são reconhecidos individualmente, fala-se das nove palavras da verdade.

Como em Mim, a Soberana Criadora, tudo é consumado, você deve nutrir [sua compreensão do] significado da mente perfeita e pura. A raiz de todas as coisas é a Criadora de Tudo, a mente de perfeita pureza. Tudo o que aparece é a Minha atuação. O que quer que venha a existir é a Minha maravilha. Quaisquer que sejam os sons e as palavras, todos surgem como sons e palavras do Meu significado intrínseco. A forma, a sabedoria e as qualidades dos Budas, o corpo dos seres sencientes, a herança kármica (*bag chags*) etc., o que aparece e existe como animado e inanimado, tudo isso é da atuação primordial da mente de perfeita pureza. Com exceção da mente, de Mim todas as coisas surgiram. Os Budas anteriores não ensinaram essas instruções sagradas agora dadas por Mim, a Soberana Criadora de Tudo, e os atuais e futuros Budas não ensinarão estas instruções sagradas da perfeita pureza, a Soberana Criadora de Tudo”.

Assim Ela falou.

*~ Este é o sexto capítulo de A Soberana Criadora de Tudo, Mente de Perfeita Pureza, [no qual] a única raiz [do universo é discutida].*

## 7

Depois disso, a Soberana Criadora de Tudo, mente de perfeita pureza, ensinou como as coisas que emergiram da criação [feitas] por Ela [tornaram-se] as coisas em sua particularidade (*dbye ba'i chos*).

"Ó grande bodhisattva, como que a mente é a atuação [da Realidade]? Como é que toda particularidade está totalmente ausente no grande gozo não-dual? O que é conhecido como insondável transcende todos os objetos perceptíveis e reside na realidade primordial em um [estado] não-conceitual (*spros bral*) - exatamente como o céu. Nenhum símile [permite alguém] sondar (*bgrang*) a mente de perfeita pureza. As coisas criadas pela mente são purificadas de particularidades. É dito que tudo o que é criado pela mente, ou seja, o que aparece e existe como o mundo animado e inanimado, os Budas e os seres sencientes, é produzido a partir do próprio ser da mente como a sua atuação.

Eu vou agora irei lhe ensinar como [o universo] se manifesta depois que foi produzido. Os cinco grandes [elementos] e o aparecimento das seis categorias de seres sencientes realizam seu propósito através da forma e do corpo. Eles se tornam mensuráveis depois que emergem do puro ser da mente."

Assim Ela falou.

Então Dorje Sempa perguntou:

"Ó Soberana Criadora de Tudo, *emaho!* Todo o Bem (*Kun-tu bzangpo*) *emaho!* Ó Você mente de perfeita pureza, *emaho!* Quando surge a mente de perfeita pureza, inconsciente de si mesma e das coisas, elas são unidas como os Seus séquitos, o onisciente . Você, o onisciente, pode explicar isso para mim já que não estou familiarizado com o objeto da minha pergunta. Explique brevemente como todas as coisas estão unidas como uma só, a mente de perfeita pureza; como dois estão em um; como o propósito [da existência] pode ser compreendido? "

Isso ele perguntou.

Então, a Soberana Criadora de Tudo, mente de perfeita pureza, proclamou:

"Ó, Eu sou espontaneamente auto-aperfeiçoada (*lhun gyis grub*) desde o primordial. Eu sou o vigor da auto-perfeição espontânea de todos os Budas. Eu sou a essência atuante da compaixão. Eu ensinarei o propósito do que criei para o bem daqueles que tem êxtase [em Meus feitos] em um tempo apropriado para tal êxtase.

Ouçã, ó Dorje Sempa! A única coisa em que você deve se alegrar é que estou ensinando que a essência atuante da mente de perfeita pureza, ou seja, a essência da mente, cria tudo porque todas as coisas estão contidas neste uno. Para aqueles que gostam de enumerar características, Eu ensino que é insuficiente para especificar a variedade do que é criado pela Soberana Criadora de Tudo. Mas Eu também ensino o Meu próprio ser: esse é o Meu vigor, o que surge como dois é criado por Mim. Você pode contar as coisas criadas, em que a contagem é uma, duas, [etc.], mas no final, essa contagem é inexplicável. O inexplicável é o vigor de todas as coisas. Eu ensino o inexplicável, o vigor [de todas as coisas] como um. Este um é a mente de perfeita pureza que tudo cria, enquanto que as coisas criadas estão num estado de dualidade. Causa e resultado são de dois tipos, portanto, a verdade última e a convencional são de dois tipos e, portanto, existem definições desses três, ou seja, exemplo, significado e característica.

As instruções sagradas de significado definitivo e as de significado discutível são classificadas como dois [tipos]. Com base nos cinco grandes [elementos] como a causa, o resultado [na forma] dos três reinos e dos seres sencientes se torna aparente. Quando os três reinos e os seres sencientes funcionam como causa, os Budas são chamados de resultado. Se causa e resultado são ensinados em termos de símile e significado, então a causa é dada nos seres sencientes dos três reinos, enquanto o resultado é chamado de ensinamentos do Buda. Isso é conhecido como um ensino discutível. Você deve distinguir entre estes dois: a causa são os cinco grandes [elementos], mas todas as

coisas criadas se tornam aparentes por causa da mente.

Se alguém não entende talidade, certamente considera tais coisas como os seis objetos sensoriais em termos de objeto e sujeito por [aplicar estes] conceitos errôneos. Por esta razão, os seis perecíveis (isto é, as percepções sensoriais) e os seis receptáculos (isto é, os objetos sensoriais) são conhecidos como o "recipiente perecível" (isto é, o mundo). Os seis objetos são o suporte dos seis desejos, assim os seis desejos [levam ao] sofrimento e, portanto, são chamados de miséria.

O que é chamado de superação da miséria é: não considerar as coisas como os seis objetos, e nenhum nascimento acontece no lugar das seis formas de existência. Por causa da superação da miséria, isso é chamado de transcendência do sofrimento.

Como é que da perfeita pureza, o vigor, o ser verdadeiro surge sem esforço, que também os cinco grandes elementos são entendidos como suas próprias características, que a perfeita pureza é o vigor de todos, é capaz de captar a essência atuante que é [de outra forma] imperceptível? Isso é explicado como a característica das características. Por causa dos cinco grandes [elementos] que surgem [da pureza] do ser, um vigor que gera todas as coisas [torna-se aparente, e] que por sua vez gera todos os seres sencientes. Não entender que [essas emanções] são auto-originadas [resultarão nas seguintes suposições:] Depois de considerar este caminho de prática (*spyod lam*) como a causa [do progresso espiritual], desejaremos obter o resultado dessa causa. Portanto, o que é chamado de causa é declarado como o veículo para obter qualquer resultado que [seja desejado]. Isso é ensinado como abandonar, obstruir e praticar.

O que se chama resultado é conhecido como o resultado (ou fruto) que [é produzido] pela causa essencial (*snying po rgyu*). Seu próprio ser essencial é um ser livre de nascimento e decadência, e é chamado de "diamante" vajra [natureza]. Há duas maneiras de alcançar esse diamante [natureza]: (a) O exterior é o desejo de alcançar resultados

por meio da realização de [certos atos] e do abandono de [outros] - [atos baseados em] forma, expressão, espírito e sabedoria é como [alcançar] a lua [refletida] na água; (b) Enquanto a [realização interna da natureza do diamante] que é livre de executar e abandonar [certas atividades], é ver o escopo do próprio eu (que é idêntico à dimensão do próprio ser) por meio da essência e dos três estágios. Você superará quaisquer atos salutares que [essencialmente] não são atos quando você se tornar [um com] a essência de tudo, ou seja, essa não-ação que não tem apoio algum. Eu estou estabelecendo o conhecimento sagrado do gozo sem esforço. Se os seguidores do veículo do esforço, que [pode ter praticado o seu sistema] por três éons, ou sete ciclos de vida, ou um ano e seis meses, ou apenas dezesseis meses, forem instruídos em sua natureza intrínseca, eles habitaram no gozo da auto-perfeição espontânea e sem esforço. É impossível não ser aperfeiçoado nisso.

O um está consumado, e assim os dois estão consumados, e tudo está consumado, desse modo a criação está em [um estado] de beatitude consumada. "O um está consumado" significa que a mente de perfeita pureza está consumada; "os dois estão consumados" significa que a criação pela mente está consumada; "tudo está consumado" significa que absolutamente tudo está consumado. Por meio dessa instrução sagrada de que o um está consumado, que é a intenção do Buda, você deve permanecer na intenção do Buda. O significado de "tudo está consumado" é que tudo é feito em sua máxima perfeição. Quem reside na não-ação é Buda na Realidade da intenção Dela, embora o corpo dessa pessoa possa ser de um ser humano ou de um deus. Por esse meio, você alcançará a beatitude livre de se esforçar, alcançar e cumprir o propósito de um ser sensível."

Assim Ela falou.

*~ Este é o sétimo capítulo de A Soberana Criadora de Tudo, Mente de Perfeita Pureza, no qual a compreensão da Realidade foi resumida.*

## 8

Então a Soberana Criadora de Tudo, mente de perfeita pureza, declarou que todas as coisas criadas são uma em sua talidade, que a partir desta talidade os três aspectos do ser da Soberana Criadora de Tudo aparecem, e [Ela explicou] como cada aparência individual surge.

"Ó grande bodhisattva, Minha talidade, a única, aparece em sua plenitude em três aspectos (ou seja, ser próprio, essência atuante e compaixão). Da mesma forma [Meu] ser que não nasce é a talidade que aparece nos objetos. Cada objeto contém a inteireza da talidade. Além do mais, depois de você investigar tudo isso, ficará ciente da talidade. A consciência prístina auto-originada se manifesta como as três formas de manifestação do professor (*sku gsum*) [ensinando] a causalidade. Algumas [manifestações] aparecem como professores da causalidade; algumas como professores de interdependência (*'brel pa*); algumas como professores do resultado. Das cinco [formas da] consciência prístina auto-originada, que emanam da compaixão, os Budas e os seres sencientes [surgem], e eles aparecem como objetos de [Meu] ensino e como séquitos.

De maneira similar, as três manifestações dos professores de causa e resultado ensinam aos séquitos diferentes pontos de vista, embora exista apenas um objeto - talidade. Eles ensinam alguns a desistir e obstruir [certos] objetos, alguns a purificar e progredir [no caminho espiritual], alguns a purificar através de bênçãos, alguns a alcançar o [nirvana] através da aquisição e rejeição, alguns são ensinados a perceber a mente pura através do esforço e realização. Deste modo, as três manifestações do professor ensinaram [aos séquitos] os conceitos de causa e resultado. Embora [as manifestações ensinam que] causa e resultado são duas [entidades diferentes], Eu, a Criadora de Tudo, ensino apenas o conhecimento da quietude e da talidade.

Talidade [tem que ser entendida] da seguinte maneira: Eu, a Criadora de Tudo, sou talidade, mas também o que eu criei é talidade. Os seis objetos sensoriais, Eu os fiz; as seis faculdades sensoriais são Minha

inteligência; todas as percepções sensoriais são Minha consciência prístina auto-originada. Os cinco grandes [elementos] também são as cinco causas, e a totalidade das cinco causas é talidade. Essa compaixão não é senão as cinco [formas da] consciência prístina auto-originada, de que as seis categorias [dos seres sencientes] neste mundo tríplice são a atuação da talidade – como Eu declaro.

A talidade do [Meu] próprio ser está em sua atuação não-dual. No entanto, os quatro estágios de repouso na tranquilidade (isto é, os quatro yogas) surgem do fato de eles serem um com o [Meu] próprio ser. O que se segue constitui os quatro yogas:

Ouça ó grande bodhisattva, o vigor central de tudo, a Mente de perfeita pureza é a atuação da quietude de todas as coisas. A partir do primordial, assim se habita em talidade. Por meio dos quatro yogas, ou seja, Atiyoga, Anuyoga, Mahâyoga e [Bodhi]sattva yoga, veremos a quietude sem atividade do verdadeiro vigor central. O objeto dessa cognição são esses quatro aspectos.

No [estágio de] [Bodhi]sattva yoga eles irão ver os objetos e [desfrutarão] as faculdades sensoriais, as cinco [formas] de discernimento esclarecedor (*byang chub lnga*) e os quatro milagres, e as duas divindades do [Bodhi]sattva yoga depois que as bênçãos [forem executadas]. Mas eles não verão a quietude e o verdadeiro vigor central. Eles ainda devem meditar na talidade não-conceitual.

Aqueles que [dominam] o Mahâyoga irão ver a quietude sem atividade do verdadeiro vigor (*don gyi snying po*). Eles verão a si mesmos perfeitamente realizados [através] da expansão e contração [das deidades visualizadas] depois de terem aperfeiçoado os membros [do *pûja*] através dos quatro serviços: a mandala dos deuses da causa e resultado em sua própria mandala a partir da mente pura primordial. Mas ainda assim, eles não verão a quietude do verdadeiro vigor. Eles devem meditar completamente sobre a talidade incontroversa.

Quem dominou o Anuyoga (*yongs su rnal 'byor*) verá a dimensão [da Realidade], a quietude do verdadeiro vigor como causa e eles irão

ver a grande consciência prístina como o resultado dessa quietude. Eles compreenderão a unidade do vigor central em seus aspectos duais de causa e resultado, mas não irão ver a quietude como além da causa e do resultado. Eles devem meditar no Anuyoga incontestado como ele é.

Quem conseguir compreender a grande perfeição do Atiyoga como a quietude sem atividade do verdadeiro vigor, reconhecerá a mente de perfeita pureza como o vigor de todos. Eles irão ver isso como a quietude da essência incontestada (*don*). Eles devem contemplar essa visão que é insondável a partir do primordial. Eles devem contemplar os votos que, do primordial, não devem ser observados. Eles devem contemplar atos salutares que, do primordial, não devem ser procurados. Através dessas contemplações, eles reconhecerão a talidade.

Os quatro yogas devem ser conhecidos em suas peculiaridades: cada um deve ser dividido em quatro aspectos.

(1) Existem quatro peculiaridades relativas ao [Bodhi]sattva yoga:

(a) [Neste estágio] a mente não reflete em objetos ou faculdades sensoriais, portanto é chamada [Bodhi]sattva yoga (*sems dpa'i mat 'byor*).

(b) Quando a bênção maravilhosa da perfeita pureza é liberada, então ela é chamada Mahâyoga.

(c) Quando é associado com os quatro grandes selos (*mudrâ*) é chamado Anuyoga.

(d) Aqueles que vêem que os votos de consciência não possuem ser próprio, aspirarão à mente [de perfeita pureza] e a entenderão como Atiyoga. Eles não vêem o ioga livre de adquirir e rejeitar.

(2) As quatro peculiaridades do Mahâyoga:

(a) Primeiro, uma pessoa [que adquiriu] os três *samâdhi* é conhecida como [estando no nível de] [Bodhi]sattva yoga.

(b) Aqueles que são capazes de ver a consciência prístina por meio de sua própria mente pura são conhecidos como [estando no nível de] Mahâyoga.

(c) Aqueles que aperfeiçoaram os quatro serviços (*bsnyen sgrub*) são conhecidos como [estando no nível de] Anuyoga.

(d) Quando eles vêm tudo como o grande eu (*bdag nyid chen po*), eles serão conhecidos como [estando no nível de] Atiyoga. Eles não vêm a quietude além de se esforçar e alcançar.

### (3) A compreensão das quatro peculiaridades de Anuyoga:

(a) Neste estágio de *samâdhi* eles não geram a divindade como sua própria individualidade, mas porque as pessoas estão vivendo na natureza pura da Realidade; [este estágio] é conhecido como [Bodhi]sattva yoga.

(b) Por eles não dependerem de "pai" e "mãe" como método e sabedoria, mas aperfeiçoaram a mandala apenas em suas partes essenciais, eles são conhecidos como [estando no nível de] Mahâyoga.

(c) Aqueles que permanecem na [contemplação da] Realidade, que não tem ser próprio, ainda que aparente, são conhecidos [como estando no nível] verdadeiro de Anuyoga por causa de seu porte geral.

(d) Quando todas as coisas na totalidade aparecem, exatamente como são, e quando os [praticantes] vêm a dimensão [da Realidade] como

causa e a consciência prístina como resultado - eles são conhecidos por estarem no [nível do] Atiyoga verdadeiro. Mas eles ainda não vêem a quietude além da causa e do resultado.

(4) As quatro peculiaridades do Atiyoga:

(a) A mente de perfeita pureza, livre de adquirir e rejeitar, isto é chamado [Bodhi] sattvayoga.

(b) A mente de perfeita pureza além do esforço e realização é chamada Mahâyoga.

(c) A mente de perfeita pureza além da causa e resultado é chamada Anuyoga.

(d) [A mente que vê] as coisas além de louvor e desprezo, além de existir e não existir, isso é chamado de Atiyoga por Mim.

Como os três [estágios inferiores], como Anuyoga, e assim por diante, não estão associados com a grande consciência prístina auto-originada, aqueles [que ainda estão nessas fases] devem praticar os estágios [do caminho do bodhisattva] (*bhûmi*) durante a sua progressão no caminho. Como [tais praticantes] preservam seus votos e contemplam as visões doutrinárias, não há prática ou teoria de uma meditação vívida ou relaxada.

A prática do conhecimento de Atiyoga é a seguinte: como do primordial a própria Criadora fez [tudo], não há progresso no caminho, nem prática dos estágios do bodhisattva (*bhûmi*). Não há observação dos votos nem contemplação de visões doutrinárias. Como do grande caminho da perfeita pureza tudo emana, não há processo da perfeita pureza na perfeita pureza. Como não há outro

estágio de bodhisattva (*bhûmi*) para o progresso fora da perfeita pureza, a perfeita pureza não é praticada com respeito à perfeita pureza. Como a natureza dos votos é a própria perfeita pureza, a perfeita pureza não precisa ser preservada em relação à perfeita pureza. Como a natureza da meditação é perfeita pureza em si mesma, a perfeita pureza não medita sobre si mesma. Como o objetivo da doutrina é perfeita pureza em si mesma, a perfeita pureza não reflete sobre si mesma. Esta é a prática sem ação do conhecimento do Atiyoga.

Se a meditação da consciência prístina auto-originada é vívida, a pessoa meditará na Soberana Criadora de Tudo. Esta não é a prática daqueles ligados ao veículo de causa e resultado"

*~ Este é o oitavo capítulo de A Soberana Criadora de Tudo, Mente de Perfeita Pureza, no qual se explica como todas as coisas são estabelecidas na Realidade como objetos devido ao próprio ser delas.*

## 9

Então a Soberana Criadora de Tudo, mente de perfeita pureza, falou sobre o que constitui erros e obscuridades em relação à grande perfeição, porque proceder no caminho do veículo de causa e resultado é errado.

"Ó grande bodhisattva, a própria natureza da mente de perfeita pureza é assim: é o vigor central de absolutamente todas as coisas; é imaculada porque é pura e não nasce. Não há erro nela porque está sem um caminho. É sem esforço, pois é totalmente perfeita desde o primordial. A mente de perfeita pureza, ou seja, o vigor essencial de todas as coisas, é uma. Mas se alguém a considerar como uma, então ela constitui um erro. Proceder em algo que está sem progresso constitui um erro. Ver o imperceptível constitui um erro em relação ao invisível.

Embora tudo seja um em talidade, há alguns que, trabalhando sobre as causas, desejam obter mais tarde os resultados e por meio das dez perfeições (*pamramitâ*) eles aspiram alcançar os dez estágios do bodhisattva (*bhûmi*). Estes [praticantes] serão obscurecidos pelo erro por três éons. Mesmo que purifiquem o estado de seus votos e promessas [praticando] as três purificações dos [reinos] exterior, interior e intelectual, as cinco [formas de] discernimento esclarecedor, e os [quatro] membros dos milagres, eles ainda serão obscurecidos pelo erro por sete ciclos de vida. Aqueles que defendem que preparando as causas [eles obterão] os resultados, e considerando as visões doutrinárias e práticas religiosas como duas coisas diferentes, eles estarão em um estado de erro e obscurecimento em relação ao que é não-dual por três ciclos de vida.

Se [esses praticantes] observarem a obtenção e o abandono (*blang dor*) em relação ao único vigor essencial, eles não serão capazes de vê-lo em sua unidade, mas em sua dualidade, e, portanto, ficarão obscurecidos por errar até que se libertem de adquirir e abandonar.

Aqueles que contemplam [a verdade última] em três [aspectos], embora seja aquilo que é auto-originado, é dito que erram quanto ao objetivo que é livre de esforço. Aqueles que não entendem que o vigor essencial das coisas, que aparecem e existem exatamente do jeito que são, em talidade, irão a dimensão [da Realidade] e a consciência prístina como causa e resultado. Por causa disso, louvando a causa e desprezando o resultado, eles ficarão obscurecidos até que estejam confiantes de que não há motivo para louvor e desprezo. Existem seis desejos para um resultado que não existe:

- (1) alcançar [uma verdadeira apreciação] das duas verdades como causa [para o progresso espiritual];
- (2) alcançar o resultado [do progresso espiritual] executando as três purificações;
- (3) o desejo de alcançar [resultados] mantendo as visões doutrinárias e a prática religiosa separadamente;
- (4) o desejo de alcançar [resultados] pela prática de obter e abandonar;
- (5) o desejo de alcançar [resultados] através de uma meditação em três etapas;
- (6) o desejo de alcançar [libertação] vendo a dimensão [da Realidade] e a consciência prístina como causa e resultado.

Estes são os seis [desejos] por realização (*thob rnam drug*). Existem seis erros e seis obscuridades por vez. Eu digo que [os praticantes] devem se livrar das falhas desses seis desejos por realização, porque [tais desejos] são defeituosos, obscuros e errados em relação à mente de perfeita pureza. Eu também declaro examinar e refletir como um erro e um obscurecimento, como Eu faço, [com tais conceitos como] sujeito e objeto, e visões doutrinárias e práticas religiosas.

A doutrina e a prática, a obtenção e o abandono, a busca e o objetivo,

a causalidade, [todos esses conceitos] são um obscurecimento, pois estão errados em relação à grande beatitude sem qualquer ação. A mente de perfeita pureza é como o céu. Esta mente em si, ou seja, a Realidade, é como o céu e, portanto, se [diz]:

- (1) Nenhuma doutrina deve ser contemplada,
- (2) nem votos a serem observados.
- (3) Os atos salutares (*phrin las*) são sem esforço e
- (4) a consciência prístina é sem obscurecimento.
- (5) Não há prática dos [dez] estágios do bodhisattva (*bhûmi*) e
- (6) nenhum caminho para prosseguir.
- (7) As coisas não são sutis (*phra ba chos med*),
- (8) nem duais, nem dependentes.
- (9) Não há instrução sagrada precisa estabelecida com firmeza, exceto aquela a respeito da mente.
- (10) Não há definição das instruções, exceto que elas estão além do louvor e do desprezo. Esta é a visão [correta] da grande mente aperfeiçoada de perfeita pureza.

(Em oposição à primeira declaração:) Meditando de seis maneiras sobre o que não deve ser meditado, ou seja, aquilo que está além da visão doutrinária, um obscurecimento errôneo virá devido a essa visão cheia de erro e obscurecimento.

(Em oposição à segunda declaração:) Ao observar os seis votos, em relação àquilo que está além da observação, um obscurecimento errôneo desses votos ocorrerá devido a esse erro obscuro.

(Em oposição à terceira declaração:) Ao prosseguir com os seis atos salutares em relação àquilo que não há esforço, um obscurecimento errôneo desses atos ocorrerá devido a esse erro obscuro.

(Em oposição à quarta declaração:) Ao gerar as seis consciências prístinas com relação a única, livre de obscurecimento, um obscurecimento errôneo dessa consciência prístina ocorrerá devido a esse erro obscuro.

(Em oposição à quinta declaração:) Ao gerar as seis realizações da prática [das etapas do bodhisattva], com relação àquilo que não deve ser praticado, ocorrerá um obscurecimento errôneo dos [dez] estágios do bodhisattva devido a esse erro obscuro.

(Em oposição à sexta declaração:) Ao gerar seis formas de progresso no caminho, em relação àquilo que não tem progresso, um obscurecimento errôneo desse caminho ocorrerá devido a esse erro obscuro.

(Em oposição à sétima declaração:) Ao gerar seis maneiras de obtenção, com relação àquilo que não é para ser obtido, um obscurecimento errôneo das coisas [existentes] ocorrerá devido a esse erro obscuro.

(Em oposição à oitava declaração:) Ao gerar seis formas de vinculação, em relação àquilo que é não-dual, um obscurecimento errôneo dessa vinculação ocorrerá devido a esse erro obscuro.

(Em oposição à nona declaração:) Produzindo seis certezas, com relação a essa verdade única, um obscurecimento errôneo dessas instruções sagradas ocorrerá devido a esse erro obscuro.

(Em oposição à décima declaração:) Ao produzir seis formas de explicação, em relação àquilo que é inexplicável, um obscurecimento errôneo das instruções religiosas ocorrerá devido a esse erro obscuro.

Essa mente de perfeita pureza é o vigor essencial de todos. Não há necessidade de cumprir [o objetivo] buscando a [realização] das dez

características da [Minha] verdadeira natureza, porque Meu próprio ser está consumado desde o primordial. Um símbolo abrangente do Meu próprio ser é o céu, pois ninguém faz nenhum esforço para purificar o céu puro. Mesmo que todos procurem [purificar] o céu puro, o céu que fez tudo (*nam mkhas kun byas*) está além de tal busca e realização. Da mesma forma, a mente de perfeita pureza, o vigor essencial que cria tudo o que é criado, Eu transcendendo o escopo de toda percepção sensorial (*spyod yul*) e, portanto, a partir do primordial, não há sentido em me teorizar ou em meditar sobre Mim. Da mesma forma, nem as dez [características da Minha] verdadeira natureza podem afetar a Mim que transcende [tudo]. Aqueles que seguem o veículo da causalidade e tentam Me buscar através destas dez características, desejando ver a Mim e ao Meu próprio ser, cairão como alguém que tenta caminhar sobre o céu cai sobre a terra. Quem deseja proceder por meio dessas dez características também cairá. Meu próprio ser é ensinado com firmeza como a origem [do universo]. Como Eu estou transcendendo o escopo da percepção sensorial (*spyod yul*), nenhuma visão doutrinária sobre Mim deve ser contemplada. Da mesma forma, [porque] as dez [características da] Minha verdadeira natureza não têm significado, então não reflita sobre um possível significado delas. Contemple a talidade, mas não invente visões doutrinárias [sobre Mim], pois nunca sou um objeto a ser visto através de visões doutrinárias.

Não há necessidade de observar os preceitos morais e votos, como não há razão para livrar-se do que não é conceitual e do que não nasce. Como o vigor essencial é do primordial espontaneamente aperfeiçoado, não há necessidade de esforço e realização. Como a consciência prístina auto-originada não tem obscurecimento, você não deve gerar clareza com conhecimento discriminativo (*rig pa'i ye shes*). Não há estágios de bodhisattva (*bhûmi*) que poderiam ser alcançados através da prática, porque tudo existe em Meu estágio. Não há caminho para seguir em direção a Mim, porque tudo existe ao ser envolvido por Mim. Não há designações como "sutis" a serem atribuídas [a Mim] porque, do primordial, não sou objeto nem sujeito. Como Eu estou abrangendo tudo com a Minha forma, não há nada desde o primordial que poderia ser chamado de dois. Eu sou do

primordial, da consciência prístina auto-originada e, portanto, os outros não devem fazer declarações firmes a Meu respeito. Eu sou o vigor essencial de todos, a [mente de] perfeita pureza, e assim nenhuma outra instrução secreta existe. Como Eu estou além de todo louvor e desprezo, declaro com firmeza que [nem o louvor nem o desprezo devem ser aplicados] a todas as coisas. Ao lado de Mim não há outros objetos, portanto também declaro com firmeza que não há visão doutrinal a ser contemplada. Como além de Mim nada deve ser mantido, eu também declaro com firmeza que os votos não devem ser mantidos. Como não há nada além de Mim a ser buscado, eu também declaro com firmeza que nenhum ato salutar deveria ser realizado. Como não há nenhuma outra coisa além de Mim, eu também declaro com firmeza que os estágios do bodhisattva (*bhûmi*) não devem ser praticados. Como não há falha em Mim desde o primordial, também declaro com firmeza que sou a consciência prístina auto-originada. Como eu sou a Realidade não-nascida, declaro com firmeza que sou a Realidade sutil. Como não há progresso além de Mim, declaro com firmeza que não há caminho para prosseguir. Como tudo o que aparece e existe como o inanimado e animado, ou seja, os Budas e seres sencientes, emergiram de Mim, o vigor essencial, ou seja, a perfeita pureza, eu declaro com firmeza que do primordial Eu sou não-dual. Como a consciência prístina auto-originada veio como uma revelação correta (*gtan la 'bebs pa*), Eu declaro com firmeza que as instruções sagradas da Grande Perfeição (*lung chen*) caíram como um relâmpago. Como todas as coisas não existem fora de Mim, Eu declaro com firmeza que sou tudo – a Soberana Criadora.

Por não me conhecer, declaro ser a atuação do obscurecimento. Procurar qualquer outra coisa além de Mim produz erro. Um ensino [alegando] ação e conhecimento como duas [coisas diferentes] não está vendo [o que é certo e errado], e isso é obscurecimento para a ação, não saber da [Realidade] é um obscurecimento para o conhecimento. Do mesmo modo, declaro que o esforço e a realização são um erro, e a alegação de que a ignorância e o não-saber são a essência desse duplo obscurecimento, porque todas as coisas que aparecem são a atuação da mente de perfeita pureza, o vigor essencial.

Ó grande bodhisattva, ouça! Se você reconhece as coisas que aparecem do jeito que elas são, sendo de nenhuma outra natureza além de você mesmo, isso constitui um obscurecimento de si mesmo devido a você mesmo. Não entenda sua própria natureza dessa maneira! Entre em [um estado de] gozo [consistindo em um conhecimento] de semelhança e pensamento não discriminativo, porque todas as coisas, que aparecem exatamente como são, não são nada além da mente e não são diferentes de si mesma.

Com relação a isso, o significado de "gozo" é o seguinte: não há necessidade de buscar as dez [características pertinentes à Minha] grande natureza. Por não buscar as dez [características da Minha] grande e verdadeira natureza, não haverá limite para esses 360 erros e obscuridades, isto é, seis vezes sessenta erros.

Ó, grande bodhisattva, de que todas as coisas aparecem como são, devido à manifestação da perfeita pureza como o vigor essencial do Meu próprio ser - se não for isso, nada mais Eu ensino sobre as coisas. Eu lhe digo, não tente intelectualizar isso! Eu recomendo que você, ó grande bodhisattva, ensine aos anfitriões dos séquitos da mesma maneira que Eu lhe ensinei."

Assim Ela disse.

*~ Este é o nono capítulo de A Soberana Criadora de Tudo, a Mente de Perfeita Pureza, na qual a remoção de erros e obscurecimentos falsos é ensinada.*

Então a Soberana Criadora de Tudo, mente de perfeita pureza, falou sobre o próprio ser dela como consumação:

"Ó, grande bodhisattva, ouça! Como tudo está incorporado em Mim, por esta razão, Eu sou chamada de o consumado. Eu sou chamada Criadora de Tudo porque dos três aspectos do Meu próprio ser, isto é, a Criadora de Tudo, emanam estas três coisas: professor, ensino e séquito.

Primeiro [Eu lhe ensinarei] a consumação do professor. A partir da consciência prístina auto-originada, ou seja, Eu, a Criadora de Tudo, emergem os três aspectos do Meu próprio ser. Eles são ensinados por serem os três professores em suas três formas de manifestação (*trikâya*). Eles são conhecidos como a manifestação da verdade (*dharmakâya*), a manifestação do maior júbilo comunal (*samyaksambhogakâya*) e a manifestação corpórea (*nirmanakaya*).

A natureza dessas três formas de manifestação é explicada da seguinte forma: A natureza da manifestação da verdade é explicada como residindo no próprio ser, porque não nasce e é livre da [dicotomia] sujeito-objeto. A natureza da manifestação do mais alto júbilo comunal é a satisfação perfeita e alegre de quaisquer desejos que existam. A natureza da manifestação corpórea é explicada como residindo no corpo manifesto que também é disciplinado.

O ensino pertinente às três formas de manifestação do professor é explicado sob três [aspectos], ou seja, exterior, interior e secreto (*gsang ba gsum*). O ensinamento pertinente à manifestação da verdade é explicado da seguinte maneira. O segredo é dito ser de natureza tríplice. Da base (*gzhi*), ou seja, a natureza pura da Realidade, está a natureza da linhagem da geração secreta, bem como a da perfeição secreta, e da grande perfeição secreta. Eles são rotulados como secretos porque não pertencem ao campo das percepções sensoriais de ninguém. O ensinamento secreto é gerar os três estágios da não-Realidade, assim ele é rotulado como a geração secreta (como

pertinente ao *bskyed rim*). O ensinamento sobre [as diferentes formas de] manifestação (*sku*) é chamado de perfeição secreta. Não investigue o segredo por meio da contemplação do conhecimento interno. Todas as coisas que aparecem exatamente como são, são explicadas como o conhecimento essencial e isso [constitui] a contemplação interior. Depois de ter transformado sua própria mente pura em uma divindade eterna, você desejará que os campos de sentido interno e externo (*âyatana*) de seu próprio corpo de diamante sejam a corporificação (*bdag nyid*) da não-dualidade [livre] de visões doutrinárias e prática, aquisição e abandono. Isso é declarado como a perfeição do segredo interior.

O segredo da grande perfeição é ensinado da seguinte maneira. Todas as coisas que aparecem como são, não são produzidas como mente de perfeita pureza por meio dos três *samâdhi*, elas não são aperfeiçoadas por causa da expressão dos caracteres essenciais [dos mantras]. Eu, a Criadora de Tudo, sou a grande que aperfeiçoa [todas as coisas]. Nada existe que não seja perfeito em Mim.

Meu próprio ser é ensinado como triplo, e é ensinado como os três [estágios] da grande perfeição, ou seja, a mente de perfeita pureza. Essa é a explicação da grande perfeição secreta. Isso também explica como o ensinamento do professor se manifesta como verdade.

O ensinamento do professor manifestado na forma de maior júbilo comunal (*samyaksambhogakâya*) consiste nas três seções externas dos rituais a serem realizados (*bya byed pa*). A seção do [tantra] dos rituais a serem realizados juntamente com o pensamento discursivo [consiste em] contemplar principalmente as três purificações dos reinos exterior, interior e conceitual por meio de um *samâdhi* não-discursivo, e você deve entrar [no *samâdhi*] num momento em que os planetas e estrelas [são adequados] para tal penetração. [Neste estágio], você irá lutar pelo *siddhi* de forma, expressão e espírito, embora não existente, por meio da *bodhicitta* e os vários milagres depois de ter realizado as oferendas executando as três purificações [considerando] a deidade visualizada e vós sendo o senhor e servo.

É declarado que tanto a verdade última quanto a convencional são uma ilusão. Se as visões doutrinárias e a prática religiosa são divididas em duas [unidades separadas], então, confiando nessa dicotomia, surge uma crença na viabilidade do propósito final, que é um. Aqueles que perseguem um objetivo impossível, praticando o que está ali, são como um lobo que se estende no céu que não oferece apoio.

O segredo das [seções de tantra] externos, em termos de aquisição e rejeição, é abençoar tudo através de *samâdhi* irrefletivos e milagres abençoados. Depois disso, a divindade da sabedoria (*ye shes lha*) é formada. Esses [praticantes] esperam que, sendo dotados dos quatro selos (*phyag rgya bzhi*) e da forma, expressão e espírito [da divindade], obtenham qualquer *siddhi* que desejarem. Mas eles não perceberão o *samâdhi*, livre de esperança por falta de desejo, adquirindo e rejeitando certas visões doutrinárias e práticas religiosas. Esta é a explicação do ensinamento pertinente à manifestação do mais alto júbilo comunal.

O ensinamento do professor na manifestação corpórea é explicado nos três *pitaka*, segundo os quais são dos ouvintes, dos solitários despertos e dos sutras Mahâyâna, declarados externos por causa de características conhecidas como externas. Os cinco objetos sensoriais prazerosos (*'dod yon lnga*), que são a atuação de Mim, a Criadora de Tudo, surgem como a atuação das cinco consciências, e delas derivam o apego, o ódio e a ignorância. Os remédios para controlar essas [aflições] são ensinados como os 84.000 portais do dharma (ou seja, ensinamentos). Os cinco objetos sensoriais prazerosos emergem e, portanto, a forma, o som, o olfato, o gosto e o tato surgem. Eles trazem apego, ódio e ignorância. O remédio para o controle deles são os três *pitaka*. Como remédio para o controle do apego, os 21.000 preceitos do *vinaya* foram ensinados. Como remédio para o controle da ignorância, os 21.000 sermões do *sûtra pitaka* foram ensinados. Como remédio para o controle do ódio, os 21.000 tratados do *abhidharma pitaka* foram ensinados. Para controlar igualmente todos os três venenos, os 21.000 ensinamentos dos três *pitaka* foram proclamados como remédio. Em geral, os 84 mil ensinamentos foram proclamados como um remédio externo para controlar os três venenos.

O veículo da causalidade e da filosofia consiste em três seções: os portais do [dharma] do *sûtra*, *vinaya* e *abhidharmapitakas*. Há um ensinamento que é conhecido como significado condensado, e há o *sûtra pitaka* explicado de doze maneiras. Cada um ensina em detalhes um significado individual.

Os três venenos causam as três formas malignas da existência. Ao considerar como causa os seres sencientes, boas e más [ações], as visões doutrinárias e a prática religiosa produzem renascimentos bons ou maus. Isso é bem proclamado [no veículo] de causalidade e filosofia. Foi proclamado no passado, é atualmente proclamado e será proclamado mais tarde. Seu significado, na medida em que é um significado inexplicável, não foi proclamado em épocas anteriores, nem é proclamado no presente, nem será proclamado no futuro pelas [diferentes] manifestações corpóreas. Portanto, isso é conhecido como o ensino das manifestações corpóreas.

Ó grande bodhisattva, o primeiro séquito das três manifestações do professor surge dos três aspectos do Meu próprio ser, da Criadora de Tudo. Os três séquitos das três manifestações do professor estão agora explicados.

Ó grande bodhisattva, ouça esta explicação dos séquitos da manifestação da verdade do professor! Todos os séquitos criados por Mim são os séquitos da manifestação da verdade [do professor], que é o Meu próprio ser. Tudo o que aparece e existe como [mundo] inanimado e animado, ou seja, como Budas e seres sencientes - nada existe que não esteja unido aos séquitos da manifestação da verdade."

Assim Ela falou.

"Ó grande bodhisattva, ouça esta explicação dos séquitos da manifestação do professor de maior júbilo comunal! Aqueles que ultrapassaram o estágio das quatro perfeições em devoção, e que dominaram o primeiro estágio do bodhisattva, [chamado] o "muito jubiloso" até o décimo, "nuvem do dharma", eles são declarados como os participantes da manifestação [do professor] de maior júbilo

comunal.

A explicação dos séquitos da manifestação corpórea do professor: Aqueles que se desviaram do caminho máximo da iluminação como *tîrthika*, *mu stugs*, *phyal pa* e *lokâyata*, depois de serem abençoados pela compaixão [do Buda], foram convertidos e tornaram-se monges budistas e freiras, mulheres e homens leigos - eles são conhecidos como o séquito da manifestação corpórea do professor."

Assim Ela falou.

"Ó grande bodhisattva, ouça esta explicação do reino individual de cada uma das três manifestações que são as três manifestações do professor que emanam de Mim. O reino da manifestação da verdade do professor é explicado como o palácio de Akanishtha, a dimensão da Realidade. Akanishtha é aqui explicado como a pureza final.

O reino da manifestação de júbilo do professor é explicado como uma mansão divina, um edifício imponente no reino de Akanishtha, que está acima dos limites deste mundo. O reino da manifestação corpórea do professor é explicado como Gridhrakûta, o lugar onde Shâkyamuni, o sétimo Buda, se manifestou. Os reinos das outras manifestações da compaixão [de Buda] são indefinidos."

Assim Ela falou.

"Ó grande bodhisattva! Eu explicarei em qual reino individual (*zhing khams*) o professor em três manifestações, emanando de Mim, disciplina [os seres sencientes]:

- O reino disciplinar [adequado] para a manifestação da verdade do professor é a dimensão ilimitada da Realidade que se estende tão longe como o céu. Este é o reino adequado para a disciplina [dos seres sencientes] pela manifestação da verdade do professor.

- O reino disciplinar [adequado] para manifestações de júbilo do

professor: Eles disciplinam onde há contentamento buscado em forma, som, cheiro, gosto e toque - que originam de Mim.

- O reino disciplinar [adequado] para as manifestações corpóreas do professor: por meio de sua consciência prístina e compaixão auto-originadas, eles disciplinam as seis categorias de seres sencientes em todos os 100.000 milhões de mundos. De acordo com isso, diferentes ensinamentos [foram proclamados].

- As três manifestações do professor, emanadas de Mim, são as mesmas no que diz respeito à causa e ao resultado, e são de um mesmo ser. A causa, que é a mente de perfeita pureza, é uma com tudo; o resultado, que é o estado búdico, é também um com tudo. Isto é declarado como o próprio ser da Realidade, o único ser atuante. O tempo [certo] para disciplinar não foi dividido em antes e depois."

Assim Ela falou.

"Ó grande bodhisattva, ouça mais! Agora os caminhos de promulgação [praticados pelas] três formas de manifestação do professor que emanam de Mim, a Criadora de Tudo!

A manifestação da verdade do professor promulga o ensino por meio de bênçãos; as manifestações do júbilo perfeito promulgam o ensino por meio de seu próprio ser atuante; as manifestações corpóreas ensinam aquelas pessoas que são capazes de ouvir a palavra e o significado [do dharma] integrando a palavra com o significado.

Agora, a promulgação [do dharma] por meio de bênção pela manifestação da verdade: todas as coisas criadas são ensinadas como o Meu próprio ser. Embora não nasça, na maravilha da gênese, todas as coisas que aparecem e existem como animadas e inanimadas surgem como um milagre da [Minha] compaixão e ser atuante. Isso é chamado de promulgação por meio da bênção do Meu próprio ser.

Agora a promulgação pelas manifestações de júbilo comunal perfeito por meio de seu próprio ser atuante: todas as coisas, que aparecem em

qualquer forma, são ensinadas sendo perfeitas, na medida em que são objetos sensoriais agradáveis pelos quais se pode sentir desejo como forma, som, olfato, paladar e tato. Isto eu ensino como a promulgação por meio do Meu ser atuante.

A promulgação pelas manifestações corpóreas por meio da integração de palavras e significado: [Nesta fase] não é apropriado ensinar todas as coisas que aparecem e existem como o ser atuante do professor, porque o que é chamado de 'professor' é, em uma maneira peculiar, a criação de seus próprios desejos. [As manifestações corpóreas] promulgam o significado do ensinamento através do som de palavras e letras, e devido a essa [atividade, os discípulos] entendem o significado por meio de palavras e letras. Este é o significado explicado através de palavras e letras.

Ó grande bodhisattva, ouça! Eu, a Soberana Criadora de Tudo, estou atuando as três formas de manifestação. Sem reflexão (*mi rtogs*), apenas existindo em equilíbrio, estou atuando a manifestação da verdade como não-conceitual (*spros bral*). A maravilha da gênese que vem do Meu próprio ser, é a manifestação do júbilo perfeito como a origem dos desejos que são preenchidos disciplinando de qualquer modo por meio da compaixão. Esta é também a atuação da manifestação corpórea. A Soberana Criadora de Tudo, através das três formas de Sua natureza (isto é, as três formas de manifestação) faz com que os professores apareçam na forma corpórea para disciplinar por qualquer que seja o [método apropriado]. Embora a natureza do ensinamento seja inexprimível em seu significado, o significado é expresso de qualquer modo que seja adequado. Isso é chamado o ensino perfeito.

A natureza dos séquitos é que aqueles aptos para a unidade se tornarão os primogênitos [nas "famílias de Buda"] depois de terem sido unidos. Isso é chamado de séquito perfeito.

Eu sou o professor, a Criadora de Tudo, a mente de perfeita pureza. A Criadora de tudo é uma, mas é conhecida em Seus três aspectos (*rnam pa gsum*): Eu, a Criadora de Tudo, Meu próprio ser e as coisas

criadas por Mim - esses são os três aspectos. Eu sou o professor, a Criadora de Tudo, o progenitor de tudo. Minha natureza é ensinada em termos de dez características: elas são declaradas como o vigor essencial de todo ensino. Eu, a Criadora de Tudo, fiz tudo e todos. Os Budas habitam nos três tempos como um e, sem discriminação, fazem de todos os seres sencientes que vivem no tríplice mundo seu nobre séquito. Como o Um, a Criadora de Tudo, fez tudo de uma maneira perfeita, por essa mesma razão, todas as necessidades da mente são aperfeiçoadas pela Criadora de Tudo. Seja qual for a quantidade de necessidades e quais tipos de necessidades existam – é dito que Eu, a Criadora de Tudo, as preenche perfeitamente.

O próprio ser do professor é ensinado sob três aspectos (*ston pa'i rang bzhin rnam pa gsum*): manifestação da verdade, manifestações da consciência prístina e manifestações da compaixão. Sob qualquer forma o professor em três manifestações ensina, eles aperfeiçoam as pessoas que permanecem de acordo consigo mesmo.

Eu, o professor dos professores, a Soberana Criadora de Tudo, mostro-lhe a Minha natureza em seus três aspectos. Como o primeiro séquito, o professor em suas três manifestações surge; esta é a consciência prístina que não nasce e que é livre de sujeito e objeto. Como o primeiro séquito, o professor em sua manifestação da verdade surge; é o milagre da gênese, o jogo todo puro (*lîla*). As [manifestações] de júbilo perfeito surgem [próximo do qual] vêm os diversos desejos, sejam eles quais forem. De acordo consigo mesmo [o professor] satisfaz a todos. Então, as várias formas de manifestações corpóreas são conhecidas. Aqueles que olharam na direção do que é conhecido como o professor nas três formas de manifestação, os Budas e bodhisattvas, e aqueles que alcançaram a paciência (isto é, *tshogs lain* e *sbyor lam*) estão unidos como manifestações do professor. De acordo com isso, eles habitam em seus domínios [apropriados] e ensinam o ponto essencial.

A natureza do ensinamento é tal que é uma instrução dada aos séquitos por uma das três manifestações. Quanto aos séquitos que precisam ser disciplinados, de uma forma ou de outra, o Buda

promulga o que é conhecido como perfeito para disciplinar e ensinar deuses e humanos do bom karma neste mundo. Os Budas dos três tempos, que habitam na dimensão da manifestação da verdade que não existe explicitamente, ensinam a todos os seres sencientes que vivem no mundo tríplice a mente não-conceitual de perfeita pureza por meio desta manifestação da verdade.

[As manifestações] de júbilo [habitando] em Akanishtha [em um estado de] consciência prístina, explicam aos bodhisattvas do décimo estágio a mente de perfeita pureza por meio de sua manifestação e sua sabedoria.

As várias manifestações indefinidas da compaixão [do Buda] também ensinam seus seguidores, aqueles unidos em sua busca pela paciência, os principais pontos de disciplinamento por quaisquer métodos não especificados [que considerem adequados]. Para aqueles de bom karma, devido às suas promessas, e [se] não interferiram por outras circunstâncias, o tempo em que Minha compaixão se torna corporificada chegou. Junte-se aos séquitos que Eu vou ensinar.

Eu ensino o verdadeiro significado não-dual por três meios (isto é, através das três manifestações). As acumulações [de mérito e sabedoria] levarão ao aperfeiçoamento do tempo, lugar e natureza [em que as três manifestações proclamam o dharma]. O [ensino] totalmente aperfeiçoado em seus três aspectos, isto é, as três jóias, é ensinado como precioso. Eles são explicados como a forma, a expressão e o espírito de Mim, a Soberana Criadora de Tudo.

O professor, o precioso Buda, a jóia, é a manifestação da verdade, a manifestação do júbilo e a manifestação corpórea. A melhor e mais preciosa promulgação do ensinamento, o nobre dharma, são as três melhores promulgações [explicadas a seguir] da inexplicável Criadora de Tudo. Quanto ao melhor sangha, como parte dos séquitos, darei instruções sobre o que eles precisarem.

Eu, o professor, a Criadora de Tudo, a mente de perfeita pureza, criei o professor que gerou as três manifestações. O ensinamento do nobre

dharma é organizado de três maneiras. Está organizado em externo, interno e secreto. Cada uma dessas três divisões é dividida em três seções, assim nove [divisões] são conhecidas. As manifestações corpóreas fazem três promulgações para disciplinar dessa maneira por meio de sua compaixão. As manifestações de júbilo fazem três promulgações em termos de atos externos, internos [e secretos] dos atos ritualísticos. A manifestação da verdade faz três promulgações do conhecimento secreto e supremo. Estes são os três tipos de promulgação, isto é, os externos, internos e secretos. Do corpo, fala e mente [no nível humano], e da forma, expressão e espírito [no nível das divindades] emana aquilo da qual os nove veículos (*theg pa rim pa dgu*) vêm. Atravessando nove passagens da montanha e nove vales em nove caminhos, você progredirá em direção ao veículo único, ou seja, a mente criadora de perfeita pureza. Então você terá alcançado o estágio de perfeita pureza (iluminação) que está além do progresso, que é a Criadora de Tudo, livre de agir e agente, e além de se esforçar e alcançar."

Assim Ela falou.

*~ Este é o décimo capítulo de A Soberana Criadora de Tudo, Mente de Perfeita Pureza, no qual toda a estrutura perfeita [do universo] é explicada.*



Então a Soberana Criadora de Tudo, mente de perfeita pureza, explicou a raiz na qual todas as coisas estão unidas.

"Ó grande bodhisattva, ouça! A raiz de todas as coisas em correlação com o [Meu] próprio ser é a seguinte: como Eu sou o ser de todas as coisas, não há outra coisa fora do Meu próprio ser. As três formas de manifestação do professor - elas são o Meu próprio ser, os Budas dos três tempos - eles são o Meu próprio ser, os bodhisattvas - eles são o Meu próprio ser, os quatro yogas - eles são o Meu próprio ser. O reino do desejo, o reino da forma e o reino da ausência de forma - eles são declarados como o Meu próprio ser, isto é, o da Criadora de Tudo. Os cinco grandes elementos são também o Meu próprio ser. As seis categorias de seres sencientes são o Meu próprio ser. Tudo o que aparece (*snang ba*) é o Meu próprio ser. Tudo o que existe (*srid pa*) é o Meu próprio ser. A totalidade do mundo animado e inanimado é o Meu próprio ser. Fora do Meu próprio ser, nada é, portanto, a raiz de todas as coisas consiste em Mim. Não existe uma coisa que não consista em Mim.

O [Meu] ser se desdobra em três aspectos (*rang bzhin rnam pa gsum*), isto é, o que não nasce, o milagre da gênese e a compaixão. Estes são os próprios seres dos três professores. Com relação aos três tempos, isto é, passado, presente e futuro, todos os Budas existem em unidade porque Eu mesma, ou seja, Meu próprio ser, existe na unidade. Isso também é conhecido como Meu próprio ser. Estou livre do [pensamento relacionado] a sujeito e objeto e, portanto, sou pura e como o céu todo abrangente.

Como Eu criei o vigor central de todas as coisas, Meu próprio ser também é a mente de perfeita pureza. Aqueles que combinam os quatro yogas com o Meu próprio ser, que é o equilíbrio em si mesmo, estarão unidos ao uno. Desta forma, Meu próprio ser é ensinado. Quanto ao corpo, fala e mente dos seres sencientes [é dito] que eles vêm à

existência porque vêm do Meu próprio ser; que eles são abrangentes porque eles são abrangidos em Meu próprio ser, e que eles são explicitamente existentes porque eles existem como Minha atuação. Por esta razão, é dito que o mundo tríplice é o Meu próprio ser.

O Meu próprio ser, ou seja, o da Criadora de Tudo, tem um aspecto quántuplo (*rang bzhin rnam lnga*): da Minha atuação, surgem os cinco elementos - céu, vento, água, terra e fogo. Eles são ensinados como Meu próprio ser, ou seja, a Criadora de Tudo. Minha compaixão se torna manifesta e é conhecida como as cinco formas da consciência prístina auto-originada. O que quer que apareça como as seis categorias de seres sencientes, é conhecido como Eu, o próprio ser da Criadora de Tudo. Do Meu próprio ser, ou seja, o da Soberana Criadora de Tudo, tudo se origina - em suma, tudo o que aparece e existe como animado ou inanimado. Eu faço tudo e, portanto, [tudo] se origina de Mim. Por essa razão, não há uma única coisa que não esteja contida em Mim. De Mim, as três formas de manifestação do professor também emanam, e assim Eu, a própria Criadora de Tudo, é declarada sendo os três professores. Também os Budas que habitam na unidade nos três aspectos do tempo, ou seja, passado, presente e futuro, habitam em Meu próprio ser, a Criadora de Tudo, que é sem passado e futuro. Também os bodhisattvas, libertos de pensar na [dicotomia] sujeito/objeto, são Meus, a Criadora de Tudo, sendo que Eu os criei como bodhisattvas. Além disso, se você entrou no estado de equilíbrio por meio dos quatro yogas, você repousará em equilíbrio tranquilo em Mim, a Criadora de Tudo. Como tudo é feito pela Soberana Criadora de Tudo, da mesma forma, tudo está contido no própria Soberana Criadora de Tudo."

Assim Ela falou.

*~ Este é o décimo primeiro capítulo de A Soberana Criadora de Tudo, no qual se diz que a raiz de todas as coisas está contida no Eu intrínseco da Soberana Criadora de Tudo, mente de perfeita pureza*

Depois que a Soberana Criadora de Tudo, mente de perfeita pureza, proclamou este sutra sobre a fonte de todas as coisas.

"Ouça, grande bodhisattva! Eu sou a fonte de todas as instruções sagradas. Do mesmo modo você deve saber que tudo e cada coisa da maneira que aparece, emana de Mim! Ouça esta [exposição sobre] a origem geral e grande de [todas as] coisas! Vou instruí-lo sobre como todas as coisas [viram a existir]. Como Eu, a Soberana Criadora de Tudo, mente de perfeita pureza, sou a soberana de todas as grandes instruções sagradas, as três [formas de manifestação] dos professores primeiro emanam de Mim."

'Instruções sagradas' são chamadas de palavras dos professores. Como sou a raiz de todas as instruções, Eu, a Soberana Criadora de Tudo, não ensino os Budas dos três tempos e os seres sencientes do mundo tríplice qualquer outro ensinamento além do que vêm da mente. Todos os tantras e sutras são comentários gerais. As seções do tantra e do sutra são o ensino dos professores e emanaram de Mim, do próprio ser da Criadora de Tudo. [Estas escrituras] comentam sobre ambos, professor e ensino. Eu, a Soberana Criadora de Tudo, mente de perfeita pureza, sou declarada como o clímax de todos os ensinamentos. Embora de Mim emanem as três formas de manifestação do professor, seus ensinamentos sobre vinaya, sutras, abhidharma e tantras - organizados em suas seções apropriadas de cem mil, ainda estão associados a esforços e realizações [associados à prática de meditações generativas, consumadas e secretas.] Mas você irá prosseguir em direção a Mim somente depois de transcender todo esforço e realização. Você não me verá a menos que transcenda o esforço e a realização. Isso explica o clímax de todos os ensinamentos.

Eu, a Soberana Criadora de Tudo, mente de perfeita pureza, sou declarada como o vigor de todos os veículos por excelência. Três veículos existem em relação às três [manifestações do] professor, mas

apenas um veículo existe em relação à [verdade da] certeza. Este [veículo] é a 'terra' (*bhûmi*), o veículo universal, a mente de perfeita pureza. Isso é explicado como a quintessência de todos os veículos.

Ó, Eu deixo aparecer a grande sabedoria depois que a escuridão da ignorância foi removida. Além disso, se você pedir [a Mim] para explicar como isso surge, [Eu respondo]: a escuridão das reflexões errôneas escurece [a mente] quando não se compreende que todas as coisas existentes são em sua talidade a perfeita pureza. Mas como a mente Criadora de perfeita pureza faz todas as coisas exatamente como elas são, deve-se entender a mente Criadora de perfeita pureza [deste modo].

Assim também a consciência prístina auto-originada surgirá e se espalhará após a escuridão da apreciação discriminatória (so *sor rtog pa*) ter sido removida com relação a como todas as coisas vieram a aparecer. Portanto, é dito que após a escuridão da ignorância for removida, a [consciência] surgirá e se espalhará. Ó, grande bodhisattva, para destruir esta teia de pensamento discursivo, deve-se cortar a cadeia de obscurecimentos (*klesha*).

Alguns dos seguidores do veículo da causalidade vêem todas as coisas que existem como veneno, e pensam que [essas coisas] devem ser abandonadas, outras vêem [as mesmas coisas] como objetos do apego da mente e pensam que têm que examinar esse apego por meio das duas verdades, outros vêem [as mesmas coisas] como objetos de purificação e eles pensam que por meio das três purificações e bênçãos milagrosas no caminho do 'senhor e servo' (isto é, a divindade da yoga), [a purificação do mundo é produzida]; outros pensam que querem alcançar a purificação da natureza de seu fluxo mental por meio das quatro formas de serviço e adoração. [Os praticantes de Atiyoga] cortam a cadeia de obscurecimentos, que é a apreciação discriminativa, depois de terem se livrado de tal pensamento de que não há nada mais além da mente, por causa de Mim, a Criadora de Tudo, mente de perfeita pureza."

Assim Ela falou.

"Ó grande bodhisattva! Eu, a Soberana Criadora de Tudo, mente de perfeita pureza, lhe ensinei a entender o Meu próprio ser intrínseco, ao ponto de que todas as coisas existentes, assim como são, não são nada além de Mim. Você instruirá os anfitriões dos atendentes, [reunidos] ao seu redor, no Meu ensino, para que eles me entendam, ou seja, a Criadora de Tudo, o ser intrínseco, e transfigurem-se em Meu próprio ser. Quando eles são transfigurados como Meu ser intrínseco, eles não se envolverão em [tais doutrinas como] as duas verdades, nem [em tais práticas como] desistir e obstruir todas as coisas existentes e aparentes, nem se engajarão em abençoar [essas coisas] por meio das três purificações, nem se engajarão em alcançar ou buscar a contemplação em *bodhicitta*. Eles entenderão que tudo foi criado em Mim, a Soberana Criadora, portanto, tudo é o mesmo em relação à sua base em Mim, a Criadora de Tudo. Como Eu sou a semelhança, não há necessidade de gerar a semelhança. Anteriormente, Eu já ensinei que essa semelhança não precisa ser gerada."

Assim Ela falou.

*~ Este é o décimo segundo capítulo de A Soberana Criadora de Tudo, Mente de Perfeita Pureza, no qual é explicada a fonte do conhecimento da certeza.*

## 13

Então a Soberana Criadora de Tudo, mente de perfeita pureza, proclamou os caminhos da explicação (*bshad lugs*) que explicam as instruções gerais (*spyi lung*) sobre todas as coisas, porque Ela é a soberana de todos os ensinamentos.

"Ouça, ó grande bodhisattva! Como Eu sou as instruções gerais sobre as coisas, estou proclamando os cinco modos de explicação que explicam o significado de suas definições por meio dos cinco significados gerais (*spyi don*):

- 1) A instrução que explica o significado dos relatos da transmissão (*lo rgyus*);
- 2) A instrução explicando o significado de "raiz";
- 3) A instrução explicando o significado do yoga;
- 4) a instrução explicando o significado do alvo desejado;
- 5) a instrução explicando o significado da palavra.

Primeiro ensinarei a explicação do significado dos relatos da transmissão, porque eles fornecem a base para a fé. Eu ensinarei o significado da raiz porque a raiz de todas as coisas está envolvida na mente. Eu explicarei rudimentalmente o significado de yoga porque a particularidade de cada veículo precisa ser detalhada. Eu explicarei que há uma necessidade para o significado do propósito porque é ensinado que não há propósito em se esforçar ou alcançar. Eu explicarei o significado da palavra de acordo com a letra porque o significado do pensamento não-discursivo (*mi rtogs*) deve ser entendido.

1 - Ó grande bodhisattva, agora a explicação do significado dos relatos da transmissão! Primeiro, porque é ensinado como uma base para a fé, a explicação do significado dos relatos da transmissão é ensinada, a explicação quanto a bênção proveniente do próprio ser, a explicação quanto ao ensino sobre a Minha própria atuação, a explicação quanto à integração do significado com a palavra. Também você deve acreditar [nisto] por causa do modo como a fonte se originou, que de Mim, a Criadora de Tudo, as três manifestações do professor originaram-se por meio do Meu próprio ser, atuação e palavras.

2 - Ouça, ó grande bodhisattva! A explicação do significado de "raiz": Como tudo o que está contido no que aparece e existe como animado ou inanimado, como tudo o que pertence aos Budas ou aos seres sencientes, é feito por Mim, a Soberana Criadora de Tudo, mente de perfeita pureza, não há outra coisa desde o primordial, nem nada fora da mente de perfeita pureza. Como a totalidade [do que existe] é ensinada sendo Eu, a mente de perfeita pureza, esta explicação do significado de 'raiz' é dada.

3 - Ó, grande bodhisattva, ouça agora a explicação do significado de yoga! O que Eu, que transcende causa e resultado, ensino, é a essência do Atiyoga, a grande perfeição, apesar do fato de que o ensino das manifestações de completo júbilo comunal e da verdade [mantêm] que existem peculiaridades individuais nos diferentes tantras e aulas de yoga. É ensinado como o conhecimento consumado, distinto de [todos os outros] veículos. Por essa razão, esse ensinamento é chamado de estipulação do significado do yoga.

4 - Ó, grande bodhisattva, ouça a explicação do significado do propósito (*dgos ched*). Aqueles adeptos do Atiyoga de karma propício que tiveram fé em Mim, a Soberana Criadora de Tudo, [mente de] perfeita pureza, por inúmeros *kalpas* no passado, eles saberão que não há visão doutrinária para contemplar, não há votos para observar, não há atos salutares a serem buscados, nenhum caminho para prosseguir, nenhum *bhûmi* a ser praticado, nem causa nem resultado nem a dicotomia da Realidade absoluta e convencional, nem meditação nem

realização. Como eles percebem que bodhicitta não pode ser gerada [através do esforço], e que não há antídoto [para os três venenos], eles irão ver o próprio ser da mente que tudo cria. Esta é a explicação do significado do propósito.

5 - Ó, grande bodhisattva, ouça esta explicação do significado estipulado da palavra! É ensinado que todas as coisas, assim como aparecem, são a talidade, que sou Eu, a mente Criadora de perfeita pureza. Se a natureza da talidade, a mente criadora, não é proclamada com palavras e letras, os seres sencientes com uma mente capaz entenderão e, assim, a natureza da talidade aparecerá desvelada. Então, se palavras e letras são proclamadas, é conhecido como o significado estipulado da palavra.

1 - Ó grande bodhisattva, sejam quais forem os relatos da transmissão, eles são os relatos da transmissão do professor, do ensino e dos séquitos. A natureza dos séquitos surge como as três manifestações do professor a partir dos três aspectos do próprio ser criador do professor. Existem três maneiras de proclamar as três manifestações do professor: são os relatos da transmissão dos três ensinamentos do professor.

2 - O que quer que seja proclamado como raiz, é assim, devido ao fato de que as três manifestações do professor emanam de Mim; portanto, qualquer que seja o dharma proclamado, é ensinado tendo sua raiz na mente de perfeita pureza. Isso explica a definição do significado de raiz em relação ao professor, ao ensino e aos séquitos.

3 - Embora o Meu próprio ser seja um em sua talidade, os quatro yogas têm suas particularidades yoguicas quanto às suas visões doutrinárias, práticas, votos e [formas de] realização. Assim, eles não estão de acordo com suas particularidades individuais. Superar o esforço e alcançar o estágio de Atiyoga é a explicação do significado de yoga.

4 - A explicação do significado do propósito: se alguém vê a própria mente como talidade e como o propósito estipulado de todos os seres

sencientes no mundo tríplice, não irá habitar em um estágio [onde se apegam apenas] às palavras do Buda. Em virtude deste [insight], você obterá o Atiyoga. No entanto, aqueles de faculdades estreitas e sem predisposição adequada não entenderão o que é revelado e óbvio. Eles são como aqueles que procuram uma jóia preciosa trabalhando em um pedaço de madeira. Aqueles de boas faculdades e disposição adequada reconhecerão que com relação ao Atiyoga não há opiniões doutrinárias, nem votos, nem atos salutares, nem estágios de bodhisattva (*bhûmi*), nem caminhos [para iluminação], que nem a geração de bodhicitta, nem [a reflexão sobre] a causalidade, nem a meditação nem a realização fornecem um antídoto [para os três venenos], e que o absoluto e o convencional não são duas coisas diferentes. Assim, eles verão o próprio ser da mente; tal é o propósito estipulado.

5 - A definição do significado de "palavra" é tal que, pronunciando a palavra, ou seja, a palavra e som inexistente do significado, que [também] não existe, a não-ação é vista como o significado. Ao perceber que a [Mente] criadora de tudo não precisa de nenhuma atividade, o ensinamento do significado de 'palavra' é dado."

Assim Ela falou.

*~ Este é o décimo terceiro capítulo de A Soberana Criadora de Tudo, Mente de Perfeita Pureza, na qual as formas de explicação pertinentes à mente são discutidas.*

Então a Soberana Criadora de Tudo, mente de perfeita pureza, deu esta nobre instrução sobre Si mesma sendo secreta.

"Ó, grande bodhisattva! Eu, a Criadora de Tudo, sou também o segredo que está em tudo. De Mim, as três formas de manifestação do professor surgem, mas os três aspectos do Meu próprio ser não podem ser ensinados e [portanto], permanecem secretos. Em Mim, os Budas dos três tempos habitam, mas Meu próprio ser não pode ser ensinado e deve ser mantido em segredo. Em Mim, todos os anfitriões dos séquitos estão unidos, mas Meu próprio ser não pode ser ensinado e deve ser mantido em segredo. Eu faço todos os seres sencientes neste mundo tríplice, mas o Meu próprio ser não pode ser ensinado e deve ser mantido em segredo. Se o ensinamento sobre o Meu próprio ser não for mantido em segredo, as três formas de manifestação do professor não surgirão de Mim. Se as três formas de manifestação do professore não surgirem de Mim, os três ensinamentos, os três veículos e os três séquitos, todos eles não aparecerão. Se os três ensinamentos e os três veículos não são perfeitos, todos os séquitos não compreenderão a perfeita pureza incomparável pertinente às três jóias, isto é, Buda, ensino e comunidade. Se o Meu próprio ser [em sua relação com] os Budas dos três tempos não for mantido em segredo, mas for ensinado, ocorrerá uma perda quanto às três manifestações do professor, embora [essencialmente sejam] inexistentes. Se o Meu próprio ser, em termos dos anfitriões dos três séquitos unidos em Mim, não for mantido em segredo, mas ensinado, os veículos dos três professores não serão detalhados em suas peculiaridades. Se a Minha natureza compassiva que está [aparente nos] seres sencientes do mundo tríplice, que Eu criei, for ensinada, o ensinamento dos três professores não permanecerá. Se os ensinamentos dos três professores não existem, quem então chamará todas as coisas, feitas por Mim, a perfeita Criadora de Tudo? Por esta razão, Eu mesma, a Soberana Criadora de Tudo, ensino o Meu próprio ser depois que o fiz tornar aparente. Eu ensino Meu próprio ser em

relação a Mim. Os séquitos do professor, que procedem de Mim, a Criadora de Tudo, não os inspire com o Meu ensinamento. [Quem sabe que] Eu, a Criadora de Tudo, sou Atiyoga, a eles revelarei o Meu próprio ser."

Assim Ela falou.

*~ Este é o décimo quarto capítulo de A Soberana Criadora de Tudo, Mente de Perfeita Pureza, no qual [é explicado que a Criadora de Tudo permanece] em segredo para aqueles de talento deficiente.*

## 15

Então a Soberana Criadora de Tudo, mente de perfeita pureza, proclamou esta evidente instrução sobre Sua grande mensagem.

"Ó grande bodhisattva! Eu, a Soberana Criadora de Tudo, ensinei a evidência [do Meu ser] sob três aspectos, porque o Meu próprio ser é [também] ensinado sob três aspectos:

- 1) o ensino do significado de 'professor';
- 2) os atendentes que desejam entender este significado; e
- 3) o significado certo e infalível.

Estas três questões são evidenciadas por Mim, a Criadora de Tudo.

1 - Agora, a evidência do 'professor' que ensina o significado: As três formas de manifestação como a verdade, o perfeito júbilo comunal e a incorporação são ensinadas como os primeiros séquitos e também como as três formas de manifestação do professor. Este é o ensinamento do significado 'professor'. [Minha própria] natureza livre de sujeito e objeto, o ensinamento da Minha atuação e a natureza da compaixão - esses três [fatos] evidenciam os três aspectos do Meu próprio ser para o bem [de todos os seres sencientes]. [Esses três fatos] são também conhecidos como a evidência das três [formas do] professor.

2 - [Agora] a evidência quanto àqueles que desejam entender este significado, em particular [aquele] do ensinamento sobre os três séquitos dos três professores! O ensinamento em seu detalhe é o seguinte: Os Budas que habitam nos três tempos, e todos os seres sencientes que vivem neste mundo tríplice, permanecem em um estado de equilíbrio não-reflexivo. Eu, a Criadora de Tudo, sou evidenciada

através deles como séquitos. Aqueles que não entendem que os obscurecimentos (*klesha*) pertinentes aos objetos sensoriais não são gerados através das faculdades sensoriais, e que refletem sobre sua própria mente de perfeita pureza em termos de ser uma coisa ou [a coisa] da Realidade, essas pessoas permanecerão obscurecidas [e divorciadas] de [sua entrada] no primeiro estágio de bodhisattva (*bhûmi*) até o décimo. Minha atuação tornar-se-á aparente sob o duplo aspecto de professor e séquito para os bodhisattvas do décimo estágio que são vistos desfrutando dos cinco objetos sensoriais.

3 - Refletindo sobre a natureza da talidade com uma mente compreensiva, eles ganharão a noção de ter entendido. Alguns entenderão [essa noção] como eterna e outros a entenderão como separada do vazio. Quando os quatro tipos de não-budistas, que vêm a causalidade de maneira errada, tornam-se convertidos (literalmente abençoados), eles são ensinados sobre a causa. [Como consequência] eles vão desistir de seus pecados e [desenvolver] as quatro atitudes virtuosas. Por três grandes éons, ficarei evidente como professor e séquitos que são existentes. Quanto à consciência prístina que tem inteligência como seu objeto, ela se tornará evidente em termos da certeza do puro.

Ó, grande bodhisattva, o que é chamado de evidência é evidente por quem, o que [é evidente], e para quem [é evidente]? Por quem isso é evidente? - por Mim! O que é evidente? - A mente em si é evidente! Para quem é evidente? - É evidente para os séquitos que a encaram como seus objetivos individuais.

Para alguns torna-se evidente com o propósito de desistir, para outros com o propósito de obstruir, para outros com o propósito de praticar, para outros com o propósito de purificar, para outros com o propósito de rejeitar e adquirir, para outros com o propósito de si mesma. Alguns a vêem como um objeto a ser abandonado, alguns como um objeto a ser obstruído, alguns como um objeto de limpeza, alguns como um objeto de purificação, alguns como um objeto de rejeição e aquisição, alguns como um objetivo de reunir os séquitos

sob [sua] supremacia. Os séquitos que seguem o ensinamento da causalidade vêm dessa maneira.

Ó grande bodhisattva! Quanto ao Meu próprio ser, tornando-se evidente, Eu ensino com toda certeza o seguinte: Eu estou atuando você, que é a revelação do Meu próprio ser, e que surge como o seu próprio ser. Em virtude de sua própria natureza evidente, você conhecerá o seu próprio ser, você entenderá sua própria atuação, assim você ensina esta mensagem aos séquitos [receptivos ao ensino] da causalidade."

Assim Ela falou.

Então Dorje Sempa deu este sermão para os séquitos sobre causalidade:

"Ó, atendentes que deveriam ser instruídos sobre a causalidade, o professor do ensino, a Criadora de Tudo, fez tudo de uma maneira perfeita. A perfeição torna-se evidente; torna-se evidente como meu próprio ser. Portanto eu entendo que eu sou a própria natureza Dela. Entendo que eu sou a atuação Dela. Nada mais deve ser reconhecido como existente. Reconheço que Ela própria existe em todos.

Se você não se reconhece Ela como existente [em você] por não entender que Ela mesma está no mesmo objeto, por meio do qual você considera os objetos como grandes inimigos, então você não verá sua própria mente em sua Realidade (*chos nyid*) por mais de cem éons, porque abandonou seu próprio ser. Se você não vê a sua própria mente em sua Realidade, está prestes a abandonar sua própria [natureza de] perfeita pureza por até cem éons, e não obterá o gozo em não fazer nada (*bya med*). Mas se você não entende o objeto como seu próprio eu, você considerará o objeto como um inimigo por causa de suas condições. Essa visão obstrui sua própria natureza e, por cem éons, você não verá sua própria mente em sua Realidade. Se você não vê sua própria mente em sua Realidade, sua própria perfeita pureza será

obstruída por cem éons, e por causa disso você não obterá o grande gozo em não fazer nada. Por não entender o objeto como seu próprio eu, você considerará o objeto como um objeto de purificação. Assim, se você tentar purificar seu próprio ser, você será incapaz de ver sua própria mente em sua Realidade por até três grandes éons.

Não ver sua própria mente em sua Realidade é estar sem a confiança [para ver] sua própria mente sem a necessidade de purificação. Se você vir imundície no sujeito e objeto com relação aos objetos que são de perfeita pureza e simplicidade (*rang dag*), você tentará purificá-los através das três purificações, isto é, interior, exterior e mental, bem como através de banhos e [outras] purificações.

Por não ver sua mente em sua clareza, você é privado da clareza de sua própria mente. Por sete ciclos de vida você não verá sua própria mente em sua Realidade. Se você considera os objetos como [algo que é] aceito ou rejeitado, embora eles sejam de perfeita pureza onde aceitar e rejeitar não é [aplicável], você pratica aceitar e rejeitar em relação ao próprio auto-originado! Você exercita aceitação e rejeição em si mesmo! Por uma duração de três vidas, você não verá a não-dualidade de sua própria mente. Se você vê os objetos como algo que pode ser realizado através do esforço, embora eles sejam auto-aperfeiçoados, de pureza consumada, você irá apropriar e subjugar tudo por meio dos três *samâdhi* de bodhicitta. Como você deseja alcançar através do esforço o que é a perfeita pureza de sua própria [mente], onde o esforço não é [aplicável], você assumirá a forma de uma manifestação de júbilo no décimo sexto dia de cada mês, ou por uma duração de 1.106 anos, e você irá considerar [a prática de] perseverança em relação à sua própria mente auto-aperfeiçoada. Para aqueles de vocês que [tentam] realizar [a iluminação] através do esforço, não adianta considerar o que é evidente como sua própria mente em sua Realidade como causa e resultado. Mas para aqueles de vocês que são dotados da disposição kármica correta, ela se evidenciará em sua significância.

Assim Dorje Sempa falou.

Então a Soberana Criadora de Tudo deu esta instrução sagrada:

"Ó grande bodhisattva! A Realidade evidente é a sua própria mente. Aqueles que aderem ao veículo da causalidade não irão reconhecer sua própria mente evidenciando a Realidade. Portanto, por éons, eles permanecerão [em um estado de obstrução mental por causa do abandono de [tal insight]]. Por [pensar em] progredir [no caminho] através de purificações, eles permanecerão [no samsara] por três éons. Com purificações como banhos e outros rituais purificadores, eles passarão sete ciclos de vida e outros três [exercendo] bênçãos, e adquirindo e rejeitando. Desejando reunir os séquitos para si mesmos, eles passam 1.106 anos [para gerar] a visualização de manifestações de júbilo, e assim reconhecendo-a como sua própria mente. [Mas] quando eles ganharem o insight infalível (*rtogs pa*) eles obterão sem esforço o grande gozo.

Ó grande bodhisattva, ouça! Você deve compreender a Minha sagrada instrução, que é a da Criadora de Tudo, porque [essa instrução] é diferente do Mahâyâna [que ensina] a causalidade. Da mesma forma, você não deve ponderar sobre o sistema de causalidade porque, desde o primordial, tudo, da maneira como aparece, é um com a Realidade de sua própria mente. Compreendendo sua própria mente, sua perfeita pureza aparecerá como atuação. Embora [muitos] não entendam isso, aplicam termos individuais, como 'a aparência do convencional' ou 'a não-aparência do absoluto'. [Mas] absoluto ou convencional, estes não são dois, mas apenas uma verdade. Através de tais afirmações, se a verdade pura é ou não verdadeiramente existente, Eu também me torno obscura quando eles [tentam] definir o puro.

O desejo pela beatitude é uma doença de apego e por essa razão você realizará a beatitude [somente] não desejando isso. Ao realizar o sâdhana de Buda, você não perceberá o estado [búdico], mas será auto-aperfeiçoado permanecendo em seu próprio ser, ao qual não pode ser buscado. Contemple sem reflexão sobre o próprio ser que não pode ser buscado.

Eu não ensino que o Buda puro existe em palavras que reivindicam a definição (*bla dags*) da essência de 'Buda'. Quem quer que veja o Buda como existente não perceberá o Buda [que não é diferente] da dimensão da Realidade (*chos dbyings*), mas se [algumas pessoas] não teorizam sobre o Buda, elas reconhecerão sua própria mente como inativa (*bya med*). Se nenhum [referencial teórico] for aplicado, sua própria mente brilhará como [tem sido] desde o princípio. [Essa mente] na verdade não aparece, mas sua própria mente é toda abrangente. Essa aparência é a atuação da existência.

Para aqueles que seguem o veículo da causalidade, e que não pensam dessa maneira, a Realidade sem-ação de sua própria mente será obstruída devido a [suas preocupações] por abandonar obstáculos, purificação e as várias bênçãos. [É como alguém] que deixa as coisas em seu lugar, mas depois as procura à distância. Depois de abandonar o gozo em não fazer nada, eles se esforçam - não há fadiga além disso.

O samâdhi sem agitação (*ma yengs*) é um pilar de ligação [amarrando a mente ao invés de liberá-la]. Desde o começo o [próprio ser] está sem agitação ou perda. O grande veículo da causalidade, que é um ensinamento que necessita de interpretação (*drang ba'i lung*), é ensinado por impostores na esperança de um samâdhi imperturbável. Desde de o começo [o próprio ser] está sem agitação e sem perda; é o antídoto de todos os esforços e realizações, e que os destrói. Se Eu, a Criadora de Tudo, expusesse tal ensinamento aos séquitos, ensinando uma doutrina de causalidade, [significaria] exercer louvor e desprezo ao dizer que 'o resultado vem de causas'.

Aqueles que aderem a um samâdhi e um yoga na busca do estado búdico desistem do yoga genuíno (*ma bcos*) devido ao seu desejo por samâdhi. O equilíbrio genuíno é a totalidade da Realidade e, fora desta Realidade, não há Buda. Aplicar um nome ao Buda é [apenas] uma palavra (*bla dags*). O que se chama Realidade não é senão a própria mente, a própria mente genuína é explicada como manifestação da verdade. O que é genuíno é o que não nasce desde o primordial. A

essência do que não nasce é estar sem esforço e conquista. Tentar alcançar o [progresso espiritual] através do esforço não trará a realização imaculada.

Ó grande bodhisattva, ouça! Os professores, em seus três aspectos, como manifestação da verdade, júbilo e incorporação, os ensinamentos do único veículo, dos dois veículos e dos três veículos, foram trazidos por Mim, a Soberana Criadora de Tudo. Eu sou a origem da qual todos os professores emanam. Eles surgem dos três aspectos do Meu próprio ser.

A manifestação da verdade, não reflexiva e equilibrada, surge da Minha natureza, que é livre de sujeito e objeto, e se faz [para o bem] dos séquitos que não são conceituais, que não nascem e são alegres. O séquito da manifestação da verdade é indivisível, como é ensinado que está em equilíbrio e que não nasce. Isto é declarado como o [verdadeiro] dharma sem sobra (*lhag ma med pa'i chos*).

Como o meu próprio ser aparece em tudo, minha manifestação de júbilo surge como anfitriões de séquitos que desfrutam dos prazeres sensuais de uma [maneira purificada.] Assim, a atuação é aperfeiçoada quanto às visões e práticas doutrinárias. O que emana da Minha atuação lúdica (*rol pa*) não é o veículo comum.

A manifestação corpórea e os quatro séquitos operam o bem-estar de quaisquer estudantes que devam ser disciplinados por meio dessas manifestações corpóreas que surgem da Minha natureza compassiva. [Estas manifestações] também surgem como [Minha] compaixão de acordo com [o ensinamento] na causalidade.

Ó grande bodhisattva! Em suma, o que é chamado de instrução evidente é ensinado como Minha própria natureza. Isso é explicado como a instrução evidente. Como Eu, a Criadora de Tudo, é uma, os objetos perceptíveis aparecem em três aspectos, e deles surgem todas as coisas, como os Budas, os seres sencientes, o mundo animado e inanimado - tudo. Eu, a Criadora de Tudo, torna-se evidente [deste

modo]. Quem discerne que qualquer outra coisa exista além disso não vai me encontrar, a Criadora de Tudo, por uma duração de éons. Portanto, o Meu primeiro séquito, as três manifestações, são os séquitos [seguindo] o veículo da causalidade e da purificação gradual.

Ó grande bodhisattva! Eu sou essa evidência, não há outra evidência. Eu mesmo sou evidente, a própria mente é evidente, o infalível é evidente, a base é evidente e a talidade é evidente.

Ó grande bodhisattva! Minha natureza evidente evidencia os Budas dos cinco grandes [elementos]. É assim que os Budas dos cinco grandes [elementos] são. Minha atuação é evidente como essa Realidade por causa de tudo que aparece e existe como mundo animado e inanimado. É evidente em tudo o que existe. Por não precisar de nenhum feito, existe desde o começo como Buda. Como está além do esforço e alcance, é desde o início conhecido como grande. O que é conhecido como o Buda revelado é essa evidência do Meu próprio ser. Como se tornou o centro, o vigor central, é o eu de tudo. O grande eu é conhecido como o grande Buda (*bdag nyid chen po sangs rgyas che bar bshad*). Essa evidência que não nasce e não é conceitual é a dimensão da Realidade porque, desde o início, é livre de sujeito e objeto. Como não precisa de feitos, é o Buda desde o começo. Como não é necessário esforço e conquista, desde o início é conhecido como o grande. É conhecido como a dimensão da realidade e o grande Buda.

Eu sou certamente evidente. Símile, significado e investigação são ensinados como três aspectos. O céu é ensinado como um símile [dando] significado à Realidade. Certamente, aqueles que investigam a mente de perfeita pureza, e certamente aqueles que têm dúvidas, dirão que este é o Buda por meio de símile, significado e investigação. Essa talidade, Meu próprio ser, não aparecerá para ninguém, embora seja evidente. 'Isto' (*de*) é a natureza infalível, 'tali' (*bzhin*) é o próprio ser genuíno (*ma bcos*); 'dade' (*nyid*) é chamado de atuação em si mesma.

Não supervalorize a existência dos Budas nos três tempos em relação a talidade e o próprio ser como tal. Mas também não subestime a inexistência do mundo tríplice e de seus seres sencientes. Eu não explico a grandeza inexistente do Buda porque aqueles que aplicam o pensamento analítico e discursivo não serão capazes de compreendê-lo."

Assim Ela falou.

*~ Este é o décimo quinto capítulo de A Soberana Criadora de Tudo, Mente de Perfeita Pureza, no qual a evidência quanto aos três aspectos de Seu próprio ser é explicada.*

Então a Soberana Criadora de Tudo, mente de perfeita pureza, deu esta sagrada instrução para Dorje Sempa:

"Ó grande Dorje Sempa, ouça! Desde o começo, Eu, a Soberana Criadora de Tudo, criei os professores, os ensinamentos, os séquitos e o tempo [apropriado para a instrução deles], mas também criei o professor dos professores. Os ensinamentos são ensinados como Meu próprio ser. Também os séquitos emanaram da Minha atuação, e o tempo e o lugar como Meu próprio ser são, deste modo, ensinados como Meu próprio ser, ou seja, a Criadora de Tudo. Além disso, Eu não ensinei uma única questão que não seja a Mim mesma.

Também seu eu, ó grande Dorje Sempa, é ensinado como o Meu próprio ser, ou seja, a Criadora de Tudo. Portanto, você também veio de Mim e por Mim. Contemple-Me, a Criadora de Tudo, como o núcleo de todas as coisas. Eu, a Criadora de Tudo, sou [aquela que tem tudo] perfeitamente criado, desse modo, não ensino [aos séquitos] que algo precisa ser feito. Se Eu ensinasse aos séquitos que algo ainda precisa ser feito, eles seriam afligidos por uma doença de esforço, e um dano ocorreria em negar a consciência prístina auto-originada. Haveria um dano causado por alterar (*'chos pa*) a mente de perfeita pureza. Haveria um dano quanto à alteração da talidade. Tal dano será contrário às boas qualidades. Se mentiras estragam a verdade com o engano, então não se pode alcançar o que não se faz, porque [a mente de perfeita pureza] está livre do esforço.

Você, ó Dorje Sempa, deveria Me conhecer, a Criadora de Tudo! Todas as coisas que Eu criei são desde o começo a consciência e a talidade imaculadas. As três [manifestações do] professor são Minha consciência prístina auto-originada. Os três ensinamentos são a minha talidade em si. Além disso, todos os séquitos, da mesma forma que você, Dorje Sempa, são aperfeiçoadas como são o tempo e o lugar,

que é tudo o que Eu sou, a Soberana Criadora de Tudo, mente de perfeita pureza.

Assim Ela falou.

*~ Este é o décimo sexto capítulo de A Soberana Criadora de Tudo, Mente de Perfeita Pureza, em que uma instrução é dada à Dorje Sempa.*

Então a Soberana Criadora de Tudo, mente de perfeita pureza, falou sobre como sustentar as relíquias e ossos de Suas próprias manifestações.

"Ó grande bodhisattva, entenda isso! Se alguém sempre sustenta as relíquias e os ossos, deve-se dizer que ele é igual ao progenitor do Vitorioso (*jina*), que é para Mim, a Criadora de Tudo."

Assim Ela falou.

Dorje Sempa dirigiu esta questão a Ela:

"Ó progenitor de todos os Budas dos três tempos, professor dos professores, Soberana Criadora de Tudo! Alguém que sempre sustenta as relíquias e os ossos, como essa pessoa deve entender a 'manifestação', de que Vitorioso e de que manifestação? Que ossos de que Buda e quais relíquias?"

[A Soberana Criadora de Tudo:]

"Ouça, ó grande bodhisattva! Estas manifestações são Meus filhos, as manifestações dos três Vitoriosos. Minha mente é conhecida como 'ossos', presente nos Vitoriosos dos três tempos. Se alguém sustenta esses seres como eternos e atemporais, eles são a base para a adoração de todos os Budas dos três tempos. Isso é conhecido como ossos e relíquias das manifestações."

[Dorje Sempa:]

"Ó professor dos professores, Soberana Criadora de Tudo! Embora os ossos e as relíquias das manifestações estejam de tal maneira bem explicados, então [diga-me] como alguém venera os Budas dos três tempos? Quais são as boas qualidades [adquiridas] através desta

adoração?"

Assim ele perguntou.

[A Soberana Criadora de Tudo:]

"Ó grande bodhisattva, ouça! Os ossos e relíquias das Minhas manifestações devem ser veneradas por contemplar constantemente a mente como os Budas dos três tempos! Você não será divorciado de suas boas qualidades, mas as ganhará, e depois vai se tornar poderoso como a Soberana Criadora de Tudo"

Assim Ela falou.

*~ Este é o décimo sétimo capítulo de A Soberana Criadora de Tudo, Mente de Perfeita Pureza, no qual [a explicação dos] ossos das manifestações é dada.*

Então a Soberana Criadora de Tudo, mente de perfeita pureza, proclamou que a Realidade de todas as coisas é "Eu mesmo":

"Ó grande bodhisattva, ouça! A totalidade do que aparece e existe como animado e inanimado aparece como uma aparição da Minha atuação. O puro é puro na dimensão da Realidade. Os vários ensinamentos sobre as características da disciplina e a origem das várias formas das três manifestações são ensinados como a essência dos três veículos, o que forma o conteúdo dos seguidores [dos veículos] da causalidade.

Por não depender de objetos passados, [os praticantes de Atiyoga] não desejarão o resultado nem a conclusão da causa. Através de uma atitude livre de desejos, [eles entenderão que] a natureza é auto-aperfeiçoada. Desde o primordial é assim, e não há necessidade de certas atividades, da mesma forma que a essência é imperturbável e, portanto, não precisa ser alcançada. Como a natureza de todas as coisas é auto-aperfeiçoada, não há instruções dadas para alcançar qualquer coisa pela labuta, mesmo que alguns afirmem que realizaram os Budas dos três tempos. Se alguns buscam o que é procurado pela meditação, então este é um ponto crucial em uma meditação que não alcança nada.

Ó grande bodhisattva! Embora todos os professores, além de Mim, percebam quaisquer objetos perceptíveis que existam, tais como as várias ações e feitos, os estágios da contemplação analítica (*bsarn pa'i ting 'dzin*), e várias luzes irradiando, [o fato é que] a realidade (*ji bzhin pa*) é imperturbável. Não pode ser alcançada através de atos e feitos. A contemplação analítica diminuirá, as luzes radiantes se acalmarão, não haverá visão de qualquer objeto de percepção. Desse modo, não há nenhuma atividade de esforço.

Ó, grande bodhisattva, o ensinamento de alcançar através da labuta pelos objetivos [do caminho espiritual] é ensinado para os seguidores do veículo da causalidade. Entretanto, com relação à Realidade [como ensinada] pelo Mahâyâna [que afirma] causa e resultado, [deve-se saber que] ela divide as coisas e sua realidade em duas [categorias]. Mas não há instrução a ser obtida e nenhuma Realidade a ser buscada através de [categorizar] as coisas [de tal forma]."

Assim Ela falou.

*~ Este é o décimo oitavo capítulo de A Mente Soberana Criadora de Tudo, Mente de Perfeita Pureza, em que [é explicado] que não há conquista por meio de esforço.*

Então a Soberana Criadora de Tudo, mente de perfeita pureza, proclamou o capítulo sobre a realização através do não-esforço:

"Ó grande bodhisattva, ouça! As três manifestações do professor, emanando de Mim, ensinaram os ensinamentos dos três veículos. Os três professores não ensinam o conhecimento do não-esforço, mas Eu, a Criadora de Tudo, ensino o único veículo, e não exponho uma instrução da realização pelo esforço."

Ó grande bodhisattva, ouça! Da Soberana Criadora de Tudo, mente de perfeita pureza, de Minha natureza, surge a natureza espontaneamente auto-aperfeiçoada, livre de esforço. Este é o vigor central das manifestações dos três Vitoriosos. Meu próprio ser é realizado como a manifestação perfeita e genuína da verdade. Minha atuação é aperfeiçoada como a genuína manifestação da alegria. Minha compaixão é evidente como manifestação corpórea. Não há como ensinar sobre um resultado alcançado através do esforço."

Assim Ela falou.

"Ó grande bodhisattva, ouça! As três manifestações são envolvidas por Mim, a Criadora de Tudo. Todas as coisas que aparecem exatamente como são, ou seja, [Meu] próprio ser, [Minha] atuação e [Minha] genuína compaixão, são ensinadas como as três formas de manifestação do professor como Minha talidade. Além de Mim e da Minha talidade, não há nem mesmo louvor pelas boas qualidades do que é chamado "Buda", e não há nenhum desprezo pelas faltas do que é chamado "seres sencientes". Não há nada além de permanecer exatamente assim em equilíbrio, sem pensamento conceitual.

Os Budas não receberam nenhuma instrução além desta de Mim, a Criadora de Tudo. Nem mesmo Eu, a Soberana Criadora de Tudo, tenho um traço de um ensinamento sobre talidade, equilíbrio,

liberdade de pensamento conceitual em Mim mesma ou por Mim mesma."

Assim Ela falou.

*~ Este é o décimo nono capítulo de A Soberana Criadora de Tudo, Mente de Perfeita Pureza, no qual [é explicada] a auto-perfeição através do não-esforço.*

Então a Soberana Criadora de Tudo, mente de perfeita pureza, falou sobre a origem de todas as coisas vindo de Si mesma:

"Ó Dorje, quem abrange todas as coisas, ouça! Eu, a Soberana Criadora de Tudo, mente de perfeita pureza, sou o vigor central de todas as coisas. Eu sou a semente de todas as coisas. Eu também sou a causa de todas as coisas. Eu sou o fundamento (*gzhi ma*) de todas as coisas, Eu sou a raiz de todas as coisas.

Eu sou chamada de vigor central porque todas as coisas, que aparecem exatamente como são, são permeadas [por Mim]. Eu sou a semente porque todas as coisas existentes, que aparecem do jeito que são, nascem de Mim. Eu sou a causa porque todas as coisas, que aparecem do jeito que são, surgem [de Mim]. Eu sou o caule porque todas as coisas que aparecem assim, se ramificam [de Mim]. Eu sou a base porque todas as coisas que aparecem assim, permanecem [em Mim]. Eu sou dita ser raiz porque todas as coisas que aparecem assim, são Eu mesma.

Ó grande bodhisattva, ouça! Eu, a Soberana Criadora de Tudo, mente de perfeita pureza, ensino que as três manifestações vêm dos três aspectos da Minha genuína natureza apenas como designações. Certamente, os professores em suas três manifestações não se afastam da talidade. Apenas por designação [é dito] que as manifestações da verdade que não nascem vêm de Mim, a Criadora de Tudo, mente de perfeita pureza, que está livre de sujeito e objeto, e que [consequentemente] não nasce. Certamente, como "manifestação da verdade" é uma mera designação, ela não se afasta da talidade.

Eu, a Criadora de Tudo, mente de perfeita pureza, sou evidente como a atuação mas somente como mera designação. Como "manifestação de júbilo perfeito" é uma mera designação, a manifestação do júbilo não se afasta da talidade. Eu, a Criadora de Tudo, mente de perfeita

pureza, sou evidente em minha compaixão como a manifestação corpórea. A manifestação corpórea surge apenas pela mera designação da [Minha] compaixão e do próprio ser genuíno. Certamente, também esta manifestação corpórea não se afasta da talidade. As três manifestações não se afastam da natureza da talidade.

Da mesma forma, o dharma ensinado pelas três manifestações, e os séquitos reunidos em torno das três manifestações, não se afastam da totalidade das coisas. Aqueles que definem a Realidade imperturbável como causa e resultado exercitam a realização através do esforço, e assim estão errados enquanto desejam causa e resultado, e estão longe de transcender a causa e resultado, que na verdade foram feitos por Mim, a Criadora de Tudo."

Assim Ela falou.

"Ó grande bodhisattva, ouça! O professor em suas três manifestações, originam-se de Mim, os Budas dos três tempos, originam-se de Mim, os séquitos, lugar e tempo, etc. também se originaram de Mim - se todas estas coisas são Eu, a mente de perfeita pureza, então você não deve investigá-los através da investigação, ó Dorje Sempa.

Eu sou do primordial, a Criadora de Tudo, mente de perfeita pureza, e também tudo o que eu criei é a mente de perfeita pureza. Meu próprio ser é desde o primordial totalmente puro. É perfeito porque desde o primordial abrange tudo o que existe através de Mim. É do primordial a própria mente, porque Meu próprio ser é luminoso (*gsal ba*). Meu próprio ser como o céu, a mente de perfeita pureza, que existe desde o primordial, [cria] o mundo como uma ilusão, tal como [é dito que consiste] de partículas momentâneas.

Os professores em suas três manifestações e os Budas dos três tempos optam por um método para disciplinar os séquitos, filhos ou sobrinhos, e dão instruções sobre a verdade sem erro: eles estão ensinando como a mente de perfeita pureza e a Criadora de Tudo como a origem de todos é como o céu ".

Assim Ela falou.

*~ Este é o vigésimo capítulo de A Soberana Criadora de Tudo, Mente de Perfeita Pureza, no qual é explicada a mente de perfeita pureza, a Criadora de Tudo, como origem de todas as coisas.*

Então a Soberana Criadora de Tudo, mente de perfeita pureza, proclamou estas palavras que vêm de Si mesma porque [Ela] é a soberana e a origem de todos os ensinamentos de Buda:

"Ó, grande bodhisattva Dorje, ouça! Por ser a Soberana que fez todas as coisas, eu sou pai e mãe dos professores em suas três manifestações, e o progenitor de todos os Budas dos três tempos. Eu estou iluminando (*sgron maeded*) os professores dos séquitos, assim como o lugar e o tempo. Os professores em suas três manifestações emanaram de Mim, a Criadora de Tudo, dos três aspectos de Minha natureza. Devido às três maneiras de explicar [exercitadas] pelas três manifestações, o dharma também é explicado de três maneiras, o que também é explicado por Mim, a Criadora de Tudo.

Como a minha natureza, ou seja, a da Soberana Criadora de Tudo, sobressai no que se refere à dignidade de todos os professores, estou ensinando a fonte de afirmações precisas sem erro (*nges pa'i gtan tshig*) através de cinco sistemas de explicação que fornecem a essência dessas declarações.

Ó grande bodhisattva! Eu sou a Soberana Criadora de Tudo, mente de perfeita pureza. Essa mente de perfeita pureza é do primordial perfeito e grandioso. A grande perfeição (*rdzogs chen*) transcende a causalidade desde o primordial. Dois sistemas diferentes de explicação são ensinados: [um é] ensinado como a explicação da transcendência de causa e resultado, e [o outro é] o sistema de explicação que deriva dos mestres em suas três manifestações que emanam da natureza da Soberana Criadora de Tudo, mente de perfeita pureza.

Agora o sistema de explicação da Soberana Criadora de Tudo, mente de perfeita pureza: Como a mente de perfeita pureza está além da causa e resultado, a essência das declarações precisas é dada em cinco

sistemas de explicação.

Os três sistemas de explicação [afiliados] aos professores em suas três manifestações: entre os cinco aspectos da perfeição, a manifestação da verdade é explicada através de bênçãos, a [manifestação] do júbilo perfeito é ensinada através de sua própria atuação, a manifestação corpórea é afiliada com as expressões verbais de significado. Estes são os três sistemas de explicação das três manifestações dos professores. Os três aspectos da Minha natureza constituem sistemas de explicação [individuais]. Eu, a Criadora de Tudo, estou além da causalidade. E por estar além da causalidade, estou além do escopo da atividade sensorial. A mente de perfeita pureza, Realidade, transcende tudo. A mente de perfeita pureza é o vigor central de tudo. Como é o vigor central, também é ensinada sendo a fonte da confiança. A mente de perfeita pureza é a raiz de todas as coisas; é a raiz que abrange a essência de todas as coisas. A mente de perfeita pureza supera tudo em dignidade e, por causa dessa excelência em dignidade, é distinta dos outros veículos.

Entender a mente de perfeita pureza [é entender] a Realidade como a totalidade dos Budas. Por essa razão, estou ensinando [esse conhecimento] para o benefício dos talentosos. A natureza da mente não pode ser expressa em palavras. A natureza inexplicável da mente não aparece. Por esta razão, se Eu dissesse que por causa de seu desaparecimento, não pode ser apontada, todos [os séquitos] não enxergariam sua própria mente, mas se engajariam em alcançá-la através do esforço. Por esta razão, Eu explico o seu (ou seja, a natureza da mente) significado em palavras, embora seja inexplicável. Portanto, através dos cinco sistemas de explicação pertinentes à essência das declarações, o significado de Soberana Criadora de Tudo, mente de perfeita pureza, foi firmado de maneira correta e sem erro. Como não há causa nem resultado, foi firmado [deste modo].

Como tudo é a mente de perfeita pureza, a confiança é estabelecida. Por causa da existência da mente de perfeita pureza, a confiança existe desde o primordial. Como não há esforço direcionado para a mente,

se está confiante. Como não há esforço, [os praticantes] confiam no primordial. Por esta razão, eles permanecem em grande êxtase, [que não pode] ser alcançado através do esforço. Deste modo, eles permanecem na Minha natureza, ou seja, na da Criadora de Tudo. Não há outro Buda além de Mim, a Criadora de Tudo."

Assim Ela falou.

*~ Este é o vigésimo primeiro capítulo de A Soberana Criadora de Tudo, Mente de Perfeita Pureza, no qual são tratados os sistemas de explicação das declarações firmes.*

Então a Soberana Criadora de Tudo, mente de perfeita pureza, proclamou esta grande origem do ensinamento da não-ação (*bya med*) da perfeição, a fim de colocar a mente em [um estado de] equilíbrio.

"Ó grande bodhisattva Dorje, ouça! Quanto aos objetos inativos, que são inexistentes como o céu, [alguns afirmam] que eles surgem como parte de promessas [prévias] de objetos sutis, isto é, o caminho do dharma, enquanto [essas pessoas] não entendem que os objetos que eles percebem não existem. Como a investigação e a meditação são particularmente sem sentido [para realizar] a manifestação da verdade, [o seguidor do Atiyoga] permanece indiferente, e não investiga de forma alguma a consciência prístina auto-originada. Buscar o objetivo essencial por meio da religião e de suas ramificações, é desfrutar disso através de um método que não implica qualquer entendimento, pois não há remédio para curar o inexistente, ou seja, o objetivo da não-ação. Fora do surgimento do próprio ser do vigor central, não há outra manifestação da verdade. Por dissecar um átomo, uma parte permanecerá totalmente livre de [estar orientada para] as direções cardeais. A boa consciência, que é inexistente, ainda assim intencional (*don nyid*), origina-se por si mesma. Você alcançará a maestria do equilíbrio depois de entrar neste caminho puro no que diz respeito à ampla essência que de forma alguma reconhece imediatamente as coisas. Não há lugar para se apegar porque nada está se tornando, e nada se tornou. Da mesma forma, não há lugar para a mente entender o que não é um objeto. Se alguém deseja obter resultados [manifestos], sempre irá refletir sobre suas causas, [mas] não se dará conta do intuito do equilíbrio por estar felizmente apegado à meditação.

Como a única manifestação (isto é, o *dharmakâya*) abrange tudo, não há coisas que devam ser aumentadas. Como o destino (ou seja, o nirvana) não pode ser alcançado, a dimensão da Realidade não conhece perdas. Como as coisas habitam no prazer (*rol*), não há lugar para abaixar ou elevar. Quanto ao objetivo da auto-originação, tudo está

equilibrado exatamente como é.

O olho que vê o não-objeto, vê a maravilha. Quem se separar do que ouve e do que as pessoas falam, permanecerá em um estado de união com as coisas e com a Realidade, e serão inseparáveis delas. Não há explicação além de chamá-la de realidade suprema (*don dam chos*). Se você deliberar se o caminho de perfeita pureza é ou não errado, não perceberá isso. Além disso, a consciência prístina auto-originada é livre das limitações da palavra. Quanto à aparente existência do verdadeiro eu e do eterno Buda, você deve entendê-lo como o símile do corpo e sua sombra. A essência em negar a negação e a não-negação repousa na questão da vaziez que é vazia e não vazia [ao mesmo tempo]. [Essa noção] nasce como um reconhecimento do que surge do próprio ser do céu. Você receberá a inatividade por não desejar o contentamento em capturá-la. Essa consciência está prestes a surgir do que não é um objeto de prazer. De fato, você será inteiramente engolido pelo sofrimento devido à busca [espiritual] por colocar seu coração no apego aos sábios de outrora.

Aqueles que, motivados pelo desejo de entrar neste caminho para a natureza de si mesmos, constantemente meditam sobre a noção de como o onisciente é, e estão doentes de apego devido ao seu anseio pelo grande gozo. Se eles não aplicam a grande medicina em permanecer na quietude, a causa para proceder aos reinos celestes será tomada pelo obscurecimento (*klesha*). É uma grande doença entrar em um caminho que é não é um caminho. Aqueles que desejam prosseguir são como um cervo perseguindo uma miragem. [Permanecer na quietude] não é um objeto de ganho, nem surge do mundo tríplice. Um estado em que eles contemplam os dez estágios do bodhisattva (*bhûmi*) é um obscurecimento da perfeita pureza.

A consciência verdadeiramente perspicaz é livre de todo pensamento, como uma jóia preciosa que surge em meio a amigos espirituais. Aqueles que não estão fixados em uma questão que é imperceptível e imutável, essas pessoas terão cumprido todas as suas esperanças devido ao seu próprio ser. [Tal consciência] irá surgir em sua grandeza

se eles contemplarem o que não pode ser investigado. Para todos, é um professor das diferentes formas de paixão, que não aparece materialmente; é um mestre livre de [conceitos como] a si mesmo e outros - um tesouro de jóias. Ensina a compaixão altruísta que é conhecida como o objetivo de toda conquista. Não se move em seu [ser] interior nem há espaço para procurá-lo em seu [ser] interior. É imperceptível para aqueles que aceitam os votos do [bodhisattva] cujo objetivo é o apego aos objetos externos.

É a compaixão altruísta que não pode ser penetrada nem pode surgir. Ela existe desde o primordial e para todo o tempo futuro; não há outra jóia [senão esta]. Desejando esta beatitude, eles virarão as costas para essa beatitude. Ser tomado pela beatitude significa buscar a beatitude por meio da beatitude. Ter sede do gosto do dharma é errar com base na perfeita pureza.

Da mesma forma, nenhum sujeito como o Buda pode ser visto. Como não há Buda, não há nome 'Buda' a ser dado. É um erro [presumir] que o professor tenha o nome de 'Buda'. Este é um caminho errado, uma vez que aspira a alcançar o estado de Buda através de outra coisa.

Não há o menor traço de um ensinamento de que todas as coisas não têm forma. [Essa consciência prístina e auto-originada] é calma e livre de apego; não é uma coisa e é totalmente livre (*rnam par spong*), porque sua natureza é o grande néctar, mas não há sensação como um meio de apreciá-la. É ampla (*yangs*), grandiosa, o grande dharma. É o antídoto para toda pequenez. Se eles fizerem iguais as partes do que percebem como grande, eles serão libertados dos conceitos de pequeno e grande.

O ensino, a extensão, a percepção e a aparência são como cenas [criadas por] um mago. Tais coisas surgem porque a consciência é confundida [por conceitos como] emergindo e entrando. É superior a todos os veículos. Deixe-o ir, deixe-o repousar - é a natureza que não pode ser cobiçada, nem pode ser obtida. Não há um traço de ansiedade, é como a grande águia voando no céu. Não conhece

expansão nem contração. Não há necessidade de temer que se perca nem que possa ser consumido. Como o oceano, faz as várias coisas surgirem do primordial. As limitações de suas qualidades são como as do céu. O lugar de sua contração não é determinado. Surge como o grande rei do samâdhi de uma só vez do vigor central de perfeita pureza. Sua aparência é como o grande oceano. Ele se expande como os limites incognoscíveis do céu: não existem tais coisas como nascimento e morte, pois é o reino da percepção sensorial de Todo o Bem (Samantabhadra).

É explicado que, através do louvor, os doze membros de causas e condições estão ligados. Mas o sábio deve saber que isso é apenas uma entrada para a ilusão. A aparência das seis categorias de seres sencientes deve primeiro ser conhecida como caminho. Aqueles que, na busca de desejos, estão saturados de compaixão, podem buscar a perfeita pureza por qualquer coisa que quiserem. Açogueiros, prostitutas, ofensores dos cinco pecados ilimitados e pecadores ocultos são abandonados pelo mundo. Mas o totalmente aperfeiçoado, devido ao mel do dharma, [sabe que esses atos] não são diferentes do grande gozo. Desta forma, eles verão o rendimento de todas as coisas, por causa da natureza delas. [Afirmar] que a Realidade é dependente dos outros é como [uma pessoa] buscando a Realidade por meio das coisas, ou o céu por meio do céu, como alguém que extingue o fogo com fogo - essas [proezas] são difíceis de serem cumpridas. A essência imperceptível não está oculta para o fluxo mental de todas as criaturas. Aqueles que vivem de acordo com a perfeita pureza, a qual eles não se apropriam, habitam inteiramente em seu próprio ser."

Assim Ela falou.

*~ Este é o vigésimo segundo capítulo de Os Dez Ensinamentos sobre a Perfeição Sem Atividade, no qual os não-objetos inexistentes são tratados.*

Em seguida, a Soberana Criadora de Tudo, mente de perfeita pureza, deu este discurso sobre o que não é um objeto de visões doutrinárias.

"Ó grande bodhisattva, ouça! Como todas as coisas existentes são a própria mente de perfeita pureza, conseqüentemente nenhum objeto de visões doutrinárias é dado. Aqueles de pensamento não-conceitual (*mi rtog pa*) terão uma atitude mental igual ao céu - isto é, estar em equilíbrio. Yoga significa fazer isso. Aqueles que não refletem sobre o que aparece às cinco faculdades sensoriais em termos de serem auto-iluminantes (*rang gsal*), também têm uma atitude mental igual ao céu. Esses praticantes do yoga habitam em talidade. Aqueles que especulam sobre o significado de palavras e letras, eles também habitam em uma atitude mental [igual ao] céu [devido ao] equilíbrio não-especulativo ou talidade. O ponto principal de não pensar (*bsam du med pa*) é o de permanecer a partir do primordial em um [estado] como o céu."

Assim Ela falou.

*~ Este é o vigésimo terceiro capítulo de Os Dez Ensinamentos sobre a Perfeição Sem Ação, no qual se explica o pensamento que é como o céu ao qual não é objeto de visões doutrinárias.*

Então, a Soberana Criadora de Tudo, mente de perfeita pureza, ensinou o capítulo dos caminhos da permanência, que é o selo do conhecimento da perfeição sem atividade (*bya med rdzogs pa'i lung*).

"Ó grande bodhisattva! O ensinamento sobre como a mente em si, Todo o Bem (*Kuntu bzangpo*, Samantabhadra) é a permanência. Quando você apenas permanece na mente de perfeita pureza, você permanece no vigor central de todas as coisas. Tal conhecimento é a Soberana Criadora de Tudo. A Soberana Criadora de tudo não tem um devir, por meio disso, ela é ensinada como ser sem se tornar.

Quando você apenas permanece na manifestação da verdade, você permanecerá em um estado livre de conceituar sujeito e objeto. Estar livre de [conceituar] sujeito e objeto, é ser sem se tornar.

Quando você apenas permanece na manifestação do júbilo perfeito, você permanecerá na perfeita saturação dos desejos por ser dotado dos prazeres que surgem dos cinco objetos sensoriais.

Quando você apenas permanece na manifestação corpórea, você permanecerá no cumprimento de todas as necessidades por ser incorporado em qualquer [forma] que seja requerida de acordo com o tempo para disciplinar e por quem.

Você permanecerá sem devir nos três tempos. Essa é a característica do céu, o selo de todas as coisas. A característica do céu é a talidade. A característica das três manifestações é permanecer exatamente como são, ou seja, permanecer na essência de tudo. Todas as coisas existentes são genuínas, exatamente como são. [Entre] todos que querem a realização esforçando-se, não há ninguém que chegou [a essa meta] através do progresso prévio [no caminho]. Não há quem tenha recebido [o resultado] pelo que fez no passado. Não há ninguém que alcançou [o que ele ou ela havia aspirado] no passado através da luta

por conquistas. Como não há devir, tudo é exatamente como é."

Assim Ela Falou.

*~ Este é o vigésimo quarto capítulo, [tirado de] Os Dez Ensinamentos sobre a Perfeição Sem Ação, no qual uma instrução é dada sobre a perfeição sem ação, o selo do não-devir.*

Então a Soberana Criadora de Tudo, mente de perfeita pureza, deu uma explicação sobre a própria mente sendo o professor para os seres sencientes no mundo tríplice.

"Ó vocês, seres sencientes do mundo tríplice! Se Eu ensinasse que isso, a sua própria mente de perfeita pureza, é o professor durante 100.000 éons (*kalpa*), você não será capaz de ver sua própria mente como o professor. Por essa razão, Eu, a Soberana Criadora de Tudo, tornei-me presente em sua mente como o professor.

Ouçã este conhecimento da própria mente [sendo] o professor! Eu, a Soberana Criadora de Tudo, sou a causa de tudo, e da mente de perfeita pureza saem os cinco grandes elementos como a atuação da mente, e deles saem os cinco professores como a mente de perfeita pureza.

A manifestação é ensinada como a manifestação do júbilo perfeito; a "verdade" (*dharma*) é explicada através da atuação da própria natureza, e o "professor" é declarado como sua própria natureza. Os professores, em suas manifestações de perfeito júbilo, ensinam a não especular sobre o próprio pensamento, nem especular sobre outras questões doutrinárias. Os cinco professores da mente de perfeita pureza ensinam da mesma forma que tudo é Realidade.

A consciência prístina (*ye shes*) da mente de perfeita pureza, surgindo como professores na manifestação [do elemento] 'terra' não ensinam palavras ou letras, mas ensinam [através] de sua própria natureza, de modo que não se especula sobre eu e outro. Eles ensinam um pensamento não-especulativo de equilíbrio. Todos os seres sencientes deste mundo tríplice, compreendendo isso, são iguais ao Buda. Eles conquistarão através do não-esforço a Realidade que [outros] zelosamente buscam.

A consciência prístina da mente de perfeita pureza, surgindo como

professores na manifestação do [elemento] 'água', não ensina palavras ou letras, mas ensinam através da própria atuação, de modo que não se especula sobre eu e outro. Eles ensinam um pensamento não-especulativo de equilíbrio. Todos os seres sencientes do mundo tríplice, compreendendo isso, são iguais ao Buda. Eles conseguirão através do não-esforço a Realidade que [outros] zelosamente buscam.

A consciência prístina da mente de perfeita pureza, surgindo como professores na manifestação do [elemento] 'fogo', não ensinam palavras ou letras, mas ensinam esta sabedoria através de sua atuação, de modo que não se especula sobre eu e outro. Eles ensinam um pensamento não-especulativo de equilíbrio. Todos os seres sencientes do mundo tríplice, compreendendo isso, são iguais ao Buda. Eles conseguirão através do não-esforço a Realidade que [outros] zelosamente buscam.

A consciência prístina da mente de perfeita pureza, surgindo como professores na manifestação do [elemento] 'vento', não ensina palavras ou letras, mas ensina essa sabedoria através de sua atuação, de modo que não se especula sobre eu e outro como [duas] entidades diferentes. Eles ensinam um pensamento não-especulativo de equilíbrio. Todos os seres sencientes do mundo tríplice, compreendendo isso, são iguais ao Buda. Eles conseguirão através do não-esforço a Realidade que [outros] zelosamente buscam.

A consciência prístina da mente de perfeita pureza, surgindo como professores na manifestação do [elemento] 'céu', não ensina palavras ou letras, mas ensina essa sabedoria através de sua atuação, de modo que não se especula sobre eu e outro como [duas] entidades diferentes. Eles ensinam um pensamento de não-diferenciação. Todos os seres sencientes do mundo tríplice serão instruídos neste conhecimento por sua própria atuação por causa dessas evidências (ou seja, os elementos). Desta forma, eles irão entender tudo.

Ó, todos vocês, seres sencientes deste mundo tríplice! Porque Eu, a Soberana Criadora de Tudo, criei você, vocês são Meus filhos e igual

a Mim. Como você não é secundário a Mim, Eu estou presente em você. Os cinco professores relacionados à Minha atuação ensinam que os cinco aspectos da [Minha] natureza são apenas um. Como este um é Eu, a Criadora de Tudo, conseqüentemente, você deve ter confiança [nesta verdade].

Ó, todos os seres sencientes deste mundo tríplice, se Eu não fosse, você não existiria. Se houvesse um tempo em que você não existisse, os cinco professores não surgiriam. Também o conhecimento não-especulativo não seria ensinado."

Assim Ela falou.

*Este é o vigésimo quinto capítulo de Os Dez Ensinamentos sobre a Perfeição Sem Ação, no qual o surgimento da própria mente como professor [é inquirido].*

Então a Soberana Criadora de Tudo, mente de perfeita pureza, deu a garantia de que o que não nasce, a mente de perfeita pureza, [aparecerá] como professor, como um sinal do professor originário dos cinco grandes elementos que emergem da mente.

"Ó grande bodhisattva, ouça! A mente de perfeita pureza, que está além do pensamento e é inexplicável, é muito louvada pelos outros quando se tornou uma lâmpada para os professores. Como se tornou o vigor central de todas as coisas, é o próprio Manjushrî. Ela habita no gozo auto-aperfeiçoado e sem atividade, que se tornou a base de um oceano de práticas religiosas diversas, como a moral, etc., e é ensinada como o caminho de qualquer forma de libertação. Ela se tornou a mãe do *tathâgata*, e também o caminho de todos os [*tathâgatas*].

Se [essa mente de perfeita pureza] não fosse, nada se originaria, portanto Eu sou o melhor caminho de libertação. É um caminho, sutil e difícil de entender, que não é especulativo e além do pensamento. É inexistente (*mi gnas*), imperceptível e não-conceitual (*spros med*), é livre de todo pensamento. Não pode ser capturado por palavras, livre de forma e cor, não é um objeto das faculdades dos sentidos. É firme, difícil de compreender e totalmente inexplicável.

Aqueles que entram no caminho dos sábios anteriores serão pegos por uma doença, que é um caminho ligado à meditação. Quando eles consideram que esse caminho leva à meta de acordo com a palavra de Buda, eles estão seguindo uma sequência de especulações e são semelhantes àqueles que buscam uma miragem.

O caminho verdadeiramente puro não pode ser apontado em palavras. Ensiná-lo como o verdadeiramente puro em si mesmo Me torna obscurecida: o puro e o impuro não são duas [entidades diferentes], mas como uma amálgama. Além disso, a consciência pura e a ignorância não devem ser distinguidas. Deve-se estar livre de todos

esses pensamentos, pois [a Soberana Criadora de Tudo] é como uma lâmpada que ilumina desde o primordial. [A mente inexplicável de perfeita pureza que transcende todo pensamento] permanece como o mestre da meditação [coberto pela] névoa do ser imperturbável pela sua própria natureza. É o olho que vê diretamente, mas não vê devido à visão direta. Por isso, é chamado o olho do onisciente. É um conhecimento natural, amplo e sem fronteiras ou um centro. Ele permanece como o domínio do equilíbrio que nem adquire nem rejeita. É como uma amálgama pelo qual a mente e sua herança kármica (*bag chags*) não são duas [entidades diferentes]. Todas as coisas existentes que são percebidas devido à percepção, não são nem rejeitadas nem abandonadas, pois elas aparecem como um embelezamento Dela mesma. Você se alegra nelas devido a um método de pensamento nulo. A pessoa alcança o domínio do equilíbrio residindo neste caminho verdadeiramente puro dos cinco obscurecimentos (*klesha*) e das cinco ofensas ilimitadas - coisas que são abandonadas por todos porque estão em desacordo.

Não se deve desistir de tudo como mulheres, etc. Quando se coloca os dois significados da transmissão (*lo rgyus*) em uma cognição válida (*tshad ma'i blo*), se prossegue em direção à meta de conquistas após estabilizar os três samâdhi. Isso é chamado de desvio do conhecimento do não-esforço e obscurece [a mente]. [Essa mente de perfeita pureza] habita no gozo da auto-perfeição, que é totalmente aperfeiçoado e sem mácula. Este é o vigor central da grande consciência prístina auto-originada, livre de todas as designações, imperturbável e imutável. Ele superou o mal de se esforçar com o néctar de ter alcançado a perfeição eterna (*zin pa*). Ele habita desse modo nos objetos que foram eternamente aperfeiçoados em relação a fazer e a se esforçar.

Ó grande bodhisattva, ouça! Como todas as coisas são o próprio ser da mente perfeita e pura, elas são o grande círculo vazio (*thig le chen po*). Portanto, eles não são conceituais (*spros cana*) nem envolvidos, nem nascidos nem cessados. [Essa consciência prístina] permanece assim e não pode ser privada. Este vigor central do não-pensamento reside no primordial como o céu em total transcendência de pensar e

articular tais reflexões."

Assim Ela falou.

*~ Este é o vigésimo sexto capítulo de Os Dez Ensinamentos sobre a Perfeição Sem Ação, em que se explica que a perfeição sem ação não deve ser contemplada.*

Então a Soberana Criadora de Tudo, mente de perfeita pureza, gradualmente ensinou o grande conhecimento de acordo com Sua própria instrução.

"Ó grande bodhisattva, ouça! Como todas as coisas vieram de Mim, todas as coisas, que aparecem exatamente como são, são ensinadas serem do primordial dentro da dimensão do mais puro. A dimensão da Realidade consiste desde o primordial em todas as coisas internas (isto é, animadas) e externas (isto é, inanimadas). Como os Budas e os seres sencientes não são diferentes quanto ao seu campo de percepção, que é puro desde o primordial, como então alguém poderia tentar alterar isso através de antídoto e [seguindo] um caminho? Se alguém não deseja alterar com ações veementes o inatingível, então este é o ponto anteriormente feito sobre o imaculado e espontaneamente aperfeiçoado.

Para que fim a dimensão da Realidade, onde o reflexo e o puro não são dois, deva ser atraída pelos hábitos das pessoas comuns [caracterizadas por] reflexos errados? Não é diferente do caminho explicado anteriormente, mesmo que se chame de caminho errôneo, confundindo os hábitos dos seres sencientes com o grande gozo não-dual. Por esta razão, e porque [o seguidor de Atiyoga] conhece o equilíbrio, [essa pessoa] será o senhor dos Budas. Especular sobre o eu e o meu é o caminho errado dos incrédulos. Atraído por pessoas comuns, você pode se sentir compelido a entrar em um caminho de especulação sobre a prática da religião, embora não exista caminho a seguir e nenhum tempo [apropriado] para a especulação. Como alguém poderia encontrar a Realidade buscando algo! Certamente, através de tais especulações, você tomará um caminho errado e confiará no ensinamento de um macaco *acârya* que não possui uma cognição válida. Em vez disso, é adequado pagar um preço ilimitado por um tesouro de jóias que é um *acârya* com ensinamentos autênticos, pois é

como aplicar um certo sal a ouro."

Assim Ela falou.

*~ Este é o vigésimo sétimo capítulo de Os Dez Ensinamentos sobre a Perfeição Sem Ação, no qual o conhecimento da dimensão da pureza sem ação é explicado.*

Então a Soberana Criadora de Tudo, mente de perfeita pureza, falou sobre a própria natureza Dela como imutável.

"Ó grande bodhisattva, ouça! Meu próprio ser está dentro da dimensão do imutável. Minha consciência prístina é imutável como o céu. Minha Realidade é de natureza imutável. Minha mente é o imutável vigor central de todas as coisas. Da mesma forma, tudo é imutável, mas os professores em suas três manifestações, embora emanando de Mim, ensinam através de suas encarnações uma doutrina que define as coisas como causas e resultados, [fazendo com que] [seus seguidores] renunciem aos objetos sensoriais com seus sentidos.

Eu não ensino aqueles seres sencientes, que abraçam [a idéia] dos cinco obscurecimentos como condições para sua própria existência, que existe uma Realidade auto-originada. Se alguém ensinou que "as más formas de vida são uma grande ofensa", e que deve desistir das ofensas [cometidas] através do corpo, fala e mente, envolvendo-se nos dez preceitos, por muitos éons [tal pessoa] não encontrará a consciência prístina auto-originada porque ela exerceria a aquisição e a rejeição com relação à Realidade auto-originada.

Ouçá, ó grande bodhisattva! Se Eu ensinasse aos anfitriões dos séquitos, embora sejam [minhas] manifestações e unidas em Mim, renunciar às coisas através das cinco consciências prístinas auto-originadas, desistir e subjugar-las como inimigos através das cinco consciências, os [séquitos] não reconhecerão que esses cinco inimigos (isto é, os objetos sensoriais) são a consciência prístina auto-originada. Mas Eu não ensino desistir da própria mente.

Ó grande bodhisattva, ouça! Se alguém afirma que os resultados provêm de causas e se alguém aplica as verdades finais e convencionais como dois conceitos [separados] para a Realidade que vêm da própria mente, e se alguém continua a fazer isso por três éons,

não será capaz de mudar a si mesmo através de votos e [o desempenho] das dez perfeições (*pârâmitâ*). Eu não ensino que a mente em si é mutável.

Ó grande bodhisattva, ouça! [Alguns] esperam obter habilidades sobrenaturais (*siddhi*) [da divindade que propiciam] por serem abençoados com um samâdhi da Realidade da própria mente, purificando com ritos [a mente que é] como a lua na água, e visualizando o senhor (isto é, a divindade tutelar escolhida) e fazendo oferendas para agradar ao [deus]. Mas [essas pessoas] não conhecerão sua própria mente porque não é como a lua na água. Portanto, eu não estou ensinando que dentro da duração de sete vidas a consciência prístina auto-originada não existirá.

Ouça, ó grande bodhisattva! Aqueles que meditam sobre as abençoadas maravilhas de sua própria mente, podem esperar ser dotados de quaisquer habilidades sobrenaturais que desejam para si mesmos por causa da amizade e acordo entre as divindades [visualizadas] e eles mesmos como meditadores. Mas, por três ciclos de vida, elas não encontrarão a sua própria mente que não pode ser obtida por desejar a Realidade auto-originada. Tal [conhecimento], Eu, a [Soberana] Criadora de Tudo, não ensino.

Ó grande bodhisattva, ouça! Transfigurando a Realidade que se origina de si mesma em uma divindade, [realizando] os quatro selos, e emitindo e condensando os mantras sagrados, eles conquistam apenas para fazer a Realidade imutável mudar. Pensar que se pode obter [realidade] em virtude de [realizar] um samâdhi da mente, e que assim qualquer coisa será obtida – tal coisa, Eu não ensino.

Ouça, ó grande bodhisattva! Eu não ensino que a dimensão da Realidade é mutável porque, como a dimensão é a base, ela é imutável. As três manifestações, ao subjugar a dimensão [da Realidade], ensina aos seus próprios séquitos um samâdhi de busca de permanência calma (*samatha*). Desse modo, eles estão ensinando uma doutrina que precisa de interpretação. Da mesma forma, o céu imutável, este céu em si

mesmo, não pode ser alterado através do céu. Da mesma forma, a Realidade imutável, essa mesma Realidade, não pode ser alterada por meio de qualquer coisa. Da mesma forma, a mente imutável, essa mesma mente em si mesma, não pode ser realizada através da própria mente. Isso seria uma meditação fazendo que o imutável mude. Colocar a esperança em promessas (*pranidhâna*) e a duração de um samâdhi fixado pelo tempo, isso é exasperante. Tal coisa não é ensinada por Mim, a [Soberana] Criadora de Tudo."

Assim Ela falou.

*~ Este é o vigésimo oitavo capítulo de A Soberana Criadora de Tudo, Mente de Perfeita Pureza, no qual a perfeição sem ação é explicada como imutável e não pode ser encontrada através do esforço.*

Então a Soberana Criadora de Tudo, mente de perfeita pureza, falou sobre a mente repousando em equilíbrio.

"Ó grande bodhisattva, ouça! Eu, a Soberana Criadora de Tudo, mente de perfeita pureza - todas as coisas são Eu. Desde o primordial, toda a Minha natureza está repousando em equilíbrio.

É ensinado que o meu próprio ser deve ser conhecido a partir de cinco aspectos (*rang bzhin rnam pa lnga*): professor, ensino, séquito, lugar e tempo. Estes cinco aspectos estão equilibrados em Meu próprio ser. Mas o ser dos próprios professores também repousam ali. Em suas manifestações da verdade, eles repousam em equilíbrio genuíno e estão equilibrados como Meu próprio ser. Na manifestação do júbilo, eles repousam na genuína atuação, e estão equilibrados como Meu próprio ser. Em suas manifestações corpóreas, eles repousam em compaixão genuína, e estão equilibrados em Meu próprio ser. A consciência prístina auto-originada é equilibrada. Lugar é onde tudo é colocado em seu lugar, o que também repousa em equilíbrio. O tempo é o tempo que combina o passado com o futuro. Estar em equilíbrio está associado ao tempo.

Ó grande bodhisattva, ouça! O totalmente aperfeiçoado tem cinco aspectos. Não há mais nada chamado de 'coisa' além do que repousa em equilíbrio genuíno. Ó grande bodhisattva! Também não é dito que há uma única coisa que não esteja envolvida na totalidade do aperfeiçoado. Como tudo está equilibrado em Mim, todas as coisas são liberadas em sua Realidade. Os professores são liberados na genuína Realidade. O ensinamento é liberado na genuína Realidade. Também os séquitos são liberados na genuína Realidade.

Você, que aceita que todas as coisas são liberadas, não falsifique seu próprio corpo, contemplando-o como uma divindade! Não falsifique palavras faladas ou discursos. Não pratique samâdhi para que você

falsifique a mente! Ao falsificar, não se alcançará o estado de equilíbrio e, por não estar em equilíbrio, não será libertado. Sem liberação, não se atinge a identidade com a Realidade.

Ó grande bodhisattva, é assim: a Soberana Criadora de Tudo, mente de perfeita pureza, repousa desde o primordial em um estado de equilíbrio e transcendência, mas os seguidores de várias visões doutrinárias não sabem como repousar em equilíbrio. O grande aperfeiçoado, a Criadora de Tudo, repousa desde o primordial em equilíbrio, mas se os ouvintes e solitários despertados ouvirem ou aprenderem sobre isto, dirão "isto produz veneno", e abandonarão a própria mente [assumindo que isto] constitui uma obstrução. Eles também não saberão como equilibrar os pontos de vista doutrinários, e permanecerão por muitos éons sem saber como se equilibrar.

Se [os seguidores do] Mahayana-sâtras ouvem sobre a Grande Perfeição, eles não entenderão a talidade de sua própria mente. Da mesma forma, eles não saberão como repousar em equilíbrio. Eles continuarão por três éons [por pensar que] progredem pela limpeza.

Se os seguidores do yoga (o primeiro nível dos quatro) ouvirem [sobre a Grande Perfeição] eles não entenderão que todas as coisas que aparecem como do jeito que são, são a talidade de suas próprias mentes, e eles não saberão como repousar em equilíbrio. Eles continuarão por sete ciclos de vida santificando sua mente [praticando] os membros do bodhicitta e vários milagres (*cho 'phrul*).

Se [os seguidores] do Mahâyoga ouvirem a respeito, tentarão alcançar através do esforço algo novo, embora seja do primordial, pois estão [de acordo] com a natureza da causalidade. Por 2.600 [anos] eles não saberão como repousar em equilíbrio, e permanecerão no estágio dos três samâdhi.

Se os seguidores de Anuyoga souberem disso, eles aplicarão tais designações como causalidade ao que existe desde o primordial. Da

mesma forma, eles não saberão como repousar em equilíbrio. Como causa, eles [querem] alcançar a dimensão da Realidade pura e, como resultado, a mandala da pura consciência prístina. Ininterruptos eles permanecem assim por uma vida inteira.

Se os seguidores de Atiyoga souberem disso, eles permanecerão no reino de Buda a partir do primordial. Eles serão presenteados com grande gozo em não fazer nada. Como [eles percebem que] não há nada para alcançar, assim eles obterão o estado búdico.

Seres sencientes, sejam humanos ou deuses, não são de mesmas habilidades mentais. Alguns usam suas habilidades, mas apenas parcialmente. Alguns também sabem que suas habilidades são definitivas desde o primordial. Portanto, há uma razão [para ensinar estas pessoas,] e Eu estou ensinando [este conhecimento]. A Grande Perfeição do Atiyoga é [entender] dessa forma: 'ati' será explicado pela letra: 'a' é a Realidade que não nasce e está em equilíbrio. 'Ti' é explicado como o auto-aperfeiçoado sem ação. Aqueles que afirmam que a Grande Perfeição do Atiyoga está conectada com a causalidade, não alcançarão o objetivo de compreender a Grande Perfeição. Aqueles que afirmam que a verdade última e a convencional são duas entidades, usam palavras de louvor e desprezo. Por essa razão, eles não entenderão o que é o não-dual. Mas a compreensão de todos os Budas dos três tempos é tal que não vê uma dualidade, repousa em equilíbrio e entende a unidade."

Assim Ela falou.

*~ Este é o vigésimo nono capítulo de A Soberana Criadora de Tudo, Mente de Perfeita Pureza, na qual a mente que repousa em equilíbrio é inquirida.*

Então a Soberana Criadora de Tudo, mente de perfeita pureza, expôs a Dorje Sempa, que é o vigor central Dela mesma, essa conversa que é como uma bandeira imperecível de vitória sobre o conhecimento do próprio ser de Dorje Sempa como a perfeição sem ação."

"Ó grande bodhisattva, ouça! Eu explicarei o seu próprio ser para si mesmo. O seu ser sou Eu, a Soberana Criadora de Tudo. Do primordial, Eu sou a mente de perfeita pureza.

A mente de perfeita pureza é, ó Dorje Sempa, como o grande céu, é Todo o Bem (*Kuntu bzangpo, Samantabhadra*), amplo, a dimensão da Realidade. Este grande e único caminho não é produzido, é desobstruído e inconcebível, pois libera todos [os seres sencientes]. Para concretizar seu propósito final, o amor não deve ser praticado como grande compaixão. Esta grandeza (isto é, a mente de perfeita pureza) não louva nenhuma boa qualidade desta grandeza profunda. Seu propósito final é imperturbável em si mesmo. É liberado através de uma liberação sem ação. Como a consciência prístina auto-originada é livre de esforço, ela foi liberada e, portanto, é ensinada como caminho de libertação.

Os elementos são o Vitorioso (Bhagavan) que habita na natureza de todos os seres. Até mesmo o que é chamado de errado não é mais do que a [consciência] liberada e auto-originada. Para alcançar essa grande consciência, que é tão difícil de obter, por se basear em sabedoria e habilidade, não é nada além de palavras dizendo para confiar nos outros, enquanto o verdadeiro gozo surge da própria [mente].

As grandes maravilhas não são difíceis [de ver]. Através da sutileza, a compreensão da talidade e de todas as boas qualidades e forças surgem imediatamente de si próprio. Esta Realidade não-aparente não deve ser contemplada por meio da busca por ela, mas por deixá-la. Se alguém

procura por isso, sua talidade não surgirá disso. A Realidade mais secreta não pode ser ouvida por nada, como pode então pela faculdade do ouvido? Da mesma forma, a faculdade da língua não pode de modo algum proclamar isso.

Ao entender perfeitamente o sofrimento dos seres como a mente de perfeita pureza, você permanece em êxtase. Ninguém se aborrecerá com isso, mas ficará em equilíbrio, como o horizonte do céu. Embora as particularidades sejam idênticas, alguns ainda podem dizer "é devido ao karma". Se alguém está sob a influência de tal pensamento de karma, não estará na consciência prístina auto-originada. As causas são as mesmas que as condições para o imutável (literalmente diamante) e, portanto, o que não nasce é imperecível. Não se avançará para a dimensão da Realidade, lutando pela [mente] de perfeita pureza, que é o vigor [do universo] desde o primordial. Uma contemplação das grandes boas qualidades não pode ser alcançada através da contemplação delas por meio da própria contemplação.

Do insight intuitivo (*rnam rtog nyid*) surge a consciência prístina à sua Realidade, que é impensável e não deve ser praticada. Isso é chamado de porta sutil. Se a mente procura o caminho da solidão, compreende-se a solidão no meio do deserto. Se alguém refletir, deve-se contemplar o processo de reflexão. Aplicar designações como "causa" e "resultado" [implica] uma limpeza de ambos, virtudes e ofensas. Quem diz "eu quero deixar este mundo" gerará uma ânsia em adquirir e rejeitar. Apego e desapego são um caminho de [mera] palavras e, similar ao Caminho do Meio, são como um eco. Mas o senhor de todos os seres explicou aos seres sencientes (*sems dpa'*) que o júbilo e o sofrimento têm a mesma causa. Também do apego, ódio e ignorância, o grande caminho de perfeita pureza se origina. [O senhor de todos os seres] também disse que os cinco bons aspectos dos hábitos são um adorno da dimensão da Realidade.

A compreensão intuitiva do céu está por nascer e essa intuição é como o céu. De promessas, imparciais [e altruístas como] o céu, uma auto-realização surge [tão grande como] o céu. A manifestação da verdade

em seu [estado de] uniformidade e não-reflexiva é como a lua na água, que não pode ser agarrada como um objeto.

O profundo [sistema] de vogais e consoantes é ensinado como um jogo do Todo o Bem (Samantabhadra). Lá, o A é adornado com TA e PA irradiando [luz] de suas partes. O ensinamento profundo do Buda surge como um campo de atividade sensorial do mundo inteiro.

*Emaho!* O campo de atividade sensorial do Buda não é um lugar que pode ser obtido através do esforço zeloso, já que não é um objeto das seis percepções sensoriais. [Uma pessoa tentando obtê-lo através do zelo] é como uma pessoa cega que persegue o céu. Um caminho que é cada vez mais sagrado (de acordo com o progresso feito) não está de acordo com o conhecimento sem ação.

Mas se alguém prossegue neste caminho, não se pode alcançar [seu destino] como [não se pode alcançar] o fim do céu. Da mesma forma, como Isso é como é: Isso é ensinado a eles (ou seja, os séquitos) de modo que eles obtenham Isso. Porque Isso é o vigor central Disso, Isso que surge Disso - que grande maravilha! Isso do passado, Isso do presente - igualmente grande em ser colocado Nisso. Isso também é o caminho para Isso. Isso é a própria natureza Disso. Assim, todos os caminhos dependem de um suporte que vem da lua.

Como tudo é esse equilíbrio, não se consegue nada olhando apenas em uma direção. Como [distinguir entre] a beatitude presente e a beatitude futura, a aparente [beatitude] e a oculta [beatitude] também é uma falha sobre a qual não se deve confiar. Os três tempos são um, não há particularidades, surgem do primordial não como passado ou futuro. Como a manifestação da verdade abrange tudo, é uma e, portanto, repousa na grandeza dos grandes. Também a prática religiosa [feita] no mundo tríplice é apenas um nome e aparece como ilusão. Mesmo um ótimo lugar [criado e governado] por um monarca universal (*cakravartin*) é [apenas] um lugar de [outra] prática ilusória. Aqueles que dependem do fator tempo para sua prática não alcançarão

[seu objetivo] dentro desse tempo. Se alguém pratica livre de quaisquer desejos, isso é declarado um sinal vazio em si mesmo. Como [a verdade última] é uma, não há particularidades. Assim o iogue permanece como que no céu, o caminho dos pássaros.

Como poderiam todas as coisas serem, se alguém faz falsas afirmações sobre o vigor central [de todas as coisas] que não se origina e que não nasce? Ambos, fora e dentro, são o interior do próprio exterior. As partes do profundo não são o objeto de cognição. A mera palavra "existência" dá um impulso errado porque falta o equilíbrio da meditação.

Quanto à aplicação de tais designações como exterior e interior [para a consciência prístina, você deve saber que] habitam igualmente na natureza dos cinco agregados e dos campos sensoriais. [Mas] é impróprio aplicar qualquer nome ou designação a ela, pois é inseparável dos três tempos. Sua inação é o selo das manifestações, sua natureza inabalável é a consciência prístina. Como não pode ser apropriado, é de não-eu. Não pode ser abandonado, não tem verbalização (*tshig med*). Isso é equilíbrio.

O que, por que e em que surge - embora todos os séquitos e todas as formas de comportamento provenham de si mesmo (ou seja, consciência prístina) - chamá-lo de mulher ou homem - não é de nenhuma maneira ensinado pela soberana do equilíbrio. Não há nenhum lugar para aplicar-lhe nomes como penitência e medo.

Se alguém une o A com o PA, deseja-se trazer à luz [o que é verdadeiramente conhecido como] a beatitude da ilusão. Como a natureza certamente não é simples, ela pode aparecer de acordo com as visões de alguém.

Quanto a uma beatitude cuja aparência é desejada por uma mente esforçada, é uma grande falha e um obscurecimento Dela (consciência prístina). [Afirmar] que meditar na aparência [de uma divindade] é a porta para todos os aspectos da iluminação (*byang chub yan lag*) é como [alcançar] a lua na água. Tal meditação é como um espaço de

brincadeira de uma criança, embora [por sua própria natureza mesmo essa meditação] surge imaculada e desapegada. Mesmo que se assuma a forma de um grande senhor da ira, aparecendo com a testa franzida no meio de uma mandala, e se alguém deixar aparecer as letras [do mantra], não se perceberá a calma em si.

É ensinado que, estando sob o poder do obscurecimento (*klesha*), a pessoa não será subjugada por ele, mesmo que corte a ponta da palmeira e queime a semente no fogo. Mesmo praticando cem mil vezes o que quer que [alguém deseje fazer], somente a flor surgirá.

Devido à falta de características definidoras (*mtshan ma med pa*), nada surgirá de nenhuma fonte. Os iogues que vivem livres de palavras são de boa sorte. Como eles não distinguem entre o que é o propósito para si ou para os outros, eles se regozijam em um objetivo de gozo que é uma ilusão. Sem reservas, eles são totalmente aperfeiçoados. Imutáveis eles permanecem firmes. As limitações desses [iogues] são iguais às do céu.

Não há uma coisa que depende de outra. Esse grande gozo auto-aperfeiçoado será intuitivamente entendido pela força do eu, que é a incomparável consciência prístina. Por causa disso, as coisas não se originam de mais nada.

Isso é difícil [entender] porque é fácil, mas na sua facilidade é difícil. Não é aparente, mas abrange tudo. Ao ensinar [sobre] Isso se torna um mero nome, ó Dorje Sempa. Não se pode apontar para isso. Este êxtase milagroso e maravilhoso repousa como o céu inativo. Se você não percebe Isso como diferente da ignorância, instantaneamente, Isso surge por si mesmo. Este é o caminho onde tudo é igual; repousa como natureza em todos os seres. Por causa da falha [decorrente] de se misturar com uma criança, é como o remédio que procura o médico. O objetivo da compreensão intuitiva é o grande êxtase.

Este é o mundo puro onde a luz das direções cardeais se reúne. Portanto, as quatro direções cardeais, as direções intermediárias, zênite

e nadir, são aperfeiçoadas. De um arco-íris oscilando em [diferentes] cores, as famílias [do Buda] se tornam aparentes. Ao mesmo tempo [este mundo puro] é maior que os cinco elementos, com seus átomos se movendo em sua imobilidade. Não é colocado em designações como passado, presente e futuro. Ao reconhecê-lo como livre de começo e fim, Isso mesmo descansa nos três tempos em sua grande forma (ou seja, o tempo em sua atemporalidade).

Devido ao equilíbrio, não há [progresso] gradual. Por causa de sua unidade, é livre de desejar particularidades. Embora em sua ornamentação as acumulações [constituindo este universo] é espalhado, repousando em sua natureza não é espalhado. Não há nada a desejar porque é perfeito. É néctar - puro desde o primordial. Não pode ser apreendido por um modo especial de pensar (*lhag pa'i bsam pa*), não pelos doze [membros] de diminuir e aumentar em particular. É o senhor das boas qualidades porque pensa através da mente individual (*vid*). A visualização dispersa o acúmulo. Ao vê-lo, será aperfeiçoado em equilíbrio quanto às habilidades sobrenaturais. Ao agarrá-lo por um curto período e unindo-se a Isso, o êxtase será gerado - esse é o voto. Se faz uma oferenda por unidade unificada porque se tem êxtase na habilidade [como] em uma performance de dança. Deixando de lado a desapropriação (*mi gzungs*), este é o 'arremesso' (*gtor ma*) [dos bolos sacrificiais].

Os atos ritualísticos removerão, sem qualquer esforço, os obstáculos da consciência prístina não-especulativa, e as palavras mânticas não indizíveis e equilibradas. Mesmo que todos os atos meritórios tais como *gurupûja* e generosidade não sejam feitos com uma atitude imparcial e imperturbável, seu desempenho se tornará um grande grilhão. Portanto, esse conhecimento se tornará um obscurecimento para muitos, pois eles se misturam com esse [zelo]. Se alguém entende isso nesse sentido (ou seja, o caminho correto), então não há nada em relação Àquilo que deve ser alcançado."

Assim Ela falou.

*~ Este é o trigésimo capítulo de A Soberana Criadra de Tudo, Mente de Perfeita Pureza, que é "a natureza indestrutível de Dorje Sempa como uma bandeira da vitória."*

## 31

Então a Soberana Criadora de Tudo, mente de perfeita pureza, falou sobre a natureza da Criadora de Tudo - imaculada, consumada e espontaneamente auto-aperfeiçoada.

"Ó grande bodhisattva, ouça! [Meu] próprio ser [mesmo] em sua variedade não é dois, mas também cada parte em si não é conceitualizável (*spros bral*).

Embora eles não possam entender [coisas] em sua talidade, devem desistir da doença do esforço porque qualquer coisa que apareça é tudo de bom e, portanto, consumado (*zin pa*). Então eles estarão equilibrados permanecendo no espontaneamente auto-aperfeiçoado."

Assim Ela falou.

*~ Este é o trigésimo primeiro capítulo da Soberana Criadora de Tudo, Mente de Perfeita Pureza, ou seja, os Seis Versos Vajra.*

## 32

Então a Soberana Criadora de Tudo, mente de perfeita pureza, ensinou a Dorje Sempa este capítulo de quatro declarações definitivas sobre a sabedoria do não-esforço como realização da quintessência.

"Ó grande bodhisattva, você deve entender a quintessência desta maneira: O que aparece é um em sua talidade. Não pode ser falsificado por ninguém. A soberana da semelhança não-conceituada habita no espírito (*dgongs pa*) da manifestação da verdade que não pode ser conscientizado."

Assim Ela falou.

*~ Este é o trigésimo segundo capítulo de A Soberana Criadora de Tudo, Mente de Perfeita Pureza, ou seja, as quatro declarações definitivas.*

## 33

Então a Soberana Criadora de Tudo, mente de perfeita pureza, ensinou sobre as dificuldades de entender Sua natureza como a consciência prístina auto-originada que, como soberana, torna todas as coisas inteligíveis. Mas também Dorje Sempa é chamado de consciência prístina em termos de sua intelectualidade como a Realidade que deriva Dela (ou seja, a Criadora de Tudo).

"Ó grande bodhisattva, agarre essas palavras com sua capacidade mental (*yid kyí dbang po*). Essas palavras permitem que você entenda a quintessência. Se o lugar (*gnas*) de todos é a dimensão da Realidade, como então a quintessência da palavra "dimensão" (*dbyings*) é compreendida (*rig par byed*)? Se o objeto de todas as visões é o reino do céu, como então a quintessência da palavra "céu" pode ser entendida? Se os cinco elementos são aparentes em sua natureza luminosa, como a quintessência do 'aparente' pode ser entendida? Como pode ser entendida a quintessência dos seres sencientes neste mundo tríplice, que se originaram desses [elementos]? Ouça-me, porque você mesmo é o soberano da inteligência (*rig pa'i rgyal po*)!"

Assim Ela falou.

[Dorje Sempa:]

"Ó professor dos professores, Soberana Criadora de Tudo, eu entendo o Seu próprio ser, que é tão difícil de entender em termos dessas quatro palavras: (1) Eu entendo [o Seu próprio ser] como não diversificado por causa da palavra 'dimensão'. (2) Eu entendo claramente que é sem obscurecimento por causa da palavra "céu". (3) Eu entendo que seja o vigor central de todas as coisas por causa da palavra "elemento". (4) Eu entendo que seja a quintessência [do universo] por causa da palavra 'ser senciente'. Ao entender essa [situação], eu entendo que [Você] cria tudo, [um fato] tão difícil de reconhecer. Não é ensinado que há algo

mais do que a própria Criadora de Tudo."

Assim ele falou.

Então a Soberana Criadora de Tudo dirigiu-se novamente ao soberano da inteligência:

"Se você entende a Minha natureza, que é tão difícil de compreender, então você entenderá o buda-dharma em sua abreviação e em suas extensões. Quem mais poderia ser chamado de 'soberano da inteligência'?"

[Dorje Sempa:]

"Ó Soberana Criadora de Tudo, mente de perfeita pureza, Seu próprio ser é assim: é Realidade, mente e consciência primordial, e a inteligibilidade da Realidade. É assim que eu vejo o Seu próprio ser. A palavra Realidade é [outra] palavra para a própria mente não-conceitual. [A palavra] reino do céu é [outra] palavra para a própria mente em sua pureza. A palavra elemento essencial (*snying po 'byung ba*) é [outra palavra para] a atuação da própria mente. A mente dos seres sencientes é uma inteligência que entende distinções (*so sor rtogs pa*). Nada existe além do próprio ser da mente; nada está além da mente – a Soberana Criadora de Tudo."

Assim ele falou.

[A Soberana Criadora de Tudo:]

"Ó grande bodhisattva, se você entende esta natureza, você também entenderá o Meu próprio ser, a Criadora de Tudo. Se você Me entende, entende o uno, entende todos, entende tudo! Ó, grande bodhisattva Dorje, eu darei a você o nome Soberano da Inteligência (*rig pa'i rgyal po*). Se você, ó Soberano da Inteligência, entende isto desta maneira, como então você entende estas coisas: que os veículos, que são ensinados pelas três formas de manifestação do

professor, que emanam de Mim, surgem em três aspectos, e que quem quer que tenha os três [tipos de] desejos para [obter] resultados de causas alcançará os três resultados (isto é, as três formas de nirvana) por meio da realização de diferentes atividades [relacionadas com] visões doutrinárias e prática religiosa?"

Assim Ela falou.

O Soberano da Inteligência respondeu:

"Ó Soberana Criadora de Tudo, as três formas de manifestação do professor emanam de Você como sua atuação tríplice. De uma maneira enigmática (*ldem dgongs*) Você ensinou esses três ensinamentos como três aspectos e como a mente sendo de inteligência discriminativa. Com que intenção Você ensina de maneira tão enigmática? É por causa da intenção de se esforçar para permanecer calmo e imperturbável? De uma maneira enigmática, Você nos introduziu a quaisquer assuntos que achasse apropriado. As três formas de manifestação do professor ensinavam a doutrina como um ensinamento que requer interpretação (*drang lung*). Alguns deles ensinaram o resultado [vindo da prática] dos estágios e caminhos do bodhisattva, alguns que o resultado é sem substância, como a lua na água, e alguns que o resultado é a realização em si mesma. O ensino das três formas de manifestação é declarado como um ensinamento enigmático; ensina-se a não ser um conhecimento definitivo, mas exige uma interpretação. Tem um sistema de meditação que se esforça zelosamente por uma permanência calma imperturbável (*mi 'phro zhi gnas*). O Mahâyâna da causalidade é ensinado como um sistema que necessita de interpretação."

Assim ele falou.

[A Soberana Criadora de Tudo:]

"Ouça, ó Soberano da Inteligência, seu grande bodhisattva! A verdade última é ensinada sendo de [significado] definitivo. Você, Soberano da

Inteligência, entende isto, ou não ensina! Não há sentido em manipular (*bya ba'i yul*) o que é percebido, já que é inexistente (*mi gnas*). A verdadeira natureza que é ininteligível e transcende a inteligibilidade não é nem objeto de samâdhi nem de pensamento não-contemplativo. Não é uma mente desejante, e não é um resultado cobiçado. Permanece em um estado "como-é", livre de inteligibilidade. Isso leva ao estado búdico através de um caminho que não pode ser caminhado. Não se envolva em intelectualização, e você encontrará a consciência prístina auto-originada. Não busque atos salutares, pois a natureza é espontaneamente auto-aperfeiçoada (*lhun gyis grub*). Não observe os votos, pois a verdadeira natureza é inteiramente pura. Objetos e faculdades sensoriais são evidentes em sua talidade. Não considere o Buda e os seres sencientes como duas [entidades diferentes]. Você deveria ver tudo como um em talidade. Talidade é uma e não muitas. Como se poderia aplicar designações, como louvar, ao vigor central do imutável e que não nasce?

"Ó grande bodhisattva, Soberano da Inteligência! Budas, seres sencientes, o que aparece e existe como um mundo animado e inanimado - tudo isso é como Minha natureza, ou seja, a da Criadora de Tudo, [e] é livre de louvor e desprezo. Meu próprio ser e talidade são uma, mas as três formas de manifestação do professor, no entanto, ensinam seus ensinamentos individuais, nos quais ensinam uma doutrina de talidade que requer interpretação."

Assim Ela falou.

*~ Este é o trigésimo terceiro capítulo de A Soberana Criadora de Tudo, Mente de Perfeita Pureza, no qual se explica o ensino definitivo e o ensino que precisa de interpretação.*

## 34

Então a Soberana Criadora de Tudo, mente de perfeita pureza, proclamou este sutra sobre Si mesma como a integração das intenções de todos os Budas.

"Ó Soberano do Entendimento (*rtogs pa'i rgyal po*) escute estas palavras! Eu, a Soberana Criadora de Tudo, integro em Mim a quintessência (*yul*) das intenções de todos os Budas [existentes] nos três tempos. Nisso, ou seja, no Meu próprio ser, as suas manifestações são integradas, os seus ensinamentos são integrados, as suas intenções são integradas. Ouça a Minha palavra sobre a integração das intenções dos Budas."

Assim Ela falou.

[Grande bodhisattva:]

"Ó professor, Soberana Criadora de Tudo, em Você as intenções das manifestações da verdade e júbilo, de Samantabhadra, Vajrasattva, Vipashyin, Ushnisha, etc. até o sétimo [Buda] Shâkyamuni, e aqueles dos 1.022 Budas, os verdadeiros aperfeiçoados, inumeráveis como átomos, estão integrados?"

Assim ele perguntou.

Então a Soberana Criadora de Tudo disse:

"Assim é. Ó Soberano do Entendimento, ouça agora!"

[Grande bodhisattva:] "Ho ho, sim, assim é."

[A Soberana Criadora de Tudo:]

"Eu ensinarei a você os fundamentos da integração das intenções dos

Budas com respeito a símile (*dpe*), quintessência (*don*), e características (*rtags*).\" Meu próprio ser é como o céu. A quintessência de Mim é a Realidade. Minha atuação é a mente da perfeita pureza. (A explicação do símile:) Ó, Eu sou sem obscurecimento, mas incognoscível (*mi rtog pa*). O incognoscível, [como] o céu, é a manifestação da verdade. Eu não devo ser conscientizada, e não há aquisição ou rejeição. Como não há aquisição ou rejeição, [Eu sou] como o céu. Como o céu em que não há aquisição nem rejeição assim é Todo o Bem (Samantabhadra) sem adquirir e rejeitar. O que é livre de adquirir e rejeitar está integrado em Mim.

Ó grande bodhisattva, ouça! Eu sou aquilo que não nasce como o céu. Como o céu não nasce, a mente de diamante não nasce. O que tem a intenção do que não nasce, é integrado em Mim. Também todos os Budas aperfeiçoados, como Vipashyin e Shâkyamuni, o sétimo, os 1.022 [Budas] e todos os outros inumeráveis e aperfeiçoados [Budas] - suas intenções são da natureza do céu: não nascem, são incognoscíveis, sem adquirir e rejeitar. Por meio de um símile, ensinei como [tudo] está integrado em Mim.

(A explicação da quintessência:) Ó grande bodhisattva, ouça agora como a quintessência da intenção de todos os Budas que anteriormente ensinaram está integrada [em Mim]: É ensinado que a Realidade que não nasce está integrada [em Mim] porque todos Budas não nascem, da mesma forma que o ensinamento não nasce e assim é o próprio ser da Criadora de Tudo. A explicação do que é integrado: Quanto ao próprio ser da Soberana Criadora de Tudo, a Realidade é desobstruída. Da mesma forma, os Budas que ensinaram no passado estão desobstruídos em relação à Realidade. Por isso, é ensinado que [os Budas] estão integrados [em Mim] por causa da Realidade [que permeia tudo].

(A explicação das características:) Ó grande bodhisattva, ouça! A explicação dos [Budas] sendo integrados em virtude de suas características: Quanto à característica - a mente perfeitamente pura é

a característica de todos. Em virtude da mente da Soberana Criadora de Tudo, a manifestação da verdade, Samantabhadra, Vajrasatva, etc., e todos os Budas dos três tempos, sem exceção, estão integrados na [Minha] mente por causa de sua característica essencial. Portanto [isto é conhecido como] a integração devido às três categorias de símile, quintessência, [e característica].

Em Mim, a Soberana Criadora de Tudo, as coisas gerais são integradas, a intenção é integrada, e aquele que cultiva a intenção é integrado. O geral integra símile, quintessência e característica como integrais. O distinto engloba cinco aspectos integrais: (1) a intenção da manifestação da verdade está integrada [em Mim]. [A manifestação da verdade] tem a capacidade de enviar a maravilha da imutabilidade e é integrada por causa de sua natureza não especulativa e sua uniformidade. (2) A intenção da manifestação do júbilo está integrada [em Mim]. É integrado porque concede a plenitude de todos os desejos e torna a natureza aparente. (3) A intenção de Todo o Bem (Samantabhadra) é integrada por causa da habilidade de tornar evidente a Soberana Criadora, na medida em que todas as coisas existentes não são boas nem más, nem podem ser adquiridas nem rejeitadas. (4) A intenção do Ser Imutável (Vajrasattva) é integrada à medida que abarca a intenção que não nasce e que é desobstruída. (5) O sétimo [Buda, ou seja,] Shâkyamuni e os [outros] 1.022 [budas], inumeráveis como os átomos [no universo], e sua forma individual, expressão e espírito cumprem seu propósito; mas também de sua forma, expressão e espírito surgem a Realidade da forma, expressão e espírito que é o modo de cumprir o propósito da forma, expressão e espírito. Estes também estão integrados na própria Criadora de Tudo.

No palácio da dimensão da Realidade (*dharmadhātu*) não há uma única coisa que não esteja integrada em Mim. Na mansão da expansão do céu não há uma única coisa que não esteja integrada em Mim."

Assim Ela falou.

Neste momento, Dorje Sempa estava assustado e desmaiou. Depois que ele acordou de seu desmaio, ele perguntou:

"Ó Grande Soberana que está integrando tudo! Se todas as coisas criadas estão integradas [em Você], então todas as coisas não criadas também estão integradas, ou todas as coisas que ainda não surgiram? Com relação à dimensão da Realidade e à expansão do céu, os incrédulos têm uma falsa visão de que ambos são eternos ou transitórios. Se esta é a sua intenção infalível, como então os Budas e os seres sencientes são [distinguidos por] seus nomes? O que caracteriza um incrédulo e um budista?"

Assim ele perguntou.

Então a Soberana Criadora de Tudo, mente de perfeita pureza, a soberania de integração total declarou:

"Ó grande bodhisattva, ouça! Se você, ó grande bodhisattva, quiser entender o Meu próprio ser e se você tem confiança de que tudo também está integrado [em Mim] então é improvável que você não entenda o Meu próprio ser. Devido à improbabilidade de compreensão, não há confiança. Você deve compreender a mente perfeitamente pura que tudo cria. Se você entendeu a mente perfeitamente pura, então as limitações da eternidade e da transitoriedade resplandecerão devido à certeza [obtida] quanto à mente auto-originada de perfeita pureza. Como não nasce e é livre de [tais conceitos como] objeto e sujeito, as limitações de uma 'substância eterna' irão resplandecer, e como a consciência prístina não-originada é imutável, a limitação da inexistência transitória resplandecerá adiante."

'*Mu*' (ou seja, a primeira parte da palavra tibetana *mu stegs*) é para a dimensão da Realidade, e '*stegs*' para o lugar do conhecimento. Quem vê os Budas e os seres sencientes como diferentes não verá a Soberana Criadora de Tudo, mente de perfeita pureza."

Assim Ela falou.

*~ Este é o trigésimo quarto capítulo de A Soberana Criadora de Tudo, a Mente de Perfeita Pureza, sobre o conhecimento de integrar a intenção [dos Budas].*

Então a Soberana Criadora de Tudo, mente de perfeita pureza, deu este tratado central sobre a Grande Perfeição, que não é um lugar para praticar qualquer outra coisa além de Seu próprio ensino, e Ela ensinou que está além do esforço, realização e causalidade.

"Ó grande bodhisattva, isso, Meu próprio ser, é difícil de entender. A entrada [no caminho budista], visões doutrinárias, votos, atos salutares, progresso no caminho, estágios de realização, consciência prístina e Realidade - estes oito tópicos não estão de acordo com a doutrina e a prática de qualquer outro veículo dos cinco [ensinados pelas] manifestações.

'Entrada': entra-se pela porta do não-esforço; 'Visões doutrinárias': [Eu] estou ensinando para não serem contempladas; 'Votos': [Eu] estou ensinando para não serem observados; 'Atos salutares ': [Eu] estou ensinando para não serem procurados; 'Caminho': [Eu] estou ensinando que não há caminho a seguir; 'Estágios de realização' (bhûmi): [Eu] estou ensinando a não praticá-los; 'Consciência prístina': não é especulativa (*mi rtogs*) e é imutável; 'Realidade': [o estado] "como-é" que é inalterável (*bcos su med*).

Ó grande bodhisattva! Se esses pontos essenciais forem expostos aos seguidores do veículo da causalidade, as pessoas [ainda] dirão que o mundo é a causa e o Dharma o resultado, e da mesma forma os resultados provêm de causas, e que a causa consiste nos atos alcançados pelos seres sencientes no mundo tríplice, enquanto o resultado consiste nos Budas dos três tempos, cuja aparência as pessoas tanto desejam. Ao fazer o [estudo das] visões doutrinárias e [a realização] da meditação como uma causa, elas aspiram alcançar o resultado de suas meditações. Mas por meio dessa meditação, eles não obterão o resultado. Como todas as coisas existem do que jeito que são, que grande falha é então alterar o que é assim, seduzindo a verdade com

mentiras! Uma vez que eles tenham cortado o desvio [fornecido por] objetos sensoriais, como é zelosamente empenhado por pontos de vista doutrinários, meditação e votos, etc., e uma vez guiados pelo método correto, e uma vez que se retirarem para a solidão, Eu os ensino por meio de um método de cognição não-conceitual e equilibrado."

Assim Ela falou.

*~ Este é o trigésimo quinto capítulo de A Soberana Criadora de Tudo, a Mente da Perfeita Pureza, onde o conhecimento da Grande Perfeição é explicado.*

Então a Soberana Criadora de Tudo, mente de perfeita pureza, explicou que a natureza de todas as coisas está integrada em Sua própria forma, expressão e espírito.

"Ó grande bodhisattva, conheça o Meu próprio ser assim: Eu sou o próprio ser da mente de perfeita pureza; a mente de perfeita pureza é a Soberana Criadora de Tudo. O próprio ser da Soberana Criadora [se desdobra] na forma, expressão, e espírito, e não há uma coisa que não seja criada pela [Minha] forma, expressão e espírito. Os Budas dos três tempos são criados pela [Minha] forma, expressão e espírito. Mas também os seres sencientes do mundo tríplice em relação ao seus corpos, falas e mentes, é criado pela forma, expressão e espírito da Soberana Criadora de Tudo. Também a totalidade do que existe e aparece como mundo animado e inanimado em sua Realidade inalterada é criada pela forma, expressão e espírito de Mim, a Soberana Criadora de Tudo."

Assim Ela falou.

Dorje Sempa perguntou novamente:

"Ó Criadora de Tudo, soberania da criação (*byed pa'i bdag po*)! Por favor, explique o ponto principal da ignorância (*ma rig*) e incompreensão (*ma rtogs*)! Como foi [o todo] criado, explica-me isso!"

Assim ele perguntou.

[A Soberana Criadora de Tudo:]

"Ó grande bodhisattva, ouça! A natureza da Minha forma, expressão e espírito [produziu tudo]. A forma como a evidência da Realidade criou a maravilha que Samantabhadra desempenha. A expressão como

a evidência das palavras ensina a compreensão da essência da Realidade através das palavras. O espírito criou o professor como uma lâmpada de consciência prístina por causa da incessante consciência prístina auto-originada.

A essência atuante como o foco da Realidade é infalível. Ó grande bodhisattva, você deve entender este ponto essencial: além do que parece como animado e inanimado, e além de Eu atuar Minha forma, expressão e espírito, nada mais existe. Eu ensino e explico através da Minha própria atuação. Você, grande bodhisattva, ensinará aos outros que ainda não entenderam [a Realidade].

Ó grande bodhisattva, ouça! Os sons da terra, da água, do fogo, do vento, do céu e das palavras das seis formas de seres sencientes não são nada além de Mim, a expressão da Soberana Criadora de Tudo. Você deve aplicar uma explicação unindo a letra das palavras com o significado delas. Você, Dorje Sempa, ensinará a outros que ainda não entenderam [a Realidade].

Ó grande bodhisattva, ouça! Quanto a todas as seis formas de seres sencientes que vivem neste mundo tríplice, os elementos em sua incompreensível semelhança e quanto à Realidade que não nasce, incompreensível e incessante, nada existe que não esteja em Meu espírito, isto é, no da Soberana Criadora de Tudo. Você, Dorje Sempa, vai ensinar a outros que ainda não entenderam [a Realidade].

Se você, grande bodhisattva, não lhes ensinar este conhecimento, será muito difícil para eles conhecerem o Meu próprio ser. Se eles não me compreenderem e Me encontrarem, então, mesmo todos os representantes das linhagens de todos os Budas dos três tempos, todos os seres sencientes que vivem neste mundo tríplice, aqueles que atravessaram nove passagens e nove vales [para chegar] no décimo estágio do bodhisattva, e os representantes de tais linhagens como os dos três portadores da sabedoria, isto é, 'controle da vida', 'selo' e 'perfeição', por um longo tempo não Me encontrarão, a Soberana Criadora de Tudo. Se Eu, a Soberana Criadora de Tudo não for

encontrada por todas as seis formas de seres sencientes que vivem neste mundo tríplice, eles não compreenderão o seu próprio ser, nem a sua própria força atuante. Os bodhisattvas que habitam o décimo estágio do bodhisattva, mesmo que estejam esperando por três intermináveis éons, eles não virão ao encontro de Mim, a Soberana Criadora de Tudo. Mesmo os três portadores da sabedoria no controle do corpo (*lus la dbang bsgyur rigs 'dzin*) não serão capazes de conhecer seu próprio ser. Mesmo depois que seus corpos assumiram o aparecimento da manifestação de júbilo comunal do Buda, eles não verão que sua própria faculdade mental é sua própria mente [de perfeita pureza]. Portanto, eles não verão que Eu, a Soberana Criadora de Tudo e seu próprio ser não são diferentes. Como eles não vêem isso, eles são tomados por uma doença sem esperança. Por esta razão, você deve ensinar o Meu próprio ser."

Assim Ela falou.

*~ Este é o trigésimo sexto capítulo de A Soberana Criadora de Tudo, Mente de Perfeita Pureza, no qual é explicada a integração [de todas as coisas] na forma, na expressão e no espírito da Soberana Criadora de Tudo.*

Então a Soberana Criadora de Tudo, mente de perfeita pureza, ensinou que a grande e perfeita Realidade não deve ser meditada.

"Ó, grande Dorje Sempa e outros, os portadores de sabedoria que habitam em um certo estágio de realização (*bhûmi*), os bodhisattvas que habitam em um certo *bhûmi*, e os seres sencientes neste mundo tríplice cujo karma amadureceu, todos eles devem entender a não meditar sobre o Meu próprio ser, a Realidade, a mente de perfeita pureza, [sua] mente como Realidade, porque Eu, a Soberana Criadora de Tudo, sou pelo bem de todos. Intua que Realidade, como a mente, não pode ser contemplada.

Mas os professores da causalidade, isto é, as três formas de manifestação do professor, proclamarão que este mundo, de acordo com o fato de que as coisas e seus objetivos [surgem] como causas e resultados, surgem devido ao resultado da causa, e embora o Meu próprio ser como Realidade não deva ser meditado, eles ensinarão seus sistemas individuais de meditação. Quando eles dizem que toda a miséria surge de acordo com as quatro verdades e que as más formas de existência (*durgati*) são a causa do surgimento da miséria, elas estão prestes a abandonar a Realidade, ou seja, a mente de perfeita pureza. [Eles fazem isso] apesar do fato de que a Realidade e a mente de perfeita pureza são uma em sua atuação. Assim, eles não vêem a Realidade e desistem dela. Ao progredir no caminho através da prática dos dez estágios de realização - tais como [considerar] a verdade última e a convencional como diferentes, [ou realizar] as dez perfeições, como generosidade e ética - eles não verão a Realidade, mas permaneceram no nível da prática, apesar do fato de que Realidade é a atuação da mente de perfeita pureza (chamada bodhicitta no sistema de sutras que é criticada aqui).

Embora Realidade seja a atuação da mente de perfeita pureza, eles

abençoarão com boas palavras todas as coisas, que aparecem exatamente do jeito que são, em virtude dos cinco insights iluminadores e quatro maravilhas (*byang chub lnga dang cho'phrul chen po bzhi*) em um tempo auspicioso quanto à posição dos planetas e estrelas, e eles contemplarão [nessas coisas] como manifestação de uma divindade. Assim, eles não vêem que a própria mente não deve ser contemplada. Embora [todas] as coisas e a atuação da mente perfeitamente pura sejam uma só, não acontecerá que [eles vejam] a natureza da existência aparente se contemplarem os agregados em sua forma de diamante que são uma transfiguração de suas (ou seja, os praticantes) personalidades próprias como deidades por se envolver nos três samâdhi e cinco rituais por meio das quatro práticas religiosas (*bsnyen bsgrub bzhi*). Em sua luta pela realização, eles degradam sua própria mente para uma divindade e, portanto, não verão sua própria mente em sua não-ação. Quanto à própria Realidade Dela, a Soberana Criadora de Tudo, mente de perfeita pureza, o professor dos professores, não ensina as três formas de manifestação do professor para meditar em sua própria mente que é liberada em sua própria Realidade desde o primordial. Se alguém se esforça para alcançar algo através da meditação, a própria mente é abandonada."

Assim Ela falou.

"Ó grande bodhisattva, se eles desejam realizar sua própria mente, eles não habitam no equilíbrio imperceptível, porque a realização acontece apenas devido a não desejá-la. Mas aqueles que permanecem na natureza com relação aos objetos que eles não querem adquirir nem abandonar, e que permanecem em virtude de sua natureza inalterável, eles perceberão que a mente é a atuação da talidade, e eles realizarão a talidade em todas as coisas. Eles não devem alterar a talidade! Eles não podem perceber nada senão a atuação em si mesma. Eles não devem se empenhar por nada, porque a natureza é [ela própria]. Se eles procurarem, não irão encontrá-la fora da dimensão [da Realidade]. Eles não devem perturbá-la por fazer porque ela foi perfeita desde que foi criada. Eles não devem labutar em sua realização porque sempre foi realizada. Eles devem permanecer em quietude equilibrada

(*mnyam pa*) e não devem especular nem pensar sobre isso de forma alguma.

Ó grande bodhisattva, ouça! Mesmo os Budas das gerações passadas não se esforçaram por um conhecimento diferente do da sua própria mente. Eles não alteraram tal coisa. Eles não meditaram investigando *samâdhi*. A realização virá, não especulando sobre a própria mente. Onde você mora agora e onde você irá no futuro, a imperceptível quietude será realizada."

Assim Ela falou.

*~ Este é o trigésimo sétimo capítulo de A Soberana Criadora de Tudo, Mente de Perfeita Pureza, no qual o conhecimento e o sutra sobre a não-meditação [são inquiridos].*

Então a Soberana Criadora de Tudo, mente de perfeita pureza, ensinou como o ensino dos professores dos séquitos se torna um erro e uma falha.

"Ó grande bodhisattva, ouça! Os três ensinamentos dos três mestres [instruindo] os séquitos são errôneos e falhos. Se você perguntar, como pode ser isso? [Eu respondo:] os seis veículos de obtenção de [resultados] são um erro para a Grande Perfeição. Se você perguntar como pode ser isso? [Eu respondo: os seguidores dos] sutras do bodhisattva, em seu desejo pelo [décimo primeiro estágio chamado] 'toda a luz', afirma que a Realidade é vazia como o céu porque eles a examinam com as duas verdades, mas quanto ao grande gozo de Atiyoga, a mente de perfeita pureza está além de tal exame. Esses sutras são inúteis em relação a transcender tal exame. Para transcender tal exame, os sutras são o instrumento errado. Para entender e examinar a Grande Perfeição, Eu declaro que os sutras são o instrumento errado.

Aqueles que desejam ganhar um diamante como Kriyâyoga continuarão a purificar as três portas (isto é, corpo, fala e mente), e a manter a noção de purificar os objetos, e da [dicotomia] sujeito/ objeto. Mas o grande gozo do Atiyoga é a mente de perfeita pureza, que está além do [conceito orientado] para sujeito-objeto. Para superar o [conceito orientado] para sujeito-objeto, o Kriyâyoga é falho. Para entender a Grande Perfeição aplicando um [conceito orientado] para sujeito-objeto, eu declaro que o Kriyâyoga inteiro é um erro.

[Aqueles que perseguem] as visões e práticas doutrinárias do Upayoga tentam alcançar o [objetivo da] yoga realizando rituais (*krîya*). Mas eles não conseguirão intuir a questão da não-dualidade porque essa questão não está associada à visão doutrinária e à prática religiosa. Com relação ao grande gozo de Atiyoga [você deve saber]

que é a mente não-dual de perfeita pureza. No que diz respeito à sua não-dualidade, o Upayoga é falho. Quanto a distinguir a Grande Perfeição [em termos de] dualidade, Eu declaro que a inutilidade do Upayoga.

Aqueles que desejam estar solidamente estabelecidos no Yoga podem entrar na porta [de investigar] se as características existem ou não, e [eles podem] fazer dos quatro selos (*phyag rgya bzhi*) o seu ponto principal, mas eles não serão capazes de entrar no que está além de adquirir e rejeitar. O grande gozo do Atiyoga é a mente de perfeita pureza que está sem adquirir e rejeitar. Quanto a [perceber] a ausência de adquirir e rejeitar, o Yoga é falho. Quanto ao aplicar [uma filosofia] de adquirir e rejeitar à Grande Perfeição, Eu declaro o Yoga ser falho.

Aqueles que desejam [a transfiguração] de Vajradhara por meio do Mahâyoga, podem entrar na porta [de praticar] método e sabedoria, eles podem executar com sucesso os quatro serviços religiosos (*bsnyen bsgrub*) na mandala de sua personalidade purificada. Mas quanto ao grande gozo do Atiyoga, a mente de perfeita pureza está além de se esforçar e alcançar. Por essa razão, Mahâyoga é falho quando se trata de transcender o esforço e a realização. Quanto à aplicação [da filosofia] de se esforçar e alcançar à Grande Perfeição, Eu declaro o Mahâyoga ser falho.

Aqueles que desejam o estágio de Anuyoga não-especificado podem entrar na porta para a dimensão [da Realidade] e para a consciência prístina, mas eles ainda verão a dimensão pura transfigurada da Realidade como causa para todas as coisas existentes, e a mandala da consciência prístina como seu resultado. O grande gozo do Atiyoga é a mente de perfeita pureza que está além da causa e do resultado. Quanto a transcender a causalidade, o Anuyoga é falho. Se uma visão da causalidade como dois [conceitos distintos é aplicado à] Grande Perfeição, Eu declaro o Anuyoga ser falho.

Ó grande bodhisattva! Quanto a qualquer prática ou teoria [aplicável] à Grande Perfeição, não há nada que se assemelhe a uma conquista

[baseada na] causalidade. Quanto a uma prática ou teoria [aplicável à] mente de perfeita pureza, ela deveria ser da natureza do céu - e o céu transcende toda a teorização. Aqueles que se dedicam à teorização não alcançarão a perfeita pureza que é como o céu. Aqueles que estão ocupados com [tais conceitos como] sujeito e objeto em relação ao céu [como] o próprio ser e às visões e práticas doutrinárias não alcançarão o céu [como a mente de] perfeita pureza. Eles estarão errados [assumindo que] sujeito e objeto se originam como duas [entidades diferentes].

Aqueles que consideram a teoria e a prática como duas coisas não perceberão a perfeita pureza como o céu, pela razão de que eles distinguem como duas coisas o que quer que exista, seja o céu que na verdade não é dois, ou a perfeita pureza que na verdade não é dois. Eles estarão errados e falhos [assumindo que] sujeito e objeto se originam como duas [entidades diferentes].

Como [a mente de] perfeita pureza é da natureza do céu, e como não há esforço nem realização em relação ao céu, aqueles que se empenham em se esforçar e realizar não perceberão o céu [como] a perfeita pureza [da mente]. Eles estarão errados e falhos [assumindo que] adotando e rejeitando emergem como duas [coisas diferentes].

Como [a mente de] perfeita pureza é da natureza do céu, e como não há esforço nem realização em relação ao céu, aqueles que se empenham em alcançar e conquistar não perceberão o céu [como] a perfeita pureza [da mente]. Eles estarão errados [assumindo que] realizações são feitas devido ao esforço.

Como [a mente da] perfeita pureza é da natureza do céu, e como não há causa ou resultado do céu, aqueles que consideram causa e resultado como duas coisas não perceberão o céu [como] a perfeita pureza [da mente]. Eles estarão errados, considerando causa e resultado como duas [coisas].

Ó grande bodhisattva, a natureza de todas as coisas é como o céu, mas quanto ao céu, ele não tem essa natureza. Também não há símile que

possa se aplicar ao céu. Também não há medida que possa se aplicar ao céu. Todas as coisas devem ser essencialmente conhecidas dessa maneira.

Ó grande bodhisattva, você deveria intuir isso! Cada veículo tem sua própria visão doutrinária. Quanto ao vigor central de uma visão doutrinária, não há outra [essência] além da Realidade, ou seja, a mente de perfeita pureza, mas esse vigor central não existe em outras visões doutrinárias. Portanto, o que é chamado de visão doutrinária é declarado [por mim] como uma visão doutrinária do erro.

Cada veículo tem seus próprios votos, mas eles não levam você ao caminho da perfeita pureza. Porque a perfeita pureza é livre de sujeito e objeto, e porque não há mais nada a ser observado, os votos também não precisam ser observados. Observando os votos, Eu declaro, ser um erro.

Cada veículo tem seus próprios atos salutares. Como a perfeita pureza é perfeita em si mesma, não há nada a ser buscado através de atos salutares. Através da atividade nada se tornará perfeito em si mesmo. Buscando [resultados] através de ações salutares, Eu declaro, ser um erro.

Cada veículo tem seus próprios estágios [de progresso espiritual]. Como os Budas dos três tempos, as três manifestações presentes do professor, todos os seres conscientes deste mundo tríplice, e tudo o que aparece como animado ou inanimado, está na mente de perfeita pureza, [o estado] da Grande Perfeição, não existe nenhum progresso praticando os estágios do bodhisattva. Progresso pela prática dos estágios e caminhos do bodhisattva, Eu declaro, ser um erro.

Cada veículo tem sua própria percepção da Realidade. Na Grande Perfeição, a Realidade é a mente de perfeita pureza. Como não há coisas exceto a mente, todas as doutrinas de [diferentes] veículos são a mente de perfeita pureza. [A tentativa] de perceber a Realidade, Eu declaro, ser um erro. Na Grande Perfeição, a consciência prístina

intocada não deve ser objeto de pensamento especulativo. Nenhuma especulação, nenhum movimento: consciência prístina!"

Assim Ela falou.

*~ Este é o trigésimo oitavo capítulo de A Soberana Criadora de Tudo, Mente de Perfeita Pureza, na qual se explicam os erros e falhas quanto às visões doutrinárias e à prática religiosa.*

Então a Criadora Soberana de Tudo, mente de perfeita pureza, ensinou que Ela é o vigor central dos Budas, e que Sua natureza em toda sua totalidade está sem erro ou falha.

"Ó grande bodhisattva, ouça! Eu sou a mente de perfeita pureza de todos e, portanto, sou chamada de vigor central de todos. Quanto às três formas de manifestação do professor, os Budas que habitam nos três tempos, os portadores da sabedoria (Vidyâdhara), e bodhisattvas, todos os seres sencientes deste mundo tríplice, e tudo o que existe como o mundo animado e inanimado, eles não são nada além de Mim, o vigor central de tudo o que é emanado.

Agora, quando você pergunta, como isso vem a ser, [Eu respondo] que da imperceptível quietude em si, a manifestação da verdade que não nasce emana. A partir da [Minha] própria atuação, a manifestação de desejos do extâse comunal emana. Da compaixão, a grande [mente] de perfeita pureza, as manifestações corpóreas emanam para o bem dos seres sencientes.

Se todos os Budas dos três tempos, assim como os Budas anteriores, compreenderem o imperceptível, ou seja, a consciência prístina auto-originada, como a própria mente, os Budas anteriores também habitam agora em um estado de imperceptibilidade. [Mas] os budas atuais, por não intuírem a consciência prístina não-originada como a própria mente, trabalham para o bem dos seres sencientes. Os budas que virão no futuro são profetizados para não intuir a perfeita pureza, a consciência prístina auto-originada. Eles certamente virão para o bem dos seres sencientes. Se os portadores de sabedoria e outras pessoas não vêm a mente de perfeita pureza por teorizá-la, como poderão então encontrar o vigor central de sua própria mente?

Como a consciência prístina auto-originada não é obscura para os

seres sencientes deste mundo tríplice, ela ilumina como reconhecimento (*rig pa*) as faculdades sensoriais e seus objetos. A mente genuína de perfeita pureza é explicada como o vigor central puro dessa consciência.

Entre todas as coisas que aparecem e existem como animadas e inanimadas, não há uma única coisa que não nasça de Mim. Todas as causas derivam de Mim, portanto [Eu sou] declarada o vigor central de todos. Eu supero tudo, estou superando até as três formas de manifestação. Eu estou superando os Budas dos três [tempos].

Eu criei os portadores de sabedoria, os bodhisattvas e todos os seres sencientes que vivem neste mundo tríplice, bem como tudo o que aparece como animado e inanimado, e os estou superando em totalidade. Eu, a Soberana Criadora de Tudo, mente de perfeita pureza, estabeleci no passado o ensinamento da mente de perfeita pureza como um ensinamento universal. Esse ensinamento da mente de perfeita pureza não pode ser estabelecido por todos. Se você perguntar como foi estabelecido, [Eu respondo]: Porque não há nada que deva ser feito em relação às coisas, se entra [neste ensinamento] através da porta do não-esforço. Como não há nada além da mente de perfeita pureza, a Realidade é a mente de perfeita pureza, e como a mente não deve contemplar [uma visão doutrinária], [este ensinamento] foi estabelecido como livre de visões doutrinárias e meditação. Como a Realidade está além [da distinção] de sujeito e objeto, [este ensino] foi estabelecido como ausente da observação dos votos. Como a [Realidade] é auto-aperfeiçoada desde o primordial, [este ensinamento] foi estabelecido sendo ausente de esforço por quaisquer atos salutares. Como a mente da perfeita pureza habita em todos, [este ensinamento] foi estabelecido sem a prática dos estágios do bodhisattva. Quanto a uma oportunidade de prosseguir em direção à mente de perfeita pureza, Eu ensino que não há procedimento em um caminho porque não há estágios da mente em relação aos quais alguém possa proceder. Como a Realidade é a mente de perfeita pureza, você não deve se engajar em uma visão doutrinária que não seja a Realidade. Mas a consciência prístina, ou

seja, a consciência auto-originada, não é a consciência que percebe os objetos [sensoriais].

Como Eu, a Soberana Criadora de Tudo, mente de perfeita pureza, superei a meta de [todas] visões doutrinárias e práticas religiosas, e porque Eu sou o vigor central de todas as coisas criadas, Eu sou chamada de o vigor central do Vitorioso."

Assim Ela falou.

*~ Este é o trigésimo nono capítulo de A Soberana Criadora de Tudo, Mente de Perfeita Pureza, na qual o vigor central do Vitorioso é explicado.*

Então a Soberana Criadora de Tudo, mente de perfeita pureza, ensinou este ensinamento [que diz] que a mente de perfeita pureza é o Seu próprio ser.

"Ó grande bodhisattva, ouça! Como estabeleci este ensinamento, estou ensinando todos os Budas dos três tempos, os portadores da sabedoria e bodhisattvas, e todos os seres sencientes deste mundo tríplice que, ao não se empenharem em qualquer esforço ou realização, são Budas desde o primordial. Os três ensinamentos que [aconselham] a se esforçar e alcançar e que [são inaugurados] pelas três formas do professor dos séquitos diminuirão devido aos erros e falhas [contidos nesses ensinamentos]."

Assim Ela falou.

Então Dorje Sempa perguntou novamente:

"Ó professora, Soberana Criadora de Tudo, Seu ensinamento é o da mente de perfeita pureza. Se essa mente de perfeita pureza é Buda, então todos os seres sencientes deste mundo tríplice também são Budas? Se todos os seres sencientes neste mundo são Budas, por que então eles circulam neste mundo tríplice?"

Assim ele perguntou.

Então a mente de perfeita pureza, a Soberana Criadora de Tudo, respondeu:

"Ó grande bodhisattva, ouça! Todas as coisas que aparecem exatamente como são e que se originam da mente de perfeita pureza, evidenciam a Realidade. A Realidade, apesar de ser uma em sua talidade, aparece em cinco aspectos. Se [alguns] dizem isso por causa

do desejo e desgosto por esses cinco [aspectos que são os cinco objetos sensoriais], obscurecimento e sofrimento surgem, então eles estão prontos para abandonar a Realidade nos cinco objetos sensoriais. Embora a consciência prístina auto-originada resplandeça [em todas as coisas] eles serão incapazes de abandonar o mundo tríplice e continuarão a circular nele.

A Realidade, que é uma em sua talidade, aparece como os cinco objetos sensoriais, e se eles disserem que por causa do desejo e do desgosto esses cinco objetos sensoriais são a causa do samsara, então eles estão fadados a obstruir a Realidade nos cinco objetos sensoriais. Embora a consciência prístina auto-originada resplandeça, eles serão incapazes de obstruir o mundo tríplice por muitos éons, e eles continuarão a circular no samsara.

A Realidade que é uma aparece nos cinco objetos sensoriais, [mas] o desejo e o desgosto pelos cinco objetos sensoriais surgem. Se [alguns] dizem que esses [objetos sensoriais] são o lugar onde o apego existe, eles estão destinados a purificar a Realidade nos cinco objetos sensoriais. Embora a consciência prístina resplandeça [em todas as coisas], eles estarão purificando o mundo tríplice por muitos éons e continuarão a circular no samsara.

Realidade que é evidente e uma em sua talidade resplandece como Realidade nos cinco objetos sensoriais. E se [alguns] disserem que como surge o desejo e o desgosto por esses cinco objetos, eles são um lugar [em necessidade] de bênçãos, eles são obrigados a realizar bênçãos dos mundos exterior e interior e purificar a Realidade nesses cinco objetos sensoriais. Embora a consciência prístina auto-originada resplandeça, eles continuarão por sete ciclos de vida para realizar suas bênçãos e circular neste mundo tríplice.

A Realidade que surge da mente de perfeita pureza é evidente. Como é uma em talidade, a Realidade resplandece nos cinco objetos sensoriais. Se alguns dizem que por causa do desejo e do desgosto, os cinco objetos sensoriais são a causa dos renascimentos celestes e maus, eles aplicarão

[uma atitude de] adquirir e rejeitar à talidade. Embora a consciência prístina resplandeça, tal [suposição] não é adequada para rejeitar [os cinco objetos sensoriais] por causa de suas próprias condições. [Estas pessoas] estão prestes a rejeitar o que é inadequado para isto (ou seja, tornar-se consciente da mente de perfeita pureza), e portanto elas circularão no samsara.

Essa Realidade, evidente quando surge da mente de perfeita pureza, é uma em talidade e, portanto, a Realidade resplandece nos cinco objetos sensoriais. O desejo e o desgosto pelos cinco objetos sensoriais devem ser desobstruídos quanto à forma, expressão e espírito [do Buda] [estando presente nesses objetos]. [Mas essas pessoas] tentarão alcançar ainda mais em relação à forma, à expressão e ao espírito [do Buda]. Ao tentarem alcançar o que existe desde o primordial, eles circularão no samsara por causa dessa "conquista".

Ó grande bodhisattva, portanto, desde que eles abandonaram a mente de perfeita pureza, a consciência prístina auto-originada, existente desde o primordial, será inexistente [para eles]. Desde que eles [querem] desistir do samsara, não há nada para chamar de nirvana. Uma vez que eles [querem] desistir da percepção das coisas (*chos can*), a Realidade, que existe desde o primordial, será inexistente [para eles]. Tudo é um em talidade. Portanto, [a tentativa] de alterar tal coisa, embora tudo seja um em talidade, é um erro.

[A etimologia da talidade (*de bzhin nyid*):] *de* ('disso'): um nome do infalível; *bzhin* ('tali'): tem o significado de inalterado; *nyid* ('dade'): é entendido como a característica auto-determinante.

Não tente alterar essa talidade! Aqueles que tentam alterar essa talidade tentarão alterar a mente de perfeita pureza. Aqueles que tentam alterar a mente de perfeita pureza, na verdade apenas alcançarão o samsara. "

Assim Ela falou.

*~ Este é o quadragésimo capítulo de A Soberana Criadora de Tudo, Mente de Perfeita Pureza, na qual a natureza da mente de perfeita pureza é explicada.*

Então a Soberana Criadora de Tudo, mente de perfeita pureza, ensinou que "Eu sou a natureza de todas as coisas."

"Ó Dorje Sempa! Você deve conhecer o Meu próprio ser assim: Eu sou uma lâmpada para os professores; [Eu sou] a mente de perfeita pureza. Eu sou o vigor central de todos os Budas dos três tempos. Eu sou pai e mãe para todos os seres sencientes do mundo tríplice. Além disso, Eu sou a causa de tudo que existe como animado e inanimado. Não há uma única coisa que não emane de Mim. Como Eu não estou permanecendo [em um só lugar] (*gnas*), Eu sou toda-integrante. Desde o primordial, Eu sou os Budas dos três tempos.

Como estou habitando em imperceptível quietude, sou o Buda primordial (*ye sangs rgyas*) em imperceptível quietude e manifestação da verdade. Como a Minha atuação é a manifestação do júbilo, Eu mesma sou o Buda primordial na manifestação do júbilo comunal. Como Eu mesmo apareço como consciência prístina auto-originada, Eu sou o Buda evidente na manifestação corpórea compassiva. Por essa razão, declaro ser o vigor central de todos os Budas dos três tempos. Eu sou a consciência prístina que resplandece como mente de perfeita pureza. A consciência prístina auto-originada em seus cinco aspectos (isto é, as cinco consciências sensoriais) [traz à tona] as seis categorias de seres sencientes. Assim Eu sou o pai e a mãe dos seres sencientes deste mundo tríplice. Eu também sou a atuação do que existe como animado ou inanimado. O que aparece como "terra" vem da Minha atuação. Eu sou o Buda eternamente existente [terra]. Por causa de toda a sua qualidade integradora, a mente em si é o elemento água. Eu não sou dois, mas um todo integral e, portanto, o elemento água. Eu sou a quietude e calor de todos - o elemento fogo. Como habita igualmente em tudo - o Buda do fogo. Eu, em Minha natureza sem começo, sou agilidade - a agilidade sem começo evidente como o Buda do elemento vento. Eu sou impecável e ilumino tudo, portanto, a designação do céu

é usada. [Eu] sou o Buda [do elemento céu]. Não há nada no universo (samsara) [feito dos cinco] grandes elementos que não seja um Buda e que não esteja vindo de Mim. É ensinado que os cinco elementos são o Meu próprio ser. Nesta unidade a natureza dos vinte e cinco [subelementos] está completa. No que aparece como terra, a água existe de maneira nuclear. Na quietude do fogo, a agilidade do [elemento] vento resplandece. Por causa de sua impecabilidade e habilidade iluminadora, é a natureza do céu. Nesta unidade os vinte e cinco [subelementos] estão completos. As boas qualidades dos cinco grandes elementos são mostradas pela mente de perfeita pureza. As coisas [existentes] são não-duais e uma na mente de perfeita pureza. Pelo uno tudo é feito, feito pela Soberana Criadora de Tudo."

Assim Ela falou.

*~ Este é o quadragésimo primeiro capítulo de A Soberana Criadora de Tudo, Mente de Perfeita Pureza, no qual é inquirida a unicidade da [Sua] atuação.*

Então a Soberana Criadora de Tudo, mente de perfeita pureza, ensinou isto: que todas as coisas existentes, isto é, a mente de perfeita pureza, são em si mesmas iluminadas.

"Ó, grande bodhisattva, escute [como] a manifestação da verdade [se correlaciona com] a mente de perfeita pureza! Da mente de perfeita pureza vem a manifestação da verdade; ninguém a alterou, nem mesmo uma mínima parcela dela. Portanto, não existe nenhum Buda além da mente [de perfeita pureza].

[Ouça como] a manifestação do júbilo comunal [se correlaciona com] a mente de perfeita pureza! Da mente de perfeita pureza, vem a manifestação do júbilo comunal. Não há outra manifestação além do júbilo comunal como manifestação da forma (*rûpakâya*) da mente de perfeita pureza.

[Ouça como] a manifestação corpórea [se correlaciona com] a mente de perfeita pureza! Não há nada mais para trabalhar pelo bem dos seres sencientes do que as manifestações corpóreas da mente perfeita e pura. Não há nada mais do que a mente de perfeita pureza, nem mesmo os Budas dos três tempos.

Os Budas do passado viram e entenderam que a própria mente nunca deve ser alterada. Os Budas do presente também reconhecem que a mente genuína não deve ser alterada. Os Budas que virão no futuro para trabalhar pelo bem dos seres sencientes, ensinarão a não alterar essa mente não-originada como tal. Assim, durante a meditação, não se deve tentar alterar a mente. Vá e entre em um caminho de não-alteração!

Aqueles que não reconhecem que todas as coisas existentes estão na mente de perfeita pureza, não alcançarão nada devido a [sua tentativa de] alcançar [progresso espiritual] através da alteração [da mente]. Eles fingem alcançar algo apenas alterando a sua incompreensão; por

muitos éons incontáveis eles não encontrarão o júbilo que não pode ser procurado. Ho! Embora as três manifestações não possam ser alienadas da mente, nos sutras e shastras das três manifestações do professor, o desempenho de alterar [a mente] é dado como meta. Quanto a isso, os professores das três manifestações não ensinam isso de acordo com seu próprio ser. Tudo o que um professor ensina, ao qual pede para alterar essa talidade, é apenas um tipo de verdade. Não é um conhecimento de significado definitivo, mas um conhecimento que requer interpretação."

Assim Ela falou.

*~ Este é o quinto capítulo de A Soberana Criadora de Tudo, Mente de Perfeita Pureza, no qual [o tema] "não-alterar" é inquirido.*

Então a Soberana Criadora de Tudo, mente de perfeita pureza, ensinou pessoalmente que todas as coisas são o próprio professor.

"Ó grande bodhisattva, ouça! Eu sou o professor de todas as coisas. Dos três aspectos do Meu próprio ser, surgem os professores que são ensinados sendo de três tipos. Também os ensinamentos são de três aspectos, como Eu ensino. Dado que os anfitriões dos séquitos também são triplos, como Eu ensino. Qualquer coisa que os professores em suas três formas estejam proclamando, é um conhecimento que ensina a natureza das coisas, um conhecimento que ensina a atuação das coisas e um conhecimento que ensina o significado das palavras. O conhecimento que ensina a natureza das coisas surge como uma bênção do que não nasce. É ensinado que todas as coisas, que aparecem exatamente como são, são a talidade das coisas.

O conhecimento que ensina a atuação das coisas [diz que] todas as coisas, que aparecem exatamente como são, emergem como manifestações dos próprios professores. É ensinado que nada está além da atuação das coisas.

O conhecimento que ensina o significado das palavras: o significado de todas as coisas é transformado e condensado para que os seres sencientes ignorantes e inconcientes deste mundo tríplice possam ser ensinados combinando o significado [das palavras] com o seu som. Assim, a natureza dos professores é ensinada. Os séquitos que aceitam isso são ensinados a serem de três tipos: (1) os séquitos que superaram o esforço para alcançar o Atiyoga, e que permanecem no estado búdico em virtude de sua confiança de que eles entraram na porta [para a libertação]. (2) Os séquitos do nível de portadores da sabedoria ou [daqueles no estágio] do primeiro ao décimo do bodhisattva, e que permanecem em um estágio de meditação perto da realização do estado búdico (*ma thob nye reg bsgoms pa*). (3) Os séquitos que juraram aspirar à bodhicitta, que permanecem no nível de suprimir o

veneno da [luta por] resultados de boas causas. Estes são explicados como os três séquitos do professor."

[Dorje Sempa:]

"Ó professor dos professores, Soberana Criadora de Tudo! Se os três professores e os anfitriões de séquitos são assim, como então os três ensinamentos são ensinados?"

Assim ele perguntou.

[A Soberana Criadora de Tudo:]

"Ó grande bodhisattva, ouça! Ensina-se o ensinamento da manifestação da verdade como talidade. Essa talidade não tem particularidades. Todas as coisas, que aparecem exatamente como são, são a atuação da mente - que é talidade. Quem meditar sobre isso será feito para alterar [a talidade primordialmente existente]. Quem não entende este ensinamento sobre a manifestação da verdade, não reconhecerá a imperceptível Realidade como [mente da] pura perfeição em sua talidade infalível. Quem altera essa [mente de perfeita pureza] meditará sobre isso. Portanto, eles não intuirão que sua própria mente é inalterável.

As coisas que aparecem e existem, e a mente de perfeita pureza que não aparece, surgem da natureza da mente como talidade. Se talidade não é entendida [como uma] mas vista como diversidade, então a talidade será buscada à parte da dimensão [da Realidade]. Ao buscar [liberação] através dos Budas dos três tempos, você não a encontrará.

Ó grande bodhisattva, ouça! O ensinamento da manifestação do júbilo comunal é puro prazer: os cinco aspectos do prazer são, quanto à Realidade, apenas um prazer. Os prazeres são cinco - o da forma e assim por diante (ou seja, os cinco objetos sensuais). Cada um deles [é dividido] em cinco, portanto, vinte e cinco [formas de prazer] são experimentadas. Os vinte e cinco prazeres são transfigurados em cinco manifestações (*skulnga*). Essa transfiguração é explicada como

a própria atuação da Realidade atual. Eu ensino aos portadores da sabedoria do décimo estágio do bodhisattva que Minha forma como manifestação do júbilo comunal não pode ser desfrutada no prazer dos Budas e de todos os seres sencientes."

Assim Ela falou.

"Ó grande bodhisattva, ouça! Os ensinamentos da manifestação corpórea estão de acordo com a intenção (*don*) da compaixão. [A manifestação corpórea em seus] três aspectos de forma, expressão e espírito, ensina os seres sencientes deste mundo tríplice, que têm pensamentos diferentes, para desistir desses pensamentos divergentes e seguir a forma, a expressão e o espírito dos Budas. Como [a manifestação corpórea] ensina o que é adequado para aqueles que [ficam] em lugares solitários depois que eles se afastaram de saborear objetos sensoriais, Minha compaixão é assim transformada em um ensinamento que precisa de interpretação.

Ó grande bodhisattva, ouça! Como Eu sou o professor de todas as coisas, eu ensino até mesmo aos Budas Minha natureza, e também ensino aos seres sencientes Minha natureza. Ao ensinar a Minha natureza, ela é colocada nas bocas dos professores, mas Minha natureza deve ser intuída. Budas, ensinamentos e séquitos nada mais são do que os três aspectos do Meu próprio ser. O próprio ser dos professores é Eu e, portanto, incessante. O ensino como Meu próprio ser é inalterável. As pessoas que compreendem isso, compreendem pela Minha atuação."

Assim Ela falou.

*~ Este é o quadragésimo terceiro capítulo de A Soberana Criadora de Tudo, Mente de Perfeita Pureza, em que Ela pessoalmente falou sobre o professor.*

## 44

Então a Soberana Criadora de Tudo, mente de perfeita pureza, expôs o significado da não-ação em relação a Si mesma.

"Ó grande bodhisattva, o significado da não-ação é assim: A Criadora de Tudo é meu próprio ser, mas Eu sou inativa. Como Eu sou do primordial consumado em Minha existência (*byas zin*), Eu sou a Realidade da não-ação. Como a Realidade é Meu próprio ser, não há ações [relacionadas] a este ser. Eu sou de natureza inalterável, tal é a natureza das ações [pertinentes] à [Minha] natureza. Essa perfeita pureza inalterável - não [tente] alterá-la, ó Dorje Sempa! Se você [tentar] alterá-la, ó Dorje Sempa, então você [tentará] alterar-Me, a Criadora de Tudo. Da mesma forma, todas as coisas, existindo como são, são Minha natureza , ou seja, a da Criadora de Tudo.

Ó grande bodhisattva, ouça! Minha natureza é imutável. Se [os seguidores dos outros veículos] meditarem [sobre esta natureza], tentarão alterá-la e transmutá-la. Desde o começo primordial Eu sou espontaneamente auto-aperfeiçoada. Se eles tentarem alcançar [resultados], eles tentarão me alterar. Se eles [quiserem] seguir em direção a Mim, nunca chegarão [à meta]. Se eles me procurarem, nunca terão sucesso nisso. Se eles praticarem [realizar-Me], nunca serão puros. Não me teorize, já que não sou objeto [de especulações]. Não prossiga em direção a Mim, pois não há caminho. Não me purifique pois não tenho defeito. Não permanecendo [na existência] (*mi gnas*) Eu não sou um objeto de percepção. Não conceitualizada, estou longe de ser um objeto de pensamento. Todas as coisas nomeadas através da percepção são ensinadas como Minha atuação. Aqueles que se empenham em abandonar e obstruir este [ensinamento] não se encontrarão Comigo, a Soberana Criadora de Tudo, por uma duração de três éons. Aquelas coisas que [eles acham que devam] ser abandonadas são ensinadas como a Minha atuação.

Ó grande bodhisattva! A mente de perfeita pureza é a Soberana

Criadora de Tudo. A Soberana Criadora de Tudo cria através da mente de perfeita pureza. Fora da mente de perfeita pureza, nada está criando. A mente de perfeita pureza é do primordial infalível. Como existe desde o primordial, também é infalível. Os caminhos da mentira e da verdade não se aplicam ao que é infalível. Está além de todas [essas distinções] como causa, condições, resultados, esforço ou realização. Se [os seres sencientes] não compreendem que [a mente de perfeita pureza] está além [da dicotomia de] sujeito/objeto, e de se esforçar/alcançar, eles procurarão por sucesso depois de terem meditado em realizar atos de esforço e conquista - e não há nada mais severo do que obstruir a mente de perfeita pureza desta maneira. [No entanto] eles permanecerão na natureza e no equilíbrio não-conceitual por não terem a menor inclinação para o inexistente e o não-conceitual. No que diz respeito ao que do primordial é a existência consumada, nenhuma atitude de esforço deve ser gerada. Aqueles que permanecem neste grande êxtase tornar-se-ão o vigor central de todas as coisas! Portanto, [tais distinções como 'eu' e 'outros' não servem para nada. Esse vigor central que inclui o um e todos, ilumina até mesmo a mente dos Budas dos três tempos sem qualquer doutrina, e deixa resplandecer a mente de todos os seres sencientes sem defeito algum.

Ó grande bodhisattva, ouça! Eu, a Criadora de Tudo, sou o cumprimento de todos os seres sencientes, mas o Meu cumprimento não é gerado por qualquer outra coisa. Um ensinamento que depende dos outros não é o Meu conhecimento. Eu sou o todo-perfeito, desde o primordial estou consumada em Meu ser perfeito. Como estou consumada em Meu ser desde o primordial, as visões doutrinárias e a prática religiosa não são necessárias. Como sou totalmente pura desde o primordial, não há necessidade de observar quaisquer votos. Como estou permanecendo no estado de perfeita pureza, não há necessidade de praticar o estado de um portador da sabedoria ou do décimo estágio do bodhisattva. Como a partir do primordial Eu sou auto-aperfeiçoada devido ao não-esforço, não há necessidade de nenhum ato de esforço do primordial. Como a consciência prístina auto-originada não é um objeto de reflexão, não há necessidade de que a consciência intuitiva seja iluminada por alguns objetos. Como o grande gozo e a

manifestação da verdade são um só na mente (*sems*), os três tempos - como passado, futuro, [e presente] - não existem, mas são um todo abrangente. Como os [séquitos], tempo, lugar totalmente aperfeiçoados e todas essas coisas são apenas uma, e como tudo é um, Eu sou o todo-perfeito. [O sistema da] Grande Perfeição [é assim chamado] por causa de Mim, o todo-perfeito. Por esta razão você não deve [tentar] alcançar [resultados] através do esforço, como foi ensinado anteriormente em relação à doutrina, prática religiosa, bons atos, votos, estágios do bodhisattva, e [os cinco] caminhos.

Se de tal maneira [a natureza] não for intuitivamente compreendida, e se eles se engajarem em esforço e realização, eles serão isolados da meta que transcende causas e resultados. Eles não se encontrarão com o grande êxtase. Eles, que não têm discernimento intuitivo, serão capturados pela doença de se esforçar e alcançar. Portanto, a Grande Perfeição que está além de causa e resultado, não é um campo de prática adequado para aqueles sem talento. Eles irão praticar uma doutrina de causa e resultado".

Assim Ela falou.

*~ Este é o quadragésimo quarto capítulo de A Soberana Criadora de Tudo, Mente de Perfeita Pureza, no qual é exposto que a Grande Perfeição é sem sentido para aqueles sem talento.*

Então a Soberana Criadora de Tudo, mente de perfeita pureza, expôs que a sabedoria da Grande Perfeição não contempla uma visão doutrinária.

"Ó grande bodhisattva! Não contemplar as próprias opiniões doutrinárias [significa] que Eu sou a Criadora de Tudo, e não devo ser contemplada. Eu, a Criadora de Tudo, não sou um objeto de contemplação. Eu sou inalterável e habito como natureza em todos.

As três manifestações do professor, oriundas de Mim, dizem respeito à Realidade, que se tornam aparentes através de Mim, que o que não deve ser meditado, a permanência em sua natureza, é o mal dos cinco desejos passionais. Eles não guiam [seus discípulos] para a natureza [inalterada], mas os forçam a contemplar o abandono e obstrução. Tais ensinamentos estão em contradição com o vigor central do inalterável. O gozo do inativo não será obtido por aqueles que afirmam que os quatro grupos de não-budistas foram estabelecidos como séquitos após serem abençoados pelas manifestações da compaixão. Ó grande bodhisattva! Quando, com relação à Realidade que emana de Mim, eles dizem que é o mal dos cinco desejos passionais, eles teorizam e aplicam as duas verdades aos bodhisattvas do primeiro ao décimo estágio. Desse modo, eles contemplarão a teoria e a prática do ensinamento das manifestações sobre se a verdade última não é, ou se o convencional é. Isso obstrui o meu vigor central, ou seja, o inalterável 'como-é'.

Ó grande bodhisattva! De Mim, a Realidade emana. As manifestações do júbilo comunal instruem os séquitos sobre o inalterável, "como-é", a Realidade, mas eles não entendem [o que está implícito dizendo] "como-é" e "inalterável". Assim [seus seguidores] abençoam o mundo exterior e interior, o mundo animado e inanimado através de [rituais] de purificação. Eles evocam as divindades de sabedoria da meditação por meio dos membros da iluminação (*bodhyanga*, tib. *Byang chub*

*yan lag*) e todos os tipos de rituais. Em um momento eles fazem oferendas, [no momento seguinte] eles dispensam [as deidades visualizadas], e interrompem sua meditação. Mais uma vez eles meditam, e novamente eles a interrompem - é como uma casa de brinquedo de uma criança [feita de] barro! Isso obstrui o meu vigor central, o inalterável "como-é".

Ó grande bodhisattva, ouça! Devido ao ensinamento dos professores, emanando de Mim, eles entram em uma investigação sobre se as características definidas da meditação existem ou não em relação à aparente Realidade que emana de Mim. Aplicam aquisição e rejeição à única Realidade. Quando eles contemplam as divindades da sabedoria e a si mesmos, que fizeram os votos, como entidades separadas, eles esperam que [as divindades como suas] amigas lhes dêem habilidades sobrenaturais. Uma meditação que vê o um como dois é um erro! Como minha atuação é uma, não há dois a serem ganhos.

Ó grande bodhisattva, ouça! Minha natureza é evidente, mas eles transfiguram sua própria personalidade, purificada em relação aos agregados psicofísicos, elementos, formas de consciência, habilidades sensoriais e objetos dos sentidos, em uma divindade de diamante. Eles realizam meditações através dos rituais e dos quatro tipos de serviços religiosos. Eles trabalham pelo bem dos seres irradiando e contraindo mentalmente [os mantras visualizados] e [fazendo] oferendas aos nobres. Eles esperam obter habilidades sobrenaturais combinando [a prática de] radiação e contração [de mantras]. Eles se concentram em obter tais habilidades sobrenaturais para si mesmos através de si mesmos. Mas isso fará com que a mente meditativa se sinta esgotada.

O conhecimento da Grande Perfeição, para não ser meditado, é uma boa qualidade de Minha mente, ou seja, a da Criadora de Tudo. Não há necessidade de exercitar austeridades para alcançar resultados por meio do esforço pelas grandes qualidades da mente de perfeita pureza. Não há necessidade de atos de esforço porque [tudo] é sem causa ou condição. Não há necessidade de conseguir nada além da natureza do resultado (ou seja, nirvana). Não há necessidade de realizar meditação

sendo a Realidade você mesmo. Não há substância que possa decair sendo que nada nasce. Não busque um lugar para meditação, não dependa dos outros. Aqueles que meditam em Mim nunca me encontrarão através desta meditação. Porque Eu sou evidente como Realidade, não há necessidade de desistir do sofrimento que não nasce. Como a consciência prístina auto-originada está sendo ela própria, não há nascimento nem cessação, portanto não é necessário obstruir o surgimento dependente, como a ignorância e assim por diante, ou as faculdades sensoriais. Não há necessidade de purgar a Realidade - a pura e auto-originada. Não há necessidade de limpeza, sendo que a partir do primordial é puro. Não há necessidade de se esforçar ou alcançar algo sendo que é da auto-perfeição primordial. Não há coisa que seja purificada pela aplicação de visões doutrinárias. Talidade e [os cinco Budas como] Vairocana ('Aparição Diversa') e Samantabhadra ('Todo o Bem'), e mesmo as coisas que aparecem nas seis faculdades sensoriais, nada mais são do que o que existe desde o primordial. Aqueles que realizam meditações tentando obter algumas realizações em relação a Isso são como alguém perseguindo a forma do céu [na tentativa de capturá-lo].

Minha natureza está realmente além do escopo da percepção sensorial. Minha natureza deve ser verdadeiramente intuída como as coisas que são aparentes através de Mim, porque Minha atuação se torna visível para todos os séquitos e é ensinada com relação às diferentes capacidades. Se eles não vêm a Minha natureza desta maneira, Eu não lhes ensinarei o Meu veículo, ou seja, o da Criadora de Tudo. Como eles não têm talento [para entender] o espírito da Grande Perfeição, eles vão abraçar um conhecimento que precisa de interpretação, ou seja, o veículo da causalidade. Desde o primordial, estou além do escopo da percepção sensorial. Se Eu ensinasse aqueles sem talento e em favor do [veículo da] causalidade, eles repudiariam a própria mente [ouvindo esse] ensinamento, porque eles seriam levados a louvar e desprezar. Por essa razão, eles nascerão nas seis categorias [dos seres sencientes] e permanecerão para sempre no samsara.

Ó grande bodhisattva, intui este ponto quintessencial! Como Eu estou totalmente além do escopo da percepção sensorial, estou além do alcance dos sentidos e não venho através das palavras. Minha natureza é compreensiva e habita no círculo vazio (*thig le*). É explicada como não-conceitual, não-dual e uma desde o primordial.

Não há necessidade de realizar deliberações para preservar os votos. Não há necessidade de realizar deliberações sobre a busca de ações salutares. Os estágios do bodhisattva não devem ser praticados, pois não há caminho para prosseguir. Não busque a Realidade em qualquer outra coisa além de você mesmo. A consciência prístina não-originada é imperceptível e imperturbável, esta é a Minha sabedoria, ou seja, a da Criadora de Tudo. Não há outro conhecimento. Não se envolva em alcançar e se esforçar sendo que [Eu] estou além das causas e resultados. Não medite sobre qualquer item concreto, já que não é originário. Não há necessidade de decadência, pois isso não nasce. Como sou imperceptível, não medite [em Mim] como se Eu fosse perceptível. No meio da grande dimensão do grande êxtase pleno, repousa a natureza desse grande equilíbrio irrefletido. Não se envolva em meditação e não tente entender intelectualmente a natureza imperceptível, ou seja, a Realidade.

Ó grande bodhisattva! Se meditarem e em o que for que eles meditem - isso é uma doença para Mim. Não há uma mínima coisa a ser meditada sendo que a mente de perfeita pureza não tem [conceitos como] sujeito/objeto, e a mente de perfeita pureza é o vigor central de todos. Uma meditação, como explicado antes, não produzirá nenhum resultado. Da mesma forma, estou ensinando agora que [nenhum resultado] será obtido por meio da meditação.

Ó grande bodhisattva, conte Comigo! Eu sou a Soberana Criadora de Tudo, mente de perfeita pureza. A Soberana Criadora criou tudo, e toda a criação é criada Nela mesma.

'Tudo': é uma palavra que significa 'sem mais nada restando'.  
'Criadora': seu impulso central é fazer tudo. 'Pureza': não é

alcançavel. "Perfeito": porque é o vigor central de todos, é aperfeiçoado em seu vigor central. 'Mente': a sabedoria auto-originada é a mente em tudo.

Assim Ela falou.

*~ Este é o quadragésimo quinto capítulo de A Soberana Criadora de Tudo, a Mente de Perfeita Pureza, no qual se expõe que "nenhuma doutrina deve ser meditada."*

Então a Soberana Criadora de Tudo, mente de perfeita pureza, expôs que a Grande Perfeição não tem votos a serem observados.

"Ó grande bodhisattva, ouça! Estou ensinando que não há votos da Grande Perfeição que devam ser observados. A natureza da Soberana Criadora de Tudo, mente de perfeita pureza, não nasce e é de natureza não-conceitual, e dela os vários objetos surgem como as maravilhas da origem. Conhecendo o próprio ser desses objetos e não refletindo sobre eles, você os transcenderá como objetos de reflexão. Como não há percepção dos objetos, sem rejeição ou aceitação - se é aperfeiçoado na unidade da quietude. Então você está totalmente separado dos regulamentos, votos e dos atos [requeridos para] observá-los.

Os três professores, emanando de Mim que não observam [quaisquer votos], abençoam com sua compaixão os quatro segmentos de incrédulos, e então os disciplinam [e eles se tornam] os quatro séquitos. As regras que eles deveriam observar são essas: os números das [regras] básicas e as complementares são 250 e 550. No entanto, eles não sabem o verdadeiro propósito, nem o número ou o tempo [certo] para observar [os votos]. Por essa razão, eles não têm um método para preservar os votos, nem são capazes de fazê-lo.

A Grande Perfeição está além de qualquer reflexão e prática comum. Os votos são ilimitados e imensuráveis como o mar. [Os votos] são incluídos no corpo, fala e mente. [Eles dizem:] O sofrimento vem dos sentidos e de seus objetos, mas o corpo não consegue encontrar um lugar para ficar ou andar; a verdade se torna evasiva quando seu significado deve ser expresso em palavras, e o pensamento da mente é obstrução total da verdade. Não é o caso que, através do pensamento infalível, tudo possa ser alcançado. Por causa do corpo e da fala estarem firmemente ligados aos votos, é muito difícil entender o vigor

central da própria verdade. Não preservar [os votos] nem danificá-los - este é o conhecimento da Criadora de Tudo.

Ó grande bodhisattva, ouça! Os professores oriundos de Mim, ensinam que, em uma auspiciosa conjunção de estrelas e planetas, os reinos externo e interno devem ser purificados por meio de abluções. Eles prometem que os votos e a moralidade são para o bem dos seres sencientes. Mas quaisquer que sejam as promessas feitas e qualquer que seja a conduta moral, nenhum resultado será alcançado. A expiação por não cumprir as promessas não combina bem com a mente.

Ó, você de indestrutibilidade secreta, com relação aos três votos [você deveria saber]: há três promessas básicas e cinco suplementares. As três básicas são subordinadas sob a forma, expressão e espírito de Buda. A "forma", [relacionada ao voto], é meditar sobre a forma corpórea de uma divindade, mas isso é o vínculo do corpo. A 'expressão' [relacionado ao voto] é proferir mantras como [uma forma de meditação], mas isso não dá nenhuma paz. Uma absorção mental composta de irradiar e contrair [sílabas-semente] não promete [insight] na base imperceptível, nem é dotado de beatitude.

Os cinco votos suplementares são os seguintes: Primeiro, o voto sobre o que deve ser conhecido, isto é, os cinco agregados, os cinco elementos, consciência, faculdades sensoriais, objetos etc., mas também a natureza das divindades e mandalas deve ser conhecida. Aqueles que não vêem que não há nada a ser conhecido (isto é, um objeto) nem alguém que saiba (isto é, sujeito ou agente), eles desfrutarão de maneira inteligente os cinco votos de prazer - unir e libertar, roubar, abusar da sexualidade e mentir.

Eles vão desfrutar disso depois que entenderem que não apreciá-los seria visto como uma perda. Mas como Isso é imperceptível, eles serão isolados do estado de quietude.

Quanto aos cinco votos que devem ser prontamente tomados: [Esses iogues] afirmam que alcançarão a forma corpórea de um Buda pelos

cinco ingredientes [relevantes] a esses votos, isto é, excrementos, urina etc. Quando eles emitem e contraem as cinco sementes [sílabas] do [mantra] do herói, eles são levados a acreditar que adquiriram prontamente as cinco formas corpóreas do Buda. Eles acham que não atingiriam essas cinco formas, se não aceitassem prontamente [essas práticas]. No entanto, eles não conseguirão o que transcende o pensamento reflexivo e o que é livre de adquirir e rejeitar.

Quanto aos cinco votos que nunca deveriam ser abandonados: apego, ódio, etc. são os cinco venenos. Ao tomar os grandes votos do diamante secreto, os cinco obscuramentos (*klesha*) serão transformados nas cinco sabedorias. [Eles acreditam] que, se não desistirem dos cinco venenos, obterão as cinco sabedorias. Entretanto, com estes [métodos] eles não alcançarão o júbilo que é livre de adquirir e rejeitar.

Quanto aos cinco votos de sucesso: [Eles alegam] alcançar com sucesso a mandala através do [controle sobre] os cinco agregados, cinco elementos, consciência e objetos sensoriais. Quando eles completam os três samâdhi e os cinco *pûja* [eles assumem que] eles alcançaram a mandala de Buda (*pañcatathâgâta*). Eles tentam buscar a mente por meio dos cinco *pûja* e *samâdhi*. No entanto, eles obstruirão a auto-perfeição espontânea que, em sua imperceptibilidade, não pode ser buscada.

Estas formas corpóreas dos Budas [como visto] na meditação são como um arco-íris evanescente, e até mesmo o recitar de *pûja* e o pronunciamento de mantras é como uma pintura pálida. Eles não serão aperfeiçoados espontaneamente por causa de seu compromisso em se esforçar e alcançar. Se alguém tenta alcançar algo que não é existente, nenhuma conquista de qualquer coisa acontecerá.

Não há nenhum voto a ser observado no que diz respeito a Mim, a Criadora de tudo. Como não há causas e condições, não há necessidade de alcançar algo por esforço. Como [tudo] é espontaneamente aperfeiçoado não há necessidade de realizar

qualquer prática religiosa. Como [apenas] a consciência prístina é existente, não há necessidade do conhecimento factual (*shes par bya*). Como [tudo] é auto-originado, não há necessidade [para os conceitos de] causa e condição. Como não há nem bom nem mau, não há necessidade de adquirir ou rejeitar [nada]. Como não há coisas que poderiam existir como substâncias, [esta situação] é explicada como inexistência. Não se envolver [na suposição das] coisas como substâncias, não é obstruir a consciência prístina. Tal pessoa é dita estar em quietude.

A unidade é ensinada como tudo sendo um na mente. Como todas as coisas que aparecem como são, são aperfeiçoadas como a mente de perfeita pureza devido a uma profunda confiança, Eu declaro tal pessoa ser espontaneamente aperfeiçoada.

[Ver] Realidade como calor ou frio, fome ou sede, esperteza ou estupidez, [é como ver] os séquitos das três manifestações como inimigos, ou os seis *pûja* como um meio de escape. Não há nenhuma necessidade de conseguir qualquer coisa por esforço como explicado antes.

Como a própria causa é a consciência prístina auto-originada, eles não ganharão o controle sobre as condições de seus atos. Como a natureza da Realidade não é causada por condições, Eu não estou ensinando que eles vão conseguir algo através de esforço. [Se eles assumem que] a consciência prístina auto-originada não é idêntica com tudo, eles não vão perceber o auto-originário através de causa, condições e atos. Isso não pode ser capturado pelo [conceito de] duas verdades. Como eles podem ensinar a unidade quando [eles proclamam] um ensino de dúvidas e incertezas, ou seja, as duas verdades, embora com certeza [tudo] é um. As pessoas que praticam yoga e religião e que dizem que eles confiam no ensino da causalidade [como dado pelos] três professores, para eles as duas verdades e os quatro *pramâna* podem ser necessários. Como Eu, a Criadora de Tudo, fiz todas as coisas, não há necessidade de duas verdades no que diz respeito às coisas que Eu fiz. Se não há necessidade para as duas verdades no que diz

respeito às coisas que eu fiz, como então poderia tudo, feito por Mim, ser feito na mente de perfeita pureza? A mente de perfeita pureza não tem uma verdade última e convencional."

Assim Ela falou.

*~ Este é o quadragésimo sexto capítulo de A Soberana Criadora de Tudo, Mente de Perfeita Pureza, em que é explicado que não há votos a observar.*

Então a Soberana Criadora de Tudo, mente de perfeita pureza, expõe sobre a Grande Perfeição em termos de não haver busca por atos salutares.

"Ó grande bodhisattva, ouça! Eu, a Soberana Criadora de Tudo, a grande consumação, ensina que, desde o primordial, os atos salutares não devem ser procurados porque a Grande Perfeição é aperfeiçoada em si mesma. Um conhecimento é ensinado que os atos salutares não devem ser procurados, mas os professores em suas três manifestações, saindo de Mim, aconselham seus séquitos individuais que eles devem aspirar atos salutares.

Cada [manifestação] aconselha de forma individual que os atos devem ser aspirados. As manifestações corpóreas dirigem [seus seguidores] quanto às ações, com base nas quais as causas, eles têm de se empenhar. Quando [os seguidores] embarcam nas três meditações ilimitadas (ou seja, amor, compaixão e misericórdia) em termos de ações corpóreas, vocais e mentais, eles prometem desistir da matança, roubo e adultério por meio do corpo; eles prometem desistir de fofocas, palavras ásperas e enganosas, calúnias e assim por diante por meio do discurso; [e eles prometem] desistir de pensamentos gananciosos e hostis por meio da mente. Quando eles estabelecem este desempenho dos dez atos morais como causa, então eles desejam alcançar os [dez] estágios do bodhisattva e o estágio de plena iluminação praticando generosidade, moralidade e o [outro] das dez perfeições, e eles executam essas ações exaustivas por três éons. Mas isso não é o que Eu, a Soberana Criadora de Tudo, ensina.

As manifestações do júbilo comunal ensinam aos séquitos que os atos salutares devem ser realizados de acordo com [o conceito de] causalidade. O desempenho mental da meditação é assim: purificação dos reinos interior e exterior através de abluções e ritos purificadores. A bênção através de ações milagrosas é pensada em consistir de uma

mente [caracterizada por] sabedoria e votos. Depois eles executam *pûja* e enviam [as divindades evocadas] de volta por meio de uma mente contemplativa. Tais atos salutares podem continuar por sete ciclos de vida.

As manifestações de júbilo comunal são construídas sobre as manifestações da verdade e ensinam aos séquitos do Mahâyoga. [Estes séquitos] são ensinados que existe um grande ser e que eles devem meditar sobre deidades dotadas com suas cores e famílias individuais como estando dentro de uma mandala que é [os séquitos] do próprio fluxo mental. As divindades pacíficas são os agentes de obras pacíficas; as divindades de abundância são os agentes de obras de abundância; as divindades de poder também deixam os [séquitos] decretar obras de poder e controle; as divindades de coerção também deixam eles fazerem obras de exorcismo. Desse modo [estes séquitos] podem alcançar [o estado dos] portadores de sabedoria [das categorias] que 'permanecem na vida' (*tshe la gnas pa*) e do 'selo' (*phyag rgya*). Mas esses quatro [tipos de] obras exaustivas não irão levar a quaisquer realizações [verdadeiras]; e certamente [aqueles que seguem este sistema] não vão conseguir o estado sem esforço da não-ação. Como a Grande Perfeição transcende a causalidade desde primordial, a não-ação não pode ser alcançada através do esforço. Um professor de uma visão que mantém a causalidade, e que fez a suposição de que os fenômenos dados (*dhar ma*) são as características definidas do mundo, pode ensinar uma doutrina [dizendo] que [os seguidores] irão conseguir o resultado depois de ter procurado a causa.

A mente não tem causa, e assim é desde o primordial sem um resultado. Apesar [do fato de que] também a mente de perfeita pureza não tem nascimento, eles não têm dúvidas de que a decadência vem do nascimento, uma vez que adotam o símile que o mundo surge como dados fenômenos. Enquanto eles não entendem que o auto-originado não tem causalidade, eles proclamam que os resultados surgem de uma causa buscada, depois de terem assumido [a opinião de que] os fenômenos são o mundo de características definidas. Isto faz o veículo da causalidade uma doutrina com necessidade de interpretação (*drang lung*).

Ó grande bodhisattva, ouça! Um ensinamento dizendo "consciência prístina, consciência prístina" consiste nesta incomparável consciência prístina que não deriva de qualquer causa, ou seja, a consciência prístina auto-originada que é desobstruída e toda abrangente. Como [esta consciência] gera tudo, de nada mais o fenômeno (*dharmā*) surge. Adotando os fenômenos causais deste mundo como a norma (*tshod*) [para o estabelecimento de conclusões filosóficas], eles nunca gerarão um resultado que não tenha esforço. A mente de perfeita pureza não é gerada, nem por causas nem condições. Você não deve adotar os fenômenos de origem e cessação, ou seja, este mundo, como uma norma [para inferir o seu valor final]. Como a mente de perfeita pureza não é gerada a partir de qualquer condição é impróprio tomar os fenômenos condicionados deste mundo como um exemplo normativo (*dpe*).

Ó grande bodhisattva, se eles desejam a grandeza (*che ba*) eles vão lutar ativamente após a meditação e evocação (*sādhana*). Mas ao procurarem por meditação e evocação, não realizarão a grandeza infinita. Esta grandeza infinita é auto-originada e é grande desde o primordial. Se você se envolver em meditação você vai adular o espírito de Buda. Quem adular o espírito de Buda abandonará todos os Budas. Mas mesmo que eles não abandonem os Budas, mas abandonem a sua própria mente de perfeita pureza, eles serão incapazes de encontrar o seu próprio ser por éons.

Ó grande bodhisattva, não deixe a mente se envolver em samādhi ou meditação! Não tente conceituar a consciência prístina como um objeto! Com a sua voz você não deve recitar [os mantras] ou proferir o coração das [sílabas], nem você deve executar *mûdras* com os gestos de suas mãos. Com a sua mente você não deve realizar uma meditação de irradiar e contrair [as divindades visualizadas ou sílabas mânticas]. Aqueles que habitam em seu ser interior são imperturbáveis e espontaneamente aperfeiçoados. Quem habita em seu próprio ser não pode ser adulterado por ninguém. Permanecendo em talidade, que não é buscada, é ensinado ser o ato máximo da não-

ação. Aqueles que entendem este ponto final não realizam quaisquer atos. Como eles não executam quaisquer atos, eles permanecem em talidade. Quem quer que seja, que permaneça em talidade, perceberá o infalível e não-adulterado [equilíbrio]. Esta natureza infalível é pura. Isso em si é chamado de a própria natureza atuante e infalível (*ngo bo nyid*). Fora da talidade não há nenhuma das [dezoito] características especiais de um Buda."

Assim Ela falou.

*~ Este é o quadragésimo sétimo capítulo de a Soberana Criadora de Tudo, Mente de Perfeita Pureza, em que é dito que as obras salutares não devem ser buscadas.*

Então a Soberana Criadora de Tudo proclamou pessoalmente que a base de todas as coisas é a própria Soberana Criadora de Tudo.

"Ó grande bodhisattva, ouça! Eu, a Soberana Criadora de Tudo, sou a mente de perfeita pureza de todas as coisas. Esta mente de perfeita pureza é a base de tudo.

Dos três aspectos da Minha natureza, ou seja, a da Criadora de Tudo, [surge] a plenitude (*phun sum tshogs pa*) que satisfaz todas as necessidades. Os três aspectos da Minha natureza devem ser conhecidos da seguinte maneira: (1) não nasce (*skye ba med pa*), (2) sem término (*'gag pa med*), e (3) a fonte para a maravilha da criação incessante (*mi 'gag skye ba'i cho 'phrul*).

A plenitude é ensinada em três aspectos: (1) a plenitude que [decorre] da natureza que não nasce, revela (*bstan*) a base de [todas as coisas]; (2) a plenitude do próprio ser das três manifestações do professor que vêm da imaculada natureza desobstruída; (3) a plenitude do próprio ser dos três séquitos que derivam da atuação da maravilha que não nasce da criação.

Ó grande bodhisattva, ouça! O Meu próprio ser é a única Realidade. Eu sou a maravilha da criação de que surgem os três séquitos devido as três formas incessantes de manifestação do professor. Eu sou uma em Realidade e talidade, e pertinente a [esta verdade] há seis bases (*gzhi ma drug*) que são métodos que você deve compreender:

1) Quanto a fazer uma visão doutrinal como uma base para a Realidade cognitiva, [você deve saber que] é apenas um meio para deixá-lo ver a [Realidade]. Como o que não nasce não é um objeto que você possa perceber, você nunca vai olhar para a talidade por meio de uma visão doutrinária.

2) Quanto a fazer votos como uma base para purificar as próprias falhas, [você deve saber que] é apenas um meio para a remoção dos obstáculos. Como a talidade não é um objeto que você deva observar, a talidade nunca será dominada por meio da observação de [quaisquer votos].

3) Quanto a fazer ritos como uma base para a realização espiritual, [você deve saber que] eles são apenas um meio para deixá-lo fazer esta realização através de um esforço [por ela]. Como a talidade não é um objeto ao qual você poderia lutar, a talidade nunca pode ser realizada através do esforço.

4) Quanto à tomada de um caminho como uma base para o progresso por meio do processo [sobre ele, você deve saber que] é apenas um meio para progredir para o objetivo. Como a talidade não é um caminho em que você possa prosseguir, a talidade não será alcançada através de processo.

5) Quanto a fazer os estágios do bodhisattva como uma base para permanecer [neles, você deve saber que] eles são apenas um meio desnecessário de prática religiosa. Como a talidade existe em tudo e todos, não há nenhum estágio a ser praticado de modo que você possa permanecer [neles].

6) Quanto a fazer da consciência prístina como uma base de compreensão, [você deve saber que] é apenas um meio de entender a Realidade. Como a talidade nunca é um objeto de cognição, a consciência prístina auto-originada não pode ser cognitiva como um objeto.

Ó grande bodhisattva, ouça! A mente de perfeita pureza é a base de todas as coisas, mas [os seguidores do sistema de causalidade] nunca encontrarão a base inalterada de sua própria mente, devido ao fato de que o esforço irá adulterar a talidade. Isto é assim porque cada veículo tem seu conjunto individual de seis práticas e seis visões doutrinárias que ensinam aos séquitos a considerar a causalidade.

Então cada [discípulo] tem que pensar qual [veículo] é adequado [para ele ou ela]. Mas a talidade nunca é um objeto de esforço, mesmo que se engajam em se esforçar por meio de tomar as seis práticas e seis pontos de vista doutrinários como base. Eles nunca encontrarão sua própria mente como a base inalterada [do universo] desde que o esforço adulteraria a talidade.

Ó grande bodhisattva, ouça! Quanto ao ensino que diz "não contemple pontos visões doutrinárias" [você deve saber o seguinte]: Eu não ensino que os objetos não estão relacionados com o eu (*rang*) porque a raiz de todas as coisas não é nada mais que um eu, e, portanto, é impossível que o eu olhe pra si em termos de uma visão doutrinária. Portanto, é [conhecido como] o ensino "não contemple visões doutrinárias."

Quanto ao ensino que diz "não observação dos votos" [você deve saber o seguinte]. A observação [dos votos] não pode obstruir a própria mente, que é a consciência prístina auto-originada, conseqüentemente você não deve observar [os votos].

Ho, quanto ao ensino que diz "não se esforce por atos salutares" [você deve saber o seguinte]. Como a Grande Perfeição está além da causalidade desde o primordial, aqueles que desejam os resultados depois de terem realizado as causas em formas de atos salutares [nunca irão realizar a Grande Perfeição]. Este ensinamento é chamado de "não se esforce por atos salutares" porque a Grande Perfeição não pode ser desejada como resultado e porque os atos salutares, livres de esforço, são espontaneamente perfeitos.

Quanto ao ensino que diz "não proceder no caminho" [você deve saber o seguinte]. Ó, todos os Budas dos três tempos e os seres sencientes deste mundo tríplice prosseguem num caminho rumo à mente de perfeita pureza. No que diz respeito a esta mente [de perfeita pureza] os budas e seres sencientes não são diferentes. Conseqüentemente, não há nenhum processo em um caminho para esta mente por meio desta mente.

Quanto ao ensino que diz "nenhuma prática dos estágios do [bodhisattva] (*bhûmi*)" [você deve saber o seguinte]: como este único estágio da mente de perfeita pureza é a dimensão da Realidade (*dharmadhâtu*), aqueles que tentam realizá-lo por meio da prática são limitados à causalidade e fruição. Eu não ensino um conhecimento [alegando] que há uma realização deste estágio da mente de perfeita pureza, ou seja, a dimensão da Realidade, envolvendo na prática e adulteração.

Quanto ao ensino que diz "sem compreensão da consciência prístina como objeto" [você deve saber o seguinte]: em relação a esses objetos, eles são da consciência prístina auto-originada. Consequentemente, a consciência prístina não pode ser um objeto para a consciência prístina."

Assim Ela falou.

*~ Este é o quadragésimo oitavo capítulo de A Soberana Criadora de Tudo, Mente de Perfeita Pureza, em que ela pessoalmente proclamou que a base de todas as coisas existentes é a própria Criadora de Tudo.*

Então a Soberana Criadora de Tudo, mente de perfeita pureza, ensinou "Eu sou o lugar (*sa*) em que todas as coisas existentes habitam."

"Ó grande bodhisattva, eu sou a Soberana Criadora de Tudo, onde o vigor central de toda a [mente de] perfeita pureza habita. O próprio ser da mente de perfeita pureza é o palácio da dimensão da Realidade. Todos os Budas dos três tempos e todos os seres sencientes deste mundo tríplice permanecem na dinâmica vasta (*klong chen*) da mente. Não há uma única coisa que não habite aí. Luminosidade é onde todas as coisas habitam, e todos repousam nisso por não serem coagulados nem separados. Não há necessidade de limpá-la para progredir espiritualmente. Se você a limpa para fazer progresso espiritual você adulteraria sua própria mente. Mas com adulteração você não pode limpar sua própria mente. Este é o lugar universal (*spyi sa*) em que tudo habita.

Ó grande bodhisattva, ouça! Os professores em suas três formas de manifestação, que emanam de Mim, ensinam a essência dos estágios do bodhisattva em três aspectos para os séquitos que são atraídos para [os conceitos de] causalidade: o estágio de geração do bodhisattva (*b skyed pa'i sa*), o estágio de prática do bodhisattva (*spyod pa'i sa*), e o estágio de realização do bodhisattva (*sgrub pa'i sa*), estes três eles estão ensinando. No estágio de geração do bodhisattva [uma realização da] mente [é levada a] gerar os quatro [serviços religiosos]. No estágio de prática do bodhisattva [uma realização da] mente [é levada a] praticar as dez maneiras de viver (*spyod bcu*). No estágio de realização do bodhisattva [uma realização da mente é levada a], desejar a conquista. Como isto é ensinado como um ensinamento de um significado em necessidade de interpretação, Eu não ensino que é uma sabedoria pura de sentido definitivo.

Agora escute meu conhecimento que é puro e de significado

definitivo! Como a mente de perfeita pureza não tem nem causa nem condição, a mente de perfeita pureza não pode ser gerada no estágio de geração do bodhisattva. Se a mente de perfeita pureza fosse produzida no estágio de geração do bodhisattva, estaria em conflito com a mente de perfeita pureza sendo [ilimitada como] o céu e [idêntica com] a dimensão da Realidade. Aqueles que estão sob a influência de lembrar de atos bons e maus tentarão abandonar os objetos externos, que não são [nada mais que] a dimensão da Realidade, que não pode ser abandonada. [No entanto,] eles podem obstruir [as deficiências deste mundo transitório] apenas por não obstruir a consciência prístina auto-originada. Por não entender que a consciência prístina auto-originada [habita] nos objetos, eles não podem aniquilar tais declarações como 'sujeitos e objetos existem'. Assim, a mente de perfeita pureza não é gerada.

Ao praticar os dez [aspectos da iluminação] no estágio de prática do bodhisattva, todas as coisas existentes são removidas da mente de perfeita pureza. Isto leva à exaustão da aparente dimensão da Realidade, que é como o céu. Não há sequer uma única coisa que está em movimento no que diz respeito ao céu, do mesmo modo nada muda a respeito da mente de perfeita pureza.

Quanto ao desejo de alcançar a iluminação no estágio de realização do bodhisattva, há os seguintes nomes dados para o estágio do bodhisattva de realização da iluminação:

(1) Todo-luz (*kun tu 'od*), (2) Olho de lótus sem desejo (*ma chags padma spyen*), (3) Portador do diamante (*rdo rje 'dzin*), (4) Solidamente construído (*stug po bkod pa*, Skr. Akanishta), (5) Roda da grande assembleia de Vajradhara (*'khor lo tshogs chen rdo rje 'chang*), e (6) Todo o Bem inseparável de causa e resultado - estes são os seis estágios do bodhisattva. Mas como o próprio ser da mente é livre das causas e condições, Eu não ensino que se pode conseguir o resultado por realizações espirituais.

Agora vou ensinar-te as seis formas do próprio ser da mente. As seis

[formas] do próprio ser da mente são as seguintes:

1) A característica da consciência prístina auto-originada é a indestrutibilidade que é conhecida como "o lugar onde tudo é luz" (*kun tu 'od kyi sa*) desde que é a luminosidade total presente nos órgãos dos cinco sentidos.

2) Como não há desejo [dirigido] para os objetos imperceptíveis, [este estágio] é chamado de olho de lótus sem desejo.

3) Como a mente de perfeita pureza está sem um devir ou cessar, Eu chamo de o portador do diamante.

4) Como seu próprio ser é a realidade ilimitada e como a imperceptível consciência prístina auto-originada é mantida em equilíbrio, Eu chamo este estágio de o lugar que está firmemente estabelecido (*stug po bkod pa*).

5) O próprio ser da mente de perfeita pureza, na configuração de sua mandala (*dkyil 'khor*), habita como perfeita pureza nas coisas em si. Como letras mânticas (*yi ge*), agrupadas nas configurações da mandala, [a mente] está sem origem ou cessação na sua [representação simbólica da] forma divina, expressão, e espírito (*sku gsung thugs*) [Eu] chamo [este estágio] de o lugar do portador do diamante (*rje rdo 'chang gi sa*).

6) A mente de perfeita pureza é sem causa e resultado, e, portanto, todas as coisas que surgem desta mente são do primordial dissociado do bem e do mal, ou de adquirir e rejeitar. Por essa razão Eu chamo de um lugar de não-distinção. Por esta razão [você deve saber o seguinte] sobre a dimensão da mente pura e perfeita da Realidade: os Budas dos três tempos e todos os seres sencientes deste mundo tríplice que se originam a partir desta [mente de perfeita pureza] habitam aí; portanto, a dimensão da mente perfeita e pura da Realidade é conhecida como o lugar de prática universal (*kun spyod sa*).

Assim Ela falou.

O que é chamado o lugar da conquista do estado búdico (*sangs rgyas sgrub pa'i sa*) é ensinado como um lugar onde não há nenhuma prática, porque o que decorre do próprio ser da mente de perfeita pureza habita na mente de perfeita pureza como foi explicado antes."

*~ Este é o quadragésimo nono capítulo de A Soberana Criadora de Tudo, Mente de Perfeita Perfeita, onde é explicado que a Grande Perfeição não é um lugar de prática.*

Então a Soberana Criadora de Tudo, mente de perfeita pureza, ensinou que a consciência prístina auto-originada, a mente de perfeita pureza, é sem qualquer falha.

"Ó grande bodhisattva, ouça! A consciência prístina é chamada assim porque ela é imaculadamente consciente [de tudo]. A consciência prístina auto-originada é do primordial [um estado de consciência pura]. Se alguns compreenderam esta consciência prístina como um objeto, [isso implica que] não poderia ser auto-originada porque viria de objetos. Mas porque não é um objeto de nenhum modo, não pode ser iluminada (isto é, conscientizada). Por esta razão, esta consciência prístina auto-originada é uma consciência prístina que é intrinsecamente consciente [de tudo] a partir do primordial. Isto é chamado de 'consciência prístina'.

A consciência prístina [presente nos] professores dos séquitos é chamado de consciência prístina pertinente aos objetos. Quem compreende os objectos (*rtog byed*), esta pessoa é chamada aquele que conscientiza (*rig byed*). Este objeto que pode ser conscientizado emana da mente de perfeita pureza. Portanto, a mente de perfeita pureza não pode ser um objeto. Como a consciência prístina emerge de si mesma não pode ser contemplada em meditação. Quem não se envolver em meditação não terá impressões kármicas [inclinando-se] para a meditação. Uma dimensão da Realidade sem tendências latentes é explicada como a intenção dos Budas dos três tempos. A intenção de todos os Budas dos três tempos não pode ser reconhecida como um objeto, mas permanece em equilíbrio a partir do primordial.

Ó grande bodhisattva, ouça! Como as pessoas não entendem que a partir do primordial a consciência prístina auto-originada de todos os Budas dos três tempos está em sua mente, a intenção do Buda não se manifesta neles. [Esta consciência prístina auto-originada] não é absolutamente nenhum objeto de cognição. Um praticante do Atiyoga

que permanece em um estado de pensamento não-conceitual e que [pensa] 'o que quer que seja, está certo', esta pessoa manifesta a intenção do Buda.

Ó grande bodhisattva, ouça! A consciência prístina auto-originada decreta a intenção dos Budas. Como a consciência prístina auto-originada não pode ser conceituada como um objeto, não está associada com as impressões kármicas (*bag chags*) do pensamento conceitual. A promulgação de impressões kármicas herdadas é chamada de meditação, mas Eu nunca proclamo que o não-conceitual é de tais impressões kármicas herdadas. A consciência prístina não-conceitual e auto-originada [desdobra-se em] cinco aspectos, e eles se originam nas cinco faculdades sensoriais que são a própria mente. Esta consciência prístina auto-originada é incessante (*'gag pa med*). A mente de perfeita pureza é aparente em sua atuação. A consciência prístina auto-originada incessante aparece na individualidade, mas como tal, não deve ser abandonada como aparece devido a uma condição que é ela própria. Uma meditação que não é conceitual não irá acumular tais impressões kármicas, mas está de acordo com a intenção dos Budas dos três tempos. Quem permanece neste [estado em] não conceituar o que for, não permanecerá em Mim, nem em um estado que beneficia os seres sencientes, mas será integrado com a mente de perfeita pureza que é a manifestação da verdade. Esta é a soma da intenção de todos os Budas dos três tempos.

Ó grande bodhisattva, você deve entender o significado desta palavra que é uma aplicação da cognição (*rig pa*). A consciência prístina auto-originada habita nos cinco objetos sensoriais. [Como tal é chamado] de cinco consciências prístinas auto-originadas que não é um desejo orientado para um objeto, mas que aparece como os cinco objetos de desejo (*yul 'dod lnga*). Como estes objetos são da consciência prístina primordial, Eu não ensino que os objetos e consciência prístina são duas entidades diferentes. Desse modo eu também explico os objetos como a consciência prístina auto-originada. Exceto pela única consciência prístina auto-originada nada existe.

Os professores dos séquitos, emanando de Mim, podem usar [o termo] "consciência prístina" em sua conexão com os objetos sensoriais. [Este uso] resulta na geração de uma multidão de consciências prístinas, mas [apesar] de tais designações a consciência prístina é uma. Definir como objeto o que na verdade é o sujeito, ou seja, a natureza holística dos objetos (*yul cig rang bzhin*) aparente em sua particularidade, esta é uma definição do erro e apenas uma definitiva.

Minha consciência prístina auto-originada não é o todo-criador, mas Meu próprio ser é o único criador de tudo. Nomes diferentes são dados de acordo com os desejos dos séquitos: alguns chamam [Meu próprio ser] mente de perfeita pureza; alguns chamam de dimensão da Realidade; alguns chamam de vastidão do céu; alguns chamam de consciência prístina auto-originada; alguns chamam de manifestação da verdade; alguns chamam de manifestação do júbilo consumado; alguns chamam de manifestação corpórea; alguns chamam de forma divina, expressão, e espírito (*sku gsung thugs*); alguns chamam de onisciente; alguns chamam de todo abrangente; alguns chamam de três ou quatro sabedorias; alguns chamam de cinco consciências prístinas auto-originadas; alguns chamam de dimensão e consciência prístina. Mas o único nome dado por aqueles que confessam que viram o auto-originado é mente auto-originada de perfeita pureza."

Assim Ela falou.

*~ Este é o quinquagésimo capítulo de A Soberana Criadora de Tudo, Mente de Perfeita Pureza, em que a consciência prístina auto-originada é explicada.*

## 51

Então a Soberana Criadora de Tudo, mente de perfeita pureza, ensinou que não há nenhum progresso em um caminho [que leve a] Grande Perfeição.

"Ó grande bodhisattva ouça! Eu, a Soberana Criadora de Tudo, sou a mente de perfeita pureza. Esta mente de perfeita pureza é o grande caminho universal. A morada de existência do Buda, o mundo dos objetos, e os níveis [de realização espiritual] não existem em nada mais a não ser [nesta mente] do seu próprio ser. Também a dimensão da Realidade e a Realidade [em si] permanecem nela. A vastidão do céu e a mansão divina existem nela. A morada de existência do Buda e o mundo dos objetos são a mente de perfeita pureza. Além [desta mente de perfeita pureza] não há um caminho para progredir nem um lugar para existir. Ninguém nunca andou pelo caminho do céu por progredir.

Ó grande bodhisattva, ouça! Quem ensina que há um caminho de progresso são as três manifestações dos professores que emanam de Mim. Ensinam cinco ou três caminhos de progresso. Quem deseja chegar [no objetivo] por progredir [sobre estes caminhos] desejam obter um resultado de acordo com a sua causa. Mas isso não está de acordo com a Grande Perfeição onde não há progresso. [Essas pessoas] são derrotadas pela dualidade de sujeito e objeto quando elas tentam alcançar as duas acumulações [de sabedoria e mérito] por meio dos cinco [caminhos como] acumulação, prática, meditação, visão e aquele da realização. Mas o único resultado que eles conseguem através da sua consideração de uma doutrina de prática religiosa é que eles nunca irão encontrar o caminho do não-progresso. Nem mesmo pelo nome [eles serão capazes de conseguir] o que está além do esforço e da conquista, ou seja, o grande gozo.

Os três caminhos que secretamente ensinam [como atingir] o resultado são "talidade" (*de bzhin nyid*), "aparência universal" (*kun tu snang*),

etc., que são conhecidos como os caminhos das três formas de manifestação [do professor]. Quem reflete [sobre tais sistemas] meditando sobre eles, e que querem progredir por meio das quatro práticas religiosas, que transformam a realidade auto-originada em causa e resultado, eles nunca chegarão a um estado que está além de esforço e conquista. Mas aqueles que habitam na dimensão da Realidade, que é a sua própria mente, livre de conceitualização, eles habitam como todos os Budas neste estado de não-conceitualização. Por esta razão não tente progredir em um caminho. Sua própria mente é lúcida em sua imensa extensão como o céu. Nisso todos os Budas dos três tempos habitam. Por esta razão não tente progredir em um caminho. Quem [compreende] sua própria mente em sua Realidade não-conceitual, são espontaneamente aperfeiçoados como os Budas dos três tempos em sua existência real. Por esta razão não tente progredir em um caminho.

Se a ignorância os faz progredir em um caminho, então não haverá tempo de progresso concluído, nem haverá tempo quando a intuição é alcançada. Por meio de tal progresso essas pessoas nunca conseguirão alcançar o estado búdico. O Buda de sua própria mente está além da percepção cognitiva. Mas ninguém pode ir por meio do progresso espiritual para a própria mente que não é [um objeto de] percepção cognitiva. Refletindo sobre as visões doutrinárias estas pessoas estão ligadas à meditação como um objeto. Através desta meditação, eles não estão em equilíbrio com o que está além da percepção cognitiva. Através da observação de seus votos que eles tomaram para praticar. Através de serem apanhados pelo que não pode ser praticado eles não estão em equilíbrio com o que está além da percepção cognitiva. Através do esforço após os atos salutares eles executam uma meditação orientada para o sucesso. Devido a esta meditação orientada para o sucesso eles não estão em equilíbrio com o que está além da percepção cognitiva. Através da prática dos estágios do [bodhisattva] eles executam uma meditação de permanência. Por causa desta meditação de purificação eles não estão em equilíbrio com o que está além da percepção cognitiva. Através da investigação da Realidade eles executam uma meditação de clareza. Por causa desta

meditação de clareza eles não estão em equilíbrio com o que está além da percepção cognitiva. Mas aqueles que praticam uma meditação que intui lucidamente a consciência prístina, eles [realizaram] o imperceptível devido a esta meditação da intuição lúcida.

Ó grande bodhisattva, ouça! Uma meditação orientada para o sucesso, independentemente de quão clara possa ser, nunca vai perceber o que não tem sucesso algum. O grande êxtase que está completamente livre de qualquer atividade pode ser obtido apenas por aqueles que não desejam o que não é [um objeto de] percepção cognitiva. A consciência prístina auto-originada não cai sob o controle de quaisquer ações, porque não é produzida através da meditação nem através da acumulação de impressões kármicas. A consciência prístina auto-originada é o vigor central da manifestação da verdade que nunca pode ser alcançado pelo esforço, mas apenas por permanecer em seu próprio ser. Você deve livrar-se do propósito de quaisquer realizações. "O propósito" não passa de uma palavra. Em termos do totalmente puro, mesmo 'Buda' é apenas uma palavra. [Se] a palavra 'Buda' é aplicada, então tal ensino é contestável e não de significado definitivo.

Se as três manifestações dos professores, que emanam de Mim, usar tais palavras como "ensino, Buda, sangha, estas três jóias existem" eles agem como um barqueiro dizendo a todos os seres sencientes, que emanam como Meus séquitos de Mim, "seja feliz, seja afortunado, o júbilo não é nada mais do que desistir deste sofrimento". Desse modo, eles estão ensinando uma doutrina que promete realizações através da sequência de várias visões doutrinárias e práticas religiosas. Mas este não é o conhecimento sem ação de Mim, a Criadora de Tudo."

Assim Ela falou.

*~ Este é o quinquagésimo primeiro capítulo de A Soberana Criadora de Tudo, Mente de Perfeita Pureza, em que é inquirido "sem progresso no caminho".*

Então a Soberana Criadora de Tudo, mente de perfeita pureza, expõe que a Grande Perfeição sem ação é imperturbável.

"Ó grande bodhisattva, no que diz respeito ao desejo de alcançar todas as coisas, não tente alcançar o objetivo de seus desejos! A mente que está empenhada em desejar desiste de tudo o que é impossível de se obter. Como [a mente de perfeita pureza é impossível de se obter], ela está além da causa e resultado, a causa não será alcançada se o resultado for desejado. Aqueles que permanecem em sua natureza, que está além da percepção cognitiva, conseguirão [todas as coisas]. Mas uma meditação [impulsionada por um] desejo [por realizações] vai fazer você abandonar tudo. Estar sem quaisquer desejos [para o progresso espiritual] permite que você adquira tudo. O desempenho da meditação o torna preso pelo desejo, e este desejo não é puro. É impossível ser preso pelo puro. Um desempenho que deve ser tomado é não procurar por uma única coisa; isso vai deixá-lo tornar-se espontaneamente aperfeiçoado. Esta perfeição espontânea não é realizada através de quaisquer atos, mas é incriada, atemporal e espontaneamente aperfeiçoada.

É um grande impedimento na busca por realização desistir de tudo no desejo [de obter] tudo. Estas impressões kármicas [produzidas por] uma meditação que deseja [resultados] prende a mente. Devido a esta apreensão, estes [praticantes] são forçados a desistir do júbilo. Se não forem presos [por tais desejos] eles ganharão todo o gozo. Este é o ser inato da talidade. A talidade não-conceitualizada é uma com a intenção de todos os Budas. Onde, exceto para o grande gozo, poderia desejo e apreensão existir? O inexistente não pode ser percebido. O que não se pode pensar não pode ser contemplado. O significado central desta negação é que por não querer [qualquer coisa, tudo] será obtido. A inexistência de desejo de agarrar qualquer coisa é a melhor maneira de se prender a meditação. Aqueles que se prendem ao todo serão realizados a partir do primordial, e eles vão dominar a realização

de estar em um estado de equilíbrio que está além da percepção cognitiva.

Ó grande bodhisattva, meditações diferentes não vão elucidar o uno. Não existe uma única [forma de meditação] que poderia fazer a meditação ser lúcida. Neste contexto, não há meditação. No que diz respeito ao uno, ou seja, a talidade, não há diferença entre os Budas e os seres sencientes. Distinguir entre o contentamento e o sofrimento, ensinar que se deve lutar pelo júbilo, e ensinar que se deve jogar fora os atos do mal contradiz Meu conhecimento e não é de significado definitivo.

Ó grande bodhisattva, não distingue como dois o que é um! Contentamento e sofrimento são um em sua perfeita pureza. Budas e seres sencientes são um em termos da mente. Ser e a existência do mundo animado e inanimado são um em termos de sua Realidade. Mesmo a verdade e a falsidade são iguais em termos de Realidade. Não tente obter o contentamento nem rejeitar o sofrimento. Por permanecer em sua natureza tudo é realizado. Ser apegado ao contentamento constitui sofrimento. Por não conceituar o gozo do totalmente lúcido, [você] é a consciência prístina auto-originada. Como esta consciência prístina auto-originada é intocada por quaisquer impressões kármicas, de onde então poderia tais impressões kármicas de atos surgirem?

Compreender a consciência prístina e a meditação como causa e resultado leva a meditação cognitiva ser afetada por impressões kármicas. Uma consciência prístina sob o poder das impressões kármicas é incapaz de funcionar como consciência discriminatória (*rtog pa'i ye shes*). Aqueles que meditam sobre a consciência discriminatória serão separados da semelhança imperceptível. Eles são capturados pela doença do esforço pela meditação.

Ó grande bodhisattva, Eu, a Criadora de Tudo, a mente de perfeita pureza, sou a mente de perfeita pureza de tudo. Nada está fora da mente de perfeita pureza. A multiplicidade das coisas emana da

mente. A multiplicidade das coisas emanadas aparece na individualidade.

Vale a pena se alegrar no modo como os seres sencientes aparecem em sua forma, aparência e cor. Este regozijo revela o afeto [inato em todas as coisas] que é declarado como uma manifestação da natureza da compaixão da consciência prístina. [Este regozijo] não é afetado por tais coisas como [as] do próprio ser e não é afetado pelas coisas do próprio ser do Buda. Portanto, é idêntico com a Realidade dos Budas dos três tempos. Fora da Realidade nenhum Buda existe; fora dos Budas nenhum ser senciente existe. Os seres sencientes são a intenção imperceptível dos Budas. Até que a mente de perfeita pureza seja realizada, nem Budas nem os seres sencientes existem. Portanto, a própria mente é mais louvada do que os Budas. A mente em si é imutável e tem sido imutável desde o primordial. O surgimento da Realidade não provoca nenhuma agitação. Com relação ao uno, os professores que ensinam os nove níveis (*rim pa dgu*) ou as 8 [4].000 doutrinas não entendem o significado do uno. Se não se entende um, não se pode entender o significado de todos. Assim, é verdadeiramente difícil [compreender] o significado da mente como uma."

Assim Ela falou.

*~ Este é o quinquagésimo segundo capítulo a Soberana Criadora de Tudo, Mente de Perfeita Pureza, em que é inquirido "nenhuma agitação" e "nenhum desejo".*

Então a Soberana Criadora de Tudo, mente de perfeita pureza, falou sobre [o tema] de que todas as coisas são imperturbáveis.

"Ó grande bodhisattva, você deve intuir-Me! Se me intuis, irá intuir que todas as coisas são imperturbáveis. Eu sou a Soberana Criadora de Tudo, o professor supremo, que é imperturbável em relação à mente de perfeita pureza. Em virtude da mente de perfeita pureza tudo é imperturbável - paz! A consciência prístina auto-originada é sem causa e condição, desta maneira é o mestre supremo de todas as causas e resultados. Mas isto deve ser mantido absolutamente em segredo dos seguidores do veículo da causalidade. O domínio da dimensão que é como um diamante e que não nasce da Realidade não deve ser falado, mas mantido em segredo dos seguidores do veículo da causalidade. O domínio da própria mente incessante, que é como a vastidão do céu, não deve ser falado, mas mantido em segredo dos seguidores do veículo da causalidade. Que tudo que aparece e existe como o mundo animado e inanimado é totalmente dominado em sua Realidade não deve ser falado, mas mantido em segredo dos seguidores do veículo da causalidade. Que a aparência dos cinco [grandes elementos como] céu, vento, água, terra, e o fogo é verdadeiramente dominada na atuação (*ngo bo*) da mente de perfeita pureza não deve ser falado, mas mantido em segredo dos seguidores do veículo da causalidade. Que os três reinos existenciais (*kham s gsum*) e os três venenos são dominados pela consciência prístina em sua própria mente não deve ser falado, mas mantido em segredo dos seguidores do veículo da causalidade.

No que diz respeito ao próprio ser da mente de perfeita pureza, a Criadora de Tudo, não há desvanecimento nem cessação, já que a natureza é incessante. A dimensão da Realidade, ou seja, natureza, é não-conceitual; esta beatitude pacífica não desaparece nem cessa já que a natureza é não-conceitual. A lucidez da pura consciência prístina auto-originada não é em sua vastidão nem desvanecimento nem cessação, já que é incessante. O próprio ser da dimensão da Realidade,

ou seja, o que aparece e existe como animado e inanimado, não é desvanecimento nem cessação; o próprio ser é incessante. Todas as coisas não desvanecem nem cessam.

O verdadeiro ser é lúcido, e sua atuação é imperturbável. Tentando trazer causas e resultados de coisas que [em seu próprio ser] são imperturbáveis, este não é Meu conhecimento; é um conhecimento do desejo. Eu sou todo-consumada porque Eu sou sem desejo. A natureza é indesejável e, portanto, realizada. Mas Eu não digo "realizada" porque é apenas uma palavra [falada] por aqueles que desejam trazer causas e resultados. Eu sou um grande oponente de louvor e desprezo.

'Existente' e 'não existente', 'realização' e 'não realização', 'louvar' e 'desprezar', todas essas designações existem por causa de seu caráter não-conceitual de semelhança. Eu, o progenitor de todos os Budas, não ensinar qualquer outro pensamento (*dgongs pa*) do que a semelhança [de todas as coisas]. Esta semelhança não declarada não é ensinada por nenhum dos Budas. Todo o ensino é ensinado como Minha atuação. A atuação da Minha verdadeira natureza é a totalidade de todas as coisas. Quem domina a semelhança, que é em sua natureza pura, será totalmente dissociado de desejar a natureza imutável. [Este domínio da semelhança] não pode ser apreendido como um objeto, portanto, não há lugar para a mente. Aquelles que desejam obter diretamente [este estado] permanecerão apegados por desejá-lo. Devido a esta situação eles não têm o pensamento não-conceitual da semelhança.

A Realidade existe por sua natureza além do tempo. Aquelles que se esforçam pela [Realidade] ou que a desejam, estão procurando algo diferente de sua própria mente. Eles danificam todas as coisas que existem neste mundo tríplice, e que são como a vastidão do céu da dimensão da Realidade. Eles nunca vão encontrar a sua própria mente ou permanecer em seu próprio ser. A própria mente é em sua natureza vasta como o céu, cuja limitações não podem ser encontradas, está em sua dimensão sem diminuir; mas eles serão incapazes de encontrar a sua própria mente em sua natureza como o céu. A natureza de todas as coisas deve ser vista desta forma.

Talidade é em sua totalidade inalterada. O que quer que se possa contemplar é um jogo da Realidade, mas a talidade em sua atuação é imutável. Se fosse mutável de modo que pudesse aumentar seu vigor, então uma única [tentativa de meditação] poderia esvaziar o mundo perecível. Talidade é imutável, embora digam o contrário, e seu próprio ser é um objeto do próprio ser da grandeza. 'Próprio ser' é outro nome do inalterado, e 'grandeza' é dito porque, como grandeza, é inalterável.

Eu não digo que há qualquer diferença em termos de tamanho ou qualidade entre a forma, expressão e espírito dos Budas, e do corpo, fala e mente dos seres sencientes. A realidade não-conceitual é idêntica à semelhança. No que diz respeito à semelhança não existe uma única coisa existente ou não existente. [Consequentemente] os seres sencientes não são a causa, e os Budas não são o resultado. Um ensinamento da causalidade é o conhecimento de um professor que está errado. Por esta razão, as coisas que emanam de Mim são as mesmas [em seu ser real]. O que emana de Mim não é bom nem mau mas um em sua semelhança."

Assim Ela falou.

*~ Este é o quinquasésimo terceiro capítulo de A Soberana Criadora de Tudo, Mente de Perfeita Pureza, sobre o tema que todas as coisas estão em seu próprio ser imperturbável.*

Então a Soberana Criadora de Tudo, mente de perfeita pureza, [ensinou] que Seu próprio ser é a consciência prístina auto-originada e que esta consciência está associada com cinco atuações (*ngo bo*). Como é isso?

- 1) É o vigor central de que todas as coisas emanam;
- 2) está atuando a verdade definitiva e infalível;
- 3) está atuando a superação da causalidade;
- 4) está atuando a não-ação;
- 5) está atuando a determinação de todas as coisas.

Cinco tratados essenciais resumem a consciência prístina auto-originada neste contexto. Mas o conhecimento detalhado é proclamado em cinquenta e sete [tratados].

"Ó grande bodhisattva, ouça estes pontos essenciais! Eu, a Soberana Criadora de Tudo, mente de perfeita pureza, sou uma com a grande consciência prístina auto-originada. Esta consciência prístina auto-originada é resumida nos cinco [tratados] do qual vêm os cinquenta e sete tratados. Como é que Meu ser atuante [é revelado desta forma]? Dez tratados ensinam que a natureza de todas as coisas é o ser atuante da consciência prístina. Dez tratados, infalíveis e definitivos, ensinam a atuação da infalível e definitiva consciência prístina. Dez tratados, além da causalidade, ensinam a atuação da consciência prístina, infalível e definitiva. Dez tratados, consumados em sua não-ação, ensinam a atuação da não-ação da consciência prístina. Dez tratados decisivos ensinam a atuação da determinação da consciência prístina. Das cinco atuações da consciência prístina como a própria mente, surgem os cinco conjuntos de dez tratados. Como atuações do Meu

próprio ser Eu estou ensinando cinco [formas de] confiança. Quanto aos sete tratados restantes (isto é, capítulos do KBG) um destes sete capítulos definitivos ensina sobre a base, outro sobre instruções sagradas, e cinco sobre diferentes necessidades.

O ensinamento detalhado do seu significado: em primeiro lugar, dez tratados reveladores são ensinados para que eles vejam a Realidade. [Em segundo lugar,] dez mais tratados, infalíveis e definitivos, são ensinados de modo que a confiança em ser e não-ser e sua conceitualização sejam eliminadas. [Em terceiro lugar,] mais dez tratados, além da causalidade, são ensinados de modo que [eles entendem que] o próprio ser da Soberana Criadora de Tudo, que é a consciência prístina, não depende de causas e condições. [Em quarto lugar,] mais dez tratados, consumados em sua não-ação, são ensinados de modo que [eles entendem que] não há necessidade de se esforçar para alcançar a não-ação que é o próprio ser da Soberana Criadora de Tudo, isto é, a consciência prístina. [Em quinto lugar,] mais dez tratados sobre a determinação são ensinados de modo que [eles possam entender isso] por causa que o ser da Soberana Criadora de Tudo, consciência prístina auto-originada, é decisiva.

No que diz respeito ao seu significado há cinco razões. No tratado 'Realidade que se torna evidente', a razão é dada para ver a Realidade de uma forma aparente. Aqueles que vêem a Realidade de uma maneira direta e infalível não têm nenhuma razão em seguir um caminho de visões doutrinárias, de prática religiosa, e de votos. No tratado que ensina a verdade infalível e definitiva, a razão para uma confiança infalível é dada. Por causa de uma confiança aparente na própria natureza da mente infalível, não há razão para realizar o estado búdico. No tratado [que ensina que] não há dependência de causas e condições, é [dito] ser uma boa qualidade em não ter nenhuma razão para se engajar no esforço e realização. A razão existe para permanecer no gozo de não se esforçar, porque não há nenhuma razão para se esforçar e conquistar. No tratado que ensina a não-ação consumada, a razão para a natureza consumada que é não-ação, é dada. Por causa da razão para a natureza consumada e inativa há uma razão para a auto-

perfeição espontânea desde o primordial. No tratado que ensina a determinação é decidido que está de acordo com os cinco tratados [básicos] por dizer que os Budas dos três tempos e os seres sencientes do mundo tríplice, tudo o que aparece e existe como mundo animado e inanimado, é sem causa, definitivo, auto-originado e sem ação.

O ensino do tratado-raiz na determinação foi ensinado primeiramente pelos Budas dos três tempos. O próprio ser da Realidade, como o céu, é visto pelos seres sencientes como futuro e passado dos três tempos. [Você] vê que eles não entendem a Realidade que é como o céu, porque o futuro não é considerável e as impressões kármicas do passado cessaram.

Agora, a definição de 'Buda, Buda' (Tib. *sangs rgyas*): *sangs* é o caráter lúcido dos campos das faculdades sensoriais, ou seja, a dimensão do não-conceitual, no que diz respeito à Realidade, a natureza da mente de perfeita pureza. *rgyas* é a [qualidade] toda abrangente que é como o céu. Mas Eu não aplico o nome 'Buda'.

A definição de *kham*s (campo [da atividade sensorial]) é ensinada da seguinte maneira: tem as características da plenitude e da vastidão, e é chamado campo porque não há um único ser vivo deste mundo tríplice que possa sondar isso com suas faculdades sensoriais. Mas Eu não aplico o nome em uma conotação pura e definitiva.

'Mente' é definitivamente ensinada como a consciência prístina auto-originada que é sem causas e condições, mas que incessantemente ilumina as cinco faculdades sensoriais de todos. Assim, o que é chamado de "mente" é explicado como lúcido.

Em suma, o que aparece e existe na forma do mundo animado e inanimado aparece como uma maravilha por causa de sua falta de origem. Como existe na diversidade é chamado de aparecendo e existindo.

Inanimado (*snod*, lit. receptáculo) e animado (*bcud*, lit. suco, seiva) são

explicados dessa forma: como dentro do receptáculo (*snod*) dos cinco elementos estão as seis categorias [de seres vivos] como a seiva, portanto, é dito "inanimado" e "animado".

'Todo' está resumindo [o significado de] tudo e nada mais. Por esta razão, os cinco aspectos da mente de perfeita pureza, o próprio ser da Soberana Criadora de Tudo, emergem numa forma condensada dos cinquenta e sete tratados. Em suma, estou ensinando os cinco aspectos do próprio ser da Criadora de Tudo como (1) Seu próprio ser como o vigor central gerador [de todas as coisas]; (2) Seu próprio ser como um ensino infalível e decisivo; (3) Seu próprio ser transcendendo causa e resultado, já que é auto-originado; (4) Seu próprio ser transcendendo esforço e realização, já que é inativo; e (5) Seu próprio ser de semelhança decisiva."

Assim Ela falou.

[Grande bodhisattva:]

"Ó professor, Soberana Criadora de Tudo, na unidade da minha própria inteligência como Dorje Sempa, e a consciência prístina que constitui o próprio ser da Criadora de Tudo, as cinco realizações das razões necessárias surgem. Devido à potência (*nus pa*) em aparecer a partir do que é não-aparente, [inerente a] todas as coisas, que existem na forma como elas aparecem a partir do [próprio] vigor central, ou seja, a consciência prístina auto-originada, pode-se estar confiante de que este vigor central das coisas existe.

Devido ao ensinamento infalível e definitivo da mente de perfeita pureza, sendo a única atuação da consciência prístina auto-originada em sua não-dualidade da verdade última e convencional, e da verdade e das mentiras, pode-se estar confiante de que não há dúvidas ou incertezas.

Devido a sua natureza sendo a única atuação da consciência prístina auto-originada, e não sendo dependente de qualquer outra coisa,

uma vez que não depende de causas nem é realizada através das condições, pode-se confiar que a consciência prístina auto-originada existe.

Devido à perfeição espontânea, livre de causas e condições, como atuação única da consciência prístina auto-originada, o que a torna supérflua em se esforçar pela não-ação através de atos salutares, pode-se confiar que a perfeição espontânea, que não pode ser buscada, existe.

Devido ao primordial infalível da consciência prístina auto-originada como a única atuação da consciência prístina auto-originada, e porque todas as coisas que são decisivas quanto à sua lucidez na forma como elas aparecem, pode-se estar confiante de que [este conhecimento] é a lâmpada do ensinamento.

Assim ele falou.

*~ Este é o quinquasésimo quarto capítulo de A Soberana Criadora de Tudo, Mente de Perfeita Pureza, em que é dado um resumo do próprio ser da Soberana Criadora de Tudo [como encontrado em] todos os tratados.*

Então a Soberana Criadora de Tudo, mente de perfeita pureza, proclamou este tratado que não há nada mais do que todas as coisas como a mente de perfeita pureza.

"Ó grande bodhisattva, ouça! Que tudo o que existe no caminho aparece como animado e inanimado, e tudo o que pode ser vocalizado em termos de palavras e seu significado é a mente de perfeita pureza, é explicado da seguinte maneira. Meu ensinamento não é que existe qualquer outra coisa além da mente de perfeita pureza, não-conceitual, sem obscurecimento, que é a dimensão da Realidade, a extensão do céu. Eu ensino que a atuação da mente de perfeita pureza é dada na forma do que aparece como céu, vento, água, terra e fogo. A atuação da mente de perfeita pureza aparece em três maneiras como o reino do desejo (*kâmaloka*), o reino das formas (*rûpaloka*), e o reino da ausência de forma (*arûpaloka*). O próprio ser da mente perfeita e pura se desdobra no ensino das três formas de manifestação do professor. A mente em si mesma como a incessante consciência prístina aparece como o reino do desejo. A atuação da própria mente aparece como o reino das formas, enquanto que a própria mente que não nasce [manifesta] como o reino da ausência de forma. O próprio ser [da mente] que não nasce é não-conceitual e é a manifestação da verdade. A própria mente como manifestação do júbilo se regozija em si mesma. A mente como a manifestação da mente se realiza como o propóstio da manifestação corpórea da mente.

Devido as seis categorias de seres sencientes, como os habitantes do inferno, etc. que caíram [no sofrimento do] calor, frio, fome, sede, idiotice, e mudez, são iguais em termos do não-conceitual, portanto, eles são libertados na Realidade da talidade. Devido a consciência prístina auto-originada não poder ser conceituada como um objeto, [os seres sencientes] estão livres de impressões kármicas e de todas as falhas. Devido a nenhuma boa qualidade poder ser adquirida, nem quaisquer falhas abandonadas, nenhum contentamento deve ser obtido,

nem nenhum sofrimento abandonado.

A talidade é primordialmente imperturbável. Nenhuma coisa que mude é talidade. Além disso, nenhuma coisa pode ser adquirida, apropriando-a com o desejo. A característica do surgimento do próprio ser das coisas é sua similaridade com o surgimento da consciência prístina auto-originada da mente. O termo "similaridade" significa que [as coisas do próprio ser] é a consciência prístina auto-originada.

Aqueles que vêm qualquer outra coisa menos a consciência prístina auto-originada que é Realidade como seu único objeto, eles desistiram da consciência prístina e serão incapazes de encontrá-la. Os nomes daqueles que dizem que objetos devem desistidos ou exterminados são desconhecidos. Por sete ciclos de vida eles abandonaram a consciência prístina auto-originada depois que levarem três éons praticando de acordo com as duas verdades, ou seja, a verdade última e convencional, e depois de terem entrado na porta da ausência de sinais e realizado as três purificações, depois de terem entrado na porta para todos os membros da iluminação, e depois de terem realizado os estágios do *samâdhi* complementado com rituais. Depois de terem entrado na porta para a não-dualidade da sabedoria e destreza, depois de terem vivido de acordo com a sabedoria e destreza sem origem, depois de terem contemplado a si mesmos sem natureza inerente (*rang bzhin*) em suas aparências, e depois que eles tiverem se esforçado duro pela [realização dos] cinco rituais (*cho ga lnga*) juntamente com seus ingredientes e periféricos, e o caminho dos votos, eles ainda permanecerão por 600.000 anos no nível de um portador da sabedoria (*vidyâdhara*) e executarão sem qualquer distração uma meditação visando [alcançar] a manifestação do júbilo. Mas mesmo quando eles alcançarem a manifestação do júbilo eles vão ansiar de novo por sua própria mente. Só depois de mil [éons (?)] eles irão pela primeira vez encontrar a semelhança [de todas as coisas] em sua [natureza] não-conceitual.

Ó grande Dorje Sempa, agora você mesmo deve ensinar Meu conhecimento infalível! Os seres sencientes, como deuses e humanos, são de inteligência rude. Devido a sua natureza que atrai seus sentidos para os objetos, esses seres ignorantes estão contentes

com qualquer coisa que são ensinados. Se [você] não lhes ensinar o grande conhecimento infalível e definitivo eles ficarão satisfeitos em saber que a verdade e a falsidade são duas coisas, depois que foram instruídos na verdade última e convencional que é um ensino sobre causas e resultados, e em necessidade de interpretação. Por éons eles permanecerão [em um estado onde acreditam] na dualidade da verdade e da falsidade. Por isso você deve primeiro ensinar sobre a própria mente sendo infalível. Quando eles forem introduzidos através de seu ensino para este caminho sem erro e labuta, eles imediatamente permanecerão em um estado sem esforço. Eles encontrarão a meditação ao qual não precisa de meditar. Ao permanecer no gozo sem lutar por ele, eles vão adquiri-lo. Eles permanecem em sua própria mente de uma [maneira] definitiva e infalível.

A habilidade (*yon tan*) da auto-perfeição espontânea que não pode ser buscada [estipula] que não há nenhuma necessidade para o desenvolvimento de *bodhicitta*, seguir o caminho, praticar o estágio do bodhisattva, contemplar as visões doutrinárias, nem observar os votos e a moralidade.

Ó grande bodhisattva, ensine este conhecimento! Aqueles que querem realizar este ensinamento que é uma característica definitiva deste mundo não devem meditar sobre as deidades como um ato de desempenho corporal, nem devem proferir mantras e palavras como atos de sua voz, nem devem contemplar o [caráter] lúcido de meditação como um ato de sua mente."

Assim Ela falou.

*~ Este é o quinquasésimo quinto capítulo de A Soberana Criadora de Tudo, Mente de Perfeita Pureza, que explica que todas as coisas existentes não são nada além da mente de perfeita pureza.*

Então, Dorje Sempa dirigiu-se a seus séquitos dizendo que a Soberana Criadora de Tudo, mente de perfeita pureza, está atuando todas as coisas e que Ela é sua criadora. Ele (Dorje Sempa) apresentou sua compreensão da seguinte forma:

"Ó professor dos professores, Soberana Criadora de Tudo, eu entendo o Seu próprio ser como um com todas as coisas existentes. No palácio da dimensão da Realidade, ou seja, a Realidade em si, é a Soberana Criadora de Tudo, isso se sabe muito bem. Também na mansão celestial, que é a extensão do céu, é a Soberana Criadora de Tudo, isso se sabe muito bem. Ó, Você, professor das manifestações da verdade que não nascem, Você é a Soberana Criadora de Tudo; isso se sabe muito bem. Também todas as manifestações de júbilo são a Soberana Criadora de Tudo, isso se sabe muito bem. Também as manifestações corpóreas da compaixão e da consciência prístina são a Soberana Criadora de Tudo, isso se sabe muito bem. Também a dimensão das paixões neste reino do desejo é a Soberana Criadora de Tudo, isso se sabe muito bem. Também a dimensão do orgulho neste reino da forma é a Soberana Criadora de Tudo, isso se sabe muito bem. Também a estrutura orgânica (*lus*) da mente no reino da ausência de forma é a Soberana Criadora de Tudo, isso se sabe muito bem. Também os Budas previamente existentes são a Soberana Criadora de Tudo, isso se sabe muito bem. Também os Budas que permanecem presentes em cumprir seu propósito são a Soberana Criadora de Tudo, isso se sabe muito bem. Também os [Budas] emergindo Dela no futuro são a Soberana Criadora de Tudo, isso se sabe muito bem. Os quatro yogas, embora sejam uma visão doutrinária sobre Ela, são a Soberana Criadora de Tudo, isso se sabe muito bem. O que aparece e existe como animado e inanimado, em suma o que surge devido aos cinco elementos, é a Soberana Criadora de Tudo, isso se sabe muito bem. Fora e com exceção da Soberana Criadora de Tudo, nada existe.

Nem Budas nem seres sencientes, nem um mundo animado nem inanimado, nem nada que seja em breve conhecido como um fenômeno aparece, exceto a Soberana Criadora de Tudo."

Assim falou Dorje Sempa.

*~ Este é o quinquasésimo sexto capítulo de A Soberana Criadora de Tudo, Mente de Perfeita Pureza, em que Dorje Sempa expõe sua compreensão do próprio ser da Soberana Criadora de Tudo.*

Então a Soberana Criadora de Tudo, mente de perfeita pureza, expõe este capítulo confiando este ensino para Dorje Sempa.

"Ó Dorje Sempa, entenda isto! Você como consciência prístina auto-originada, se originou como o vigor central de Mim. Portanto, você deve entender o Meu próprio ser. Dos três aspectos do Meu próprio ser, também se origina as três formas de manifestação do professor. Portanto, você deve entender o próprio ser deles. Você será o professor [emitindo] o rugido do leão do ensino tríplice. Você estará ensinando os séquitos [existentes] no tempo e lugar que Eu os fiz. Entenda Meu próprio ser de acordo com Minha natureza como o [potencial] da Criadora de Tudo e de acordo com meu nome '[Soberana] Criadora de Tudo'.

Como Eu sou a progenitora de Budas, você será o progenitor de todos os Budas. Eu mesma, a Soberana Criadora de Tudo, sou pai e mãe das três formas de manifestação do professor, portanto, você será pai e mãe das três formas de manifestação do professor. Como progenitor dos Budas dos três tempos você será o progenitor de todos os seres sencientes. Quando você emitir o rugido do leão você não deve dizer qualquer outra coisa a não ser 'tudo e todos da maneira que existem, e eu mesmo,' ó grande bodhisattva, 'não é nada mais do que a própria Soberana Criadora de Tudo'.

Dar tais designações como seres sencientes e Budas em um desejo de [ganhar] o resultado depois de suas causas serem realizadas e reivindicar que os seres sencientes conseguirão o resultado do estado búdico, tal não é o meu ensinamento. Meu próprio ser, a Criadora de Tudo, transcende a dualidade de causa e resultado. Como seres sencientes e Budas não são duas [entidades diferentes], o estado búdico não pode ser alcançado através dos [seres] sencientes. Meu próprio ser, a Criadora de Tudo, transcende a dualidade de causa e resultado. Eu mesma sou a Soberana Criadora de Tudo, a consciência prístina auto-

originada da própria mente."

Assim Ela falou.

*~ Isso completa o quinquasésimo sétimo capítulo de A Soberana Criadora de Tudo, Mente de Perfeita Pureza, sobre a confiabilidade do ensino.*

## Análise temática por capítulos

### **I. Capítulo Introdutório**

A. O lugar onde o conhecimento é proclamado: a Mente como a sede da Realidade é caracterizada por um cenário simbólico de

1. um palácio, indicando a consciência prístina
2. séquitos, indicando as três naturezas da Soberana, ou seja, ser próprio, essência da atuação, e compaixão
  - a. o séquito da manifestação da verdade (*dharmakâya*)
  - b. o séquito da essência atuante, a manifestação do júbilo consumado (*sambhogakâya*)
    - (1) séquito [do elemento] terra
    - (2) séquito [do elemento] água
    - (3) séquito [do elemento] fogo
    - (4) séquito [do elemento] vento
    - (5) séquito [do elemento] Céu
  - c. séquitos na [forma] de manifestações corpóreas (*nirmâna*)
    - (1) seres sencientes do reino do desejo (*kâmaloka*)
    - (2) seres sencientes do reino da forma (*rñpaloka*)
    - (3) seres sencientes do reino da ausência de forma (*arñpaloka*)
  - d. (como uma nota sobre o item a. acima) séquitos iguais ao próprio ser correspondente aos quatro yogas:
    - (1) séquito do Atiyoga (*shin tu rnal 'byor*)
    - (2) séquito do Anuyoga (*yongs su rnal 'byor*)
    - (3) séquito do Mahâyoga (*rnal 'byor chen po*)
    - (4) séquito do bodhisattva yoga (*sems dpa' rnal 'byor*)
  - e. (como uma elaboração a mais do tema dos "séquitos") os séquitos que reconhecem o próprio ser da Soberana:
    - (1) séquito repousando na Soberana, ou seja, os Budas do passado

(2) séquito realizando o objetivo da Soberana, ou seja, os Budas presentes

(3) séquitos que traz adiante os feitos da Soberana, ou seja, os Budas que virão mais tarde

3. Todos os séquitos são um, apesar dos diferentes aspectos, que estipula que há apenas um método.

B. A Soberana descansa em Si mesma

1. absorve os séquitos em sua própria mente

2. os abençoa com Seu próprio ser

3. dota todas as coisas com Realidade

C. A Soberana repousa no foco vazio (*bindu*)

D. Dorje Sempa surge do foco vazio e pergunta as seguintes questões:

1. É o foco vazio do não-conceitual (*spros med*) também o próprio professor?

2. É o foco vazio do não-conceitual também a totalidade dos séquitos?

3. É o foco vazio do não-conceitual também a totalidade dos ensinamentos?

4. É o foco vazio também tempo e lugar?

5. Como é que o professor dos professores ensina se tudo permanece como a natureza deste vazio foco?

6. Com que propósito os séquitos circulam como Seus séquitos?

7. Por que um ensinamento é dado aos séquitos?

8. Como pode ser que o tempo e o lugar sejam um?

E. A Soberana responde:

1. A mente como tal, ou seja, a Soberana, é o vigor central (*snying po*) de todas as coisas: não-conceitual, o foco vazio primordial

2. O professor, os ensinamentos, os séquitos, tempo e lugar emergiram do foco vazio primordial

3. O próprio ser da Soberana é conhecido como o foco vazio

## **II. Capítulo: Como a Realidade tornou-se aparente**

A. Pergunta: qual é o objectivo da existência (*tshal*)

B. Resposta:

1. as cinco consciências auto-originadas trazem os cinco grandes [elementos] como causa de adorno

2. as consciências auto-originadas do ódio, apego, ignorância, inveja, e orgulho são idênticos com a bela aparência das formas das "famílias"

C. Pergunta: razão para as cinco consciências auto-originadas adotando cinco formas diferentes

D. Resposta: a Mente Soberana como criadora universal de toda a existência

### **III. Capítulo: A origem de todas as coisas como atos da Soberana Criadora de Tudo**

A. A Soberana Criadora de Tudo antecede a existência

B. Pergunta: Como é que a criação da diversidade acontece. Há um ou muitos professores, ensinamentos e séquitos

C. Resposta:

1. a unidade da Mente Soberana

2. três formas de professores emanando Dela

3. estas três formas ensinam os três ensinamentos

D. Pergunta: Caminho para o estágio da Mente Soberana

E. Resposta:

1. Nenhum caminho para o estágio da Mente Soberana,

2. mas os professores emanados ensinam um caminho universal (*kun gyi lam*) em cinco etapas

a. estes cinco caminhos, associados às cinco consciências auto-originadas, são apego, ódio, ignorância, orgulho e inveja

F. Pergunta: Cinco caminhos de acordo com a consciência prístina auto-originada

G. Resposta:

1. explicação literal dos termos

2. cinco caminhos da consciência prístina auto-originada como origem de tudo

3. consciência auto-originada é

a. seres vivos

b. progenitor de todos os Budas

4. os três reinos de forma, desejo e ausência de forma em correlação com a manifestação da natureza da Mente Soberana

#### **IV. Capítulo: Explicando os nomes da Mente Soberana**

A. Um bodhisattva deve entender estes nomes que levará a uma compreensão abrangente de tudo

1. vigor central: porque a Mente Soberana é o vigor de tudo

2. auto-originada: porque Ela está totalmente além [o escopo do] esforço e conquista e como vigor central Ela está livre de causas e condições

3. consciência prístina: por virtude desta pura e incessante [consciência] Ela é a professora de todas as coisas

4. mente de perfeita pureza

B. vigor central ou interior como fonte de tudo

C. pureza é o vigor central da mente de perfeita pureza

D. definição das habilidades da mente

E. resumo do tema principal, ou seja, a Mente é fonte de todos

#### **V. Capítulo: Sobre o significado**

A. O ser intrínseco (*yod*) não é nada mais que um

B. O ensino (*bstan*) é dado em dois aspectos

1. Sua origem (*byung*) é revelada nos nove veículos

2. A sua integração (*'dus*) é integral para Grande Perfeição

3. Seu ser explícito (*yin*) é a mente de perfeita pureza

4. Sua existência (*gnas*) habita na dimensão da Realidade (*chos nyid dbyings*)

5. Sua luminosidade ilumina o espaço da sabedoria intuitiva (*rig pa'i mkha*)

6. Sua abrangência (*khyab*) abrange todo o mundo animado e inanimado

7. Sua manifestação (*byung*) manifesta-se como a totalidade do que aparece e existe.

C. Para compreender a unidade essencial contra a diversidade do mundo visível, é preciso tomar o céu como um símile

## **VI. Capítulo: A perfeição de todas as coisas repousa no próprio ser da Mente Soberana:**

A. Tema deste capítulo: o próprio ser da Mente Soberana será explicado quanto ao seu significado em palavras e sons; com mais precisão o capítulo lida com a imanência e transcendência da Mente Soberana

1. O próprio ser como a letra A

2. Falando estas palavras resultará em perceber o significado

B. P: Se tudo está envolvido na Mente Soberana o que então constituem os professores, ensinamentos e séquitos

C. R: As coisas existem no reino da Realidade em integração total com a Mente Soberana

1. Todas as coisas existentes são apenas a forma, a expressão e o espírito da Mente Soberana

2. A essência não-conceitual de atuação não existe (*mi gnas*), mas transcende todas as áreas de percepção

3. O próprio ser da Mente Soberana é revelado na diversidade do mundo existente

4. Este conhecimento não é ensinado aos seguidores do veículo de causalidade (ou seja, Mahâyâna)

5. Causa, resultado, símile, objetivo e definição em conjunto com a emanção do mundo

6. A Mente Soberana como fonte de existência

a. impensável em si mesma, mas

b. para ser reconhecida nas coisas que a Mente Soberana cria.

7. Rejeição de conceitos budistas como:

a. duas verdades

b. purificação

c. meditação

8. A Mente Soberana cria os elementos (céu, vento, água, terra e fogo), que constituem os Budas, o mundo tríplice, os cinco caminhos, e as seis [categorias de] seres sencientes

9. Não-dualidade de Buda e seres sencientes

10. Relacionamento da Mente Soberana como a verdadeira natureza da Realidade com os seus três aspectos

11. O verdadeiro ensinamento não pode ser reificado de qualquer maneira

12. A Mente Soberana como origem do universo

## **VII. Capítulo: Sondando a Realidade em termos de diversidade da criação vs a unidade da Mente Soberana**

A. P: a unidade da Mente Soberana vs. a particularidade da existência

B. R: a Mente Soberana existe em três aspectos:

1. espontaneamente auto-aperfeiçoada que corresponde ao seu próprio ser,

2. que se manifesta como "vigor", simbolicamente presente nos Budas, e

3. como potência atuante, tangível como compaixão

a. a potência atuante na forma de compaixão cria todos

b. embora as indicações da criação possam ser contadas e sondadas,

c. na sua verdadeira criação permanece inexplicável

4. os seis objetos sensoriais e seus órgãos de sentido relacionados não devem ser considerados sob a perspectiva da dicotomia sujeito/objeto

5. mais elaborações sobre a unidade de ser vs. a diversidade da existência

6. a falta de compreensão que a diversidade é idêntica com a unidade essencial resulta em erros fundamentais sobre a vida espiritual

7. a causa essencial (causa ontológica) é responsável pela natureza do diamante (vajra), que é realizado em duas maneiras:

a. o exterior: o desejo de alcançar resultados por meio de atos

b. o interior: livre de executar quaisquer atos ou abandonar quaisquer outros

8. não-ação como a única ação apropriada

9. a Mente Soberana é a consumação

10. mas também a criação está em um estado de consumação

## **VIII. Capítulo: Como todas as coisas estão configuradas na Realidade como objetos devido ao próprio ser das coisas**

A. Talidade está presente em:

1. todas as coisas, e
2. no próprio ser da Mente Soberana

B. Talidade torna-se tangível nos três aspectos do ser (isto é, ser próprio, essência da atuação, e compaixão)

C. Talidade também se torna tangível nas três formas de manifestação do professor (*skugsum*):

1. professores de causalidade
2. professores de interdependência
3. professores de resultado

Estes professores ensinam o budismo convencional

D. Definição de Talidade constituindo a existência

E. Talidade é uma, mas é experimentada através dos quatro yogas:

1. Bodhisattva yoga: percepção da dicotomia sujeito/objeto, deidade do yoga, cinco formas de iluminação, deficiência na compreensão da quietude, vigor central, e pensamento não-conceitual

2. Mahâyoga: a quietude sem ação é reconhecida, domínio da deidade do yoga, a mandala das deidades é compreendida como uma alegoria de sua própria mente, deficiência em intuir a quietude

3. Anuyoga: a compreensão da quietude como causa e consciência prístina como seu resultado, a unidade de causa e resultado, deficiência em não entender que a quietude transcende causalidade

4. Atiyoga: intuição da quietude, ou seja, a essência incontroversa (*don*). Pontos de vista, atos salutares, e votos devem ser considerados nesta perspectiva que levará à devida talidade

F. Cada etapa dos quatro yogas é subdividida em quatro seções:

1. Bodhisattva-yoga:

a. Bodhisattva-Bodhisattva-yoga: a mente não reflete sobre objetos sensoriais

b. Mahâyoga-Bodhisattva: maravilhosas bençãos

c. Anuyoga-Bodhisattva: quatro grandes selos

d. Atiyoga-Bodhisattva: compreensão do próprio ser dos votos, falta de compreensão de que o [quatro] yogas estão livres de adquirir e rejeitar

2. Mahâyoga:

a. Bodhisattva-yoga-Mahâyoga: aquisição dos três samâdhis

b. Mahâyoga-Mahâyoga: vendo a própria mente pura como consciência prístina

c. Anuyoga-Mahâyoga: aperfeiçoando os quatro serviços (*bsnyen sgrub*)

d. Atiyoga-Mahâyoga: tudo é visto como o "grande eu"

3. Anuyoga:

a. Bodhisattva-Anuyoga: a deidade do yoga como um fluxo natural de permanência na Realidade

b. Mahâyoga-Anuyoga: a relação de gênero da prática tântrica é irrelevante

c. Anuyoga-Anuyoga: permanecendo no ser como aparente na existência

d. Atiyoga-Anuyoga: existência aparece como é; a dimensão da realidade é considerada como a causa da consciência prístina

4. Atiyoga:

a. Bodhisattva-Atiyoga: a mente pura e primordialmente consumada livre de esforço e rejeição

b. Mahâyoga-Atiyoga: a mente pura e primordialmente consumada livre de esforço e rejeição

c. Anuyoga-Atiyoga: a mente pura e primordialmente consumada está transcendendo causa e resultado

d. Atiyoga-Atiyoga: além de louvor e desprezo, existência e não-existência

G. Os estágios Bodhisattva yoga até Anuyoga são considerados como estágios do bodhisattva (*bhûmi*)

H. Características do conhecimento de Atiyoga:

1. nenhum progresso no caminho

2. nenhuma prática dos estágios do bodhisattva (*bhûmi*)

3. não observar os votos

4. não contemplar visões doutrinárias

I. Este conhecimento não faz parte do veículo de causalidade

## **IX. Capítulo: Remoção de erros e obscurecimentos**

A. Natureza da mente de perfeita pureza

1. vigor central de absolutamente todas as coisas
2. intocável porque é pura e não nasce
3. livre de erro, porque não há um caminho para prosseguir
4. sem esforço como totalmente perfeito desde o primordial
5. a mente de perfeita pureza, ou seja, o vigor essencial de todas as coisas, é existente

B. Consequências das práticas budistas comuns:

1. buscar as dez perfeições (*pâramitâ*) por se esforçar para os dez estágios do bodhisattva (*bhûmi*) resultará em um estado de ignorância para três éons

2. observar os votos e promessas com o propósito de resultados de purificação resulta em obscurecimento devido erro por sete ciclos de vida

1. esforçando-se pelo progresso espiritual, confiando no conceito de causalidade, considerando as opiniões doutrinárias e práticas religiosas de uma forma dual resultará em um estado devido ao erro e obscurecimento por três ciclos de vida

a. esforçar-se pelo progresso espiritual por meio de busca e abandono resulta em um estado de ser obscurecido pela dualidade

2. Seis desejos por um resultado que não existe:

a. duas verdades como causa para o progresso espiritual

b. executando as três purificações

c. distinguir entre as visões doutrinárias e a prática religiosa

d. prática de busca e abandono

e. meditação

f. vendo a dimensão [da Realidade] e a consciência prístina como causa e resultado

3. As dez características da Mente Soberana:

a. nenhuma doutrina deve ser contemplada

- b. nenhum voto a ser observado
  - c. os atos salutares (*phrin las*) são sem esforço
  - d. consciência prístina é sem obscurecimento
  - e. nenhuma prática dos [dez] estágios do bodhisattva (*bhûmi*)
  - f. nenhum caminho para prosseguir
  - g. as coisas não são sutis (*phra ba chos med*)
  - h. nem duais, nem dependentes
  - c. bênção através da meditação
2. ensino interno da manifestação corpórea:
- a. três *pitaka*:
    - a. ouvintes
    - b. solitários despertos
    - c. Mahâyâna sutras
  - (a) 21,000 preceitos do *vinaya*
  - (b) 21,000 sermões do *sûtra pitaka*
  - (c) 21,000 tratados do *abhidharma pitaka*
  - d. o veículo da causalidade (Mahâyâna):
    - (a) três venenos e seus antídotos
3. ensinamento secreto da manifestação da verdade:
- a. geração secreta
  - b. perfeição secreta
  - c. grande perfeição secreta
- C. Os três séquitos das três manifestações do professor:
- 1. séquitos da manifestação da verdade do professor
    - a. consistem no próprio ser da Mente Soberana

b. manifesto como [mundo] inanimado e animado

2. séquitos da manifestação do júbilo do professor:

a. os bodhisattvas do primeiro ao décimo *bhûmi*

3. séquitos da manifestação corpórea do professor:

a. monges e freiras

b. mulheres e homens leigos

D. Os reinos ("terras do Buda") de cada uma das três manifestações:

1. manifestação da verdade: o palácio de Akanishtha

i. nenhuma instrução sagrada firmemente estabelecida, exceto aquela sobre a mente

j. nenhuma definição das instruções, exceto que elas estão além de louvor e desprezo

4. As consequências se estas dez características são ignoradas

5. A verdadeira natureza da Mente Soberana é a unidade, apesar das dez características

a. teorizando esta unidade se está condenado desde o início como uma pessoa tentando andar sobre a abóbada do céu

b. as dez características são trazidas em relação com o próprio ser da Mente Soberana

6. Devido às dez características da Mente Soberana abranger e permear a totalidade da existência

a. a Mente Soberana é o único foco da existência espiritual

b. identificar o mundo dos objetos com a Mente Soberana está errado

c. a atitude certa é ver a sua semelhança (isto é, para um pensamento objetivado)

7. Admoestação para ensinar o conhecimento do Atiyoga

## **X. Capítulo: A estrutura toda aperfeiçoada [do universo] é explicada**

A. A consumação dos professores

1. em suas três formas de manifestação (*triâya*):

a. manifestação da verdade (*dharmakâya*)

b. manifestação do júbilo (*samyaksambhogakâya*)

c. manifestação corpórea (*nirmânakâya*)

B. Ensino das três manifestações do professor:

1. ensino exterior da manifestação do júbilo

a. três seções exteriores dos rituais

b. três purificações

2. manifestação do júbilo: uma mansão divina no reino de Akanishtha, acima dos limites deste mundo

3. manifestação corpórea: Gridhrakûta, o lugar onde Shâkyamuni, o sétimo Buda, tornou-se manifesto

E. Os reinos dos respectivos discípulos de cada manifestação do professor:

1. discípulos da manifestação da verdade são encontrados na dimensão ilimitada da Realidade

2. discípulos da manifestação do júbilo do professor são encontrados onde há gozo procurado em forma, som, cheiro, gosto e toque

3. discípulos da manifestação corpórea do professor consistem nas seis categorias de seres sencientes em todos os 100.000 milhões de mundos

F. A unidade inerente de todas as manifestações do professor:

1. causa: mente de perfeita pureza,

2. resultado: o estado búdico, também é um com tudo

G. As formas de promulgação

1. manifestação da verdade por meio de bençãos

2. manifestações de júbilo perfeito por meio de sua própria atuação

3. manifestações corpóreas, integrando a palavra com o significado.

H. A Mente Soberana está atuando as três formas de manifestação

I. A Criadora de Tudo: o progenitor de todas as coisas

1. um, mas conhecido em três aspectos (*rnam pa gsum*)

2. dez características

3. a Mente Soberana cumpre perfeitamente todas as necessidades e desejos

J. Três aspectos da própria natureza da Mente Soberana:

1. manifestação da verdade
2. manifestações da consciência prístina
3. manifestações de compaixão

K. A natureza do ensino:

1. a manifestação da verdade ensina a mente não-conceitual de perfeita pureza
2. as manifestações de gozo explicam a mente de perfeita pureza por meio de sua manifestação e sua sabedoria
3. As manifestações indefinidas do Buda ensinam uma variedade de métodos

L. Os nove ensinamentos da tradição rNyingma

1. externo
2. interno
3. secreto

## **XI. Capítulo: O eu intrínseco da Mente Soberana penetra na raiz de todas as coisas**

A. Tudo está abrangido pelo próprio ser da Mente Soberana

1. as três formas de manifestação do professor
2. Budas dos três tempos
3. bodhisattvas
4. os quatro yogas
5. o mundo tríplice
  - a. o reino do desejo
  - b. o reino da forma
  - c. o reino da ausência de forma
6. os cinco grandes elementos
7. seis categorias de seres sencientes
8. tudo o que aparece

9. tudo o que existe

10. a totalidade do mundo animado e inanimado

B. A Mente Soberana se desdobra em três aspectos

1. o que não nasce, correspondente à manifestação da verdade

2. o milagre da gênese, correspondente às manifestações do júbilo,

3. compaixão, correspondente às manifestações corpóreas

C. Os quatro yogas, os meios para experimentar a unidade da Mente Soberana

D. O próprio ser da Mente Soberana é de cinco aspectos:

1. como atuação se manifesta como os cinco elementos: céu, vento, água, terra e fogo

2. como compaixão que se manifesta como as cinco formas de consciência prístina auto-originada

E. Resumo e Repetição do tema básico deste capítulo.

## **XII. Capítulo: Explicação sobre a fonte do conhecimento da certeza (ou seja, Atiyoga)**

A. A Mente Soberana é fonte de todas as instruções sagradas

1. o ensino original é a Mente

2. tantras e sutras são apenas comentários dos professores

a. caracterizados por lutar e alcançar, apesar de sua origem na Mente Soberana

B. A Mente Soberana, a quintessência do veículo que resume os três veículos proclamados pelas três formas de manifestação

C. A grande sabedoria dissipa a escuridão

1. esta escuridão não entende que todas as coisas estão contidas na pureza primária

2. consciência prístina surgirá após a escuridão ser dissipada

D. Em contraste, os seguidores do veículo de causalidade pregam que

1. todas as coisas que existem são "veneno"

2. portanto, devem ser abandonadas ou:

3. que as coisas constituem os objetos para o apego da mente

4. nesse caso, recomendam neutralizar a tendência para o apego através das duas verdades ou:

5. que as coisas deveriam ser vistas como objetos de purificação

E. Mas os seguidores de Atiyoga sabem sobre a unidade intrínseca da Mente Soberana

1. eles cortaram a cadeia de obscurecimentos

2. eles desistiram de tal pensamento que não há mais nada além da mente

F. Advertência da Mente Soberana para ensinar

1. que tudo o que existe faz isso na Mente Soberana

2. isso resultará na transfiguração de todos os que compreenderem esta mensagem

G. Os adeptos rejeitarão

1. as duas verdades

2. práticas como desistir e obstruir as coisas consideradas desvantagens

3. abençoar as coisas por meio das três purificações

4. alcançar ou se esforçar para a contemplação em bodhicitta

### **XIII. Capítulo: As formas de explicação pertinentes à mente**

A. cinco formas de explicação

1. o significado dos relatos de transmissão (*lo rgyus*)

2. o significado de "raiz"

3. o significado de yoga

4. o significado do objetivo pretendido

5. o significado da palavra

### **XIV. Capítulo: A Criadora de Tudo permanece em segredo para aqueles de talento deficiente**

A. A Mente Soberana é toda abrangente

B. Seu próprio ser entretanto permanece obscurecido

1. Se não permanecer obscurecido

2. as três formas de manifestação não podem surgir
  3. com a consequência de que nenhum professor, nenhum ensino, nem anfitriões de discípulos vão existir
- C. O segredo do próprio ser da Mente Soberana é o fundamento da existência do Buda, do ensino e da comunidade
- D. Portanto, só a Mente Soberana ensina este conhecimento e nenhum dos professores

**XV. Capítulo: A evidência quanto aos três aspectos do próprio ser da Mente Soberana é explicada**

- A. O significado do que constitui o "professor"
1. manifestação da verdade
  2. manifestação do júbilo
  3. manifestação corpórea
- B. A própria natureza da Mente Soberana torna-se evidente em
1. sua natureza livre da dicotomia sujeito/objeto
  2. essência atuante
  3. compaixão
- C. Os seguidores irão ver
1. que o próprio ser envolve os Budas e seres sencientes
  2. assim, os Budas e os sencientes são os séquitos da Mente Soberana que dão prova à sua existência
  3. a força de atuação da Mente Soberana se torna evidente como
    - a. professores e séquitos
    - b. para o bodhisatvas do décimo *bhûmi*
    - c. para os recém-convertidos professores da causalidade
    - d. torna-se evidente em si mesma
    - e. embora os seguidores da causalidade a vêem em sua própria maneira diversificada
  4. a Mente Soberana atua a pessoa

- a. isso constitui uma revelação do próprio ser
- b. que surge como o próprio ser da pessoa
- c. a força de atuação da Mente Soberana é a atuação do indivíduo

D. Dorje Sempa dá uma instrução:

- 1. Mente Soberana como a consumação de todos
- 2. Mente Soberana tem que ser entendida como o próprio ser
- 3. também o mundo dos objetos tem que ser compreendido como seu próprio eu

E. Mente Soberana declara:

- 1. Realidade evidente é a própria mente
- 2. este conhecimento não é como o ensino da causalidade de Mahâyâna
- 3. o grande gozo não é realizado através de desejá-lo
- 4. Realidade é o Buda, e vice-versa
- 5. labutar pelo progresso espiritual é a verdadeira obscuridade
- 6. o ensino de Mahâyâna como fraude
- 7. genuína, isto é, não manipulável, a Realidade é
  - a. sua própria mente
  - b. o Buda como manifestação da verdade
- 8. as três formas de manifestação em sua correlação com séquitos, "veículos", e ensinamentos
- 9. o próprio Ser da Mente Soberana como matriz do mundo
- 10. nesta capacidade se dá testemunho de si mesmo
- 11. a unidade do próprio ser da Mente Soberana é
  - a. a fonte a partir da qual os objetos percebidos surgem
  - b. estes objetos perceptíveis constituem o mundo como o conhecemos
- 12. O próprio ser da Mente Soberana é evidente e presente em todas as coisas que existem
  - a. esta evidência de ser está presente nos elementos físicos que lhes empresta uma natureza

divina (chamada "Buda" no texto)

b. é evidente na força atuante

c. a evidência de ser é o "Buda revelado"

d. esta evidência de ser é o "grande eu" de cada coisa que é idêntica com o "grande Buda"

13. símile, significado, e investigação

a. céu é um símile indicando Realidade

b. (os outros dois temas não são comentados sobre)

## **XVI. Capítulo: Instruções dadas por Dorje Sempa**

A. Mente Soberana criou

1. o professor

2. os ensinamentos

3. os séquitos

4. o tempo (e localidade) adequado para sua instrução

5. o professor dos professores

B. o eu de Dorje Sempa é o próprio ser da Mente Soberana

C. o mundo como uma criação da Mente Soberana está em um estado de consumação

1. assim se esforçar para o crescimento ou a mudança é "doença" atacando a consciência prístina

2. tudo está abrangido neste estado de consumação

## **XVII. Capítulo: Os ossos da manifestação**

A. Pergunta: o que constitui relíquias ou "ossos"

B. Resposta: as três formas de manifestação do professor

1. eles serão adequadamente venerados, contemplando a mente como todos os Budas

## **XVIII. Capítulo: Sem realização por meio de esforço**

A. O mundo se origina da atuação da Mente Soberana

B. A natureza de todas as coisas é imaculada e perfeita

C. Assim nenhum esforço é proposital

### **XIX. Capítulo: Auto-perfeição através do não-esforço**

A. Os três professores não ensinam uma sabedoria sem esforço

B. Mas a Criadora de Tudo ensina um veículo, ou seja, o de não-esforço

1. devido a natureza espontaneamente auto-aperfeiçoada é livre de esforçar-se

2. o próprio ser da Mente Soberana é trazido em relação com as três formas de manifestação

### **XX. Capítulo: A Criadora de Tudo, como origem de todas as coisas**

A. A Soberana Criadora de Tudo, mente de perfeita pureza, é

1. o vigor central de todas as coisas

2. a semente de todas as coisas

3. também a causa de todas as coisas

4. o caule de todas as coisas

5. a base (*gzhi ma*) de todas as coisas

6. a raiz de todas as coisas

B. As três manifestações se originam apenas de uma forma nominal do próprio ser da Mente Soberana

C. Em essência todo o ensinamento budista é sobre a própria natureza da Mente Soberana

### **XXI. Capítulo: Quanto aos sistemas de explicação sobre as declarações firmes, a Mente Soberana é a fonte de declarações precisas infalíveis**

A. Dois sistemas diferentes de explicação:

B. a explicação da transcendência de causa e resultado (ou seja, Atiyoga)

1. dado em cinco maneiras

2. o sistema de explicação dado pelo professor em suas três manifestações (ou seja, o budismo comum)

a. três sistemas de explicação

C. Razão pela qual a mente inexplicável é falada

**XXII. Capítulo: Os Dez Ensinamentos sobre a Perfeição Sem Ação, em que os não-objetos inexistentes [são tratados]**

A. Grande origem do ensinamento da não-ação (*bya med*) da perfeição

1. inexistente, ou seja, o objetivo do que não age
2. o olho que vê o não-objeto vê a maravilha
3. existência aparente do verdadeiro eu e do Buda eterno deve ser entendido como a semelhança do corpo e sua sombra

B. Permanecer na quietude

1. não é um objeto de ganho
2. nem se levanta do mundo tríplice

C. Consciência é livre de todo o pensamento

1. a compaixão altruísta
2. existe desde primordial

D. Nenhum Buda existe

E. Nenhum ensinamento existe

1. da perspectiva dos atos consumados perde-se sua distinção ética

**XXIII. Capítulo: Dos Dez Ensinamentos sobre a Perfeição Sem Ação, em que é explicado o pensamento como o céu que não é um objeto de opiniões doutrinárias**

A. O principal ponto do não pensar (*bsam du med pa*) é habitar no primordial em uma [estado] como o céu

**XXIV. Capítulo: Dos Dez Ensinamentos sobre a Perfeição Sem Ação, em que uma instrução é dada sobre a perfeição sem ação, o selo de não tornar-se**

A. Habitar em Todo o Bem significa:

1. apenas habitar na mente de perfeita pureza
2. você habita no vigor central de todas as coisas
3. este tema é aplicado ao conceito das três manifestações

**XXV. Capítulo: Dos Dez Ensinamentos sobre a Perfeição Sem Ação, o surgimento da própria mente como professor**

A. Dizer que a própria mente é o professor do mundo vai resultar no efeito oposto

B. Assim, a Mente Soberana está presente na mente como professor

C. A Mente Soberana é a causa de tudo

1. como a atuação da mente os cinco grandes elementos surgem

2. dos cinco elementos, os cinco professores emergem

3. reflexões sobre as manifestações do professor

a. consciência prístina como o professor manifesto como elemento 'terra'

b. manifesto como o elemento 'água'

c. manifesto como o elemento 'fogo'

d. manifesto como o elemento 'vento'

e. manifesto como o elemento 'céu'

D. Mente Soberana é a criadora e, portanto, todos os seres sencientes são seus filhos e igual a Si própria; Mente Soberana como fonte de existência

## **XXVI. Capítulo: Dos Dez Ensinamentos sobre a Perfeição Sem Ação, sobre a perfeição sem ação para não contemplar**

A. A mente da pureza perfeita:

1. além de pensar e inexplicável

2. uma lâmpada para o professor

3. o vigor central de todas as coisas

4. o próprio Manjushrî

5. reside no gozo auto-aperfeiçoado

6. a base de um oceano de diversas práticas religiosas

7. a mãe do tathâgata

8. o caminho de todos os tathâgatas é

a. sutil e difícil de entender

b. não-especulativo e além do pensamento

c. inexistente (*mi gnas*), imperceptível, e não-conceitual (*spros med*), é livre de todo o pensamento

d. não pode ser capturado por palavras, livre de forma e cor, não é um objeto das faculdades dos sentidos

e. firme, difícil de compreender, e totalmente inexplicável

9. o caminho convencional do budismo em contraste com o caminho de Atiyoga

a. o puro e o impuro não são duas entidades diferentes, mas como um amálgama

b. consciência e ignorância não são para ser distinguidas

10. o paradoxo de intuir a Mente Soberana engendra a sua "obscuridade" logo que se reflete sobre a intuição

a. o olho vendo diretamente

b. o domínio do equilíbrio

11. o caminho verdadeiramente puro consiste de cinco obscurecimentos (*klesha*) e as cinco ofensas ilimitadas

## **XXVII. Capítulo: Dos Dez Ensinamentos sobre a Perfeição Sem Ação sobre o conhecimento da dimensão da pureza sem ação**

A. A natureza consumada de tudo inibe o esforço espiritual

B. A integridade de ser não pode ser sondada contando as particularidades da existência

## **XXVIII. Capítulo: A perfeição sem ação como imutável**

A. Imutabilidade como o principal traço da própria natureza da Mente Soberana

1. exceto pelas três formas de manifestação

a. seus seguidores não são ensinados sobre a Realidade

b. nem a identidade das cinco obscurações com as cinco consciências prístinas

c. a futilidade de mudar ou purificar a mente

d. a futilidade da deidade do yoga

e. a futilidade das práticas tântricas mais elevadas (*anuttara yoga*)

2. os ensinamentos das três formas de manifestações estão em necessidade de interpretação

## **XXIX. Capítulo: A mente em equilíbrio**

A. O equilíbrio é o aspecto principal do próprio ser da Mente Soberana

B. Em seus cinco aspectos (*rang bzhin nam pa lnga*) estão equilibrados:

1. professor

2. ensino

3. séquito

4. lugar

5. tempo

C. Equilíbrio como a consumação da existência, em contraste com tentativas falsificadas de mudar, melhorar ou purificar

1. Ouvintes e Budas Solitários não entendem este sutil conhecimento

2. Seguidores do Mahâyâna não apreciam o conhecimento

3. nem os seguidores das quatro seções de yoga inferiores.

4. seguidores do Mahâyoga vai aspirar por alcançar algo novo que resultará na criação de grandes obstáculos

5. seguidores do Anuyoga irão igualmente falhar de repousar em equilíbrio

6. somente os seguidores do Atiyoga irão perceber que eles já estão em um estado de grande gozo sem fazer nada, ou seja, estado búdico

D. Boa razão para ensinar este conhecimento

### **XXX. Capítulo: A natureza indestrutível de Dorje Sempa como uma bandeira da vitória**

A. o próprio ser do interlocutor é o próprio ser da Mente Soberana

1. a Mente Soberana como libertação sem ação

2. mundo e o estado búdico são indistinguíveis e inseparáveis

3. Realidade é intuída não por se esforçar por ela, mas deixando-a como é

4. compreensão do sofrimento dos seres sencientes como a Soberana Mente consumada resulta em gozo

5. elaborações sobre o "céu" como metáfora para a libertação sem ação

B. Passagem na meditação tântrica de sílabas-semente

- C. Futilidade em meditar nos "Campos de Buda"
- D. "Isso" como indicador da Mente Soberana permeando e abrangendo todos
- E. nenhuma particularidade pode ser discernida
- F. a Mente Soberana não tem relação com gênero
- G. inserção de outro parágrafo sobre a meditação sílaba
- H. rejeição da prática comum de meditação budista
- I. os praticantes de Atiyoga são livres em todos os aspectos, pois não se envolvem em qualquer atividade discriminatória
- J. "Isso" como o epítome da profundidade de ser
- K. um parágrafo sobre o universo e seu entrelaçamento com "Isso" e "Aquilo"

### **XXXI. Capítulo: O Seis Versos Vajra**

- A. O próprio ser da Mente Soberana é uma mesmo nas suas formas manifestas
- B. A existência aparente está consumada e, portanto, se esforçar por conquistas é "uma doença"

### **XXXII. Capítulo: As quatro declarações definitivas sobre o conhecimento sem ação como a realização da quintessência**

- A. O que quer que apareça é um em sua talidade

### **XXXIII. Capítulo: O ensino definitivo e o ensino que precisa de interpretação**

- A. A inteligibilidade do mundo é devido à consciência prístina auto-originada

- B. A Mente Soberana pergunta a Dorje Sempa estas questões:

1. qual é o significado da palavra "dimensão"
2. qual é o significado da palavra "céu"
3. qual é o significado da palavra "aparente"
4. qual é o significado da expressão "seres sencientes"

- C. Dorje Sempa responde

1. "dimensão" significa o próprio ser não diversificado da Mente Soberana

2. "céu" significa que não é obscurecido
3. "elemento" (no parágrafo anterior "aparente") significa que é o vigor central de todas as coisas
4. "seres sencientes" significa ser a quintessência de todas as coisas
5. estas declarações equivalem a reconhecer a Mente Soberana como origem de todos

D. Mente Soberana confirma a precisão destas declarações

E. Dorje Sempa afirma que a própria natureza da Mente Soberana é sinônimo de

1. Realidade
2. mente
3. consciência primordial
4. a inteligibilidade da Realidade

F. Afirmação pela Mente Soberana das declarações anteriores

G. Mente Soberana coloca as seguintes questões para Dorje

1. como é que os veículos surgem em três aspectos?
2. como é que as pessoas se esforçando por resultados podem atingir os três resultados?

H. Dorje Sempa responde:

1. os três ensinamentos são ensinados devido à mente ser de inteligência discriminatória

I. A Mente Soberana proclama:

1. a verdade última é ensinada sendo de um significado definitivo
2. sem entender isso, não há nenhum ponto no ensino
3. a verdade última está em um estado de 'como-é'
4. tudo sendo em um sentido intrínseco de natureza búdica, está além de louvor e desprezo

#### **XXXIV. Capítulo: A sabedoria de integrar a intenção dos Budas**

A. Tema principal: a Mente Soberana integrando a intenção de todos os Budas

1. em relação ao símile (*dpe*)
2. a quintessência (*don*) e

3. características (*rtags*)

B. Uma discussão sobre como os incrédulos vêem o céu

### **XXXV. Capítulo: O conhecimento da Grande Perfeição**

A. Oito temas caracterizando a Grande Perfeição

1. 'Entrada': se entra pela porta do não-esforço
2. 'Visões doutriniais': não devem ser contempladas
3. 'Vows': não devem ser observados
4. 'Atos salutareis': não devem ser buscados
5. 'Caminho': nenhum caminho a ser prosseguido
6. 'Estágios de realização' (*bhûmi*): não praticá-los
7. 'Consciência prístina': não-especulativa (*mi rtags*) e imóvel
8. 'Realidade': o estado de 'como-é' que é inalterável

B. Estes temas não podem ser compreendidos pelos seguidores do veículo da causalidade

### **XXXVI. Capítulo: a forma, expressão e espírito da Soberana Criadora de Tudo**

A. a forma, a expressão e o espírito da Mente Soberana são a fonte da existência

1. Dorje Sempa é advertido para ensinar sobre estes três aspectos
  - a. integrando a palavra com seu significado
2. sem este ensinamento ninguém vai gerar compreensão genuína; isso é verdade no que diz respeito a todos os seres sencientes, independentemente do seu estágio no caminho budista

### **XXXVII. Capítulo: O conhecimento e sutra na não-meditação**

A. Intuindo Realidade

B. Mas nenhuma meditação sobre a mente

1. o ensino tradicional budista, como as formas malignas de renascimento e as dez perfeições, obstruem a intuição da Realidade
2. transformar a mente em uma divindade durante a prática da deidade do yoga é uma degradação da própria mente

C. Permanecer em sua "natureza" leva ao insight de que a mente é a atuação da talidade

D. O silêncio imperceptível da mente é a Realidade do aqui e agora

### **XXXVIII. Capítulo: Erros e falhas quanto aos modos doutrinários e prática religiosa**

A. Os veículos e os sutras são defeituosos

1. porque não transcendem o exame teórico por aplicar as duas verdades

B. Kriyâyoga é defeituoso

1. por causa da dicotomia sujeito/objeto

C. Upayoga é defeituoso

1. por causa da falta de intuição da não-dualidade

D. Yoga é defeituoso

1 por causa da falta de superação da aquisição e rejeição

E. Mahâyoga é defeituoso

1. porque não transcende o esforço e a realização

F. Anuyoga é defeituoso

1. porque não transcende um pensamento de acordo com causa e resultado

G. A mente de perfeita pureza é como o céu que não pode ser capturado pelo pensamento dualista e conceitual

H. Cada veículo está errado em relação à sua

1. visão doutrinária

2. votos

3. atos salutares

4. estágios de progresso espiritual

I. A Grande Perfeição transcende todos os veículos

### **XXXIX. Capítulo: A Mente Soberana é o vigor central dos Budas, e que em sua totalidade é infalível**

A. A natureza da Mente Soberana envolve tudo o que existe

1. os três tipos de manifestações do Buda vêm da Mente Soberana
  2. deficiência dos Budas para intuir plenamente a mente de perfeita pureza
- B. A consciência prístina auto-originada ilumina as faculdades sensoriais e os objetos dos sentidos
- C. A Mente Soberana supera tudo, até mesmo os Budas
- D. As características do ensino definitivo

#### **XL. Capítulo: A natureza da mente de perfeita pureza**

- A. A mente da pureza perfeita como o próprio ser da Soberana Criadora de Tudo
1. Mente Soberana instrui todos os seres vivos que estão no estado búdico a partir do primordial
- B. Pergunta por Dorje Sempa: se isso é assim por que os seres vivos continuam a migrar através do ciclo de vida e morte
- C. Resposta: todas as coisas sugerem a Realidade. Portanto, repudiar os cinco objetos sensoriais deprecia a Realidade

#### **XLI. Capítulo: Mente Soberana é a natureza de todas as coisas**

- A. A Mente Soberana é descrita como
1. uma lâmpada para os professores
  2. a mente de perfeita pureza
  3. o vigor central de todos os Budas dos três tempos
  4. pai e mãe para todos os seres sencientes
    - a. exemplificado como "Buda primordial"
  5. a causa para tudo o que existe como animado e inanimado
  6. atuação do que existe como animado ou inanimado
    - a. os cinco Budas alegóricos são correlacionados com os cinco grandes elementos

#### **XLII. Capítulo: Todas as coisas existentes são iluminadas**

- A. A Mente Soberana como o verdadeiro Buda manifesto nas três formas
1. não alterar a mente é o verdadeiro ensino

2. apesar deste fato as manifestações do Buda ensinam um sistema de alteração da mente

### **XLIII. Capítulo: Todas as coisas são a própria professora**

A. Mente Soberana como a fonte de

1. três formas de manifestação

2. três tipos de ensino

a. ensinamento da natureza das coisas

b. atuação das coisas

c. significado das palavras

3. três formas de séquitos

4. mais perguntas sobre a natureza dos três tipos de ensinamentos proclamados pelas três formas de manifestação

### **XLIV. Capítulo: A não-ação em conexão com a natureza da Mente Soberana (o tópico dado no título do capítulo adicionado no final não conforma com o conteúdo nem com a declaração de abertura)**

A. A natureza consumada da Mente Soberana é criativa e ainda assim sem ação

B. Aviso aos seguidores do budismo convencional para não alterar de forma alguma a natureza consumada da mente de perfeita pureza

C. A natureza consumada e o equilíbrio será recebido por não considerá-lo como um objetivo

D. As práticas religiosas são supérfluas e sem sentido

1. o ensino da Grande Perfeição ultrapassa todos os ensinamentos budistas anteriores

2. está além de se esforçar e alcançar

### **XLV. Capítulo: Rejeitar a contemplação de visões doutrinárias**

A. A não contemplação de visões doutrinárias é igualada com a Mente Soberana

1. isso equivale a criticar os Budas convencionais por não instruir seus discípulos na natureza inalterável da Mente Soberana

2. portanto, a prática budista convencional é como o jogo de uma criança

3. crítica da deidade do yoga tântrico

B. Em contraste, a Grande Perfeição é uma "boa qualidade" da Mente Soberana

1. isso faz o próprio esforço supérfluo
2. mesmo meditar sobre a Mente Soberana está errado
3. purificar ou limpar a mente ou o mundo externo é um equívoco
4. todo o esforço religioso é fútil como perseguir o céu

C. O veículo de causalidade (ou seja, Mahâyâna) resulta das necessidades das pessoas que não estão abertas ao conhecimento da não-ação

D. A sabedoria da Mente Soberana transcende todo o pensamento conceitual

1. meditar é uma "doença"

#### **XLVI. Capítulo: Nenhum voto pertinente à Grande Perfeição**

A. A natureza da Mente Soberana não nasce e é não-conceitual

1. a partir Dela os objetos se originam como "maravilhas"
2. compreender isso vai dissociar-se de votos e suas aplicações

B. Crítica dos seguidores do budismo comum

C. A prática de "votos" de acordo com a Grande Perfeição não é nem observá-los nem prejudicá-los

D. Crítica da prática dos votos correlacionados com "forma", "expressão" e "espírito"

E. Crítica da licenciosidade tântrica sobre os "cinco votos"

F. Nenhum voto pertinente à Grande Perfeição

1. mas rejeitar o conceito de "substâncias" estabelece a pessoa na quietude

G. Perceber a realidade em sua particularidade e diversidade é trair a própria natureza da Mente Soberana

1. apenas por intuição a consciência prístina auto-originada como permeando a totalidade da existência leva à sua própria realização
2. inadequação das "duas verdades" do budismo Mahâyâna (ou seja, a verdade convencional e absoluta)

#### **XLVII. Capítulo: Não há atos salutares pertinentes à Grande Perfeição**

A. A Grande Perfeição é primordialmente aperfeiçoada.

1. assim, nenhum ato salutar é possível

B. As manifestações de Buda ensinam práticas de meditação e as dez perfeições; estas são rejeitadas como fúteis

1. inadequação da teoria do dharma

2. meditação e a evocação de divindades são inadequados

3. firmado em si mesmo faz com que todas as práticas religiosas sejam supérfluas

### **XLVIII. Capítulo: A base de todas as coisas é a própria Mente Soberana**

A. A Mente Soberana está presente como a mente de perfeita pureza em todas as coisas

1. assim, a Mente Soberana é a base de todos

B. Três aspectos da própria natureza da Mente Soberana

1. não nasce

2. sem término

3. fonte para a maravilha da criação incessante

C. Seis bases

1. visão doutrinária é uma base para conscientizar a Realidade

2. votos são uma base para limpar as próprias falhas

3. ritos são uma base para a realização espiritual

4. o caminho é uma base para o progresso por meio de proceder

5. os estágios do bodhisattva é uma base para permanecer neles

6. a consciência prístina é uma base de compreensão

D. Os objetos estão intrinsecamente interrelacionados com a auto-observação. Este ponto é demonstrado pela referência a seis das dez características da Mente Soberana

1. assim, o isolamento dos objetos do eu e seu exame dentro dos parâmetros de "visões doutrinárias" é rejeitado

2. "sem observação de votos"

3. "sem esforço por atos salutareis"

4. "sem progressão no caminho"

5. "sem prática dos estágios de bodhisattva"
6. "sem compreensão da consciência prístina como objeto"

**XLIX. Capítulo: A Mente Soberana é o lugar (sa) em que todas as coisas existentes permanecem (o título do capítulo identifica o tema como "a Grande Perfeição não é um lugar de prática")**

- A. A Mente Soberana como o lugar de ser e integração total
- B. Em contraste, os Budas em suas três manifestações ensinam os estágios de bodhisattva em três aspectos:
1. o estágio de geração do bodhisattva
  2. o estágio de prática do bodhisattva
  3. o estágio de realização do bodhisattva
  4. estes três aspectos são um ensino em necessidade de interpretação
- C. O ensino definitivo é dado pelo ponto A.
- D. Seis estágios do bodhisattva são justapostos por seis estágios da mente compartilhando os mesmos nomes
- E. O lugar onde o estado búdico é alcançado é um lugar onde não há prática

**L. Capítulo: A Mente Soberana é infalível**

- A. A consciência prístina auto-originada está ciente de tudo, mas permanece imperceptível em si mesma
1. portanto, não é um objeto
  2. mas está presente em todos os objetos
  3. livre de impressões kármicas
- B. Sujeito/objeto totalmente integrado em ser
- C. Lista de sinônimos para o próprio ser da Mente Soberana

**LI. Capítulo: Nenhum progresso em um caminho para a Grande Perfeição**

- A. A própria natureza da mente abrange
1. estado búdico
  2. o mundo dos objetos

3. níveis de realização espiritual

B. Os budas manifestos ensinam vários "caminhos"

C. Crítica da meditação orientada pelo sucesso

## **LII. Capítulo: Imperturbável e sem desejo**

A. O desejo é selectivo e orientado, portanto

1. esforço espiritual, como a meditação, é mal concebido

2. mas permanecendo em sua "natureza" conecta o indivíduo com o todo

B. Mas desistir de tudo para obter tudo é igualmente errado

C. Permanecer em talidade não-conceituada conecta um com todo

D. Nenhuma meditação é capaz de iluminar o Uno, ou seja, a talidade

E. Na natureza, todos os pares de opostos colidem

F. Ver a meditação como um meio para perceber a consciência prístina é errado

G. A mente da pureza perfeita em sua unidade compreende a multiplicidade, bem como a individualidade

H. A Realidade como o Uno holístico dá origem ao júbilo

I. A mente como única realidade

## **LIII. Capítulo: Todas as coisas estão em seu próprio ser imperturbável**

A. O essencial conhecimento de Atiyoga deve ser mantido em segredo dos seguidores do veículo da causalidade

B. A mente é incessante

C. Verdadeiro ser é lúcido e além do alcance do desejo

D. Domínio da semelhança

E. A extensão do céu como o símbolo da Mente

F. Talidade é imutável, mas a realidade é o seu "jogo"

G. A semelhança de todas as coisas existentes inibe o ensino da causalidade

## **LIV. Capítulo: Inquérito da estrutura do texto KBG**

A. As cinco atuações:

1. o vigor central de onde todas as coisas emanam
2. [verdade] definitiva e infalível
3. superação da causalidade
4. não-ação
5. natureza de todas as coisas

B. O conhecimento de Atiyoga é dado em uma forma condensada de cinco tratados, mas em uma forma detalhada de cinquenta e sete capítulos (ou seja, o KBG)

1. o primeiro tratado condensado, correspondente aos dez primeiros capítulos detalhados, lida com a natureza de todas as coisas como o ser atuante da consciência prístina (*ye shes ngo bo chos kyi ngo bo las mngon du phyung*)
2. o segundo tratado condensado, e os capítulos 10-20 do KBG com a realização da consciência prístina definitiva e infalível
3. o terceiro tratado condensado, e os capítulos 20-30 do KBG ensinam a atuação da consciência prístina que é definitivo e infalível
4. o quarto tratado condensado, e o capítulo 30-40 do KBG ensinam a atuação da consciência prístina sem ação
5. o quinto tratado condensado, e os capítulos 40-50 do KBG ensinam a atuação da natureza da consciência prístina

a. os sete capítulos restantes ensinam sobre:

- (1) a base,
- (2) instruções sagradas,
- (3) cinco em diferentes necessidades

C. Definições de:

1. Buda
2. campo de atividade sensorial (khams)
3. Mente
4. Inanimado (*snod*, lit. receptáculo) e animado (bassado, lit. seiva, vigor central)
5. Tudo

D. Dorje Sempa repete as declarações básicas deste capítulo

**LV. Capítulo: Todas as coisas existentes não são nada além da mente de perfeita pureza**

A. A mente de perfeita pureza constitui

1. o inanimado

2. o animado

3. o mundo de conhecimento e articulação

B. Isso estipula que todas as distinções são irrelevantes no que diz respeito à Mente

C. A Realidade é o único "objeto" a ser sentido

D. Isso faz de todos os esforços religiosos obsoletos e coloca seus praticantes num equívoco

E. Dorje Sempa é recomendado a ensinar aos seres sencientes o conhecimento de Atiyoga

**LVI. Capítulo: Dorje Sempa expõe seu entendimento do próprio ser Soberano Criadora de Tudo**

A. A Soberana Criadora de Tudo abrange todos

**LVII. Capítulo: Confiando esse ensinamento a Dorje Sempa**